

0 messias de

DUNA

FRANK HERBERT



 DEBOLSILLO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Frank Herbert

O MESSIAS DE DUNA

Série Duna — Livro 2



Resumo da Entrevista com Bronso de IX, na Cella da Morte

P: O que o levou à sua abordagem particular da história do Muad'Dib?

R: Por que deveria responder às suas perguntas?

P: Porque eu preservarei suas palavras.

R: Ah, o oferecimento final a um historiador!

P: Vai cooperar, então?

R: Por que não? Mas você nunca vai entender o que inspirou minha Análise da História. Nunca. Vocês, sacerdotes, têm muito em jogo para que...

P: Faça uma tentativa.

R: Uma tentativa. Está bem... por que não? Minha atenção foi despertada pela superficialidade com que é visto este planeta devido ao seu nome popular: Duna. Não Arrakis, repare bem, mas Duna. A história é obcecada por Duna como um deserto, o berço dos Fremen. Tal história concentra-se nos costumes derivados da escassez de água e no fato de que os Fremen levavam vidas semi-nômades, em trajes destiladores que recuperavam a maior parte da umidade produzida por seus corpos.

P: E isso não é verdadeiro?

R: São verdades superficiais, que ignoram o que se encontra abaixo da superfície. E como... como tentar entender meu planeta natal, IX, sem observar que seu nome derivou do fato de ser o nono planeta de seu sistema solar. Não... não é o bastante ver Duna como um local de tempestades violentas. Não é suficiente falar a respeito da ameaça representada pelos gigantescos vermes da areia.

P: Mas essas coisas são cruciais à personalidade de Arrakis!

R: Cruciais? É claro. Mas conduzem a uma visão restrita, um único ponto de vista planetário, do mesmo modo como Duna é um planeta de colheita única. A única e exclusiva fonte da especiaria, da melange.

P: Sim, deixe-nos ouvi-lo discorrer sobre a sagrada especiaria.

R: Sagrada! Como todas as coisas sagradas, ela dá com uma das mãos e tira com a outra. Ela prolonga a vida e permite ao iniciado vislumbrar seu futuro. Mas ela o prende a um vício cruel e lhe marca os olhos como os seus são marcados: azul total, sem nenhum branco. Seus olhos, seus órgãos de virão, tornam-se uma coisa desprovida de contraste, de aparência igual.

P: Semelhante heresia o trouxe a esta cela!

R: Fui trazido a esta cela por seus sacerdotes. Como todos os sacerdotes, vocês aprenderam cedo a rotular a verdade como heresia.

P: Você se encontra aqui porque se atreveu a dizer que Paul Atreides perdeu algo de essencial para sua humanidade antes que se tornasse o Muad'Dib.

R: Sem falar que ele perdeu o pai aqui, na guerra dos Harkonnen. Nem da morte de Duncan Idaho, que se sacrificou para que Paul e Lady Jessica pudessem escapar.

P: Seu sarcasmo é evidente.

R: Sarcasmo! Isso, sem dúvida, é crime maior do que heresia. Mas veja bem, não sou realmente uma pessoa sarcástica. Sou apenas um observador e comentarista. Vi verdadeira nobreza em Paul quando ele fugiu para o deserto com sua mãe grávida. É claro que ela era de grande ajuda, mas não deixava de ser um estorvo.

P: O problema de vocês, historiadores, é que nunca estão satisfeitos. Podem ver a verdadeira nobreza no Sagrado Muad'Dib, mas não deixam de acrescentar uma observação sarcástica. Não é de admirar que as Bene Gesserit também o tenham denunciado.

R: Vocês, sacerdotes, fazem bem em se aliar à Irmandade Bene Gesserit. Elas também sobrevivem por ocultarem o que realmente fazem. Mas não são capazes de esconder o fato de que Lady Jessica era uma Bene Gesserit treinada. Vocês sabem que ela treinou o filho nas artes das Bene Gesserit. Meu crime foi discutir isso como fenômeno, comentar sobre suas artes mentais e seu programa genético. Vocês não querem que se chame atenção para o fato de que o Muad'Dib era a esperança da Irmandade quanto a

um messias cativo. Que era seu Kwisatz Haderach, antes de ser seu profeta.

P: Se eu tinha alguma dúvida quanto à sua sentença de morte, você acaba de dissipá-la.

R: Só posso morrer uma vez.

P: Há muitos modos de morrer.

R: Tenham cuidado para não me transformarem num mártir. Não creio que o Muad'Dib... Diga-me, o Muad'Dib sabe o que vocês fazem nestas masmorras?

P: Não incomodamos a Sagrada Família com tais trivialidades.

R: (Risada) E foi para isso que Paul Atreides lutou até conquistar um lugar entre os Fremen! Foi para isso que ele aprendeu a cavalgar e controlar um verme da areia! Foi um erro responder às suas perguntas.

P: Mas mantereí minha promessa de preservar suas palavras.

R: Você será mesmo capaz? Então ouça-me, atentamente, seu Fremen degenerado, seu sacerdote sem outro deus que não você mesmo! Vocês têm muito pelo que responder. Foi um ritual Fremen que deu a Paul sua primeira dose maciça de melange, despertando-o assim para as visões de seu futuro. E foi num ritual Fremen que a mesma melange despertou a consciência de Alia, ainda no ventre de Jessica. Já considerou o que significou para Alia ter sido trazida a esse universo inteiramente consciente, possuidora de todas as memórias e todo o conhecimento de sua mãe? Um estupro não seria mais aterrorizante.

P: Sem a sagrada melange, o Muad'Dib não se teria tornado líder de todos os Fremen. Sem sua sagrada experiência, Alia não seria Alia.

R: E sem a sua cega crueldade Fremen, você não seria um sacerdote. Ah, conheço vocês, Fremen. Pensam que o Muad'Dib lhes pertence porque teve um filho com Chani, porque adotou os costumes dos Fremen. Mas ele era um Atreides desde o início, e foi treinado como adepto das Bene Gesserit. Dominava disciplinas inteiramente desconhecidas por vocês. Pensam que ele lhes trouxe uma nova organização e uma nova missão. Ele prometeu que

transformaria seu planeta deserto num paraíso cheio de água. E, enquanto os deslumbrava com tais visões, tirava-lhes a virgindade!

P: Semelhante heresia não muda o fato de que a Transformação Ecológica de Duna prossegue no ritmo previsto.

R: E cometi a heresia de localizar as raízes dessa transformação e de examinar suas conseqüências. Aquela batalha lá nas planícies de Arrakeen pode ter ensinado ao Universo que os Fremen poderiam derrotar os Sardaukar imperiais, mas o que mais ela ensinou? Quando o império estelar da Família Corrino se tornou um império Fremen, sob o governo do Muad'Dib, em que mais o império se tornou? Seu jihad levou apenas doze anos, mas que lição nos ensinou. Agora, o Império compreende a fraude que foi o casamento do Muad'Dib com a Princesa Irulan!

P: Você se atreve a acusar o Muad'Dib de fraude!

R: Embora vá me matar por isso, não é uma heresia. A Princesa tornou-se sua consorte, não sua mulher. Chani, sua pequena favorita Fremen — ela é a mulher. Todos sabem disso. Irulan era uma chave para o trono, e nada mais.

P: É fácil perceber por que os que conspiram contra o Muad'Dib usam sua Análise Histórica como argumento de zombarias!

R: Não vou convencê-lo, sei muito bem disso. Mas os argumentos da conspiração surgiram muito antes de minha Análise. Doze anos de jihad do Muad'Dib criaram os argumentos. Foi isso que uniu os grupos de poder ancestral, iniciando a conspiração contra o Muad'Dib.

Tamanha riqueza de mitos envolve Paul Muad'Dib, o Imperador Mentat, e sua irmã, Alia, que é difícil enxergar as pessoas reais por trás desses véus. Mas existiu, apesar de tudo, um homem, nascido Paul Atreides, e uma mulher, nascida Alia. A carne deles estava sujeita ao espaço e ao tempo. E, embora seus poderes oraculares os colocassem além dos limites normais de tempo e espaço, eram membros da raça humana. Vivenciavam acontecimentos reais, que deixavam tragos reais sobre o universo real. Para entendê-los, devemos compreender que sua catástrofe foi a catástrofe de toda a humanidade. Este trabalho é dedicado, então, não ao Muad'Dib ou à sua irmã, mas aos seus herdeiros... todos nós.

— Dedicatória na Concordância do Muad'Dib, tal como transcrita da Tabla Memorium do Culto Espiritual de Mahdi

O reinado imperial do Muad'Dib gerou mais historiadores do que qualquer outra era da história humana. A maioria deles defendia pontos de vista particulares, invejosos e sectários, mas isso revela algo a respeito do impacto peculiar produzido por um homem que despertou tamanhas paixões em mundos tão diversos.

É claro que ele continha os ingredientes históricos, ideais e idealizados. Esse homem, nascido Paul Atreides, de uma antiga Grande Família, recebeu profundo treinamento prana-bindu de Lady Jessica, sua mãe, uma Bene Gesserit, e possuía, portanto, soberbo controle sobre músculos e nervos. Mais do que isso, porém, era um Mentat, um intelecto cujas capacidades ultrapassavam as dos computadores mecânicos, religiosamente proscritos, usados pelos antigos.

E, acima de tudo mais, o Muad'Dib era o Kwisatz Haderach que o programa de procriação da Irmandade buscara através de milhares de gerações.

O Kwisatz Haderach, aquele que poderia estar em "muitos lugares ao mesmo tempo", o profeta, o homem através do qual as Bene Gesserit esperavam controlar o destino da humanidade. Esse homem tornou-se o Imperador Muad'Dib e realizou um casamento de conveniência com a filha do Imperador Padishah, a quem derrotara.

Pensem no paradoxo, na falha implícita nesse momento, pois vocês certamente já leram outras histórias e conhecem superficialmente os fatos. Os Fremen selvagens do Muad'Dib realmente dominaram o Padishah Shaddam IV. Eles derrubaram as legiões de Sardaukar, as forças aliadas das Grandes Casas, os exércitos Harkonnen e os mercenários trazidos com dinheiro do Landsraad. Ele colocou a Corporação Espacial de joelhos e sua própria irmã, Alia, no trono religioso que as Bene Gesserit julgaram seu.

Fez todas essas coisas e mais ainda.

Os missionários Qizarate do Muad'Dib transportaram sua guerra religiosa através do espaço, num jihad, cujo maior ímpeto durou apenas doze anos-padrão. Mas, nesse tempo, o colonialismo

religioso colocou todo o universo humano sob seu domínio, com a exceção de uma pequena fração.

Ele pôde realizar isso porque a captura de Arrakis, planeta conhecido mais freqüentemente como Duna, lhe deu o monopólio da derradeira moeda do reino: a especiaria geriátrica melange, o veneno que produz a vida.

Tínhamos, então, outro ingrediente ideal para história: um material cuja química psíquica desvendava o Tempo. Sem a melange, a Irmandade das Reverendas Madres não poderia realizar seus feitos de observação e controle humano. Sem a melange, os Timoneiros da Corporação não poderiam navegar através do espaço. Sem a melange, bilhões e bilhões de cidadãos imperiais morreriam pela privação do vício.

Sem melange, Paul Muad'Dib não poderia profetizar.

Sabemos que esse momento de supremo poder continha em si o fracasso. E só pode haver uma resposta: a predição total e completamente precisa é letal.

Outros historiadores dizem que o Muad'Dib foi derrotado pelos conspiradores mais óbvios: a Corporação, a Irmandade e os amoralistas científicos Bene Tleilex, com seus disfarces de Dançarino Facial. Outras histórias apontam para os espões no lar do Muad'Dib. Eles dão muita importância ao Tarô de Duna, que confundiu os poderes proféticos do Muad'Dib. Alguns mostram como o Muad'Dib foi levado a aceitar os serviços de um gholá, a carne trazida de volta da morte e treinada para destruí-lo. Mas, certamente, devem estar cientes de que esse gholá era Duncan Idaho, o tenente dos Atreides, que perecera ao salvar a vida do jovem Paul.

E, no entanto, delineiam a cabala Qizarate guiada por Korba, o Panegirista. Levam-nos a seguir passo a passo o plano de Korba, para transformar o Muad'Dib em mártir e colocar a culpa em Chani, a concubina Fremen.

Como se pode, com isso, explicar os fatos tal como a história os revelou? Não se pode. Somente pela natureza letal da profecia é que podemos entender o fracasso de um poder tão grande e dotado de visão tão ampla.

Nossa esperança é que outros historiadores aprendam alguma coisa a partir desta revelação.

— Análise Histórica: Muad'Dib por Bronso de Ix

Não existe separação entre deuses e homens; uns se fundem suave e casualmente nos outros.

— *Provérbios do Muad'Dib*

A despeito da natureza homicida da trama que esperava elaborar, os pensamentos de Scytale, o Dançarino Facial Tleilaxu, retornavam sempre à sua amarga compaixão.

“Devo lamentar-me por causar morte e sofrimento ao Muad'Dib”, dizia a si mesmo.

Mantinha essa bondade cuidadosamente escondida de seus companheiros de conspiração. Entretanto, tais sentimentos lhe revelavam que achava mais fácil identificar-se com a vítima do que com o atacante — algo característico dos Tleilaxu.

Scytale permanecia em perturbado silêncio, afastado dos outros.

A discussão a respeito do veneno psíquico já durava algum tempo. Era enérgica e veemente, mas educada, naquele modo cegamente compulsivo que os adeptos das Grandes Escolas sempre adotam diante de questões muito próximas de seus dogmas.

— Quando acharem que o têm preso, aí então vão descobri-lo totalmente livre.

Quem falava era a velha Reverenda Madre das Bene Gesserit, Gaius Helen Mohiam, sua hospedeira em Wallach IX. Era uma figura magricela, envolta em mantos negros. Uma velha bruxa sentada num assento flutuador à esquerda de Scytale. Seu capuz aba fora jogado para trás, revelando uma face coriácea sob cabelos prateados. Olhos profundos olhavam do fundo de bolsões nas feições de caveira.

Eles estavam usando a linguagem mirabbasa, uma falange de consoantes e vogais unidas. Tratava-se de um instrumento para transmitir delicadas sutilezas emocionais. Edric, o Timoneiro da Corporação, respondeu à Reverenda Madre com uma mesura vocal contida num sarcasmo. Um adorável toque de polidez desdenhosa.

Scytale olhou para o enviado da Corporação. Edric nadava num recipiente de gás alaranjado a apenas alguns passos de distância. Seu receptáculo fora colocado no centro de uma cúpula transparente que as Bene Gesserit haviam construído para esse encontro. O homem da Corporação era uma figura alongada, vagamente humanóide, com pés em forma de nadadeiras e mãos membranosas, amplamente espalmadas. Um peixe num mar estranho. Os ventiladores de seu tanque emitiam uma pálida nuvem alaranjada, rica com o perfume da especiaria geriátrica melange.

— Se prosseguirmos nesse curso, morreremos de estupidez — disse a quarta pessoa presente, um membro em potencial da conspiração — a Princesa Irulan, esposa (“mas não mulher”, lembrou-se Scytale) de seu inimigo mútuo. Ela colocara-se ao lado do tanque de Edric, alta, bela e loura, esplêndida num roupão de pele de baleia azul com um chapéu equivalente. Botões dourados

cintilavam em suas orelhas. Movia-se com uma altivez aristocrática, mas alguma coisa na suavidade meditativa de suas feições revelava os controles de sua formação como Bene Gesserit.

A mente de Scytale voltou-se das nuances de linguagem e de rostos para as nuances de localização. Em todas as direções ao redor da cúpula, viam-se colinas marcadas pela neve em fusão, que refletiam a cor úmida e mosqueada do pequeno sol azul-claro suspenso no meridiano.

“Por que este lugar em particular?”, Scytale perguntava a si mesmo. As Bene Gesserit raramente faziam alguma coisa sem motivo. Tome-se como exemplo a planta aberta dessa cúpula: um lugar mais convencional e confinado teria afligido o homem da Corporação com um nervosismo claustrofóbico. As inibições em sua psique eram as do nascimento e da vida fora dos planetas, no espaço aberto.

Ter construído esse lugar especialmente para Edric, entretanto, era um dedo incisivo apontado para suas fraquezas.

“E o que aponta para mim aqui?”, perguntou Scytale com os seus botões.

— Não tem nada a dizer por si mesmo, Scytale? — insistiu a Reverenda Madre.

— Quer me atrair para essa disputa de tolos? — indagou Scytale. — Muito bem. Estamos lidando com um messias em potencial. Não se lança um ataque frontal a uma pessoa assim. Torná-la um mártir seria nossa derrota.

Todos o olharam:

— Você acha que esse é o único perigo? — disse a Reverenda Madre, com sua voz asmática.

Scytale encolheu os ombros. Havia escolhido uma aparência branda, de rosto redondo, para esse encontro. Feições joviais e lábios grossos e insípidos, o corpo de um gorducho inchado. Ocorria-lhe agora, enquanto estudava os outros conspiradores, ter feito uma escolha ideal, produto do instinto, talvez. Nesse grupo, somente ele poderia manipular sua aparência corpórea através de um vasto espectro de feições e formas corporais. Era um camaleão

humano, um Dançarino Facial, e a forma que usava no momento fazia com que os outros o subestimassem.

— Bem? — insistiu a Reverenda Madre.

— Estava desfrutando do silêncio — respondeu Scytale. — Nossas hostilidades não devem ser explicitadas.

A Reverenda Madre recuou e Scytale percebeu que ela o estava reavaliando. Elas eram todas produtos de um profundo treinamento prana-bindu, capazes de um controle sobre nervos e músculos que poucos humanos jamais haviam atingido. Mas Scytale, Dançarino Facial, possuía músculos e ligações nervosas das quais os outros não eram dotados, mais o dom especial que lhe permitia assumir a psique de outra pessoa, assim como sua aparência.

Scytale deu-lhe tempo para completar sua reavaliação e disse:

— Veneno!

Pronunciou a palavra com sílabas atonais que revelavam que somente ele compreendia seu significado oculto.

O homem da Corporação agitou-se e sua voz se propagou a partir do brilhante globo do altofalante, que orbitava um canto de seu tanque, acima de Irulan.

— Estávamos discutindo veneno psíquico, não físico.

Scytale riu. Uma gargalhada mirabhasa podia esfolar um oponente e ele não tinha nada a contê-lo agora.

Irulan sorriu em apreciação, mas os cantos dos olhos da Reverenda Madre revelaram um débil indício do seu ódio.

— Pare com isso! — protestou Mohiam.

Scytale parou, mas agora tinha a atenção de todos. Edric numa raiva silenciosa, a Reverenda Madre alerta em seu ódio, Irulan divertindo-se, mas intrigada.

— Nosso amigo Edric está sugerindo — disse Scytale — que um par de bruxas Bene Gesserit, treinadas em todos os modos sutis, não aprenderam a verdadeira utilidade da fraude.

Mohiam voltou-se para fitar as colinas geladas do mundo das Bene Gesserit. Ela estava começando a perceber o ponto vital no caso, notou Scytale. Isso era bom. Irulan já era outra questão.

— Você é um dos nossos ou não é, Scytale? — indagou Edric, fitando com seus minúsculos olhos de roedor.

— Minha lealdade não se encontra em discussão — respondeu Scytale. Mantinha sua atenção sobre Irulan. — Está perguntando a si mesma, Princesa, se foi para isso que atravessou todos aqueles parsecs, arriscando tanto?

Ela acenou afirmativamente.

— Para trocar amenidades com um peixe humanóide ou discutir com um gordo Dançarino Facial Tleilaxu? — continuou Scytale.

Ela se afastou do tanque de Edric, sacudindo a cabeça, aborrecida com o forte odor de melange.

Edric aproveitou o momento para colocar na boca uma pílula de melange. Ele comia, respirava e, sem dúvida alguma, também bebia especiaria, notou Scytale. Compreensivamente, uma vez que esta aumentava os poderes prescientes de um Timoneiro, fornecendo-lhe a capacidade para guiar um heighliner da Corporação através do espaço em velocidade transluz. Com a ampliação da consciência fornecida pela especiaria, ele poderia encontrar a linha do futuro da nave que evitaria o perigo. Edric farejava outro tipo de perigo agora, mas seu apoio presciente poderia não ajudá-lo.

— Creio que foi um erro para mim ter vindo até aqui — disse Irulan.

A Reverenda Madre voltou-se, abriu e fechou os olhos, num estranho gesto de réptil.

Scytale desviou seu olhar de Irulan para o tanque, convidando a Princesa a partilhar de seu ponto de vista. Ela devia, Scytale bem o sabia, ver em Edric uma figura repelente: o olhar atrevido, aqueles pés e mãos monstruosos movendo-se suavemente no gás, o fumegante rodopiar dos torvelinhos alaranjados ao seu redor.

Ela devia estar imaginando quais seriam os hábitos sexuais dele, pensando em quão estranho seria unir-se sexualmente a tal criatura. Até mesmo o gerador de campo de força, que recriava para Edric a ausência de peso do espaço, o separava dela agora.

— Princesa — disse Scytale —, por causa da presença de Edric aqui, a visão oracular de seu esposo não poderia tropeçar em certos incidentes, incluindo este... presumivelmente.

— Presumivelmente — disse Irulan.

Olhos fechados, a Reverenda Madre acenou com a cabeça.

— O fenômeno da presciência é muito mal entendida, até mesmo pelos iniciados — disse ela.

— Sou um completo Navegador da Corporação e possuo o Poder — afirmou Edric.

Novamente, a Reverenda Madre abriu os olhos. Dessa vez, fitou o Dançarino Facial, os olhos sondando com aquela intensidade peculiar das Bene Gesserit. Avaliava as minúcias.

— Não, Reverenda Madre — murmurou Scytale. — Não sou tão simples quanto aparento.

— Não compreendemos esse poder da segunda visão — comentou Irulan. — Há um ponto: Edric diz que meu esposo não pode ver, conhecer ou prever o que acontece dentro da esfera de influência de um Navegador. Mas até onde se estende essa influência?

— Existem pessoas e coisas, em nosso universo, as quais percebo apenas por seus efeitos explicou Edric, a boca de peixe comprimida em uma linha. — Sei que estiveram aqui... ali... em algum lugar. Como as criaturas aquáticas agitam as correntezas ao passarem, assim também a presciência agita o Tempo.

Já vi por onde seu marido esteve; nunca pude vê-lo, nem as pessoas que realmente compartilham sua lealdade e seus objetivos. Essa é a cobertura que um líder dá àqueles que o seguem.

— Irulan não o segue — disse Scytale, olhando de lado para a Princesa.

— Todos sabemos por que esta conspiração deve ser conduzida somente em minha presença disse Edric.

Usando o tom de voz com que descreveria uma máquina, Irulan disse:

— Você tem seus costumes, ao que parece.

“Ela agora o vê tal como ele é”, pensou Scytale. “Bom!”

— O futuro é algo a ser moldado — disse Scytale. — Não se esqueça disso, Princesa.

Irulan olhou para o Dançarino Facial.

— Pessoas que compartilham os objetivos e a lealdade do Muad'Dib — comentou ela. Certamente, os legionários Fremen usam seu manto. Já o vi profetizar para eles, ouvi seus gritos de adulação ao seu Mahdi, seu Muad'Dib.

“Acabou de ocorrer a ela”, pensou Scytale, “que se encontra em julgamento aqui, que ainda resta a ser tomada uma decisão que pode preservá-la ou destruí-la. Ela pode ver a armadilha que lhe preparamos.”

Momentaneamente, o olhar de Scytale uniu-se ao da Reverenda Madre e ele experimentou a estranha compreensão de que haviam compartilhado esse pensamento a respeito de Irulan. A Bene Gesserit, é claro, teria instruído sua Princesa, preparando-a com a mentira saga. Mas sempre chegava o momento em que uma Bene Gesserit devia confiar em seu próprio treinamento e em seus instintos.

— Princesa, sei o que mais deseja do Imperador — disse Edric.

— E quem é que não sabe? — indagou Irulan.

— Deseja ser a mãe fundadora da dinastia real — continuou Edric, como se não a tivesse ouvido. — A menos que se una a nós, isso nunca acontecerá. Aceite minha palavra oracular a esse respeito. O Imperador a desposou por motivos políticos, mas nunca compartilhará seu leito.

— Assim, o oráculo é também um voyeur — zombou Irulan.

— O Imperador está mais firmemente ligado à sua concubina Fremen do que a você! — retrucou Edric.

— E ela não lhe dará um herdeiro — disse Irulan.

— A razão é a primeira vítima de uma emoção forte — murmurou Scytale. Sentiu a liberação do ódio de Irulan, percebeu seu conselho fazendo efeito.

— Ela não lhe dá um herdeiro — continuou Irulan, a voz revelando agora uma calma controlada — porque lhe estou

ministrando secretamente um anticoncepcional. Esse é o tipo de confissão que desejava ouvir de mim?

— Não é uma coisa que o Imperador deva descobrir — respondeu Edric, sorrindo.

— Tenho mentiras prontas para ele — explicou Irulan. — Ele pode ter um senso para a verdade, mas há mentiras que são mais fáceis de aceitar do que a verdade.

— Deve fazer sua escolha, Princesa — disse Scytale. — Mas entendendo o que a protege.

— Paul é justo comigo — disse ela. — Tenho assento em seu Conselho.

— Nos doze anos em que foi sua Princesa Consorte — indagou Edric — alguma vez ele demonstrou o mais ligeiro calor humano para com você?

Irulan sacudiu a cabeça.

— Ele depôs seu pai com sua infame horda de Fremen, desposou-a para estabelecer seu direito ao trono, e no entanto jamais coroou sua Imperatriz — disse Edric.

— Edric tenta abalá-la com a emoção, Princesa — explicou Scytale. — Não é interessante?

Ela olhou rapidamente para o Dançarino Facial, vendo o sorriso de atrevimento em suas feições e respondendo com um erguer das sobrancelhas. Encontrava-se inteiramente consciente agora, percebia Scytale, de que, se deixasse essa conferência sob a influência de Edric, o que constituía uma parte da trama, esses momentos estariam ocultos da visão oracular de Paul. Se recusasse o comprometimento, entretanto...

— Não lhe parece, Princesa — perguntou Scytale —, que Edric possui demasiada influência em nossa conspiração?

— Eu já concordei — disse Edric — em me submeter à melhor decisão que surgir em nossos conselhos.

— E quem escolhe a melhor decisão? — indagou Scytale.

— Deseja que a Princesa nos abandone sem se unir a nós? — perguntou Edric.

— Ele quer que seu comprometimento seja verdadeiro — resmungou a Reverenda Madre. — Não deve haver truques entre

nós.

Scytale percebeu que Irulan assumira uma postura pensativa, as mãos ocultas nas mangas do roupão. Ela estaria pensando agora a respeito da isca que Edric lhe oferecera: “ser a fundadora de uma dinastia real”. Estaria imaginando que estratégias os conspiradores teriam providenciado para se protegerem dela. Deveria estar pensando muitas coisas.

— Scytale — disse Irulan, daí a pouco —, costuma-se dizer que vocês, Tleilaxu, possuem um curioso conceito de honra. Suas vítimas devem sempre ter um meio de escapar.

— Se elas puderem encontrá-la — concordou Scytale.

— Serei uma vítima? — indagou Irulan.

Uma gargalhada escapou de Scytale. A Reverenda Madre bufou.

— Princesa — disse Edric, com voz suavemente persuasiva —, já é uma de nós, não tema por isso. Não espiona na Residência Imperial para suas superiores Bene Gesserit?

— Paul sabe que faço relatórios às minhas mestras.

— Mas não lhes fornece material para uma forte propaganda contra seu Imperador? — indagou Edric.

“Não o ‘nosso’ Imperador”, notou Scytale, “mas o ‘seu’ Imperador. Irulan era muito Bene Gesserit para deixar passar essa insinuação.”

— A questão resume-se aos poderes e a como eles podem ser usados — comentou Scytale, caminhando para junto do tanque do homem da Corporação. — Nós, de Tleilaxu, acreditamos que em todo o universo existe apenas o insaciável apetite da matéria, que a energia é o único sólido verdadeiro. E a energia aprende. Ouça-me bem, Princesa: a energia aprende. Isso é o que chamamos de poder.

— Não me convenceu de que possamos derrotar o Imperador — disse Irulan.

— Ainda nem convencemos a nós mesmos — respondeu Scytale.

— Em todo lugar para onde nos voltamos — disse Irulan — confrontamo-nos com seu poder. Ele é o Kwisatz Haderach, aquele

que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Ele é o Mahdi, cujo mero capricho é uma ordem para os seus missionários Qizarate. Ele é o Mentat, cuja mente computadorizada supera os maiores e mais antigos computadores. Ele é o Muad'Dib, sob cujas ordens as legiões Fremen despovoam planetas inteiros.

Ele possui a visão oracular que enxerga o futuro. Possui o padrão genético que nós, Bene Gesserit, buscamos...

— Conhecemos seus atributos — interrompeu a Reverenda Madre. — E conhecemos também sua abominável irmã Alia, que possui esse padrão genético. Mas eles também são humanos, ambos. E, portanto, têm suas fraquezas.

— E onde estão essas fraquezas humanas? — perguntou o Dançarino Facial. — Devemos buscá-las na seita religiosa de seu Jihad? Podem os Qizara do Imperador ser voltados contra ele? E quanto à autoridade civil das Grandes Casas? Poderia o Congresso da Landsraad fazer mais do que lhe enviar um protesto verbal?

— Sugiro a Combine Honnete Ober Advancer Mercantiles — disse Edric, voltando-se em seu tanque. — CHOAM é negócio e negócios buscam lucros.

— Ou talvez a mãe do Imperador — comentou Scytale. — Lady Jessica, ao que sei, permanece em Caladan, mas se encontra em freqüente comunicação com o filho.

— Aquela cadela traidora — disse Mohiam, sem alterar a voz. — Se pudesse, renegaria minhas mãos que a treinaram.

— Nossa conspiração necessita de uma alavanca — comentou Scytale.

— Somos mais que conspiradores — retrucou a Reverenda Madre.

— Ah, sim — concordou Scytale. — Somos enérgicos e aprendemos rapidamente. Isso nos torna a única esperança, a certeza de salvação da humanidade. — Ele falava com um tipo de oratória usada para transmitir uma convicção absoluta, o que talvez fosse a maior das zombarias, vinda, como vinha, de um Tleilaxu.

Apenas a Reverenda Madre pareceu compreender a sutileza.

— Por quê? — indagou ela, dirigindo a pergunta a Scytale.

Antes que o Dançarino Facial pudesse responder, Edric limpou a garganta e disse:

— Não vamos trocar bobagens filosóficas. Cada pergunta pode ser reduzida a uma só: por que existe alguma coisa? Cada questão religiosa, ou de negócios, ou de governo, tem um único derivativo: quem exercerá o poder? Alianças, ligas, complexos, todos perseguem miragens, a menos que busquem o poder. Tudo mais é tolice, como acaba percebendo a maioria dos seres pensantes.

Scytale encolheu os ombros num gesto destinado unicamente à Reverenda Madre. Edric respondera à pergunta que ela fizera.

Esse tolo pomposo era a maior fraqueza entre eles. Para se certificar de que a Reverenda Madre tinha compreendido, Scytale disse:

— Ouvindo cuidadosamente o seu mestre, a pessoa adquire instrução.

A Reverenda Madre acenou lentamente.

— Princesa — disse Edric —, faça sua opção. Você foi escolhida como um instrumento do destino, o melhor que...

— Guarde seus elogios para aqueles que podem ser influenciados por eles — disse Irulan. — Antes mencionou um fantasma, um espírito saído do túmulo que poderia corromper o Imperador. Explique isso.

— O Atreides derrotará a si próprio! — exultou Edric.

— Pare de falar por enigmas! — retrucou Irulan. — O que é esse fantasma?

— Um fantasma bem incomum — disse Edric. — Ele tem corpo e nome. O corpo... é a carne de um renomado mestre espadachim conhecido como Duncan Idaho. O nome...

— Idaho está morto — disse Irulan. — Paul já lamentou sua perda muitas vezes em minha presença. Ele viu Idaho ser morto pelos Sardaukar de meu pai.

— Mesmo na derrota — explicou Edric —, os Sardaukar de seu pai não abandonavam a sabedoria. Vamos supor que um sábio comandante Sardaukar tenha reconhecido o espadachim num

cadáver que seus homens deixaram. Que fazer, então? Existem usos para tal carne e tal treinamento... caso se aja com rapidez.

— Um ghola Tleilaxu — sussurrou Irulan, olhando de esguelha para Scytale.

Percebendo sua atenção, Scytale fez uso de seus poderes de Dançarino Facial: forma fluindo sobre forma, carne movimentando-se e se reajustando. Daí a pouco, um homem esbelto erguia-se diante dela. O rosto permanecia um tanto redondo, mas bem mais escuro e com feições levemente aplainadas. Maçãs do rosto proeminentes formavam prateleiras para olhos com dobras epicânticas bem definidas. Os cabelos eram negros e revoltos.

— Um ghola com esta aparência — disse Edric, apontando para Scytale.

— Ou apenas outro Dançarino Facial? — indagou Irulan.

— Não — respondeu Edric. — Um Dançarino Facial arrisca-se a se expor sob vigilância prolongada. Não. Vamos supor que nosso sábio comandante Sardaukar tenha preservado o cadáver de Idaho para os tanques de axolotl. Por que não? Esse corpo tinha a carne e os nervos de um dos melhores espadachins da história, um conselheiro dos Atreides, um gênio militar. Que desperdício perder todo aquele treinamento e habilidade quando ele poderia ser revivido como instrutor para os Sardaukar.

— Não ouvi um sussurro sequer a respeito disso, e eu era uma das confidentes de meu pai disse Irulan.

— Ah, mas seu pai era um homem derrotado e, em questão de horas, você seria vendida ao novo Imperador — disse Edric.

— Isso foi feito? — quis saber Irulan.

Com um ar de enlouquecida complacência, Edric disse:

— Vamos supor que nosso sábio comandante Sardaukar, conhecendo a necessidade de agir com rapidez, imediatamente enviasse a carne preservada de Idaho para os Bene Tleilax. Vamos supor ainda mais: que o comandante e seus homens tenham morrido antes de transmitir a informação ao seu pai, que não teria encontrado muita utilidade nela, de qualquer modo. Permaneceria então algo físico, um pedaço de carne que teria sido enviado para Tleilaxu. E só havia um modo de ele ser enviado: é claro, num

heighliner. Nós, da Corporação, naturalmente conhecemos cada carga que transportamos. E, com esse conhecimento, não julgaríamos ainda mais sábio adquirir o gholá como presente adequado para um Imperador?

— Fizeram isso, então — disse Irulan.

Scytale, que novamente assumira sua aparência rechonchuda, disse:

— Como nosso enfadonho amigo indica, nós o fizemos.

— E como Idaho foi condicionado? — indagou Irulan.

— Idaho? — perguntou Edric, olhando para o Tleilaxu. — Você conhece algum Idaho, Scytale?

— Nós lhe vendemos uma criatura chamada Hayt — disse Scytale.

— Ah, sim... Hayt — disse Edric. — Por que o venderam para nós?

— Porque uma vez geramos nosso próprio kwisatz haderach — explicou Scytale.

Com um movimento rápido da velha cabeça, a Reverenda Madre o encarou.

— Você não nos contou isso! — acusou ela.

— Vocês não perguntaram — respondeu Scytale.

— E como dominaram seu kwisatz haderach? — indagou Irulan.

— Uma criatura que tenha passado toda a sua vida criando uma representação particular de sua personalidade morrerá para não se tornar a antítese dessa representação — explicou Scytale.

— Não compreendo — arriscou Edric.

— Ele se matou — resmungou a Reverenda Madre.

— Compreende-me bem, Reverenda Madre — advertiu Scytale, usando um tipo de voz que dizia: você não é um objeto sexual, nunca foi um objeto sexual, não poderia ser um objeto sexual.

O Tleilaxu esperou que a ênfase espalhafatosa atingisse seu objetivo. Ela não devia confundir suas intenções. A compreensão deveria passar através da raiva até a consciência de que o Tleilaxu certamente não poderia fazer uma acusação dessas, conhecendo

como devia conhecer as exigências de procriação da Irmandade. Suas palavras, entretanto, continham um insulto vulgar, completamente estranho à personalidade de um Tleilaxu.

Rapidamente, usando o modo apaziguador da mirabhasa, Edric tentou amenizar a situação.

— Scytale, você nos contou que vendeu Hayt porque tinha a mesma opinião que nós sobre a forma de utilizá-la.

— Edric, quer ficar calado até que eu lhe dê permissão de falar? — disse Scytale.

O homem da Corporação começou a protestar. A Reverenda Madre retrucou:

— Cale-se, Edric!

E o homem da Corporação recuou em seu tanque, agitando-se.

— Nossas próprias emoções transitórias não são pertinentes à solução do problema mútuo observou Scytale. — Elas encobrem o raciocínio, pois a única emoção relevante é o medo básico que nos trouxe a este encontro.

— Nós compreendemos — disse Irulan, olhando para a Reverenda Madre.

— Vocês devem perceber as perigosas limitações de nosso escudo — explicou Scytale. — O oráculo não pode encontrar aquilo que não compreende.

— Você é maquiavélico, Scytale — comentou Irulan.

“O quão maquiavélico, ela não deve nem imaginar”, pensou Scytale. “Quando isso terminar, nós possuiremos um kwisatz haderach que poderemos controlar. E esses outros não possuirão nada.”

— Qual foi a origem de seu kwisatz haderach? — indagou a Reverenda Madre.

— Experimentamos com várias essências puras — explicou Scytale. — O puro bem e o puro mal. Um vilão puro, que se satisfaz apenas na criação do terror e da dor, pode bem ser educativo.

— O velho Barão Harkonnen, avô de nosso Imperador, era uma criação dos Tleilaxu? — indagou Irulan.

— Não das nossas — disse Scytale. — Mas, afinal, a natureza frequentemente produz criaturas tão mortíferas quanto as nossas. Meramente as produzimos sob condições em que podemos estudá-las.

— Não serei desprezado e tratado desse modo! — protestou Edric. — Quem é que oculta este encontro do...

— Está vendo? — indagou Scytale. — Aquele que nos oculta a melhor decisão? Mas que decisão?

— Desejo discutir a maneira de entregar Hayt ao Imperador — insistiu Edric. — Entendo que Hayt reflete a velha moral que o Atreides aprendeu em seu mundo pátrio. Supõe-se que Hayt torne fácil para o Imperador a ampliação de sua natureza moralista, de modo a delinear os elementos positivos-negativos da vida e da religião.

Scytale sorriu, lançando um olhar tolerante a seus companheiros. Eram como esperava que fossem.

A velha Reverenda Madre empunhava suas emoções como uma foice. Irulan fora bem treinada para uma tarefa na qual falhara, uma criação imperfeita das Bene Gesserit. Edric não era mais (nem menos) que a mão do ilusionista: ele poderia esconder e distrair. Por ora, mergulhara novamente num silêncio mal-humorado, enquanto os outros o ignoravam.

— Posso entender então que esse Hayt se destina a envenenar a mente de Paul? — perguntou Irulan.

— Mais ou menos — respondeu Scytale.

— E quanto ao Qizarate? — ela insistiu.

— Basta apenas uma leve mudança na ênfase, uma avalanche de emoções para transformar a inveja em inimizade — disse Scytale.

— E quanto à CHOAM? — perguntou Irulan.

— Eles ficarão do lado em que estiverem os lucros — disse Scytale.

— E os outros grupos poderosos?

— Basta invocar o nome do Governo — continuou Scytale.

— Uniremos os menos poderosos em nome do progresso e da moral. Nossa oposição morrerá, vítima de seus próprios embaraços.

— Alia também?

— Hayt é um ghola com múltiplos propósitos. A irmã do Imperador encontra-se numa idade em que pode ser distraída por um homem charmoso, moldado para esse propósito. Será atraída por sua masculinidade, assim como por suas habilidades de Mentat.

Mohiam permitiu que seus velhos olhos se arregalassem de surpresa.

— O ghola é um Mentat? Esse é um movimento perigoso.

— Para ser preciso — lembrou Irulan —, um Mentat deve receber dados precisos. Que acontecerá se Paul lhe pedir que defina o propósito que se encontra por trás de nosso presente?

— Hayt lhe dirá a verdade — explicou Scytale. — Não fará diferença.

— E assim você deixa uma porta de fuga aberta para Paul — comentou Irulan.

— Um Mentat! — murmurava Mohiam.

Scytale olhava para a velha Reverenda Madre, percebendo os antigos ódios que coloriam suas respostas. Desde os dias do Jihad Butleriano, quando as “máquinas pensantes” haviam sido eliminadas da maior parte do universo, os computadores inspiravam desconfiança. E as velhas emoções marcavam igualmente os computadores humanos.

— Não gosto da maneira como sorri — disse Mohiam abruptamente, usando o tom verdadeiro, enquanto olhava com ódio para Scytale.

Do mesmo modo, Scytale respondeu:

— E a mim não agrada aquilo que a satisfaz. Mas devemos trabalhar juntos. Todos percebemos isso. — Olhou para o homem da Corporação. — Não é mesmo, Edric?

— Você ensina lições dolorosas — respondeu Edric. — Presumo que desejava tornar claro que eu não deveria opor-me à decisão conjunta de meus colegas conspiradores.

— Como podem ver, ele é capaz de aprender — comentou Scytale.

— Também posso perceber outras coisas — resmungou Edric.

— Os Atreides têm o monopólio da especiaria. Sem ela, não posso sondar o futuro. As Bene Gesserit perdem seu sentido da verdade. Temos estoques, mas eles se esgotam. A melange é uma moeda poderosa.

— Nossa civilização possui mais de uma moeda — respondeu Scytale. — Assim, a lei da oferta e da procura falha.

— Vocês pensam em roubar esse segredo — protestou Mohiam. — E ele tem um planeta guardado por aqueles loucos Fremen.

— Os Fremen são civis, instruídos ou ignorantes — disse Scytale. — Não são loucos. Podem ser treinados para acreditar, não para conhecer. Crenças podem ser manipuladas. Somente o conhecimento é perigoso.

— Mas me deixarão com alguma coisa para gerar uma dinastia real? — indagou Irulan.

Todos perceberam o comprometimento em sua voz, mas somente Edric sorriu.

— Alguma coisa — disse Scytale. — Alguma coisa.

— Isso significará o fim desse Atreides como força governante — disse Edric.

— Presumo que outros menos dotados da capacidade de profetizar já fizeram tal prognóstico disse Scytale. — Para eles, mektub al mellab, como dizem os Fremen.

— Isso foi escrito com sal — traduziu Irulan.

Enquanto ela falava, Scytale percebia o que a Bene Gesserit havia preparado para ele: uma mulher linda e inteligente que jamais poderia ser sua. “Ah, bem”, pensou, “talvez eu faça uma réplica dela.”

Toda civilização deve lutar contra uma força inconsciente capaz de bloquear, trair ou opor-se a quase todas as interceptações conscientes de uma coletividade.

— *Teorema Tleilaxu (não-comprovado)*

Paul sentou-se na beirada da cama e começou a tirar suas botas de deserto. Tinham o cheiro rançoso deixado pelo lubrificante

que facilitava a ação das bombas impulsionadas pelo calcanhar em seu traje destilador. Era muito tarde. Havia prolongado sua caminhada noturna, causando preocupação àqueles que o amavam.

Reconhecidamente, as caminhadas eram perigosas, mas era o tipo de perigo que ele poderia reconhecer e enfrentar de imediato.

Havia alguma coisa compulsiva e atraente em caminhar anonimamente durante a noite pelas ruas de Arrakeen.

Chutou as botas para um canto, embaixo do único globo luminoso da sala, e começou a abrir as tiras de vedação do traje destilador. Deus, como estava cansado! Mas o cansaço detinha-se em seus músculos, deixando sua mente fervilhar. Observar as atividades mundanas do dia-a-dia enchia-o de um sentimento de profunda inveja. A maior parte daquele anônimo fluir de vida fora das paredes de sua residência não poderia ser compartilhada pelo Imperador. Mas... caminhar ao longo da rua sem atrair a atenção... que privilégio! Passar em meio ao clamor dos peregrinos mendigando, ouvir um Fremen amaldiçoar um lojista:

— Você tem as mãos úmidas!...

Sorrindo com essa lembrança, Paul tirou o traje destilador.

Levantou-se nú e estranhamente sintonizado com o seu mundo. Duna era um mundo paradoxal agora. Um mundo sitiado e, no entanto, um centro de poder. Encontrar-se sitiado, decidiu, era o destino inevitável do poder. Olhou para baixo, fitando o tapete verde e sentindo sua textura grossa contra os pés.

As ruas estavam cobertas, até a altura do tornozelo, da areia soprada sobre a Muralha Escudo pelo vento tempestuoso. O tráfego de pedestres a transformara numa poeira sufocante que entupia os filtros dos trajes destiladores. Podia sentir o cheiro da poeira até agora, a despeito da limpeza com jatos de ar na entrada de sua propriedade. Era de um odor cheio de lembranças do deserto.

“Outros dias... outros perigos.”

Comparado àqueles dias, o perigo de suas caminhadas solitárias parecia bem menor. Colocando o traje destilador, vestia o deserto. O traje, com toda a sua aparelhagem destinada a recuperar a umidade liberada pelo corpo, guiava seus pensamentos de maneira sutil, fixando seus movimentos num padrão típico do

deserto. Tornava-se um Fremen selvagem. Mais que um disfarce, o traje fazia com que se sentisse estranho à sua personalidade urbana. Dentro dele, abandonava a segurança e assumia as velhas habilidades ditadas pela violência. Os peregrinos e o pessoal da cidade passam por ele de cabeça baixa. Mantinham distância dos selvagens, por prudência. E, se o deserto tinha um rosto para o povo da cidade, era a face de um Fremen, oculta pelos filtros bucais e nasais de um traje destilador.

Na verdade, agora havia apenas um pequeno risco de que alguém dos antigos dias no sietch pudesse reconhecê-lo pelo modo de andar, pelo odor ou pelos olhos. Mesmo assim, as chances de encontrar um inimigo continuavam pequenas.

Um ranger de porta se abrindo e um clarão de luz interromperam sua meditação. Chani entrou trazendo café em uma bandeja de platina. Dois globos luminosos escravizados seguiram-na, saltando para suas posições: um, na cabeceira da cama; o outro, flutuando ao lado dela para iluminar seu trabalho.

Chani movia-se com um ar imutável de frágil poder — tão independente, tão vulnerável. Algo na maneira como se curvava sobre a bandeja de café lembrava a Paul seus primeiros dias. As feições de Chani permaneciam as de uma fada ou duende, aparentemente intocadas pelos anos, a menos que se examinassem os cantos daqueles olhos sem branco, observando-se as linhas que lá existiam: “sulcos da areia”, como os Fremen do deserto os chamavam.

O vapor escapou do bule quando ela ergueu a tampa pelo pegador de esmeralda. Ele era capaz de notar que o café ainda não estava pronto pelo modo como ela recolocava a tampa. O bule tinha forma feminina, prateada, com estrias, nitidamente grávida, e lhe fora dado como espólio de combate, quando matara o antigo dono em luta individual. Jamis, esse fora o nome do homem... Jamis. Que estranha imortalidade a morte trouxera para Jamis. Teria ele segurado aquele objeto em sua mão, sabendo que a morte lhe seria inevitável?

Chani arrumou as xícaras: louça azul de formas atarracadas, como “criados agachados abaixo do imenso bule. Havia três

xícaras: uma para cada pessoa que iria beber, mais uma para todos os antigos donos das peças.

— Estará pronto num momento — ela disse.

Olhou-o e Paul imaginou como parecia diante de seus olhos.

Ainda o veria como um estrangeiro exótico, magro e musculoso, mas ainda assim gordo de água pelos padrões Fremen? Seria ainda o Usul, do nome tribal, que a possuía no “tau Fremen” quando eram fugitivos no meio do deserto?

Paul observou seu próprio corpo: musculatura rija, delgado... algumas cicatrizes a mais, mas essencialmente o mesmo, apesar dos doze anos como Imperador. Olhando para cima, vislumbrou sua face no espelho da prateleira: olhos de Fremen, totalmente azuis, marca do vício em especiaria; nariz pontudo de Atreides.

Parecia o neto adequado para um Atreides que morrera na praça de touros dando um espetáculo para seu povo.

Algo que o velho dissera penetrou na mente de Paul: “Aquele que governa assume uma responsabilidade irrevogável para com os governados. Você é um administrador. Isso exige, às vezes, um ato de amor abnegado, que pode parecer apenas divertido para aqueles a quem você governa.”

Paul ainda se lembrava do velho com afeição.

“E o que eu fiz pelo nome dos Atreides?”, indagou a si mesmo. “Soltei o lobo no meio dos cordeiros.”

Por um instante, contemplou toda a morte e toda a violência acontecendo em sua mente.

— Para a cama, agora! — disse Chani, num incisivo tom de comando que, Paul sabia, teria chocado profundamente seus súditos imperiais.

Obedeceu, deitando-se de costas com as mãos por trás da cabeça, e deixando-se embalar pela agradável familiaridade dos movimentos de Chani.

O aposento em torno deles provocou-lhe súbito divertimento.

Não era o que a população devia imaginar sobre o quarto do Imperador. A luz amarelada dos bruxuleantes globos luminosos movia as sombras em um conjunto de jarros de vidro colorido sobre uma prateleira ao lado de Chani. Paul lembrou seus conteúdos em

silêncio. Ingredientes secos da farmacopéia do deserto, unguentos, incenso, lembranças... um pouco de areia do Sietch Tabr, uma mecha de cabelo de seu primeiro filho... há muito tempo morto... morto há doze anos... uma testemunha inocente assassinada durante a batalha que fizera de Paul o Imperador.

O rico cheiro do café de especiaria encheu o aposento. Paul o inalou, o olhar voltando-se para o pote ao lado da bandeja onde Chani preparava o café. O pote continha amendoins. O inevitável farejador de venenos montado embaixo da mesa acenava com seus braços de inseto por sobre a comida. O farejador o irritava. Eles nunca haviam necessitado de farejadores em seus dias de deserto!

— O café está pronto — disse Chani. — Está com fome?

A irritada negativa foi abafada pelo som estridente de um transporte leve de especiaria, arremessando-se rumo ao espaço a partir do campo situado ao lado de Arrakeen.

Entretanto, Chani percebeu sua raiva, encheu as xícaras e colocou uma ao alcance de sua mão. Sentou-se em seguida ao pé da cama, descobrindo-lhe as pernas e começando a massageá-las no local onde os músculos se encontravam intumescidos pela caminhada com o traje destilador. Suavemente, de um modo que não o enganava, disse:

— Vamos discutir o desejo de Irulan em relação a um filho.

Os olhos de Paul arregalaram-se. Observou Chani cuidadosamente.

— Irulan voltou de Wallach há menos de dois dias — disse ele. — Já esteve com você?

— Não discutimos as frustrações dela — respondeu Chani.

Paul forçou sua mente para a vigília mental, examinando Chani à dura luz da observação minuciosa, o modo Bene Gesserit que sua mãe lhe ensinara, com isso violando seus votos. Era algo que não gostava de fazer com Chani. Parte da atração que ela exercia em relação a ele residia no fato de Paul raramente precisar empregar sobre ela seus poderes tensionadores. Chani evitava perguntas indiscretas, mantendo um senso Fremen de boas maneiras. Suas perguntas eram freqüentemente muito práticas.

O que interessava a Chani eram os fatos relacionados à posição de seu homem — sua força no Conselho, a lealdade de suas legiões, as habilidades e talentos de seus aliados. Sua memória guardava catálogos de nomes e relacionava detalhes. Era capaz de enumerar as fraquezas de cada inimigo conhecido, as disposições potenciais de cada força oponente, os planos de batalha de seus líderes militares, o instrumental e as capacidades de produção das indústrias básicas.

E por que agora, perguntava Paul consigo mesmo, ela indagava a respeito de Irulan?

— Perturbei sua mente — disse Chani. — Não era minha intenção.

— Qual era sua intenção?

Ela sorriu timidamente, correspondendo ao seu olhar.

— Se está zangado, amor, por favor não esconda.

Paul deitou-se novamente.

— Devo afastá-la? — indagou ele. — Sua utilidade é limitada agora e não gosto das coisas que senti a respeito de sua viagem ao lar da Irmandade.

— Não vai abandoná-la — comentou Chani, continuando a massagear-lhe as pernas, enquanto falava com franqueza. — Disse muitas vezes que Irulan é seu contato com nossos inimigos, que pode interpretar os planos deles através das ações dela.

— Então por que me pergunta a respeito do desejo de Irulan quanto a uma criança?

— Creio que se a engravidasse desconcertaria nossos inimigos e a colocaria em posição vulnerável.

Paul percebeu, pelos movimentos das mãos de Chani sobre suas pernas, o quanto aquela declaração lhe custara. Sentiu um aperto na garganta e falou suavemente:

— Chani, minha adorada, jurei que nunca levaria Irulan para o leito. Um filho lhe proporcionaria muito poder. Deseja que ela tome seu lugar?

— Não tenho lugar.

— Não é assim, Sihaya, minha primavera do deserto. Por que essa súbita preocupação com Irulan?

— Minha preocupação é com você, não com ela! Se Irulan tivesse uma criança Atreides, seus amigos lhe questionariam a lealdade. E quanto menor for a confiança que nossos inimigos coloquem nela, menor será a utilidade que Irulan terá para eles.

— Um filho para ela significará sua morte, Chani — disse Paul.
— Você conhece as intrigas que correm neste lugar — Um movimento de sua mão abrangeu o palácio.

— Você deve ter um herdeiro! — disse ela com voz rouca.

— Ahhh! — fez ele.

Então era isso: Chani não fora capaz de gerar-lhe um filho.

Alguém mais, então, deveria fazê-lo. Por que não Irulan? Esse era o modo como funcionava a mente de Chani. Devia ser feito num ato de amor, pois em todo o Império havia fortes tabus contra os métodos artificiais. Chani chegara a uma decisão tipicamente Fremen.

Paul estudou-lhe a face sob essa nova luz. Era um rosto que, de certo modo, ele conhecia melhor que o seu próprio. Vira esse rosto suavizado pela paixão, na doçura do sono, marcado por medos, ódios e mágoas.

Fechou os olhos e Chani surgiu em suas reminiscências como mocinha outra vez — velada no tempo da primavera, cantando, acordando ao seu lado —, tão perfeita que a própria visão o esgotava. Em sua lembrança, ela sorria... tímida a princípio, depois cheia de tensão, como se buscasse escapar.

A boca de Paul ficou seca. Por um instante, suas narinas aspiraram a fumaça de um futuro devastado e a voz de outro tipo de visão a lhe ordenar que se desembaraçasse... desembaraçasse... desembaraçasse. Suas visões proféticas vinham espiando a eternidade há muito tempo, captando trechos de línguas estrangeiras, ouvindo pedras e carnes que não lhe pertenciam. Desde aquele dia em que se encontrara pela primeira vez com o terrível propósito, vislumbrara o futuro e o observara, buscando encontrar a paz.

Existia um modo, é claro. Conhecia-o de cor, embora não o conhecesse no âmago... um futuro mecânico, repetitivo nas instruções que lhe enviava: desligue-se, desligue-se, desligue-se...

Paul abriu os olhos notando a determinação estampada no rosto de Chani. Ela interrompera a massagem em suas pernas e agora estava sentada, imóvel — pura Fremen. As feições permaneciam familiares debaixo do lenço de cor azul, que freqüentemente usava para prender os cabelos na privacidade de seus aposentos. Mas a máscara da decisão colocada em seu rosto representava um modo de pensamento estranho a ele. As mulheres Fremen haviam compartilhado seus homens com outras por milhares de anos... nem sempre pacificamente, mas de modo a tornar essa realidade não destrutiva. Algo desse tipo, misteriosamente Fremen, ocorrera a Chani.

— Você me dará o único herdeiro que desejo — ele disse.

— Já viu isso? — perguntou ela, tornando óbvio, por sua ênfase, que se referia à presciência.

Como o fizera muitas vezes, Paul imaginou de que modo poderia explicar as sutilezas do oráculo, as inumeráveis Linhas do Tempo, cuja visão flutuava diante dele como um tecido ondulante. Suspirou, lembrando-se da água erguida de um rio com as mãos em concha... tremulando, escorrendo. Memórias inundaram-lhe o rosto. Como poderia mergulhar em futuros que se i tornavam cada vez mais obscuros pelas pressões de um número demasiado de oráculos?

— Você não viu, então — disse Chani.

Aquela visão do futuro não lhe era mais acessível, a não ser através de um esforço exaustivo. Que poderia mostrar-lhe, exceto mágoa, indagou-se Paul. Sentia-se ocupando uma intermediária zona inóspita, um lugar devastado, onde suas emoções flutuavam ondulando, varridas para diante numa agitação descontrolada.

Chani cobriu-lhe as pernas, dizendo:

— Um herdeiro para a Casa Atreides, isso não é coisa que se deixe por conta do acaso ou de uma única mulher.

Era algo que sua mãe teria dito, pensou Paul. Imaginou se Lady Jessica estivera em comunicação secreta com Chani. Sua mãe pensaria em termos da Casa Atreides. Tratava-se de um padrão nela gerado e condicionado pelas Bene Gesserit e que se manteria

mesmo agora, quando seus poderes se voltavam contra a Irmandade.

— Você ouviu quando Irulan veio me ver hoje — ele acusou.

— Ouvi — confessou ela, sem olhar para ele.

Paul focalizou seu pensamento no encontro com Irulan. Havia entrado na sala familiar notando um manto inacabado sobre o tear de Chani. Havia no local um cheiro acre de verme, um odor maligno que quase encobria o perfume de canela da especiaria, Alguém havia derramado essência pura de especiaria e deixado ali para que se combinasse com o tapete impregnado dessa substância. Não fora uma combinação feliz, pois a essência de especiaria dissolvera o tapete. Marcas oleosas haviam-se coagulado no piso de plastpedra onde estivera o tapete. Pensou em chamar alguém para limpar quando Harah, a esposa de Stilgar e amiga mais chegada de Chani, surgira para anunciar Irulan.

Fora forçado a realizar a entrevista na presença daquele cheiro maligno, incapaz de escapar à superstição Fremen de que os cheiros malignos prenunciavam o desastre.

Harah saiu enquanto Irulan entrava.

— Bem-vinda — disse Paul.

Irulan usava um roupão de pele de baleia cinzenta. Ela o apertou, depois levou a mão aos cabelos. Podia perceber que estava surpresa com seu tom amigável. As palavras de fúria que preparara para esse encontro deixavam-lhe a mente numa confusão de pensamentos.

— Veio para relatar que sua Irmandade perdeu o último vestígio de moral.

— Não é arriscado ser tão ridículo? — indagou ela.

— Ser ridículo e perigoso, uma associação questionável.

Seu treinamento de Bene Gesserit renegado detectou quando ela dominou o impulso de recuar. O esforço revelou-lhe um breve vislumbre do medo subjacente, e ele percebeu que ela recebera uma tarefa que não lhe agradava.

— Eles esperavam demais de uma princesa de sangue real — disse Paul.

Irulan imobilizou-se e Paul percebeu que ela se trancara num rígido auto-controle. Uma carga verdadeiramente pesada, pensou.

E perguntou a si mesmo por que suas visões prescientes não haviam fornecido qualquer vislumbre desse futuro possível.

Lentamente, Irulan foi relaxando. Não havia razão para se entregar ao medo, nem para recuar, decidira.

— Permitiu que o clima caísse novamente num padrão muito primitivo — disse, enquanto esfregava os braços através do roupão.

— Estava seco e havia uma tempestade de areia, hoje. Nunca vai permitir que chova aqui?

— Você não veio até aqui para falar do clima — respondeu Paul.

Sentia-se mergulhado em duplos significados. Estaria Irulan tentando dizer-lhe alguma coisa que seu treinamento não lhe permitia que dissesse abertamente? Assim parecia. Sentiu-se lançado à deriva, debatendo-se para alcançar de novo a terra firme.

— Devo ter um filho — disse Irulan.

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Preciso satisfazer esse desejo! — retrucou ela. — Se preciso for, encontrarei outro pai para meu filho. Vou corneá-lo e você que se atreva a me denunciar publicamente.

— Pode cornear o quanto quiser, mas nada de filho.

— Como pode me impedir?

Com um sorriso de suprema brandura, respondeu-lhe:

— Mandarei garroteá-la se for preciso.

Um silêncio de choque a conteve por um momento e Paul sentiu que Chani ouvia por detrás das pesadas cortinas de seus alojamentos particulares.

— Sou sua esposa — sussurrou Irulan.

— Não vamos mais desempenhar essa farsa tola — ele disse. — Você não representa mais nada. Ambos sabemos quem é minha esposa.

— E eu sou um objeto útil, nada mais — disse Irulan com a voz cheia de amargura.

— Não desejo ser cruel com você.

— Escolheu-me para essa posição.

— Não, o destino a escolheu. Seu pai a escolheu. A Bene Gesserit a escolheu, a Corporação a escolheu. E eles a indicaram uma vez mais. Para o que a escolheram agora, Irulan?

— Por que não posso ser a mãe de seu filho?

— Porque esse é um papel para o qual não foi escolhida.

— É meu direito dar à luz o herdeiro real! Meu pai era...

— Seu pai era e ainda é um animal. Ambos sabemos que ele perdeu todo o contato com a humanidade a quem devia governar e proteger.

— Será que ele foi menos odiado que você?

— Uma boa pergunta — concordou, um sorriso malicioso tocando as extremidades de sua boca.

— Diz que não deseja ser cruel comigo e no entanto...

— É por isso que concordo em que tenha qualquer amante que escolher. Mas me entenda bem: escolha um amante, mas não traga um filho bastardo para dentro de minha casa. Eu negaria esse filho. Não me importo que tenha amantes, contanto que seja discreta e não tenha filhos. Seria tolo agir de outro modo, nestas circunstâncias. Não abuse dessa concessão que livremente lhe dou. No que concerne ao trono, controlo o sangue que deverá herdá-la. A Bene Gesserit não controla isso, muito menos a Corporação. Trata-se de um dos privilégios que conquistei ao esmagar as legiões Sardaukar de seu pai, lá fora, na Planície de Arrakeen.

— Sua decisão, então — disse Irulan, girando e saindo apressada.

Lembrando-se agora desse encontro, Paul o analisava com sua consciência, enquanto olhava para Chani, sentada ao lado dele na cama. Podia entender seus próprios sentimentos ambivalentes com relação a Irulan, podia entender a decisão Fremen de Chani. Sob outras circunstâncias, Chani e Irulan poderiam ter sido amigas.

— O que decidiu? — indagou ela.

— Nada de filhos — respondeu.

Chani fez o sinal Fremen da faca cristalina, usando o indicador e o polegar da mão direita.

— Pode chegar a esse ponto — concordou ele.

— Você não pensa que uma criança resolveria alguma coisa quanto a Irulan? — indagou ela.

— Só um tolo pensaria isso.

— Não sou tola, meu amor.

A raiva o dominou.

— Nunca disse que era! Mas isto não é uma maldita novela romântica. Há uma princesa verdadeira no final daquele corredor. Ela foi criada em meio a todas as intrigas sórdidas de uma corte imperial. Conspirar é coisa tão natural para ela quanto escrever suas histórias estúpidas!

— Não são estúpidas, amor.

— Provavelmente, não. — Ele controlou a raiva e lhe segurou as mãos. — Desculpe. Mas essa mulher tem muitas tramas... tramas dentro de tramas. Ceda a uma de suas ambições e permitirá que ela avance em direção a outra.

Com a voz calma, Chani disse:

— Já não disse isso?

— Sim, é claro que disse. — Olhou-a. — Então, o que está tentando me dizer agora?

Chani deitou-se ao seu lado, colocando a mão sobre seu pescoço.

— Eles chegaram a uma decisão a respeito de como combatê-lo. Irulan está exalando o cheiro de decisões secretas.

Paul acariciou-lhe os cabelos.

Chani se despira.

Um terrível propósito o tocava. Era como um vento coriólis em sua alma, assoviando através da estrutura de seu ser. Seu corpo conhecia coisas que nunca aprendera conscientemente.

— Amada Chani — sussurrou — sabe o que eu daria para terminar o Jihad, para me separar da maldita divindade que o Qizarate projeta sobre mim?

Ela tremeu.

— Mas você só tem que ordenar.

— Oh, não, mesmo que eu morresse agora, meu nome ainda os lideraria. E quando penso no nome Atreides associado a toda essa carnificina religiosa...

— Mas você é o Imperador! Tem o...

— Sou apenas um símbolo. Quando a divindade é concedida, o chamado deus perde o controle. — Um riso amargo o fez estremecer. Sentia o futuro olhando-o através de dinastias ainda não sonhadas. Sentia seu ser separado, chorando, desencadeado dos anéis do destino... apenas seu nome continuava. Fui escolhido — disse ele. — Talvez ao nascer... certamente, antes que pudesse dizer alguma coisa. Fui escolhido.

— Então, renegue essa escolha — disse Chani.

Seu braço apertou em torno do ombro dela.

— No devido tempo, minha amada. Dê-me um pouco mais de tempo.

Lágrimas contidas queimavam-lhe os olhos.

— Devíamos retornar ao Sietch Tabr — sugeriu Chani. — Há muita disputa nesta tenda de pedra.

Ele concordou com a cabeça, seu queixo batendo no tecido macio do lenço que cobria os cabelos de Chani. O perfume calmante da especiaria preenchia-lhe as narinas.

Sietch. O significado da antiga palavra Chakobsa o envolvia: lugar de refúgio e segurança em época de perigo. A sugestão de Chani fazia com que ansiasse pela visão da areia aberta, por distâncias límpidas onde de muito longe se poderia enxergar um inimigo aproximando-se.

— As tribos esperam que o Muad'Dib retorne a elas — disse Chani, enquanto erguia a cabeça para fitá-lo. — Você nos pertence.

— Pertença a uma visão — sussurrou ele.

Pensou então no Jihad, na mistura de genes através dos parsecs e na visão que lhe revelava como tudo iria terminar. Deveria pagar esse preço? Todo aquele ódio se evaporaria, morrendo como morrem os fogos, brasa por brasa. Mas, ah...! Que preço terrível!

“Nunca quis ser um deus. Queria apenas desaparecer como uma jóia de orvalho apanhada pela manhã. Queria fugir dos anjos e dos amaldiçoados... sozinho... como que por descuido.”

— Voltará ao Sietch? — insistiu Chani.

— Sim — ele sussurrou, enquanto pensava: “Devo pagar o preço.”

Chani suspirou profundamente, tornando a acomodar-se de encontro a ele.

“Desperdicei tempo”, pensou, enquanto percebia como fora confinado pelos limites do amor e do Jihad. E o que era uma vida, não importa o quão amada, diante de todas as vidas que o Jihad certamente consumiria? O sofrimento individual pode pesar contra a agonia das multidões?

— Amor? — indagou Chani.

Ele colocou a mão sobre seus lábios.

“Vou entregar-me”, pensou. “Vou fugir enquanto ainda tenho forças para fazê-lo. Voar através de um espaço onde um pássaro não me seguiria.” Era um pensamento inútil, sabia disso. O Jihad seguiria seu fantasma.

Que poderia responder? Como explicar quando o povo o sobrecarregava de uma tolice brutal? Quem poderia entender?

“Queria olhar para trás e dizer: Lá! Lá está uma existência que não me poderia prender. Vejam! Eu desapareço! Nenhum obstáculo ou rede de concepção humana pode prender-me de novo. Renuncio à minha religião! Este instante glorioso é meu! Eu estou livre!”

“Que palavras vazias!”

— Um grande verme foi visto ontem, abaixo da Muralha Escudo — disse Chani. — Tinha mais de cem metros de comprimento, dizem. Os grandes assim raramente se aproximam desta região, agora. A água os afasta, suponho. Dizem que esse veio para convocar o Muad’Dib de volta ao seu lar no deserto. — Beliscou-lhe o peito. — Não ria de mim!

— Não estou rindo.

Paul admirava-se com a persistência do mito dos Fremen, sentindo um aperto no peito, uma coisa insinuando-se em sua linha da vida: adab, a memória insistente. Lembrou-se do quarto de sua infância em Caladan... noite escura na câmara de pedra... uma visão! Um de seus primeiros momentos de presciência. Sentiu a mente mergulhar na visão através de uma memória enevoadada

(visão dentro de visão). Uma fila de Fremen, seus mantos empoeirados. Caminhavam através de uma fenda entre altos rochedos. Carregavam um volume comprido e enrolado em panos.

Paul ouviu a si próprio falando na visão:

— Era quase sempre doce... mas você foi a maior doçura...

Adab o liberou.

— Está tão quieto — sussurrou Chani. — O que foi?

Paul estremeceu, sentando-se na cama, com o rosto a lhe evitar o olhar.

— Você está zangado porque estive na borda do deserto? — disse ela.

Ele balançou a cabeça sem falar.

— Só fui até lá porque desejo um filho — explicou.

Paul sentia-se incapaz de falar, consumido pelo poder daquela primeira visão. Terrível propósito! Naquele instante, toda a sua vida era um ramo sacudido pela partida de um pássaro... e o pássaro era a casualidade. A livre escolha.

“Sucumbi ao fascínio do oráculo”, pensou ele.

Sentia que entregar-se a esse poderoso fascínio significava prender-se a um único caminho de vida, um único destino. Seria possível, perguntava a si mesmo, que o oráculo não revelasse o futuro? Seria possível que as profecias criassem o futuro? Expusera sua vida a uma teia de linhas subjacentes que o aprisionara naquele distante despertar, vítima de um futuro-aranha que mesmo agora avançava sobre ele com mandíbulas aterradoras.

Um axioma das Bene Gesserit insinuou-se em sua mente: “usar a energia pura é tornar-se infinitamente vulnerável a forças ainda maiores.”

— Sei o que o aborrece — continuou Chani, tocando-lhe o braço. — É verdade que as tribos restabeleceram os velhos rituais e os sacrifícios sangrentos, mas não participo deles.

Paul respirou profundamente, de modo trêmulo. A torrente de visões se dissipara, tornando-se um lugar profundo e calmo, onde as correntes se moviam com força absorvente, além de seu alcance.

— Por favor — suplicou Chani. — Quero um filho, nosso filho. Será isso tão terrível?

Paul acariciou o braço que o tocava e depois se afastou. Saiu da cama, apagou os globos luminosos e foi até a janela do patamar, onde abriu as cortinas. O deserto profundo não poderia penetrar ali, exceto através de suas fragrâncias. Um paredão sem janelas erguia-se para o céu noturno diante dele. A luz do luar caía tangencialmente sobre um jardim interior, árvores sentinelas e largas folhas, vegetação úmida. Podia ver um lago com peixes refletindo estrelas em meio às folhas, bolsões brancos de brilho floral em meio às sombras. Momentaneamente, percebeu esse jardim como visto pelos olhos dos Fremen: estranho, ameaçador, perigoso por desperdiçar água.

Pensou nos Vendedores de Água, cujos negócios haviam sido destruídos pelas dádivas generosas de suas mãos. Odiavam-no porque ele lhes destruíra o passado. E existiam outros, mesmo aqueles que haviam lutado por muito tempo para comprar a preciosa água, que o odiavam por ter modificado as antigas tradições. Enquanto o padrão ecológico ditado pelo Muad'Dib refazia a paisagem planetária, a resistência humana aumentava. Não seria presunçoso, perguntava a si próprio, acreditar que poderia modificar um planeta inteiro, com tudo crescendo onde e da maneira como desejava? Mesmo que fosse bem-sucedido, e o universo que o aguardava lá fora? Temeria um tratamento similar?

De repente, fechou as cortinas e os basculantes. Voltou-se para Chani, na escuridão, sentindo que ela o aguardava. Seus anéis de água tilintaram como os sinetes dos peregrinos. Tateou pelo som até encontrá-la de braços estendidos.

— Amado — sussurrou. — Perturbei você?

Os braços dela envolviam-lhe o futuro, tal como o futuro o envolvia.

— Não foi você — respondeu. — Ah... não foi você.

O advento do escudo pelo Processo de Campo e a arma laser, com sua interação explosiva, mortal para atacante e atacado, estabeleceram as atuais limitações à tecnologia de armamentos. Não precisamos deter-nos no papel especial das armas atômicas. O fato de que qualquer Família em meu Império poderia liberar seus atômicos, de modo a destruir as bases planetárias de outras cinqüenta ou mais Famílias, causa certo nervosismo, é verdade. Mas todos nós possuímos planos preventivos para uma retaliação devastadora. A Corporação e a Landsraad guardam as chaves que contém essa força. Não, minha preocupação volta-se para o desenvolvimento de seres humanos como armas em um campo virtualmente ilimitado que algumas forças estão desenvolvendo.

*— Palestra do Muad'Dib ante a Escola de Guerra,
extraída das Crônicas de Stilgar*

O velho fitava da porta com seus olhos de um azul total. Olhos velados por aquela suspeita que todo o povo do deserto sente com relação aos estrangeiros. Linhas de amargura marcavam os cantos de sua boca, onde ela podia ser vista, nos limites da barba branca. Não usava traje destilador e era revelador que ignorasse esse fato tendo pleno conhecimento de que a umidade escapava de sua casa através da porta aberta, Scytale curvou-se, fazendo o cumprimento dos conspiradores.

De algum ponto atrás do velho vinha o som de uma rabeça de três cordas, gemendo com a dissonância atonal da música de semuta. Mas os modos do velho não revelavam o estupor causado pela droga, indicação de que a semuta constituía fraqueza de outro. Parecia estranho para Scytale encontrar um vício tão sofisticado num lugar como esse.

— Saudações de longe — disse Scytale, sorrindo com o rosto de feições vulgares que escolhera para esse encontro. Ocorreu-lhe então que o velho poderia reconhecer o rosto escolhido. Alguns dos Fremen mais velhos de Duna haviam conhecido Duncan Idaho.

A escolha das feições, que julgara divertida, podia ser um erro, concluiu Scytale. Mas não se atrevia a mudar de rosto ali. Nervoso, olhou para a rua. Será que o velho não ia convidá-lo a entrar?

— Conheceu meu filho? — indagou o homem.

Essa, pelo menos, era uma das respostas combinadas. Scytale pronunciou a frase adequada, enquanto mantinha os olhos alertas para qualquer indício suspeito nas cercanias. Não apreciava sua posição ali. A rua era um beco sem saída que terminava nessa casa. Todas as casas em volta haviam sido construídas para veteranos do Jihad. Elas formavam o subúrbio de Arrakeen que se estendia pela Bacia Imperial, além de Tiemag. As paredes que cercavam essa rua apresentavam superfícies vazias, feitas de sombrio plasmeld, interrompidas apenas pelas sombras negras de portais selados e, aqui e ali, por obscenidades rabiscadas. Ao lado dessa porta, por exemplo, alguém rabiscara que um certo Beris trouxera para Arrakis uma doença repugnante que o privara da virilidade.

— Veio com companhia? — perguntou o velho.

— Sozinho — respondeu Scytale.

O velho pigarreou, ainda hesitando daquele modo enlouquecedor.

Scytale procurou acalmar-se. Contatos desse tipo tinham seus próprios riscos. Talvez o velho conhecesse alguma razão para agir assim. No entanto, era a hora adequada. O pálido sol estava quase diretamente acima. Nessa parte da cidade, as pessoas trancavam-se em suas casas para dormir durante o período mais quente do dia.

Seria o novo vizinho que incomodava esse homem? — Scytale perguntou a si mesmo. A casa adjacente, ele sabia, fora destinada a Otheym, que fizera parte dos temidos Fedaykin, os comandos da morte do Muad'Dib. E Bijaz, o anão catalista, aguardava com Otheym.

Scytale voltou a observar o velho, notando a manga vazia que pendia de seu ombro esquerdo e a falta do traje destilador. Um ar de autoridade permanecia nesse homem. Ele não fora um subalterno no Jihad.

— Posso saber o nome do visitante? — perguntou o velho.

Scytale conteve um suspiro de alívio. Fora aceito, afinal.

— Sou Zaal — disse, dando o nome que recebera para essa missão.

— Sou Farok — revelou o velho. — Já fui Bashar da Nona Legião do Jihad. Isso significa alguma coisa para você?

Scytale, percebendo ameaça nas palavras, respondeu:

— Nasceu no Sietch Tabr, oferecendo sua lealdade a Stilgar.

Farok descontraíu-se e ficou de lado.

— Você é bem-vindo à minha casa.

Scytale passou por ele e entrou no átrio, mergulhado em sombras. Piso de azulejos azuis, desenhos brilhantes trabalhados em cristal sobre as paredes. Além do vestíbulo, havia um pátio coberto. A luz penetrava através de filtros translúcidos e se derramava num prateado opalescente, como a noite branca da Primeira Lua. Lá atrás, a porta da rua rangeu em sua vedação à prova de umidade.

— Éramos um povo nobre — disse Farok, abrindo caminho em direção ao pátio. — Não pertencíamos à plebe. Não vivíamos em vilas graben... como esta! Tínhamos um sietch adequado na Muralha Escudo, acima da Cordilheira Habbanya. Um verme podia transportar-nos para dentro do Kedem, o deserto interior.

— Não era como isto aqui — concordou Scytale, percebendo agora o que trouxera esse Farok para a conspiração. O Fremen ansiava pelos antigos modos, dos velhos dias.

Entraram no pátio.

Scytale percebia que Farok lutava com uma intensa desconfiança com relação a esse visitante. Os Fremen não confiavam em olhos que não apresentassem o azul total do Ibad. Os estrangeiros, diziam os Fremen, tinham olhos desfocados, vendo coisas que não deviam ver.

A música de semuta parou quando entraram. Foi substituída, agora, pelo barulho de um baliset, primeiro um som de escala, depois notas claras de uma canção que era popular nos mundos de Naraj.

Quando seus olhos se acostumaram à luz, Scytale viu um jovem sentado com as pernas cruzadas num divã baixo, sob os arcos à direita. Os olhos do jovem eram órbitas vazias. Com aquela estranha facilidade dos cegos, começou a cantar no momento em que Scytale voltou a atenção para ele. A voz era alta e suave:

*"Um vento carregou a terra
E soprou o céu para longe
Com todos os homens!
Quem é esse vento?
As árvores permanecem eretas
Bebendo onde bebem os homens
Já conheci muitos mundos,
Homens demais,
Árvores demais,
Ventos demais."*

Essa não era a letra original da canção, notou Scytale. Farok levou-o para longe do rapaz, por sob os arcos, até o lado oposto, indicando almofadas espalhadas sobre o piso de azulejos. O azulejo fora trabalhado com desenhos de criaturas marinhas.

— Lá está uma almofada que já foi usada no sietch pelo Muad'Dib — disse Farok, indicando um monte redondo e negro. — É sua agora.

— Fico-lhe grato — respondeu Scytale, afundando no monte negro. Sorriu. Farok revelava sabedoria. Um sábio fala de lealdade mesmo quando ouve canções de significado oculto e palavras com mensagens secretas. Quem poderia negar os terríveis poderes do Imperador tirano?

Intercalando suas palavras com a canção, sem quebrar a rima, Farok indagou:

— A música de meu filho o incomoda?

Com um gesto, Scytale indicou uma almofada à sua frente e apoiou as costas contra um frio pilar.

— Gosto de música.

— Meu filho perdeu os olhos na conquista de Naraj — explicou Farok. — Cuidaram dele e ele poderia ter permanecido lá. Nenhuma mulher de meu povo o aceitaria assim. Acho curioso, no entanto, saber que tenho netos em Naraj que talvez nunca veja. Conhece os mundos de Naraj, Zaal?

— Na minha juventude, participei de uma touruée por lá com um grupo de Dançarinos Faciais, companheiros meus.

— Então, é um Dançarino Facial. Estava me indagando quanto a suas feições. Elas me lembravam um homem que conheci.

— Duncan Idaho?

— Esse mesmo. Um espadachim a serviço do Imperador.

— Foi morto. É o que dizem.

— É o que dizem — concordou Farok. — Você é um homem de verdade? Já ouvi histórias a respeito de Dançarinos Faciais que... — Ele encolheu os ombros.

— Somos hermafroditas Jadacha — explicou Scytale. — Ambos os sexos, a escolher. Neste momento, sou um homem.

Farok comprimiu os lábios, pensativo, depois disse:

— Devo pedir refrescos? Deseja água? Fruta gelada?

— A conversa será suficiente — respondeu Scytale.

— O desejo do visitante é uma ordem — disse Farok, acomodando-se na almofada diante de Scytale.

— Abençoado seja Abu d’Dhur, Pai das Indefinidas Estradas do Tempo — disse Scytale, enquanto pensava: “Aí está! Já lhe disse diretamente que vim da parte de um Timoneiro da Corporação e me encontro sob a cobertura de sigilo de um Timoneiro.

— Triplamente abençoado — respondeu Farok, dobrando as mãos sobre o colo em um aperto ritual. As mãos eram velhas, com veias salientes.

— Um objeto visto a distância revela apenas o seu princípio — citou Scytale, revelando seu desejo de conhecer alguma coisa a respeito da fortaleza do Imperador.

— Aquilo que é negro e maligno tem sua maldade percebida a qualquer distância — respondeu Farok aconselhando cautela.

“Por quê?”, perguntou a si mesmo Scytale. Mas disse apenas:

— Como seu filho perdeu os olhos?

— Os defensores de Naraj usaram um queima-pedra — respondeu Farok. — Meu filho estava muito perto. Malditos atômicos! Mesmo o queima-pedra devia ser proibido.

— Ele fica nos limites do objetivo da lei — concordou Scytale, enquanto pensava: “Um queima-pedra em Naraj! Não nos contaram a respeito disso. Por que esse velho fala em queima-pedras aqui?”

— Ofereci-me para adquirir olhos de Tleilaxu para ele, comprados a seus mestres — explicou Farok. — Mas há uma crença entre as legiões de que os olhos dos Tleilaxu escravizam seus usuários. Meu filho me contou que esses olhos são metálicos e que ele é de carne; portanto, tal união deveria ser pecaminosa.

— A essência de um objeto deve corresponder ao seu propósito original — disse Scytale, tentando levar a conversa novamente em direção às informações que buscava.

Os lábios de Farok se comprimiram, mas ele concordou com a cabeça.

— Fale abertamente do que deseja. Devemos confiar em seu Timoneiro.

— Já estive dentro da residência Imperial?

— Estive lá para o banquete que celebrou a vitória em Molitor. Era frio dentro de toda aquela pedra, a despeito dos melhores aquecedores espaciais Ixianos. Dormimos na varanda do Templo de Alia, na noite anterior. Ele tem árvores por lá, você sabe... árvores de muitos mundos. Nós, os Bashars, estávamos vestidos com nossos melhores mantos verdes e tínhamos mesas separadas. Comemos e bebemos demais. Fiquei desgostoso com algumas das coisas que vi. Os feridos que caminhavam vieram, arrastando-se com suas muletas. Não creio que o Muad'Dib saiba quantos homens mutilou.

— Tinha objeções quanto ao banquete? — indagou Scytale, sabendo das orgias dos Fremen, estimuladas pela cerveja de especiaria.

— Não era como a fusão de nossas almas num sietch — explicou Farok. — Não havia o tau. Para entretenimento, a tropa dispunha de garotas escravas e os homens partilhavam histórias sobre suas batalhas e seus ferimentos.

— Assim, você estava dentro da grande pilha de pedra — insistiu Scytale.

— O Muad'Dib veio ao nosso encontro na varanda. “Boa sorte para todos!”, ele disse. A saudação do deserto naquele lugar!

— Conhece a localização dos aposentos particulares dele? — indagou Scytale.

— Bem no interior — respondeu Farok. — Em algum lugar profundo. Contaram-me que ele e Chani vivem uma vida nômade, e tudo dentro das muralhas de seu palácio. Só sai para o Grande Salão durante as audiências públicas. Ele tem salas de recepção e locais para encontros formais, toda uma ala destinada à sua guarda pessoal, lugares para cerimônias e uma seção interna de comunicações. Há um quarto bem debaixo de sua fortaleza, contaram-me, onde mantém um verme atrofiado, cercado por um fosso com água para envenená-lo. É lá que ele lê o futuro.

“Mito entremeado com fatos”, pensou Scytale.

— O aparelho do Governo o acompanha por toda parte — resmungou Farok. — Escreventes e auxiliares, e auxiliares dos auxiliares. Ele só confia naqueles, como Stilgar, que se encontravam próximos nos velhos dias.

— Você não — disse Scytale.

— Acho que ele se esqueceu de minha existência — respondeu Farok.

— Como é que ele sai e entra quando precisa deixar o prédio?

— Há uma pequena plataforma de pouso para tópteros que se projeta da muralha interna. Disseram-me que o Muad'Dib não permite que ninguém assuma os controles durante um pouso ali.

Dizem que exige uma tomada de aproximação, onde o menor erro de cálculo o faria despencar muralha abaixo, por cima de um dos seus malditos jardins.

Scytale balançou a cabeça, concordando. Isso era provavelmente verdadeiro. Uma entrada aérea, como essa, para os alojamentos do Imperador seria uma medida de segurança. E todos os Atreides eram soberbos pilotos.

— Ele usa homens como portadores de mensagens distrans — queixou-se Farok. — Humilha os homens implantando-lhes ondas

tradutoras. A voz de um homem deve ser sua para comandar. Não deve carregar a mensagem de outro oculta dentro de seus sons.

Scytale encolheu os ombros. Todas as grandes potências usavam o distrans nessa era. Nunca se podia prever que obstáculos existiriam entre remetente e destinatário. O distrans desafiava a criptologia política porque se baseava em distorções sutis de padrões naturais de som, que podiam ser combinadas com enorme complexidade.

— Mesmo seus cobradores de impostos usam esse método. Em meu tempo, o distrans era implantado apenas em animais inferiores.

“Mas os rendimentos devem ser mantidos em segredo”, pensou Scytale. “Mais de um governo já caiu quando as pessoas descobriram a verdadeira extensão da riqueza governamental.”

— Como os Fremen se sentem a respeito do Jihad do Muad’ Dib? Fazem alguma objeção a que se faça do Imperador um deus?

— A maior parte deles nem pensa nisso — respondeu Farok.

— Pensam no Jihad da maneira como eu pensava... a maior parte deles. E fonte de estranhas experiências, aventura e riqueza. Esta cabana graben em que vivo — Farok gesticulou em direção ao pátio — custou-me sessenta lidas de especiaria. Noventa kontares! Houve época em que eu não poderia sequer imaginar tamanha riqueza. — Sacudiu a cabeça.

Do outro lado do pátio, o jovem cego dedilhou as notas de uma balada de amor em seu baliset.

“Noventa kontares”, admirou-se Scytale. “Que estranho! Grande riqueza, certamente. A cabana de Farok seria considerada um palácio em muitos mundos, mas todas as coisas são relativas... mesmo o kontar. Será que Farok sabe, por exemplo, de onde veio essa medida para peso de especiaria? Teria conhecimento de que um e meio kontar já constituiu o limite para a carga de um camelo? Não é provável. Talvez ele nunca tenha ouvido falar a respeito de um camelo ou da Idade de Ouro da Terra.”

Suas palavras, curiosamente em ritmo com a melodia de seu filho no baliset, continuaram fluindo.

— Já tive uma faca cristalina, anéis de água correspondentes a dez litros, minha própria lança e o serviço de café de meu pai, uma garrafa feita de vidro vermelho, mais velha que as memórias de meu sietch. Tinha minha própria parte na especiaria, mas não tinha dinheiro. Era rico e não sabia. Duas esposas, eu tinha: uma feia e muito chegada a mim, a outra estúpida e obstinada, mas com as formas e o rosto de um anjo. Eu era um Fremen Naib, cavaleiro de vermes, senhor dos leviatãs da areia.

O jovem do outro lado do pátio acelerou o ritmo da melodia.

— Eu conhecia muitas coisas sem precisar pensar muito a respeito delas — continuou Farok. Sabia que havia água bem debaixo de nossas areias, presa lá sob a escravidão dos Pequenos Produtores. Sabia que meus ancestrais haviam sacrificado virgens ao Shai-hulud... antes que Liet-Kynes nos fizesse parar com isso. Eu vira as jóias na boca de um verme. Minha alma possuía quatro portais e eu conhecia a todos.

Ficou em silêncio, meditando.

— Então, veio o Atreides com a bruxa da sua mãe — disse Scytale.

— Veio o Atreides — concordou Farok. — Aquele a quem chamávamos Usul em nosso sietch, seu nome particular entre nós. Nosso Muad'Dib, nosso Mahdi! E quando ele convocou o Jihad, fui um daqueles que perguntaram: "Por que deveria eu ir lutar lá? Não tenho parentes por lá!" Mas outros homens foram, os jovens, os amigos, os companheiros de minha infância. Quando retornaram, falavam da mágica, do poder desse salvador Atreides. Ele combatera nossos inimigos, os Harkonnen. Liet-Kynes, que nos prometera um paraíso em nosso planeta, o abençoara. Dizia-se que esse Atreides viera para mudar nosso mundo e nosso universo, que era o homem que faria a flor dourada desabrochar dentro da noite.

Farok ergueu as mãos e examinou as palmas.

— Os homens apontavam para a Primeira Lua e diziam: "Sua alma está lá". Assim, chamavam-no o Muad'Dib. Eu não entendia tudo isso.

Abaixou as mãos, olhando para o filho do outro lado do jardim.

— Não tinha pensamentos na cabeça. Eles estavam apenas em meu coração, meu ventre, minhas virilhas.

Novamente, o ritmo da música de fundo se acelerou.

— Sabe por que me alistei no Jihad? — Os olhos do velho fitaram Scytale duramente. — Ouvi falar que existia uma coisa chamada mar. É difícil de acreditar num mar quando se viveu apenas aqui, entre nossas dunas. Não temos mares. Os homens de Duna nunca conheceram o mar. Tínhamos nossas armadilhas de vento.

Recolhíamos água para a grande mudança que Liet-Kynes nos prometera... essa grande mudança que o Muad'Dib está trazendo com um aceno de mão. Eu era capaz de imaginar um qanat, a água fluindo sobre a terra num canal. Partindo disso, minha mente poderia visualizar o que seria um rio. Mas um mar?

Farok olhou em direção à cobertura translúcida de seu pátio, como se tentasse sondar o universo além.

— Um mar — repetiu em voz baixa. — Era demasiado para minha mente imaginar. E, no entanto, os homens afirmavam ter visto essa maravilha. Eu achava que mentiam, mas tinha que saber por mim mesmo. Foi por isso que me alistei.

O jovem golpeou forte a última corda do baliset, depois iniciou uma canção com um ritmo ondulante, estranho.

— E você encontrou o seu mar? — indagou Scytale.

Farok permaneceu em silêncio e Scytale pensou que o velho não ouvira a pergunta. A música do baliset elevou-se e voltou a eles como em um movimento de maré. Farok respirava em harmonia com esse ritmo.

— Houve um poente — disse dentro em pouco. — Um dos velhos artistas poderia ter pintado tal poente. Havia um vermelho nele, a cor do vidro de minha garrafa. Havia dourado... azul. Foi no mundo que chamam Enfeil, onde liderei minhas legiões à vitória. Saímos de um passo entre as montanhas onde o ar estava tão saturado de água que chegava a ser enjoativo. Quase não podia respirá-la. E lá, abaixo de mim, estava a coisa a respeito da qual meus amigos tinham falado: água até onde podia ver e mais além. Marchamos ao encontro dela. Caminhei para dentro e bebi. Era

amarga e me deixou doente. Mas a maravilha daquilo nunca mais me abandonou.

Scytale viu-se partilhando a admiração do velho Fremen.

— Mergulhei naquele mar — disse Farok, olhando para as criaturas aquáticas representadas nos azulejos do piso. — Um homem desapareceu debaixo d'água... outro se ergueu de dentro dela. Senti que podia lembrar-me de um passado que nunca existira. E olhei ao redor com olhos que aceitariam qualquer coisa... qualquer coisa de verdade. E vi um corpo flutuando na água... um dos defensores que havíamos morto. Havia um tronco perto, suportado pela água, parte de uma grande árvore. Posso fechar meus olhos agora e ver aquele tronco. Estava negro em uma das extremidades, devido ao fogo. E havia um pedaço de pano naquela água... não mais que um trapo amarelo... sujo, rasgado.

Olhei para todas essas coisas e entendi por que tinham vindo a esse lugar. Era para que eu as visse.

Farok voltou-se lentamente para Scytale, olhando-o nos olhos.

— O universo ainda não foi terminado, você sabe — disse.

“Este homem é um tagarela, mas tem profundidade”, pensou Scytale. E disse:

— Posso ver que isso lhe deixou profunda impressão.

— Você é um Tleilaxu — respondeu Farok. — Já viu muitos mares. Eu só vi esse, mas sei de uma coisa a respeito dos mares que você não sabe.

Scytale descobriu-se tomado de um estranho sentimento de inquietação.

— A Mãe do Caos nasceu em um mar — disse Farok. — Um Qizara Tafwid estava perto quando saí gotejando de dentro d'água. Ele não entrara no mar. Ficara na areia... era areia úmida... junto com alguns de meus homens, que partilhavam seu medo. Observou-me com olhos que percebiam que eu aprendera alguma coisa que lhe fora negada. Tornara-me uma criatura marinha e o assustava. O mar me curara do Jihad e acho que ele percebera isso.

Scytale notou que, em algum ponto dessa narrativa, a música fora interrompida. Achou perturbador que não pudesse determinar o instante em que o baliset silenciara.

Como se fosse relevante para aquilo que estivera contando, Farok disse:

— Cada portão é guardado. Não existe meio de penetrar na fortaleza do Imperador.

— Essa é sua fraqueza — respondeu Scytale.

Farok esticou o pescoço para cima, observando.

— Existe um caminho para dentro — explicou Scytale. — O fato de a maioria dos homens inclusive, devemos esperar, o Imperador — acreditar no contrário... será nossa vantagem.

Esfregou os lábios, sentindo a estranheza da fisionomia que escolhera. O silêncio do músico o incomodava. Significaria que o filho de Farok estivera realmente transmitindo uma mensagem?

Esse fora o sentido da coisa, naturalmente: a mensagem condensada e transmitida dentro da música. Fora imprimida sobre o próprio sistema neutro de Scytale, para ser ativada no momento adequado pelo distrans embutido em seu córtex adrenal. Se terminara, ele se havia tornado um recipiente de palavras desconhecidas, um vaso cheio de dados: cada célula da conspiração em Arrakis, cada nome, cada senha... todas as informações vitais.

Com essas informações, poderiam enfrentar Arrakis, capturar um verme da areia e iniciar uma cultura de melange em algum lugar além do alcance do Muad'Dib. Poderiam quebrar o monopólio ao mesmo tempo em que quebravam o Muad'Dib. Poderiam fazer muitas coisas com essas informações.

— Temos a mulher aqui conosco — disse Farok. — Deseja vê-la agora?

— Eu a vi — respondeu Scytale. — Tenho-a estudado com muito cuidado. Onde está ela?

Farok estalou os dedos.

O jovem apanhou a rabeca e movimentou o arco sobre ela. A música de semuta escapou das cordas. Como se atraída pelo som, uma jovem vestida num roupão azul emergiu de um portal atrás do músico. O estupor do narcótico permeava seus olhos, que tinham o azul total do Ibad. Ela era uma Fremen, viciada na especiaria e agora dominada por outro vício, vindo de outro mundo.

Sua consciência afundara na semuta, perdendo-se em algum lugar, enquanto cavalgava o êxtase da música.

— É a filha de Otheym — explicou Farok. — Meu filho deu-lhe o narcótico na esperança de conquistar uma mulher de nosso Povo, a despeito de sua cegueira. Como pode ver, sua vitória foi vazia. A semuta levou o que ele esperava conquistar.

— E o pai dela não sabe? — indagou Scytale.

— Nem ela sabe. Meu filho lhe fornece falsas memórias com as quais ela se justifica por suas visitas. Acredita-se apaixonada por ele. Isso é o que a família dela pensa. Estão furiosos porque ele não é um homem completo, mas não irão interferir, é claro.

A música silenciou.

Ante um gesto do músico, a jovem sentou-se ao seu lado, curvando-se para ouvir o que ele lhe murmurava.

— Que vai fazer com ela? — indagou Farok.

Uma vez mais, Scytale observou o pátio.

— Quem mais se encontra nesta casa? — indagou.

— Estamos todos reunidos aqui agora — respondeu Farok. — Não me disse o que vai fazer com a mulher. É o meu filho que deseja saber.

Como se fosse responder, Scytale estendeu o braço direito. Da manga de seu roupão projetou-se uma agulha cintilante que se introduziu no pescoço de Farok. Não houve grito ou mudança de postura. Farok estaria morto dentro de um minuto, mas continuava sentado imóvel, paralisado pelo veneno do dardo.

Lentamente, Scytale se levantou, caminhando até o músico cego.

O jovem ainda murmurava para a moça quando o dardo o atingiu.

Scytale segurou a jovem pelo braço e, com delicadeza, fez com que se levantasse. Antes que ela o olhasse, mudou de aparência rapidamente. Ela ficou ereta, os olhos focalizados nele.

— Que houve, Farok? — perguntou ela.

— Meu filho está cansado e deve repousar — respondeu Scytale. — Venha, vamos sair pelos fundos.

— Tivemos uma ótima conversa — disse ela. — Creio que o convenci a receber olhos dos Tleilaxu. Vai torná-lo um homem novamente.

— Já não falei isso muitas vezes? — respondeu Scytale, apressando-a para o quarto dos fundos.

Sua voz, notava com orgulho, combinava precisamente com as feições. Era inconfundivelmente a voz do velho Fremen, que decerto já estaria morto a essa altura.

Scytale suspirou. Tudo fora feito com compaixão, disse a si mesmo, e as vítimas certamente haviam percebido o perigo. Agora, essa moça devia ter sua chance.

Os impérios não sofrem o esvaziamento de seus propósitos na poça em que são criados. É quando são estabelecidos que os objetivos são perdidos e substituídos por um vago ritual.

— Palavras do Muad'Dib, pela Princesa Irulan

O encontro do Conselho Imperial ia ser uma reunião ruim, percebia Alia. Sentia as disputas se avolumando, ganhando força no modo como Irulan se recusava a olhar para Chani, em Stilgar remexendo nervosamente nos papéis, nos olhares carrancudos que Paul dirigia a Korba, o Qizara.

Acomodou-se na extremidade da mesa dourada, de modo a poder enxergar, das janelas da varanda, a luz empoeirada do entardecer.

Interrompido por sua chegada, Korba continuou com alguma coisa que estivera dizendo a Paul

— O que quero dizer, meu senhor, é que já não existem tantos deuses como existiam.

Alia riu, lançando a cabeça para trás. O movimento fez cair o capuz negro de seu manto aba, revelando-lhe as feições — os olhos de azul total da especiaria, o rosto oval de sua mãe debaixo de uma cobertura de cabelos cor de bronze, o nariz pequeno, a boca larga e generosa.

As maçãs do rosto de Korba ficaram quase da cor de seu manto alaranjado. Olhou para Alia furioso, um gnomo enraivecido, calvo e fumegante.

— Sabe o que andam dizendo de seu irmão? — indagou com veemência.

— Sei o que andam dizendo a respeito de seu Qizarate — retrucou Alia. — Que vocês não são divinos, são espiões de deus.

Korba olhou para Paul em busca de apoio, dizendo:

— Somos enviados pelas ordens do Muad'Dib para que Ele conheça a verdade sobre Seu povo e para que este conheça a verdade a respeito Dele.

— Espiões — insistiu Alia.

Korba comprimiu os lábios em ofendido silêncio.

Paul observou a irmã, tentando imaginar por que ela provocara Korba. De súbito, percebeu que Alia se tornara uma moça, bela com a radiante inocência inicial da juventude. Sentiu-se surpreso por não ter reparado nisso até aquele instante. Estava com quinze anos, quase dezesseis, era uma Reverenda Madre sem

ter sido mãe, uma sacerdotisa virgem, objeto de temerosa veneração pelas massas supersticiosas: Alia da Faca.

— Este não é o momento nem o lugar para as leviandades de sua irmã — disse Irulan.

Paul a ignorou, acenando para Korba.

— A praça está cheia de peregrinos. Saia para liderá-los nas preces.

— Mas eles o esperam, meu senhor — respondeu Korba.

— Coloque seu turbante. Nunca saberão de quem se trata, a esta distância.

Irulan controlou sua irritação por ser ignorada, observando Korba levantar-se para obedecer. Acabara de ter o súbito e inquietante pensamento de que Edric talvez não pudesse ocultar suas ações de Alia. “O que sabemos realmente a respeito da irmã?”, perguntou a si mesma.

Chani, as mãos firmemente entrelaçadas sobre o colo, olhou para Stilgar, do outro lado da mesa, seu tio e Ministro de Estado de Paul. Será que esse velho Fremen Naib já teve saudades da vida simples num sietch do deserto? Os cabelos negros de Stilgar, reparou, já começavam a ficar grisalhos nas têmporas, mas os olhos, debaixo das espessas sobrancelhas, permaneciam com aquele olhar distante. Era o olhar de águia dos indómitos, e sua barba ainda mostrava a marca do tubo recolhedor, deixada após uma vida dentro de um traje destilador.

Nervoso com a observação de Chani, Stilgar olhou ao redor pela Câmara do Conselho. Seu olhar parou na janela da varanda, com Korba de pé, no lado de fora. Korba estendeu os braços para abençoar e um truque produzido pelo sol poente lançou um halo avermelhado sobre a janela atrás dele. Por um momento, Stilgar viu o Qizara da Corte como uma figura crucificada em uma roda flamejante. Korba abaixou os braços, destruindo a ilusão, mas Stilgar continuou perturbado por ela. Seus pensamentos voltaram-se, em furiosa frustração, contra os suplicantes bajuladores, aguardando no Salão de Audiências, e a odiosa pompa que cercava o trono do Muad’Dib.

Encontrando-se com o Imperador, as pessoas esperavam apanhar alguma falha da parte dele, perceber enganos, pensava Stilgar. Achava que isso podia ser um sacrilégio, mas não tinha como evitá-lo.

O distante murmúrio da multidão penetrou na câmara, enquanto Korba retornava. A porta da varanda bateu em suas vedações, fechando-se atrás dele e interrompendo todo o som.

O olhar de Paul seguiu o Qizara. Korba ocupou seu lugar à esquerda de Paul, feições carrancudas recompostas, olhos esgazeados pelo fanatismo. Gostara daquele momento de poder religioso.

— A presença espiritual foi invocada — disse.

— Agradeça ao Senhor por isso — disse Alia.

Os lábios de Korba ficaram pálidos.

Paul observou novamente sua irmã, indagando a si mesmo quanto aos motivos dela. Sua inocência era ilusória, pensou. Ela surgira do mesmo programa de procriação Bene Gesserit que o criara. Que teria a genética kwisatz haderach produzido nela?

Havia sempre aquela misteriosa diferença: era um embrião no ventre quando sua mãe sobrevivera ao veneno puro da melange.

Mãe e filha ainda não nascida haviam-se tornado Reverendas Madres simultaneamente. Mas simultaneamente não significava identicamente.

Dessa experiência, Alia dizia que, num instante aterrador, despertara para a consciência, sua memória absorvendo as outras incontáveis vidas que sua mãe estava assimilando.

— Tornei-me minha mãe e todas as outras — dissera. — Ainda não estava completamente formada, não nascera, mas me tornei uma velha ali, naquele instante.

Sentindo seus pensamentos sobre ela, Alia sorriu para Paul. A fisionomia dele suavizou-se. “Como poderia alguém reagir diante de Korba senão com humor incrédulo”, perguntou a si próprio.

“Que é mais ridículo do que um Comando da Morte transformado em sacerdote?”

Stilgar bateu em seus papéis.

— Se meu soberano permite — disse —, estes assuntos são graves e urgentes.

— O Tratado de Tupile? — indagou Paul.

— A Corporação insiste em que devemos assinar o tratado sem conhecer a localização precisa da Entente de Tupile — explicou Stilgar. — Eles têm o apoio de alguns delegados da Landsraad.

— Que tipo de pressões empregou? — perguntou Irulan.

— As pressões que meu Imperador sugeriu para este empreendimento — respondeu Stilgar, a dura formalidade de sua resposta contendo toda a desaprovação que sentia quanto à Princesa Consorte.

— Meu senhor e esposo — disse Irulan, voltando-se para Paul e forçando-o a olhá-la.

“Enfatizando a diferença de seu título diante de Chani”, pensou Paul. “É uma fraqueza.” Em tais momentos, partilhava o desagrado de Stilgar com relação a Irulan, mas a compaixão temperava suas emoções. Que era Irulan senão um peão das Bene Gesserit?

— Sim? — respondeu.

Irulan olhava-o.

— Se negar-lhes a melange...

Chani sacudiu a cabeça em desacordo.

— Agimos com cautela — disse Paul. — Tupile permanece como um santuário para as Grandes Casas derrotadas. Simboliza um último recurso, um lugar derradeiro de abrigo para todos os nossos súditos. Revelar o santuário torna-o vulnerável.

— Se eles podem esconder pessoas, então podem esconder outras coisas — reclamou Stilgar. Um exército talvez, ou os passos iniciais de uma cultura de melange que...

— Não se empurram pessoas contra a parede — disse Alia. — Não se esperamos que permaneçam pacíficas. — Aborrecida, percebia que fora arrastada para uma disputa que ela mesma previra.

— Assim, gastamos dez anos de negociações para nada? — reclamou Irulan.

— Nenhuma das ações de meu irmão é para nada — respondeu Alia.

Irulan pegou um estilete de escrita, segurando-o com força até que os nós de seus dedos ficaram brancos. Paul viu que ela se controlava emocionalmente, usando o método das Bene Gesserit: olhar penetrante voltado para dentro e respiração profunda. Podia quase ouvi-la repetindo a litania. Pouco depois, Irulan disse:

— Que foi que ganhamos?

— Mantivemos a Corporação desequilibrada — respondeu Chani.

— Queremos evitar uma confrontação final com nossos inimigos — explicou Alia. — Não temos qualquer desejo especial de matá-los. Já existe carnificina suficiente acontecendo sob a bandeira dos Atreides.

“Ela também sente isso”, pensou Paul. Era estranho o sentimento de responsabilidade forçada que ambos sentiam por aquele universo briguento, idólatra, com seus êxtases de tranqüilidade e movimento incontrolado. “Deveremos protegê-los deles próprios?”, perguntou a si mesmo. “Jogam com o nada a cada instante — vidas vazias, mundos vazios. Pedem demasiado de mim.”

Sentia a garganta sufocada, comprimida. Quantos momentos perderia? Quantos filhos? Quantos sonhos? Isso valeria o preço que sua visão revelara? Quem perguntaria aos vivos de um futuro distante, quem lhes diria: “Se não fosse pelo Muad’Dib, você não estaria aqui.”

— Negar-lhes a melange não resolveria nada — disse Chani. — Os navegadores da Corporação perderiam sua capacidade de enxergar o tempo-espaço. Suas irmãs Bene Gesserit perderiam seu sentido-verdade. Algumas pessoas poderiam morrer antes do tempo. As comunicações seriam interrompidas. E quem seria o culpado?

— Eles não permitiriam que chegasse a esse ponto — insistiu Irulan.

— Será que não? — indagou Chani — Por que não? Quem culparia a Corporação? Eles estariam visivelmente desamparados.

— Assinaremos o tratado tal como está — disse Paul.

— Meu senhor — disse Stilgar, com a atenção voltada para as próprias mãos —, há uma pergunta em nossas mentes.

— Sim? — Paul deu toda a atenção ao velho Fremen.

— O senhor tem certos... poderes. Não poderia localizar a Entente, a despeito da Corporação?

“Poderes”, pensou Paul. Stilgar não poderia dizer apenas: “O senhor é presciente. Não poderia seguir uma trilha de futuro que leve até Tupile?”

Paul fitou a superfície dourada da mesa. Sempre o mesmo problema: como poderia expressar os limites do inexpressível? Deveria falar em fragmentação, o destino natural de todo poder? Como poderia alguém que nunca experimentara a mudança presciente da especiaria conceber uma consciência que não continha um tempo-espaco localizado, nenhuma imagem transmissora pessoal, nem sensores cativos associados?

Olhou para Alia, encontrando-a atenta a Irulan. Alia sentiu seus movimentos, olhou-o e sacudiu a cabeça em direção a Irulan.

Ah, sim, qualquer resposta que desse acabaria em um dos relatórios especiais que Irulan enviava às Bene Gesserit. Elas nunca desistiriam de buscar uma resposta para seu kwisatz haderach.

Stilgar, entretanto, merecia algum tipo de resposta. E, quanto a isso, também Irulan.

— Os não-iniciados tentam conceber a presciência como obedecendo à Lei Natural — disse Paul, unindo as mãos sobre a mesa. — Mas seria igualmente correto dizer que é o além falando conosco, que ser capaz de ler o futuro é um ato harmonioso do ser humano. Em outras palavras, a predição é consequência natural das ondulações do presente. Ela usa um aspecto da natureza, como podem ver. Mas tais poderes não podem ser usados a partir de uma atitude que preestabelece objetivos e propósitos. Será que um fragmento apanhado em uma onda revela em que direção está indo? Não há causa e efeito em um oráculo. As causas tornam-se origens de propagações e confluências, lugares onde as correntes se encontram. Aceitar a presciência enche seu ser de conceitos repugnantes ao intelecto. Sua consciência intelectual, portanto, a

rejeita. Na rejeição, o intelecto torna-se parte do processo e é subjugado.

— Não pode fazê-lo? — indagou Stilgar.

— Se buscasse Tupile com a presciência — disse Paul, falando diretamente para Irulan —, isso ocultaria Tupile.

— Caos! — protestou Irulan. — Não tem... qualquer... consistência.

— Já disse que ela não obedece às Leis Naturais.

— Então há limites para o que você pode ver ou fazer com seus poderes? — indagou Irulan.

Antes que Paul pudesse responder, Alia disse:

— Cara Irulan, a presciência não conhece limites. Isso não é coerente? A coerência não é um aspecto necessário ao universo.

— Mas ele disse...

— Como pode meu irmão dar-lhe informações explícitas a respeito dos limites de alguma coisa que não tem limites? Suas fronteiras escapam ao intelecto.

“Alia fez uma maldade”, pensou Paul. Aquilo deixaria Irulan alarmada, ela, que tinha uma consciência tão escrupulosa, tão dependente de valores derivados de limites precisos. Seu olhar voltou-se para Korba, que se sentava numa pose de devaneio religioso... escutando a alma. Como o Qizarate faria uso desse diálogo? Mais mistério religioso? Alguma coisa para despertar a admiração? Sem dúvida.

— Então, vai assinar o tratado em sua forma atual? — indagou Stilgar.

Paul sorriu. O assunto do oráculo fora encerrado por iniciativa de Stilgar. O objetivo de Stilgar era somente a vitória, não a descoberta da verdade. Paz, justiça e moeda forte sustentavam o universo de Stilgar. Queria alguma coisa visível, real... a assinatura de um tratado.

— Vou assinar — disse Paul.

Stilgar apanhou uma nova pasta.

— Os últimos comunicados de nossos comandantes de campo no setor Ixiano falam de agitações em prol de uma constituição. — O velho Fremen olhou para Chani, que encolheu os ombros.

Irulan, que fechara os olhos e colocara ambas as mãos sobre a testa, em atitude de atenção mnemônica, abriu-os, observando Paul atentamente.

— A Confederação Ixiana oferece submissão — disse Stilgar.
— Mas seus negociadores questionam a quantidade de Impostos Imperiais que eles...

— Querem um limite jurídico para minha vontade imperial — respondeu Paul. — Quem me governaria, a Landsraad ou a CHOAM?

Stilgar retirou da pasta uma nota em papel ircstroy.

— Um de nossos agentes enviou este memorando de um grupinho político da minoria na CHOAM. — Leu a mensagem cifrada com uma voz sem emoção. — “O Trono deve ser detido em sua busca por um monopólio de poder. Devemos revelar a verdade a respeito do Atreides, como manobra por trás da tripla fraude da legislação do Landsraad, da sanção religiosa e da eficiência burocrática.” Colocou a nota novamente na pasta.

— Uma constituição — murmurou Chani.

Paul olhou-a, voltando a atenção para Stilgar. “Assim, o Jihad vacila”, pensou, “mas não a tempo de me salvar.” O pensamento criava tensões emocionais. Lembrava-se de suas primeiras visões do Jihad ainda no futuro, do terror e da repugnância que experimentara. Agora, é claro, conhecia visões de horrores bem maiores. Vivera em meio à violência real. Vira seus Fremen, cheios de vigor místico, varrerem tudo diante deles, em uma guerra religiosa. O Jihad assumia nova perspectiva. Era limitado, evidentemente, um breve espasmo quando medido em relação à eternidade, mas além dele existiam horrores que superariam qualquer coisa conhecida no passado.

“E tudo em meu nome”, pensou Paul.

— Talvez pudessem ser satisfeitos com uma aparência de constituição — sugeriu Chani. — Não precisaria ser verdadeira.

— A fraude é uma ferramenta da política — concordou Irulan.

— Há limites para o poder, como sempre o descobrem aqueles que colocam suas esperanças em uma constituição — respondeu Paul.

Korba ergueu-se de sua pose reverente.

— Meu senhor?

— Sim? — indagou Paul, pensando: “Aí está! Aí está alguém que nutre simpatias secretas por um imaginário governo da Lei.”

— Poderíamos começar com uma constituição religiosa — sugeriu Korba. — Algo para os fiéis que...

— Não! — retrucou Paul. — Faremos disso uma Ordem de Conselho. Está anotando, Irulan?

— Sim, meu senhor — respondeu Irulan, a voz gélida de desaprovação ante as tarefas servis que Paul a forçava a executar.

— As constituições tornam-se a forma máxima da tirania — disse Paul. — Elas organizam o poder em tal escala que ele se torna esmagador. A constituição é o poder social mobilizado, e não possui consciência. Domina os mais ricos e os mais pobres, acabando com toda dignidade e individualidade. Seu equilíbrio é instável, e não tem limitações. Eu, entretanto, tenho limitações. Em meu desejo de fornecer proteção máxima ao meu povo, proíbo uma constituição. Ordem do Conselho, datada de etc. etc. etc.

— E quanto à preocupação Ixiana com relação aos impostos, meu senhor? — indagou Stilgar.

Paul forçou sua atenção a se desviar da aparência furiosa e meditativa do rosto de Korba, dizendo:

— Tem uma proposta, Stil?

— Devemos controlar os impostos, senhor.

— O preço que cobraremos à Corporação por minha assinatura no Tratado de Tupile será a submissão da Confederação Ixiana aos nossos impostos. A Confederação não pode comercializar sem o transporte fornecido pela Corporação. Portanto, pagará.

— Muito bem, meu senhor. — Stilgar limpou a garganta e pegou outra pasta. — Relatório do Qizarate sobre Salusa Secundus. O pai de Irulan fez suas legiões executarem manobras de pouso.

Irulan encontrou alguma coisa interessante na palma de sua mão esquerda. Uma pulsação palpitava em seu pescoço.

— Irulan — indagou Paul —, persiste em afirmar que a única legião sob o comando de seu pai não é nada mais que um brinquedo?

— O que ele poderia fazer com uma única legião? — respondeu, encarando-o com olhos semicerrados.

— Ele poderia se matar — disse Chani.

Paul assentiu.

— E eu seria o culpado.

— Conheço alguns comandantes do Jihad que atacariam se soubessem disso — observou Alia.

— Mas se trata somente de sua força policial! — protestou Irulan.

— Então, não precisa de manobras de desembarque — respondeu Paul. — Sugiro que a próxima e breve carta a seu pai contenha uma exposição franca e direta de meus pontos de vista quanto à sua delicada posição.

Ela baixou o olhar, respondendo:

— Sim, meu senhor. Espero que termine com o problema. Meu pai daria um bom mártir.

— Hummm — murmurou Paul. — Minha irmã não enviará mensagens aos comandantes que mencionou, a menos que eu ordene.

— Um ataque a meu pai implica outros riscos, além dos óbvios riscos militares — disse Irulan. — As pessoas começam a encarar seu reinado com certa nostalgia.

— Você irá longe demais um dia — comentou Chani, com sua voz de Fremen mortalmente séria.

— Basta! — ordenou Paul.

Ponderou a menção de Irulan quanto a uma nostalgia pública.

Ah, sim, isso continha certa verdade. Mais uma vez, Irulan provara seu valor.

— As Bene Gesserit enviaram uma petição formal — disse Stilgar, exibindo outra pasta. Desejam consultá-lo quanto à preservação de sua linhagem.

Chani olhou para a pasta de esquelha, como se esta contivesse um engenho mortífero.

— Envie as desculpas costumeiras à Irmandade — respondeu Paul.

— Devemos fazer isso? — indagou Irulan.

— Talvez... seja hora de discutir o assunto — disse Chani.

Paul sacudiu veementemente a cabeça. Elas não poderiam saber que isso era parte de um preço que ainda não decidira pagar. Mas Chani não seria contida tão facilmente.

— Estive na muralha das preces do Sietch Tabr, onde nasci — disse. — Submeti-me aos médicos. Já me ajoelhei no deserto, enviando meus pensamentos às profundezas onde mora o Shai-hulud. No entanto, nenhum resultado.

“Ciência e superstição, tudo falhou para ela”, pensou Paul. “Devo falhar também por não lhe dizer o que o nascimento de um herdeiro Atreides precipitaria?” Olhou, encontrando uma expressão piedosa nos olhos de Alia. A idéia de piedade partindo de sua irmã causava-lhe aversão. Ela também teria visto aquele futuro aterrorizante?

— Meu senhor, deve conhecer os perigos que a falta de um herdeiro acarreta para o reino — disse Irulan, fazendo uso de seus poderes vocais Bene Gesserit com suave persuasão. — Essas coisas são naturalmente difíceis de se discutir, mas devem ser abordadas com clareza. Um Imperador é mais que um homem. Sua figura lidera o reino. Se morre sem um herdeiro, segue-se uma guerra civil. Amando seu povo, não pode abandoná-lo assim.

Paul afastou-se da mesa e caminhou até as janelas da varanda.

O vento amortecia a fumaça das fogueiras na cidade lá embaixo, enquanto o céu exibia um escurecer azul-prateado, suavizado pela queda de pó do entardecer, vinda da Muralha Escudo. Olhou na direção sudoeste, fitando as escarpas que protegiam suas terras do norte contra o vento coriólis, e perguntou a si mesmo por que sua tranqüilidade mental não poderia encontrar um escudo semelhante.

O Conselho permaneceu sentado em silêncio, atrás dele, consciente de quão próximo da fúria ele estava.

Paul sentia o tempo arremeter-se sobre ele. Tentou forçar sobre si uma tranqüilidade feita de muitos equilíbrios, onde pudesse encontrar apoio para moldar um novo futuro.

“Desligue-se... desligue-se... desligue-se”, pensou. Que aconteceria se pegasse Chani, apanhasse suas coisas e partisse com ela em busca de um santuário em Tupile? Seu nome ficaria para trás. O Jihad encontraria novos e mais terríveis centros em torno dos quais pudesse girar. E seria culpado também por isso. Sentia-se subitamente temeroso de que, ao tentar alcançar qualquer coisa nova, perdesse o que lhe era mais precioso, como se o menor ruído que deixasse escapar pudesse lançar para trás o universo, colidindo e recuando até que nunca mais fosse capaz de recuperar qualquer fragmento dele.

Abaixo, a praça tornara-se o palco para um bando de peregrinos nas cores verde e branca do hajj. Avançavam como uma serpente desconjuntada, caminhando atrás de um guia Arrakeen. Lembravam a Paul que seu salão de recepções estaria repleto de suplicantes a essa hora. Peregrinos! Haviam-se tornado uma desagradável fonte de riqueza para o Império. O hajj enchia as espaço-vias de mendigos religiosos. Eles continuavam vindo, e vindo, e vindo.

“Como iniciei esse movimento?”, perguntou a si mesmo.

Obviamente, havia começado por força própria. Estava nos genes que agiam há séculos para conquistar esse breve espasmo.

Impulsionadas por aquele profundo instinto religioso, as pessoas continuavam vindo em busca da ressurreição. A peregrinação terminava ali — “Arrakis, o lugar do renascimento, o lugar onde morrer.”

Velhos Fremen, cheios de cinismo, diziam que ele desejava os peregrinos pela água que traziam em seus corpos.

E o que os peregrinos realmente buscavam?, perguntava Paul a si próprio. Diziam vir em busca de um lugar sagrado. Mas deviam saber que o universo não continha nenhum éden, nenhuma Tupile que fornecesse abrigo para a alma. Chamavam Arrakis de lugar do desconhecido, onde todos os mistérios eram explicados. Era um elo entre seu universo e o seguinte. O detalhe assustador era que pareciam partir satisfeitos.

“Que será que encontram aqui?”, indagou Paul a seus botões.

Freqüentemente, em meio ao êxtase religioso, enchiam as ruas com gritos estridentes, como pássaros de um estranho aviário. De fato, os Fremen os chamavam de “pássaros migradores”. E os poucos que ali morriam eram as “almas aladas”.

Com um suspiro, Paul pensou no fato de que, a cada novo planeta que suas legiões subjugavam, abriam-se novas fontes de peregrinos. Vinham em gratidão pela “paz do Muad’Dib”.

“Em toda parte existe paz. Em toda parte... exceto no coração do Muad’Dib.”

Sentia que alguma parte de si mesmo jazia imersa em uma escuridão gelada que não tinha fim. Seus poderes prescientes haviam adulterado a imagem que toda a humanidade fazia do universo. Havia abalado um cosmo seguro e substituído segurança por seu Jihad. Ultrapassara o universo dos homens com sua luta, seus pensamentos e suas previsões, mas permanecia a certeza de que esse universo ainda o iludia.

O planeta embaixo dele, que, sob seu comando, fora transformado de um deserto num paraíso rico em água, estava vivo. Tinha um pulso tão dinâmico quanto o de qualquer ser humano. Lutava contra ele, resistindo, escapando a seus comandos...

Uma mão deslizou sobre a de Paul. Olhou para trás e viu Chani a fitá-lo, com preocupação estampada em seus olhos. Olhos que o sorviam enquanto ela sussurrava:

— Por favor, amor, não combata o seu ruh-espírito.

Uma onda de emoção fluiu da mão de Chani, fazendo com que Paul se sentisse flutuar.

— Sihaya — sussurrou ele.

— Devemos voltar logo ao deserto — Chani insistiu, ainda em voz baixa.

Paul apertou-lhe a mão antes de soltá-la, retornando até junto à mesa, onde permaneceu de pé.

Chani tomou seu lugar.

Irulan olhava para os papéis diante de Stilgar, a boca comprimida em linha reta.

— Irulan se propõe ser a mãe do herdeiro imperial — disse Paul. Olhou para Chani, depois de volta para Irulan, que se recusou a encará-lo. — Todos sabemos que ela não me ama.

Irulan ficou rígida.

— Conheço os argumentos políticos — continuou. — São os argumentos humanos que me preocupam. Penso que, se a Princesa Consorte não estivesse submetida às ordens das Bene Gesserit, se não fosse movida por desejos de poder pessoal, minha reação poderia ser bem diferente. Na situação atual, entretanto, rejeito a proposta.

Irulan respirou fundo, trêmula.

Paul sentou-se novamente, imaginando que nunca a tinha visto com tão pouco controle de si mesma. Inclinando-se em sua direção, disse:

— Irulan, sinto muito, realmente.

Ela ergueu o queixo com uma aparência de pura fúria nos olhos:

— Não quero sua piedade! Voltou-se para Stilgar: — Há mais alguma questão que seja urgente e grave?

Mantendo o olhar fixo em Paul, Stilgar disse:

— Só mais uma questão, meu senhor. A Corporação solicita novamente uma embaixada formal aqui em Arrakis.

— Uma do gênero espaço-profundo? — indagou Korba, a voz cheia de ódio fanático.

— Presumivelmente — disse Stilgar.

— Um assunto a ser estudado com o maior cuidado, meu senhor — advertiu Korba. — O Conselho dos Naibs não apreciaria isto: ter um verdadeiro homem da Corporação aqui em Arrakis. Eles contaminam o solo em que pisam.

— Eles vivem em tanques e não tocam no solo — respondeu Paul, permitindo que a voz exprimisse sua verdadeira irritação.

— Os Naibs podem agir por conta própria, senhor — advertiu Korba.

Paul olhou-o furioso.

— Afinal, eles são Fremen, meu senhor — insistiu Korba. — Todos nos lembramos de como a Corporação trouxe aqueles que

nos oprimiam. Não nos esquecemos da maneira como nos chantagearam, cobrando um resgate de especiaria para não revelar nossos segredos aos inimigos... Eles nos sugaram de cada...

— É o bastante! — retrucou Paul. — Acha que me esqueci?

Como se acabasse de despertar para a importância de suas próprias palavras, Korba gaguejou ininteligivelmente, depois:

— Meu senhor, perdoe-me. Não quis sugerir que o senhor não seja um Fremen. Eu não...

— Enviarão um Timoneiro — disse Paul. — E não é provável que um Timoneiro viesse aqui se percebesse perigo.

Com a boca seca pelo súbito medo, Irulan indagou:

— Já... viu um Timoneiro vindo aqui?

— É claro que não vi um Timoneiro — respondeu Paul, imitando-lhe o tom de voz. — Mas posso ver onde um deles esteve ou para onde está indo. Deixe-os enviar um Timoneiro. Talvez eu tenha uso para ele.

— Assim foi ordenado — disse Stilgar.

E Irulan, ocultando um sorriso com a mão, pensou: “É verdade, então. Nosso Imperador não pode ver um Timoneiro. Eles são mutuamente cegos. Nossa conspiração está oculta.”

Uma vez mais, o drama principia.

— O Imperador Paul Muad'Dib, em sua ascensão ao Trono do Leão

Alia olhava para baixo, através de sua janela oculta, focalizando o grande salão de recepções, a observar o avanço do séquito da Corporação.

A luz pronunciadamente prateada do meio-dia derramava-se através de janelas clerestórias, sobre um piso feito com lajotas azuis e verdes, que simulavam um lago com plantas aquáticas, tendo aqui e ali uma mancha de colorido exótico para indicar um pássaro ou outro animal.

Os homens da Corporação caminhavam através desse desenho como caçadores buscando sua presa em meio a uma floresta estranha. Formavam um desenho móvel de mantos cinzentos, negros e alaranjados, todos dispostos num padrão enganosamente casual, em torno do tanque transparente onde o

Embaixador-Timoneiro nadava em seu gás alaranjado. O tanque deslizava sobre um campo sustentador, puxado por dois criados em mantos cinzentos, como um navio retangular sendo rebocado para sua doca.

Diretamente abaixo dela, Paul estava sentado no Trono do Leão, erguido sobre uma plataforma elevada. Usava a nova coroa solene, com seus emblemas do peixe e do punho. Mantos dourados e cravejados de jóias cobriam seu corpo. O tremeluzir de um escudo pessoal o envolvia. Duas alas de guarda-costas espalhavam-se em ambos os lados, ao longo da plataforma e descendo os degraus. Stilgar colocara-se dois passos abaixo da mão direita de Paul, usando um roupão branco com uma corda amarela que servia de cinturão.

A empatia fraternal dizia a Alia que Paul se perturbava com a mesma agitação que ela estava experimentando, embora duvidasse que mais alguém pudesse percebê-la. A atenção dele permanecia voltada para um criado de manto alaranjado, cujos olhos metálicos fitavam cegamente, sem se desviarem para a esquerda ou para a direita. Esse criado caminhava no canto direito, na dianteira do grupo do Embaixador, como um batedor militar.

Seu rosto era um tanto comum, debaixo de cabelos negros e crespos; sua figura, no que podia ser percebido por debaixo do manto alaranjado, transmitia uma identidade familiar a cada gesto.

Ele era Duncan Idaho.

Não podia ser Duncan Idaho e, no entanto, era.

Memórias cativas, absorvidas no ventre no momento da permutação de especiaria feita por sua mãe, identificavam esse homem para Alia através de uma decodificação rihani, que penetrava em qualquer camuflagem. Paul também o via, sabia ela, através de incontáveis experiências pessoais, de gratidão e de camaradagem na juventude.

Era Duncan.

Alia estremeceu. Só poderia haver uma resposta: esse era um ghola Tleilaxu, um ser reconstruído a partir da carne morta do Duncan original, que perecera para salvar Paul. Só podia ser um produto dos tanques axolof.

O ghola caminhava com o modo vigilante e atrevido de um mestre espadachim. Parou enquanto o tanque do Embaixador deslizava até se imobilizar a dez passos da plataforma.

À maneira das Bene Gesserit, da qual não podia fugir, Alia percebia a inquietação de Paul. Ele não mais olhava para a figura saída de seu passado. E, não olhando, todo o seu ser observava.

Os músculos tensos, enquanto acenava para o Embaixador da Corporação, disse:

— Disseram-me que seu nome é Edric. Damos-lhe as boas-vindas à nossa Corte, na esperança de que isso traga novo entendimento entre nós.

O Timoneiro assumiu uma pose reclinada, sibarítica, em seu gás alaranjado e atirou uma cápsula de melange na boca antes de responder ao olhar atento de Paul. O minúsculo aparelho tradutor, orbitando em um canto do tanque, reproduziu um som de tosse e depois uma voz rouca, descompromissada:

— Curvo-me ante meu Imperador e peço licença para apresentar minhas credenciais e oferecer um pequeno presente.

Um auxiliar entregou um pergaminho a Stilgar, que o estudou, carrancudo, fazendo, a seguir, um aceno para Paul. Ambos, Stilgar e Paul, voltaram-se para o ghola, aguardando pacientemente abaixo da plataforma.

— Sem dúvida, meu Imperador já viu o presente — disse Edric.

— Estamos satisfeitos em aceitar suas credenciais — disse Paul. — Explique o presente.

Edric rolou dentro do tanque, voltando sua atenção para o ghola.

— Esse é um homem chamado Hayt — disse, soletrando o nome. — De acordo com nossos investigadores, possui uma história muito curiosa. Foi morto aqui, em Arrakis... com um terrível ferimento na cabeça, que necessitou de muitos meses para regeneração. O corpo fora vendido aos Bene Tleilax como pertencendo a um mestre espadachim, um adepto da Escola Ginaz. Ocorreu-nos que devia ser Duncan Idaho, um auxiliar de confiança

em sua casa. Nós o compramos como um presente adequado a um Imperador. — Edric olhou para Paul. — Não é Idaho, senhor?

Cautela e constrangimento modularam a voz de Paul.

— Ele tem o aspecto de Idaho. “Será que Paul vê alguma coisa que não percebo?”, perguntou-se Alia “Não, é Duncan.”

O homem chamado Hayt continuava impassível, os olhos de metal fixos adiante, o corpo relaxado. Não dava sinal algum de que percebia ser o assunto em discussão.

— De acordo com nosso melhor conhecimento, ele é Idaho — disse Edric.

— Agora é chamado de Hayt — disse Paul. — Nome curioso.

— Senhor, não há meios de saber como e por que os Tleilaxu escolhem seus nomes. Mas um nome pode ser mudado. O nome Tleilaxu tem pouca importância.

“Essa é uma coisa Tleilaxu”, pensou Paul. “Aí está o problema.” Os Bene Tleilax têm poucas fixações de natureza fenomenológica. Bem e mal possuem significados estranhos em sua filosofia. O que não poderiam ter incorporado à carne de Idaho, por projeto ou capricho?

Paul olhou para Stilgar, notando a supersticiosa admiração do Fremen. Era uma emoção que ecoava através de toda a guarda Fremen. A mente de Stilgar estaria especulando a respeito dos hábitos repugnantes dos homens da Corporação, dos Tleilaxu e dos gholas.

Voltando-se para o ghola, Paul disse:

— Hayt é seu único nome?

Um sorriso sereno expandiu-se nas feições do ghola. Os olhos de metal ergueram-se, enquadrando Paul, mas mantendo a fixação mecânica.

— Assim que sou chamado, meu senhor. Hayt.

Em seu obscuro orifício de observação, Alia tremeu. Era a voz de Idaho, uma qualidade sonora tão precisa que sentiu sua impressão nas próprias células.

— Que agrade a meu senhor se eu disser que sua voz me dá prazer — acrescentou o ghola. — Isso é um indício, dizem os Bene Tleilax, de que já ouvi essa voz... antes.

— Mas não sabe com certeza — disse Paul.

— Não conheço nada de meu passado com certeza, meu senhor. Explicaram-me que não possuo lembranças de minha vida anterior. Tudo que permanece é o padrão estabelecido pelos genes. Existem, entretanto, nichos nos quais coisas familiares poderão encaixar-se. Existem vozes, lugares, comidas, faces, sons e ações... Uma espada em minha mão, os controles de um tóptero...

Notando o interesse com que o homem da Corporação acompanhava o diálogo, Paul indagou:

— Você compreende que é um presente?

— Foi-me explicado, meu senhor.

Paul recostou-se com as mãos apoiadas nos braços do trono.

“Que dívida tenho para com a carne de Duncan?”, pensou.

“O homem morreu salvando-me a vida. Mas esse não é Idaho, é um ghola.” E, no entanto, ali estavam a mente e o corpo que haviam ensinado Paul a pilotar um tóptero, como se as asas brotassem de seus próprios ombros. Paul sabia que não poderia empunhar uma espada sem se apoiar na rígida educação que recebera de Idaho. Um ghola. Uma carne cheia de falsas impressões, facilmente mal-interpretadas. Velhas associações persistiriam. “Duncan Idaho.” Não era uma máscara que o ghola estivesse usando, mas o disfarce de uma personalidade que se movia de um modo diferente daquilo que os Tleilaxu pudessem ter escondido.

— Como nos poderia servir? — perguntou Paul.

— De qualquer modo que o meu senhor desejar e minhas capacidades permitirem.

Alia, observando de seu ponto de vista, sentia-se tocada pela modéstia do ghola. Não conseguia detectar qualquer coisa de fingido. Algo verdadeiramente inocente brilhava no novo Duncan Idaho. O original fora mundano, temerário. Essa carne fora purificada de tudo. Era uma superfície pura sobre a qual os Tleilaxu haviam escrito... o quê?

Sentiu então os perigos ocultos no presente. Essa era uma criação dos Tleilaxu. E os Tleilaxu exibiam uma perturbadora ausência de inibições em suas criações. A curiosidade desenfreada

poderia guiar suas ações. Gabavam-se de poder fazer qualquer coisa a partir de um adequado material humano bruto: demônios ou santos. Vendiam mentats assassinos. Produziram um médico assassino, sobrepujando, ao aviá-lo, as inibições Suk contra tirar uma vida humana. Seus produtos incluíam criados servis, objetos sexuais adaptáveis a qualquer desejo, soldados, generais, filósofos e até mesmo um moralista ocasional.

Paul se remexeu, olhando para Edric.

— Como esse presente foi treinado? — indagou.

— Se lhe agrada, meu senhor — respondeu Edric —, posso dizer que os Tleilaxu se divertiram em treinar esse ghola como um mentat e também como filósofo da escola Zensunni. Buscavam, assim, ampliar suas habilidades com a espada.

— E foram bem-sucedidos?

— Não sei, meu senhor.

Paul avaliou a resposta. Seu senso de verdade Bene Gesserit dizia-lhe que Edric acreditava sinceramente que o ghola fosse Idaho. Havia mais, porém. As águas do Tempo, através das quais se movia esse Timoneiro oracular, sugeriam perigos sem revelá-los. Hayt. O nome Tleilaxu enunciava perigo. Paul sentiu-se tentado a rejeitar o presente. Mas, enquanto sentia tal tentação, já sabia que não poderia escolher esse caminho. Essa carne fazia demandas à Casa dos Atreides — fato que o inimigo conhecia muito bem.

“Um filósofo Zensunni”, meditou Paul, olhando uma vez mais para o ghola.

— Já examinou seu próprio papel e seus motivos?

— Encaro meus serviços com atitude de humildade, senhor. Sou uma mente purificada, lavada dos imperativos de meu passado humano.

— Desejaria ser chamado de Hayt ou de Duncan Idaho?

— Meu senhor, pode chamar-me como desejar, pois não sou apenas um nome.

— Mas gosta do nome Duncan Idaho?

— Creio que era o meu nome, senhor. Encaixa-se em mim. E no entanto... produz respostas curiosas. O nome de alguém, penso,

deve carregar consigo muito do que é desagradável, juntamente com o agradável.

— O que lhe dá mais prazer? — indagou Paul.

Inesperadamente, o ghola riu, respondendo a seguir:

— Buscar nos outros sinais que revelem meu eu anterior.

— E vê tais sinais aqui?

— Oh, sim, meu senhor. Seu homem Stilgar ali se encontra, surpreendido entre a suspeita e a admiração. Foi um amigo de meu antigo eu, mas esta carne de ghola causa-lhe repulsa. O senhor admirou o homem que fui... e confiou nele.

— Mente limpa — disse Paul. — E como é que uma mente purificada pode ficar nossa cativa?

— Cativa, meu senhor? A mente purificada toma suas decisões na presença do desconhecido, sem causas ou efeitos. Isso é ser cativa?

Paul olhou, carrancudo. Era uma citação Zensunni, enigmática, apropriada... imersa num credo que negava função objetiva a qualquer atividade mental. "Sem causas ou efeitos!" Tais pensamentos chocavam-lhe a mente. "Desconhecido?" Desconhecidos e incógnitas apareciam em todas as decisões, até mesmo em sua visão oracular.

— Prefere que o chamemos de Duncan Idaho? — perguntou Paul.

— Vivemos pelas diferenças, meu senhor. Escolha um nome para mim.

— Vamos deixar ficar o nome Tleilaxu: Hayt. Esse é um nome que inspira cautela.

Hayt curvou-se e recuou um passo.

Alia ficou intrigada: "Como ele sabia que a entrevista estava terminada? Eu sabia porque conheço meu irmão. Mas não houve qualquer indício que um estranho pudesse ter percebido. Será que o Duncan Idaho dentro dele sabe?"

Paul olhou para o Embaixador e disse:

— Foram reservados alojamentos para sua embaixada. É nosso desejo que tenhamos uma consulta particular dentro do tempo mais breve possível. Mandaremos buscá-lo. Deixe-me

informá-lo, antes que receba a notícia de fontes imprecisas, de que uma Reverenda Madre da Irmandade, Gaius Helen Mohiam, foi retirada do heighliner que o trouxe até aqui. Isso foi feito por ordem nossa. A presença dela em sua nave será um dos itens de nossas conversações.

Com um aceno da mão, Paul dispensou o enviado:

— Hayt — disse —, fique aqui.

Os criados do embaixador recuaram, puxando o tanque. Edric tornou-se um movimento alaranjado dentro do gás da mesma cor. Olhos, boca, membros que ondulavam suavemente.

Paul observou até que o último homem da Corporação se foi, as grandes portas girando para se fecharem atrás deles.

“Eu o fiz”, pensou. “Aceitei o ghola.” A criação dos Tleilaxu era uma isca, sem dúvida alguma. Muito provavelmente, a velha bruxa, a Reverenda Madre, desempenhava o mesmo papel. Mas esse era o tempo do tarô que previra em suas visões iniciais. O maldito tarô! Ele turvava as águas do Tempo até que o presciente se esforçava por detectar momentos, perdendo horas. Mas muitos peixes mordiam a isca e escapavam, lembrou-se. E o tarô trabalhava a seu favor, assim como contra. O que não pedia ver, outros igualmente poderiam não ser capazes de detectar.

O ghola continuava de pé, a cabeça inclinada para um lado, esperando.

Stilgar caminhou pelos degraus, ocultando o ghola ao se interpor à frente de Paul. Em Chakobsa, a linguagem de caça dos dias do sietch, Stilgar disse:

— Aquela criatura no tanque dá-me calafrios, senhor, mas esse presente! Mande-o embora!

No mesmo idioma, Paul respondeu:

— Não posso.

— Idaho está morto. Esse não é Idaho. Deixe-me tirar sua água para a tribo.

— O ghola é problema meu, Stil. Seu problema é nossa prisioneira. Quero a Reverenda Madre guardada com o maior cuidado pelos homens que treinei para resistirem aos ardis da Voz.

— Não gosto disso, senhor.

— Serei cauteloso, Stil. Cuide para que você também o seja.

— Muito bem, senhor.

Stilgar desceu até o salão, passou perto de Hayt, farejou-o e saiu.

“O mal pode ser sentido pelo cheiro”, pensou Paul. Stilgar havia fincado a bandeira verde e branca dos Atreides em uma dúzia de mundos, mas ainda permanecia um Fremen supersticioso, à prova de qualquer sofisticação.

Paul observou o presente.

— Duncan, Duncan — sussurrou. — Que fizeram com você?

— Deram-me a vida, meu senhor — respondeu Hayt.

— Mas por que foi treinado e entregue a nós?

Hayt comprimiu os lábios, e disse, então:

— Pretendem que o destrua.

A sinceridade da declaração abalou Paul. Mas, afinal, de que outro modo poderia responder um mentat-Zensunni? Mesmo na forma de um gholá, um mentat não podia falar nada menos que a verdade, especialmente partindo da calma interior de um Zensunni. Essa era a mente de um computador humano, ligada a um sistema nervoso adaptado às tarefas há muito tempo relegadas aos odiados engenhos mecânicos. Condicioná-la também como Zensunni significava uma carga dupla de honestidade... a menos que os Tleilaxu houvessem embutido alguma coisa ainda mais bizarra nessa carne.

Por que, por exemplo, os olhos mecânicos? Os Tleilaxu gabavam-se de que seus olhos de metal constituíam uma melhoria em relação aos originais. Estranho, então, que a maioria dos Tleilaxu não os usasse por livre escolha.

Paul olhou para o orifício de observação de Alia, buscando sua presença e ajuda, conselhos não afetados por sentimentos de responsabilidade e dívida.

Mais uma vez, olhou para o gholá. Não era um presente inútil.

Dava respostas honestas a perguntas perigosas.

“Não faz diferença que eu saiba que essa é uma arma a ser usada contra mim”, pensou Paul.

— Que devo fazer para me proteger de você? — indagou em linguagem direta, não com o plural majestático, mas do modo como teria perguntado ao velho Duncan Idaho.

— Mande-me embora, meu senhor.

Paul sacudiu negativamente a cabeça.

— Como deverá destruir-me?

Hayt olhou para os guardas que se haviam aproximado mais de Paul, após a saída de Stilgar. Virou-se, observando o salão, e depois voltou seus olhos metálicos para Paul, balançando a cabeça.

— Este é um lugar onde um homem se afasta das pessoas — disse Hayt. — Revela tamanho poder que só se pode contemplá-lo confortavelmente na lembrança de que todas as coisas são finitas. Os poderes oraculares de meu senhor traçaram seu curso para este lugar?

Paul tamborilou os dedos sobre os braços do trono. O mentat buscava dados, mas a pergunta o perturbava.

— Cheguei a esta posição através de decisões fortes... nem sempre divorciadas de minhas outras... habilidades.

— Decisões fortes — disse Hayt. — Elas harmonizam a vida de um homem. Pode-se tirar a têmpera dos melhores metais, aquecendo-os e permitindo que se resfriem sem os devidos cuidados.

— Está me distraindo com tagarelices Zensunni?

— Os Zensunni possuem outros caminhos para explorar, senhor, além da distração e da exibição.

Paul umedeceu os lábios com a língua, respirou fundo e ordenou seus próprios pensamentos na postura de compensação do mentat. Respostas negativas elevavam-se em torno dele. Não seria esperado que se distraísse com o gholá, esquecendo-se de suas outras tarefas. Não, não era isso. Por que um mentat Zensunni? Filosofia .. palavras... contemplação... busca interior... Sentiu a fraqueza de seus dados.

— Precisamos de mais dados — murmurou.

— Os fatos necessitados por um mentat não aderem a ele, como pólen num manto, quando se passa através de um campo

florido — disse Hayt. — Deve escolher seu pólen cuidadosamente e examiná-lo sob poderosa ampliação.

— Deve ensinar-me essa habilidade Zensunni com retórica — disse Paul.

Os olhos metálicos brilharam por um momento.

— Meu senhor, talvez seja esse o objetivo.

“Tolher minha vontade com palavras e idéias”, imaginou Paul.

— As idéias devem ser mais temidas quando se transformam em ações — disse.

— Mande-me embora, senhor — pediu Hayt, e era a voz de Duncan Idaho, cheia de preocupação para com seu “jovem mestre”.

Paul sentiu-se aprisionado por aquela voz. Não podia mandá-la embora, mesmo vinda de um ghola.

— Você ficará — disse. — Ambos teremos extrema cautela.

Hayt curvou-se em submissão.

Paul olhou para o orifício-espião, suplicando para que Alia tomasse esse presente de suas mãos e descobrisse seus segredos.

Gholas eram fantasmas para assustar crianças. Nunca pensara em conhecer um. Para conhecer este, precisava colocar-se acima de toda a compaixão... e não tinha certeza de que poderia fazê-lo. Duncan... Duncan... Onde se encontraria Idaho nessa carne moldada sob medida? Não era carne... era um disfarce em forma de carne! Idaho estava morto para sempre, no piso de uma caverna de Arrakis. Seu fantasma fitava com olhos de metal. Dois seres colocados lado a lado nessa carne saída do túmulo. Um era uma ameaça, com sua força e sua natureza ocultas sob véus singulares.

Fechando os olhos, Paul permitiu que antigas visões escoassem através de sua consciência. Sentia os espíritos do amor e do ódio brotarem de um mar turbulento, onde nenhum recife se elevava acima do caos. Nenhum ponto de apoio sobre o qual pudesse observar a agitação.

“Por que nenhuma visão me mostrou esse Duncan Idaho? O que escondeu o Tempo de um oráculo? Outros oráculos, obviamente.”

Paul abriu os olhos, indagando:

— Hayt, você tem o poder da presciência?

— Não, meu senhor.

Havia sinceridade naquela voz. Era possível que o ghola não soubesse que possuía essa habilidade, é claro. Mas isso prejudicaria sua capacidade de trabalho como mentat. Qual seria o detalhe escondido no projeto?

Velhas visões erguiam-se em torno de Paul. Seria obrigado a escolher o pior caminho? O tempo distorcido sugeria a presença do ghola naquele futuro hediondo. Seria forçado a tomar essa trilha, não importando o que fizesse?

“Desligue-se... desligue-se... desligue-se...”

O pensamento repicava em sua mente.

Em sua posição acima de Paul, Alia sentara-se com o queixo descansando sobre a mão esquerda, enquanto olhava para o ghola. Uma atração magnética nesse Hayt estendia-se sobre ela.

A restauração dos Tleilaxu fornecera-lhe a juventude e uma intensidade inocente que a desafiavam. Entendia o apelo não-verbalizado de Paul. Quando falham os poderes de previsão, é hora de se voltar para os espiões verdadeiros e para os poderes físicos. Admirava-se, entretanto, da própria avidez em aceitar tal desafio. Sentia um desejo verdadeiro de estar junto desse homem novo, talvez tocá-lo.

“Ele é um perigo para nós dois”, pensou.

A verdade sofre com a análise excessiva.

— Antigo Ditado Fremen

— Reverenda Madre, estremeço ao vê-la em tais circunstâncias — disse Irulan.

Encontrava-se junto à porta da cela, medindo as dimensões daquele espaço com seus modos de Bene Gesserit. Tratava-se de um cubículo de três metros escavado com raios de corte nos veios da rocha marrom, abaixo do castelo de Paul. Como mobília, tinha uma frágil cadeira de cesto agora ocupada pela Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, um catre com cobertor marrom, sobre o qual se espalhava um baralho das novas cartas do Tarô de Duna, uma torneira de água com regulador acima de uma bacia de recuperação, e uma latrina Fremen com selos de umidade. Tudo escasso, primitivo. Uma luz amarelada saía de globos luminosos ancorados e engaiolados nos quatro cantos do teto.

— Já mandou avisar Lady Jessica? — indagou a Reverenda Madre.

— Sim, mas não espere que ela levante um dedo contra seu primogênito — respondeu Irulan.

Olhou para as cartas, que revelavam os poderosos voltando as costas aos suplicantes. A carta do Grande Verme encontrava-se debaixo da Areia Desolada. Um conselho para ser paciente. “Será que é preciso um tarô para ver isso?”, indagou-se Irulan.

Um guarda permanecia do lado de fora, observando-as através da janela de metavidro da porta. Irulan sabia que haveria outro monitorando esse encontro. Empregara muito planejamento e pensara bastante antes de se atrever a ir até ali. Permanecer afastada, entretanto, teria implicado outros perigos.

A Reverenda Madre estivera entregue à meditação prana, entremeada pelo exame do tarô. A despeito do sentimento de que nunca sairia de Arrakis viva, conseguira manter certa calma com relação a tudo isso. Os poderes oraculares de uma pessoa podem ser pequenos, mas águas turvas eram águas turvas. E sempre havia a litania contra o Medo.

Restava-lhe, ainda, assimilar a importância das ações que a tinham precipitado nessa cela. Negras suspeitas pululavam em sua mente (e o tarô sugeria uma confirmação). Seria possível que a Corporação houvesse planejado tudo?

Um Qizara de manto amarelo, a cabeça raspada para receber um turbante, os olhos redondos de um azul total em uma face redonda e agradável, a pele coriácea pela exposição ao vento e ao sol de Arrakis, aguardara por ela na ponte de recepção do heighliner. Olhou-a por sobre um bulbo de café de especiaria, servido por um comissário subserviente, estudou-a por um momento, abaixando o bulbo.

— A senhora é a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam?

Repetir essas palavras em sua mente era reviver aquele instante em sua memória. Sua garganta havia-se apertado, num incontrolável espasmo de medo. Como um dos asseclas do Imperador tomara conhecimento de sua presença a bordo do heighliner?

— Soubemos que estava a bordo — disse o Qizara. — Já esqueceu que lhe é negada a permissão de colocar os pés no planeta sagrado?

— Não estou em Arrakis — respondera. — Sou passageira de um heighliner da Corporação em espaço livre.

— Não existe esse tal de espaço livre, madame.

Ela registrou o ódio, misturado com profunda suspeita, em seu tom de voz.

— O Muad'Dib governa em toda parte — acrescentara o Qizara.

— Arrakis não é meu destino — insistira a Reverenda Madre.

— Arrakis é o destino de todos — disse-lhe, e ela temeu, por um momento, que ele fosse lançar-se numa recitação do itinerário místico que os peregrinos seguiam. (Essa mesma nave transportara milhares de peregrinos.) Mas o Qizara puxara um amuleto dourado de debaixo do manto, beijara-o, tocando com ele a testa, para depois colocá-lo sobre o ouvido direito, escutando com atenção. Daí a pouco recolocou o amuleto no esconderijo.

— Foi-lhe ordenado que reúna sua bagagem e me acompanhe a Arrakis.

— Mas tenho negócios em outra parte!

Naquele momento, suspeitou de traição por parte da Corporação... ou exposição através de algum poder transcendental do Imperador ou de sua irmã. Afinal, talvez o Timoneiro não ocultasse a conspiração. Alia, a abominável, certamente possuía as habilidades de uma Reverenda Madre Bene Gesserit. Que acontecia quando esses poderes eram acoplados às forças que agiam em seu irmão?

— Vamos agora! — ordenou o Qizara.

Tudo nela gritava para que não colocasse novamente os pés nesse amaldiçoado planeta deserto. Fora ali que Lady Jessica se voltara contra a Irmandade. Ali elas haviam perdido Paul Atreides, o kwisatz haderach que buscaram por longas gerações de cuidadosa procriação controlada.

— Agora — concordou.

— Temos pouco tempo — disse o Qizara. — Quando o Imperador ordena, todos os súditos obedecem.

“Assim, a ordem viera de Paul!”

Pensara em protestar ante o Navegador-Comandante do heighliner, mas a futilidade de tal gesto a conteve. O que a Corporação poderia fazer?

— O Imperador disse que devo morrer se colocar os pés em Duna! — explicou, num último e desesperado esforço. — Você mesmo falou isso. Vai me condenar se me levar lá para baixo.

— Não diga mais nada — sentenciou o Qizara. — Assim foi ordenado.

Era dessa forma que sempre falavam das ordens imperiais, bem o sabia. Ordenado! O sagrado governante, cujos olhos poderiam penetrar no futuro, falara. O que devia ser, seria. Ele havia visto, não havia?

Com o sentimento doentio de que acabara apanhada em uma teia que ela mesma tecera, voltara-se para obedecer.

E a teia tornara-se uma cela que Irulan podia visitar. Percebia que Irulan envelhecera um pouco desde o encontro em Wallach IX. Novas linhas de preocupação estendiam-se nos cantos de seus olhos. Bem... era hora de verificar se essa Irmã Bene Gesserit poderia obedecer a seus votos.

— Já tive alojamentos piores — disse a Reverenda Madre. — Vem da parte do Imperador? — Permitiu que seus dedos se movessem como se estivesse inquieta.

Irulan leu o movimento dos dedos, fazendo com que os seus se agitassem e transmitissem a resposta, enquanto falava: — Não... vim assim que soube que estava aqui.

— O Imperador não ficará furioso? — indagou a Reverenda Madre.

Novamente, seus dedos se moviam: imperativos, pressionando, exigindo.

— Deixe que fique furioso. A senhora foi minha professora na Irmandade, assim como foi a professora da mãe dele. Será que ele pensa que lhe vou voltar as costas assim como ela o fez? — E a linguagem dos dedos de Irulan pedia desculpas, implorava.

A Reverenda Madre suspirou. Na superfície, era o suspiro de um prisioneiro, lamentando seu destino, mas, interiormente, sentia a resposta como uma crítica a Irulan. Era tolice esperar que o

precioso padrão genético do Imperador Atreides pudesse ser preservado através dela. Não importava sua beleza, essa Princesa era uma fraude. Debaixo daquele verniz de atração sexual, vivia uma bruxa lamurienta, mais interessada em palavras que em ações. Entretanto, Irulan ainda era uma Bene Gesserit, e a Irmandade reservava certas técnicas para serem usadas em alguns de seus adeptos mais fracos, como garantia de que as instruções vitais seriam cumpridas.

Debaixo daquela conversa banal a respeito de um catre mais macio e comida melhor, a Reverenda Madre colocou em ação seu arsenal persuasivo e deu suas ordens: a união sexual entre irmão e irmã devia ser explorada. (Irulan quase sucumbiu ao receber essa ordem.)

— Devo ter minha chance! — imploraram os dedos de Irulan.

— Já teve sua chance — retrucou a Reverenda Madre.

E foi explícita em suas instruções: não estaria o Imperador sempre zangado com sua concubina? Seus poderes singulares deviam torná-lo muito solitário. A quem poderia falar com alguma esperança de ser compreendido? Com a irmã, obviamente, com quem compartilhava a solidão. A profundidade dessa comunhão devia ser explorada. Deviam-se criar oportunidades para reuni-los na privacidade. Deviam-se conseguir encontros íntimos entre os dois. A possibilidade de eliminação da concubina tinha de ser explorada. A mágoa dissolvia as barreiras tradicionais.

Irulan protestou. Se Chani fosse assassinada, as suspeitas cairiam imediatamente sobre a Princesa Consorte. Além disso, havia outros problemas. Chani adotara uma antiga dieta Fremen que, ao que se supunha, propiciava a fertilidade, eliminando toda possibilidade de administrar-lhe drogas contraceptivas. Com a eliminação do anticoncepcional, Chani se tornaria ainda mais fértil.

A Reverenda Madre ficou furiosa e ocultou isso com dificuldade, enquanto os dedos relampejavam suas exigências. Como essa informação não fora transmitida no começo da conversa? Como Irulan poderia ser tão estúpida? Se Chani concebesse e tivesse um filho, o Imperador o declararia seu herdeiro!

Irulan protestou, dizendo que entendia os perigos, mas que os genes poderiam não ser inteiramente perdidos.

“Maldita estupidez!”, praguejou a Reverenda Madre. Quem saberia que retenções e complicações genéticas Chani não poderia introduzir com sua raça Fremen selvagem? A Irmandade devia manter a linhagem pura! E um herdeiro renovaria as ambições de Paul, lançando-o em novos esforços no sentido de consolidar seu Império. A conspiração não poderia permitir tal contratempo.

Defensivamente, Irulan perguntou como poderia ter evitado que Chani experimentasse tal dieta.

Mas a Reverenda Madre não estava disposta a aceitar desculpas. Irulan recebeu instruções explícitas para enfrentar a nova ameaça. Se Chani concebesse, um abortivo devia ser introduzido em sua comida ou bebida. Ou então deveria ser morte. Um herdeiro para o trono, partindo de tal fonte, devia ser evitado a todo custo.

Um abortivo seria tão perigoso quanto um ataque aberto contra a concubina, protestou Irulan. Tremia só de pensar em tentar matar Chani.

Seria Irulan intimidada pelo medo?, quis saber a Reverenda Madre, a linguagem dos dedos transmitindo profundo desdém.

Furiosa, Irulan assinalou que conhecia seu valor como agente na casa real. Desejaria a conspiração desperdiçar tão valiosa agente? Seria ela sacrificável? De que outro modo poderiam manter uma vigília tão minuciosa sobre o Imperador? Teriam introduzido um novo agente na casa? Era isso? Seria usada agora pela última vez, num ato de desespero?

Numa guerra, todos os valores adquirem novos relacionamentos, retrucou a Reverenda Madre. O maior perigo que enfrentavam era de que a Casa Atreides se afirmasse no poder com uma linhagem imperial. A Irmandade não poderia aceitar tamanho risco. Isso ultrapassava o perigo com relação ao padrão genético do Atreides. Se Paul estabilizasse sua família no trono, a Irmandade poderia aguardar séculos de descontinuidade em seus programas.

Irulan entendeu o argumento, mas não podia escapar ao sentimento de que fora tomada uma decisão no sentido de

sacrificar a Princesa Consorte por algo de grande valor. Seria alguma coisa que ela deveria saber a respeito do gholá?, arriscou Irulan.

A Reverenda Madre quis saber se Irulan pensava que a Irmandade se compunha de tolas. Quando haviam falhado em comunicar a Irulan tudo que devia saber?

Não era uma resposta, mas a admissão de que algo fora ocultado, percebeu Irulan. Revelava que não lhe contavam mais do que aquilo que precisava saber.

Como poderiam estar certas de que o gholá seria capaz de destruir o Imperador?, indagou.

Poderia igualmente ter indagado se a melange era capaz de destruir, respondeu a Reverenda Madre.

Tratava-se de uma resposta que continha uma mensagem sutil, percebeu Irulan. O "chicote que instrui" das Bene Gesserit informava-lhe que devia ter entendido há muito tempo essa similaridade entre a especiaria e o gholá. A melange era valiosa, mas tinha um preço: o vício. Adicionava anos à vida de uma pessoa... décadas para alguns... mas era apenas outro modo de morrer.

O gholá era uma coisa mortalmente valiosa.

A maneira óbvia de evitar um nascimento indesejado era matar a mãe em perspectiva antes da concepção, assinalou a Reverenda Madre, retornando ao ataque.

"É claro", pensou Irulan, "se decidir gastar certa soma, consiga o que puder."

Os olhos da Reverenda Madre, escuros com o brilho azul do vício da especiaria, observavam Irulan, medindo, esperando, captando minúcias.

"Ela me lê claramente", pensou Irulan com desânimo. "Treinou-me, observando-me em seu treinamento. Sabe que percebo quais as decisões que aqui foram tomadas. Apenas observa para ver como aceito esse conhecimento. Bem, aceito-o como Bene Gesserit e como Princesa."

Irulan conseguiu dar um sorriso, depois se colocou de pé, pensando na evocativa passagem de abertura da Lítania contra o

Medo: "Eu não temerei. O medo é o assassino da mente. O medo é a morte pequena que traz a obliteração total. Enfrentarei meu medo..."

Quando a calma retornara, pensou: "Deixe que me sacrifiquem. Eu lhes mostrarei o que vale uma princesa. Talvez lhes consiga mais do que esperavam."

Após mais algumas palavras vazias para terminar a entrevista, Irulan partiu.

Quando se foi, a Reverenda Madre voltou às suas cartas de tarô, colocando-as no padrão "redemoinho de fogo". Imediatamente, tirou o Kwisatz Haderach do Grande Arcano e a carta veio junto com o Oito de Naves: a sibila vendada e traída. Não eram cartas de bom augúrio; indicavam recursos secretos para seus inimigos.

Largou as cartas e se sentou inquieta, perguntando a si mesma se Irulan não poderia ainda destruí-las.

Os Fremen a vêem como o Símbolo da Terra, a semi-deusa cuja tarefa especial é proteger as tribos através dos poderes de sua violência. Ela é a Reverenda Madre de suas Reverendas Madres.

Para os peregrinos que a buscam com pedidos de que lhes restaure a virilidade ou torne férteis as estéreis, ela é uma forma de antimentat. Ela se alimenta da prova de que o "analítico" tem limitações. Representa a derradeira tensão. Ela é a virgem-meretriz-mordaz, cruel e tão destrutiva em seus caprichos quanto uma tempestade de coriólis.

— Santa Alia da Faca, de acordo com o Relatório de Irulan.

Alia erguia-se como uma sentinela em mantos negros sobre o terraço sul de seu Templo, o Santuário do Oráculo, que os soldados Fremen de Paul haviam construído para ela, contra uma das muralhas da fortaleza.

Odiava essa parte de sua vida, mas não conhecia meio de evitar o Templo sem trazer a destruição para todos eles. Os peregrinos (malditos sejam!) tornavam-se mais numerosos a cada dia. A entrada inferior do templo encontrava-se abarrotada deles. Ambulantes caminhavam entre os peregrinos e havia pequenos feiticeiros, arúspices, adivinhos, todos fazendo seu comércio numa desprezível imitação de Paul Muad'Dib e sua irmã.

Pacotes vermelhos e verdes contendo o novo Tarô de Duna sobressaíam entre as mercadorias dos vendedores, notou Alia. Indagava-se quanto ao tarô. Quem estaria introduzindo esse artigo no mercado Arrakeen? Por que o tarô ganhara proeminência nesse lugar e nessa época em particular? Seria devido ao Tempo Turvo? O vício da especiaria sempre conferia alguma sensibilidade para previsão. Os Fremen eram notoriamente infelizes. Seria acidental que tantos deles se envolvessem em profecias e presságios naquele momento e lugar? Decidiu-se a buscar uma resposta na primeira oportunidade.

Havia um vento de sudeste, um pequeno resto de vento contido pela escarpa da Muralha Escudo que se erguia, elevada, nessas regiões do norte. Sua orla brilhava, alaranjada, através de uma fina névoa de poeira iluminada de baixo pelo sol do entardecer. Era um vento quente contra sua face e a deixava saudosa da areia e da segurança dos espaços abertos.

A última multidão do dia começou a descer os amplos degraus de pedra verde da entrada inferior, algumas pessoas sozinhas, outras em grupos, algumas parando para olhar as lembranças e amuletos sagrados nas prateleiras dos ambulantes, outras consultando um último e insignificante feiticeiro. Peregrinos, suplicantes, gente da cidade, Fremen, vendedores encerrando os negócios do dia... formavam uma fila irregular que se afastava pela avenida ladeada de palmeiras que levava ao coração da cidade.

Os olhos de Alia percebiam os Fremen, notando a aparência congelada do espanto supersticioso em seus rostos, a maneira semi-selvagem com que mantinham distância dos outros. Eram sua força e seu perigo. Ainda capturavam vermes gigantes para transporte, esporte ou sacrifício. Ressentiam-se com os peregrinos vindos de outros mundos, quase não toleravam o povo das cidades, vivendo nas panelas e fossos graben, odiavam o sarcasmo que percebiam nos vendedores de rua. Uma pessoa não esbarra num Fremen selvagem nem mesmo no meio de uma multidão como aquela, que fervilhava no Templo de Alia. Não ocorriam esfaqueamentos nos Distritos Sagrados, mas os corpos eram encontrados... mais tarde.

A partida da turba levantara a poeira. O cheiro de pedra pulverizada chegou às narinas de Alia, acendendo a dor da saudade do bled aberto. Seu sentido do passado, percebia, fora aguçado pela vinda do ghola. Houvera muito prazer naqueles dias livres, antes que seu irmão ocupasse o trono. Tempo para brincadeiras, tempo para pequenas coisas, tempo para apreciar o frio de uma manhã ou um poente, tempo... tempo... tempo. Até mesmo o perigo era bom naqueles dias. Um perigo claro, vindo de fontes conhecidas. Não havia necessidade de esforço nos limites da presciência, de olhar através de véus turvos em busca de frustrantes vislumbres do futuro.

Os Fremen selvagens tinham um ditado: "Quatro coisas não podem ser escondidas: o amor, a fumaça, um pilar de fogo e um homem caminhando através do bled aberto."

Com súbito sentimento de repulsa, Alia recuou da plataforma, penetrando nas sombras do Templo. Caminhou ao longo da sacada

que se abria sobre a brilhante opalescência do Salão dos Oráculos. A areia nos ladrilhos se friccionava sob seus pés, “Os suplicantes sempre arrastavam areia para dentro das Câmaras Sagradas!” Ignorou os servos, os guardas, os postulantes, os onipresentes sacerdotes-bajuladores do Qizarate, mergulhando na passagem espiral que se retorcia para cima em direção a seus alojamentos particulares. Lá, em meio a divãs, tapetes espessos, cortinas de tendas e outras lembranças do deserto, dispensou as amazonas Fremen que Stilgar colocara como suas guardas pessoais. “Vigias, mais provavelmente!” Quando partiram, resmungando objeções, porém com mais medo dela que de Stilgar, Alia despiu o manto, conservando apenas a faca cristalina embainhada na tira de couro em torno de seu pescoço, deixando para trás as peças de roupa espalhadas enquanto caminhava para o banho.

Ele estava próximo, sabia — aquela sombra de homem que podia sentir em seu futuro, mas não podia ver. Aborrecia-lhe que nenhum poder de presciência pudesse acrescentar carne àquela silhueta. Ele podia ser sentido apenas em momentos inesperados, quando ela esquadrihava as vidas de outros. Ou então percebia um contorno esfumaçado, delineado em solitária escuridão, quando a inocência se aliava ao desejo. Ele permanecia exatamente além de um horizonte não-fixado, e ela sentia que, se forçasse seus talentos, até uma intensidade inesperada, poderia vê-lo. Ele estava há... um assalto constante à sua consciência: violento, perigoso, imoral.

O ar quente e úmido a envolvia em sua banheira. Ali estava um hábito que aprendera com suas entidades-memória das incontáveis Reverendas Madres a se enfileirarem em sua consciência, como pérolas em um colar brilhante. Água, água morna em uma banheira cheia, aceitando sua pele enquanto deslizava para dentro dela. Azulejos verdes com figuras de peixes vermelhos num padrão marinho cercavam a água. Tal abundância de água ocupava esse espaço que um velho Fremen se teria sentido ultrajado ao vê-la sendo usada meramente para lavar a carne humana.

Ele estava próximo.

Era o desejo lutando contra a castidade, pensou. Sua carne ansiava por um companheiro. O sexo não continha qualquer mistério para uma Reverenda Madre que presidira as orgias nos sietch. A consciência tau de seus outros-eus poderia fornecer qualquer detalhe que sua curiosidade desejasse. Esse sentimento de proximidade poderia não ser nada mais do que carne desejando carne.

A necessidade de ação lutou contra a letargia da água morna.

De súbito, Alia se ergueu, gotejando para fora do banho, e caminhou nua e molhada para dentro da câmara de treinamento, ao lado de seu quarto. A câmara, oblonga e iluminada por clarabóias, continha instrumentos brutos e sutis para sensibilizarem uma adepta das Bene Gesserit até um estado final de consciência, preparo físico e mental. Havia amplificadores mnemônicos, moedores digitais de Ix para reforçar e sensibilizar os dedos das mãos e dos pés, sintetizadores de odor, sensitizadores táteis, campos de gradiente de temperatura, reveladores de padrões para evitar que ela caísse em hábitos discerníveis, treinadores de resposta às ondas Alfa, sincronizadores-pescadores para apurarem habilidades de análise no espectro de luz e sombra...

Em letras de dez centímetros ao longo de uma parede, escritas com sua própria mão em tinta mnemônica, aparecia o lembrete principal do credo Bene Gesserit:

“Antes de nós, todos os métodos de aprendizado foram maculados pelo instinto. Aprendemos a aprender. Antes de nós, pesquisadores dominados pelo instinto possuíam um campo de atenção limitado, freqüentemente não abrangendo mais que o período de uma única vida. Projetos estendendo-se através de cinqüenta ou mais gerações jamais lhes ocorriam. O conceito de treinamento total de músculos e nervos jamais penetraria em suas consciências.”

Enquanto caminhava para dentro da sala de treinamento, Alia percebia seu próprio reflexo multiplicado milhares de vezes nos prismas de cristal dos espelhos de esgrima, pendentes do coração de um boneco-alvo. Viu a longa espada esperando em seus

suportes, de encontro ao alvo, e pensou: “Sim! Vou exercitar-me até a exaustão... drenar a carne e clarear a mente.”

A espada ajustou-se adequadamente à sua mão. Retirou a faca cristalina da bainha em seu pescoço, segurando-a com a mão esquerda, enquanto apertava o botão ativador com a ponta da espada.

A resistência tornou-se algo real, enquanto a aura do escudo no alvo se ampliava, impulsionando sua arma para longe de um modo lento, mas firme.

Os prismas brilharam. O alvo deslizou para a esquerda.

Alia o acompanhou com a ponta da lâmina longa, pensando, como freqüentemente o fazia, que essa coisa poderia estar quase viva. Mas eram apenas servomotores e complexos circuitos refletores, projetados com o fim de atraírem o olhar para longe do perigo, confundindo e ensinando. Era um instrumento regulado para reagir como ela reagiria, um anti-eu que se movimentava enquanto ela se movimentava, equilibrando a luz em seus prismas, mudando seu alvo, oferecendo sua contra-lâmina.

Muitas lâminas pareceram projetar-se em sua direção, partindo dos prismas, mas somente uma era real. Aparou a verdadeira e deslizou com a espada através da resistência do escudo para tocar o alvo. Um marco luminoso acendeu-se: vermelho e brilhando entre os prismas... mais agitação mental.

Novamente a coisa atacou, movendo-se, agora, à velocidade de um marcador, apenas um pouco mais rápida do que fora no início.

Alia segurou o golpe e, contrariando toda cautela, moveu-se para dentro da zona de perigo, acertando com a faca cristalina.

Duas luzes brilharam nos prismas.

Uma vez mais, a coisa aumentou sua velocidade, movendo-se em seus rolamentos, atraída como um magneto pelos movimentos do corpo dela e pela ponta de sua espada.

Ataque — defesa — contra-ataque... Ataque — defesa — contra-ataque...

Tinha, agora, quatro luzes brilhando lá dentro, e a coisa se tornava mais perigosa, movendo-se cada vez mais depressa a cada

luz, oferecendo mais áreas de confusão.

Cinco luzes.

O suor brilhava em sua pele nua. Alia habitava agora um universo cujas dimensões se delineavam na lâmina ameaçadora, no alvo, nos pés nus sobre o piso da área de treinamento, sentidos-nervos-músculos, movimento contra movimento.

Ataque — defesa — contra-ataque.

Seis luzes... sete...

Oito!

Nunca antes havia arriscado oito.

Em um recesso de sua mente, crescia um sentimento de urgência, um grito contra tamanha loucura. O instrumento de prismas e alvo não poderia pensar, sentir cautela ou remorso. E portava uma lâmina real. Lutar contra menos que isso contrariava o propósito de semelhante treinamento. Aquela lâmina investindo poderia aleijar ou matar. E os melhores espadachins do Império jamais enfrentavam mais que sete luzes.

Nove!

Alia experimentava um sentimento de suprema exaltação. A lâmina atacante e o alvo tornavam-se borrões dentro de borrões. Sentia que a espada em sua mão se tornara uma coisa viva. Era um anti-alvo. Não movia a lâmina, a lâmina é que a movia.

Dez!

Onze!

Alguma coisa relampejou por sobre seu ombro, reduziu a velocidade ao atingir a aura do escudo em torno do alvo, deslizou através dela e ativou a tecla de desligar. Prismas e alvo retorceram-se em seu caminho rumo à imobilidade.

Alia girou furiosa pela interrupção, mas sua reação foi transformada em tensão ante a consciência da suprema habilidade com que aquela faca fora atirada. Fora um lançamento cronometrado dentro do mais preciso apuro. Rápido o suficiente para penetrar na zona de escudo, mas não demasiado rápido para ser desviado.

E atingira um ponto a um milímetro do alvo de onze luzes.

Alia descobriu suas tensões e emoções diminuindo, de modo não muito diferente da parada do boneco-alvo. Não ficou inteiramente surpresa ao ver quem havia lançado a faca.

Paul encontrava-se bem dentro do portal da sala de treinamento, com Stilgar três passos atrás. Os olhos de seu irmão estavam semicerrados pela raiva.

Alia, tornando-se consciente de sua nudez, pensou em se cobrir com alguma coisa, depois achou a idéia divertida. O que os olhos haviam visto não poderia ser apagada. Lentamente, recolocou a faca crislatina no prendedor da tira em seu pescoço.

— Eu devia saber — disse ela.

— Presumo que saiba quão perigoso foi isso — disse Paul.

Aproveitou para ler as reações no rosto e no corpo dela: o rubor do exercício colorindo-lhe a pele, a plenitude úmida de seus lábios. Havia uma inquietante feminilidade que nunca percebera antes em sua irmã. Achou estranho que pudesse olhar para uma pessoa que lhe era tão próxima e não mais reconhecê-la na moldura de identidade que lhe parecera tão fixa e familiar.

— Isso foi loucura — disse Stilgar, rouco, colocando-se ao lado de Paul.

As palavras eram de fúria, mas Alia notava admiração em sua voz, podia vê-la em seus olhos.

— Onze luzes — disse Paul, sacudindo a cabeça.

— Teria conseguido doze, se você não houvesse interferido — disse ela. Começou a empalidecer sob seu olhar firme, tão próximo. — E por que essas malditas coisas possuem tantas luzes se não devemos tentar atingi-las? — acrescentou.

— Uma Bene Gesserit deveria indagar quanto ao raciocínio que está por trás de um sistema aberto? — perguntou Paul.

— Suponho que nunca tentou além de sete! — disse ela, a raiva retornando. Sua postura atenta começava a aborrecê-la.

— Só uma vez — respondeu Paul. — Gurney Halleck me apanhou em dez. Minha punição foi tão embaraçosa que não vou lhe dizer o que ele fez. E falando de embaraços...

— Da próxima vez, talvez vocês se façam anunciar — disse ela.

Passou por Paul, esbarrando nele, e encontrou um roupão cinza no quarto de dormir. Vestiu-o e começou a escovar os cabelos diante do espelho da parede. Sentia-se suada, triste, em uma espécie de melancolia pós-coito que a deixava com vontade de tomar outro banho... e então ir dormir.

— Por que vieram até aqui? — quis saber Alia.

— Meu senhor — disse Stilgar, com uma estranha inflexão de voz que fez com que Alia se voltasse para fitá-lo.

— Estamos aqui por sugestão de Irulan — respondeu Paul.

— Por mais estranho que possa parecer. Ela acredita, e as informações em poder de Stilgar confirmam isso, que nossos inimigos se encontram a ponto de fazer uma grande tentativa no sentido de...

— Meu senhor! — repetiu Stilgar, a voz mais incisiva.

Enquanto seu irmão se voltava, indagador, Alia continuava a olhar para o velho Naib Fremen. Agora, alguma coisa nele a tornava intensamente consciente de que era um dos primitivos. Stilgar acreditava num mundo sobrenatural, muito próximo dele, com o qual falava em uma linguagem pagã muito simples, que eliminava todas as dúvidas. O universo natural onde se encontrava era violento, incontido, não possuindo a moral comum do Império.

— Sim, Stil — disse Paul. — Quer dizer a ela por que viemos?

— Esta não é a hora de falar no motivo de nossa vinda — respondeu Stilgar.

— Que há de errado, Stil?

Stilgar continuava fitando Alia.

— Senhor, está cego?

Paul voltou-se para sua irmã, sentindo uma ansiedade crescente. De todos os seus auxiliares, apenas Stilgar se atrevia a falar com ele naquele tom, mas mesmo Stilgar decidia quais as ocasiões em que isso era necessário.

— Essa aí deve ter um companheiro! — deixou escapar Stilgar. — Haverá problemas, e muito breve, se não se casar.

Alia virou-lhe as costas com rapidez, seu rosto subitamente quente. “Como ele me tocou?”, perguntava a si mesma. Seu auto-

controle Bene Gesserit fora impotente para evitar sua reação. Como Stilgar fizera aquilo? Ele não possuía o poder da Voz.

Sentia-se espantada e furiosa.

— Ouçam o grande Stilgar! — disse Alia, mantendo as costas voltadas para ele, consciente da tonalidade aguda em sua voz, mas incapaz de ocultá-la. Conselho de Stilgar, o Fremen, para as donzelas.

— Como amo os dois, devo falar — disse Stilgar, uma profunda dignidade transparecendo em sua voz. — Não me tornei um chefe entre os Fremen sendo cego àquilo que une homens e mulheres. Ninguém precisa de poderes misteriosos para isso.

Paul refletiu sobre o significado nas palavras de Stilgar, reexaminando o que haviam visto ali, bem como sua própria e inegável reação masculina para com a irmã. Sim, havia uma aparência de excitação sexual em Alia, alguma coisa selvagemmente lasciva. O que a fizera entrar na prática de solo completamente nua? E arriscar a vida daquele modo tolo! Onze luzes nos prismas de esgrima! Aquele autômato descerebrado erguia-se em sua mente com todos os aspectos de uma ancestral criatura de horror. Possuí-lo era a moda dessa era, símbolo de status, mas carregava consigo também o verniz da antiga imoralidade. Em certa época, haviam sido guiados por inteligências artificiais, cérebros-computadores. O Jihad Butleriano terminara com isso, mas não acabara com a aura de vício aristocrático que envolvia tais coisas.

Stilgar estava certo, obviamente. Teriam que encontrar um companheiro para Alia.

— Cuidarei disso — disse Paul. — Alia e eu discutiremos o assunto mais tarde, em particular.

Alia voltou-se, sua atenção focalizada em Paul. Sabendo como sua mente funcionava, percebia que fora alvo de uma decisão mentat, de incontáveis bits caindo juntos naquela análise de computador humano. Havia algo de inexorável nessa realização.

Um movimento como o dos planetas, que possuía algo da ordem universal, inevitável e aterradora.

— Senhor — insistiu Stilgar. — Talvez nós...

— Não agora! — retrucou Paul. — Temos outros problemas no momento.

Ciente de que não se atreveria a enfrentar a lógica de seu irmão, Alia colocou de lado os últimos momentos, à maneira das Bene Gesserit, e disse:

— Irulan mandou vocês? — Sentia certa ameaça nesse pensamento.

— Indiretamente — respondeu Paul. — A informação que ela nos deu confirma nossas suspeitas de que a Corporação está prestes a tentar obter um verme da areia.

— Tentarão capturar um dos pequenos, na tentativa de começar o ciclo da especiaria em algum outro mundo — explicou Stilgar. — Significa que encontraram um mundo que consideram adequado.

— Significa que possuem cúmplices Fremen! — argumentou Alia. — Nenhum estrangeiro seria capaz de capturar um verme!

— É lógico — disse Stilgar.

— Não, não é — respondeu Alia. Estava enfurecida por tal estupidez. — Paul, certamente você...

— A podridão está se espalhando — disse ele. — Todos nós já sabíamos disso há algum tempo. Nunca vi esse outro mundo e isso me incomoda. Se eles...

— Isso o incomoda? — reclamou Alia. — Só significa que ocultam sua localização com Timoneiros, da mesma maneira como ocultam seus santuários.

Stilgar abriu e fechou a boca sem falar. Tinha a demolidora sensação de que seus ídolos haviam admitido uma fraqueza profana.

Paul, sentindo a inquietação de Stilgar, acrescentou:

— Temos um problema imediato! Quero sua opinião, Alia. Stilgar sugere que ampliemos nossas patrulhas sobre o bled aberto e forcemos a vigília nos sietch. É bem possível que pudéssemos localizar um grupo de desembarque e evitar que...

— Com um Timoneiro a guiá-los? — indagou Alia.

— Eles estão desesperados, não estão? — concordou Paul. — É por isso que estou aqui.

— Que será que eles viram e nós não? — quis saber Alia.

— Justamente.

Alia assentiu com a cabeça, recordando seus pensamentos a respeito do novo Tarô de Duna. Logo enumerou seus temores.

— Estão lançando um cobertor sobre nós — disse Paul.

— Com patrulhas adequadas — arriscou Stilgar —, poderíamos evitar o...

— Não se evita nada... para sempre — respondeu Alia.

Não gostava do modo como sentia funcionar agora a mente de Stilgar. Ele estreitara sua alçada, eliminara coisas obviamente essenciais. Esse não era o Stilgar de que se recordava.

— Devemos admitir que conseguirão um verme — disse Paul.

— Se serão capazes de iniciar o ciclo da melange em outro mundo, já é questão diferente. Precisarão de algo mais que um verme.

Stilgar fitou os irmãos. Com o pensamento ecológico enraizado nele pela vida no sietch, compreendia o que queriam dizer. Um verme aprisionado não viveria senão dentro de um pedaço de Arrakis... — o plâncton da areia, os Pequenos Produtores e tudo mais. O problema da Corporação era grande, mas não impossível de ser solucionado. Sua crescente incerteza concentrava-se em uma área diferente.

— Então suas visões não detectam a Corporação trabalhando? — indagou.

— Maldição! — explodiu Paul.

Alia observou Stilgar sentindo o violento choque de idéias secundárias que ocorria em sua mente. Ele se debruçava sobre uma linha de encantamentos. Mágica! Mágica! Vislumbrar o futuro significava roubar um fogo terrível da chama sagrada.

Continha a atração derradeira do perigo extremo, almas arriscadas e perdidas. Alguém trouxera de volta, daquelas distâncias informes e perigosas, uma coisa que tinha forma e poder. Mas Stilgar começava a sentir outras forças, talvez poderes maiores, além daquele horizonte desconhecido. Sua Bruxa Rainha e seu Amigo Feiticeiro traíam uma perigosa fraqueza.

— Stilgar — disse Alia, lutando contra a vontade de segurá-lo pelos ombros —, você se coloca num vale entre dunas, eu fico na crista. Vejo onde você não vê. E, entre outras coisas, vejo montanhas que ocultam as distâncias.

— Existem coisas ocultas para vocês — concordou Stilgar. — Isso sempre admitiram.

— Todo poder é limitado — disse Alia.

— E o perigo pode surgir por detrás das montanhas — comentou Stilgar.

— É alguma coisa dessa ordem — concordou Alia.

Stilgar concordou com a cabeça, o olhar voltado para o rosto de Paul.

— Mas, seja o que for que venha por trás das montanhas, terá que cruzar as dunas.

O jogo mais perigoso do universo é governar sob uma base oracular. Não nos consideramos suficientemente bravos ou sábios para jogar esse jogo. As medidas detalhadas aqui, para regularem questões menores, encontram-se tão próximas das fronteiras do governo quanto nos arriscamos a nos aventurar. Para nossos propósitos, tomamos emprestada uma definição das Bene Gesserit e consideramos os vários mundos como reservatórios de genes, fontes de ensinamentos e de mestres, fontes de possibilidades. Nosso objetivo não é governar, mas colher nesses reservatórios genéticos, aprendendo e nos tornando livres de todas as restrições impostas por nossas dependências e pelo governo.

— "A Orgia como Ferramenta de Governo",

Capítulo Três de O Timoneiro da Corporação

— Foi lá que seu pai morreu? — perguntou Edric, lançando um feixe de raio indicador, do interior de seu tanque, até uma marca em forma de jóia em um dos mapas de relevo que adornavam a parede do salão de recepções de Paul.

— Aquele é o Santuário do Crânio — respondeu Paul. — Meu pai morreu prisioneiro em uma fragata Harkonnen na depressão abaixo de nós.

— Oh, sim, lembro-me da história agora — disse Edric. — Alguma coisa com relação à morte do Barão Harkonnen, seu velho inimigo mortal.

Esperando não revelar em demasia o terror que lhe impunham ambientes pequenos e fechados como essa sala, Edric enrolou-se dentro do gás alaranjado, dirigindo seu olhar para Paul, sentado num longo divã listrado de cinza e negro.

— Minha irmã matou o Barão — disse Paul com voz e modos frios. — Pouco antes da batalha de Arrakeen.

E por que, perguntava a si mesmo, o homem-peixe da Corporação reabria velhas feridas nesse lugar e nessa ocasião?

O Timoneiro parecia estar lutando uma batalha perdida no sentido de conter suas energias nervosas. Estavam ausentes os lânguidos movimentos de peixe do encontro anterior. Os minúsculos olhos de Edric viravam-se para um lado e para outro, com movimentos bruscos... questionando, avaliando. O único servo que o acompanhara permanecia destacado, próximo à linha de guardas do palácio, enfileirada na extremidade da parede à esquerda de Paul. O criado preocupava Paul. Era corpulento, de pescoço grosso, com rosto vazio e idiota. O homem havia entrado no salão empurrando o tanque de Edric ao longo de seu campo sustentador, caminhava de modo estranho e agora estava com os braços separados, as mãos nos quadris.

“Scytale” fora o nome que Edric usara. “Scytale, um servo.”

A aparência superficial do ajudante era de uma estupidez gritante, mas os olhos o traíam. Riam de tudo que viam.

— Sua concubina pareceu apreciar a performance dos Dançarinos Faciais — comentou Edric. — Fico satisfeito por ter podido proporcionar esse pequeno entretenimento. Particularmente, apreciei a reação dela ao ver suas próprias feições repetidas por todo O grupo.

— Não há uma advertência quanto a homens da Corporação trazerem presentes? — indagou Paul.

Pensou no espetáculo lá fora, no Grande Salão. Os Dançarinos haviam entrado usando as roupas e a aparência das figuras do Tarô de Duna, lançando-se em padrões aparentemente casuais que se desenvolviam em redemoinhos de fogo e antigas configurações proféticas. Então chegaram os governantes. Uma parada de reis e imperadores como faces de moedas, formais e rígidos em seus contornos, mas curiosamente fluidos. E as piadas: uma réplica do corpo e do rosto de Paul, Chani repetindo-se através do piso do salão, e até mesmo Stilgar, que resmungara e estremeecera enquanto os outros riam.

— Mas nossos presentes foram dados com a melhor das intenções — protestou Edric.

— Como vocês são amáveis — respondeu Paul. — Mas o ghola que nos deu acredita ter sido projetado para nos destruir.

— Destruí-lo, senhor? — indagou Edric, todo atencioso. — Pode alguém destruir um deus?

Stilgar, que entrava, ouviu essas últimas palavras, parou e olhou furioso para os guardas. Estavam mais afastados de Paul do que gostaria. Aborrecido, gesticulou para que se aproximassem.

— Está tudo bem, Stil — disse Paul, erguendo a mão. — Apenas uma discussão amigável. Por que não traz o tanque do Embaixador para a extremidade de meu divã?

Stilgar, avaliando a ordem, percebeu que aquilo colocaria o tanque do Timoneiro entre Paul e o volumoso ajudante, demasiado próximo de Paul, mas...

— Está tudo bem, Stil — repetiu Paul, fazendo o sinal particular com a mão que tornava a ordem um imperativo.

Movendo-se com óbvia relutância, Stilgar empurrou o tanque para junto de Paul. Não apreciara a sensação do tanque ou o forte

perfume de melange em torno dele. Tomou posição a um canto do recipiente, abaixo do engenho orbitante através do qual falava o Timoneiro.

— Matar um deus — disse Paul. — Isso é muito interessante. Mas quem diz que sou um deus?

— Aqueles que o veneram — respondeu Edric, olhando de modo incisivo para Stilgar.

— É nisso que acredita? — indagou Paul.

— No que acredito, senhor, não vem ao caso. É evidente à maioria dos observadores, entretanto, que o senhor conspira para se tornar um deus. E pode-se perguntar se isso é coisa que um mortal possa fazer... em segurança.

Paul avaliava o homem da Corporação. Criatura repelente, mas perceptiva. Era uma pergunta que Paul fizera a si mesmo diversas vezes. Entretanto, vira um número suficiente de linhas de Tempo alternativas para conhecer possibilidades muito piores do que a de aceitar a deificação. Muito piores. Essas não eram, porém, as possibilidades normais de uma sondagem de Timoneiro. Curioso. Por que essa pergunta fora enunciada? O que Edric esperaria ganhar com tal insulto? Os pensamentos de Paul agitavam-se — salto (a associação dos Tleilaxu estaria por trás desse movimento) — salto (a recente vitória do Jihad em Sembou influenciaria as ações de Edric) — salto (vários credos das Bene Gesserit mostravam-se aqui) — salto...

Um processo que envolvia vários milhares de bits de informação derramava-se através de sua consciência computacional.

Levou uns três segundos.

— Estará um Timoneiro questionando as linhas de orientação da presciência? — indagou Paul, colocando Edric em terreno onde era mais fraco.

Isso perturbou o Timoneiro, mas ele se defendeu bem, respondendo com o que pareceu um longo aforismo:

— Nenhum homem inteligente questiona os fatos da presciência, senhor. A visão oracular tem sido conhecida pelo homem desde os tempos mais antigos. Ela tem um modo de nos

enredar quando menos suspeitamos. Felizmente, existem outras forças em nosso universo.

— Maiores que a presciência? — perguntou Paul, pressionando-o.

— Se apenas a presciência existisse, realizando tudo, senhor, ela se aniquilaria a si própria. Nada, exceto a presciência? Onde poderia ser aplicada, senão em seus próprios movimentos degenerados?

— Existe sempre a condição humana — concordou Paul.

— Uma condição no mínimo muito precária. Sem confundi-la com alucinações.

— Minhas visões serão nada mais que alucinações? — indagou Paul, com uma tristeza fingida na voz. — Ou está sugerindo que meus seguidores estão alucinados?

Stilgar, sentindo a tensão crescente, deu um passo para junto de Paul, fixando a atenção sobre o Timoneiro reclinado em seu tanque.

— Deturpa minhas palavras, senhor — protestou Edric. Havia um curioso sentimento de violência nas palavras dele.

“Violência aqui?”, admirou-se Paul. “Não se atreveriam! A menos (e olhou para os guardas) que as forças que me protegem sejam usadas para me substituir.”

— Mas você me acusa de conspirar para me tornar um deus — disse Paul, modificando o tom de voz de maneira a que apenas Edric e Stilgar pudessem ouvi-la. — Conspirar?

— Uma escolha pobre de palavras, talvez, meu senhor — disse Edric.

— Mas significativa — respondeu Paul. — Revela que espera o pior de mim.

Edric curvou o pescoço, olhando de esguelha para Stilgar com visível preocupação.

— As pessoas sempre esperam o pior dos ricos e dos poderosos, senhor. Costuma-se dizer que uma pessoa pode sempre reconhecer um aristocrata porque este revela apenas os vícios que o tornarão popular.

Um tremor percorreu o rosto de Stilgar.

Paul notou-lhe os movimentos, sentindo os pensamentos e ódios sussurrando na mente do companheiro. Como esse homem da Corporação se atrevia a falar assim com o Muad'Dib?

— Não está brincando, é claro — comentou.

— Brincando, senhor?

Paul tornou-se consciente da secura em sua boca. Sentia haver pessoas em demasia dentro da sala, que o ar que respirava passara através de muitos pulmões. A marca da melange do tanque de Edric revelava-se ameaçadora.

— E quais poderiam ser seus cúmplices nessa conspiração? — perguntou pouco depois. Apontaria o Qizarate?

O encolher de ombros de Edric agitou o gás alaranjado em torno de sua cabeça. Não mais parecia preocupado com Stilgar, embora o Fremen continuasse a fitá-lo com raiva.

— Está sugerindo que meus missionários das Ordens Sagradas, todos eles, estão pregando sutis falsidades — insistiu Paul.

— Podia ser uma questão de auto-interesse e sinceridade — respondeu Edric.

Stilgar levou a mão à faca cristalina sob seu manto.

Paul sacudiu a cabeça e disse:

— Então me acusa de insinceridade?

— Não estou certo de que acusar seja a palavra adequada, senhor.

“O atrevimento dessa criatura!”, pensou Paul, dizendo a seguir:

— Acusando ou não, está dizendo que meus bispos e eu não somos melhores do que bandoleiros sedentos de poder.

— Sedentos de poder, senhor? — Novamente, Edric olhou para Stilgar. — O poder tende a isolar aqueles que o acumulam em demasia. Acaba-se perdendo o contato com a realidade... e se cai.

— Meu senhor! — resmungou Stilgar. — Já mandou executar homens por muito menos!

— Homens, sim — concordou Paul. — Mas esse é um Embaixador da Corporação.

— Ele o acusa de fraude profana! — disse Stilgar.

— Suas idéias me interessam, Stil. Contenha sua raiva e permaneça alerta.

— Como o Muad'Dib ordenar.

— Diga-me, Timoneiro — continuou Paul. — Como poderia manter essa fraude hipotética sobre tão enormes distâncias de espaço e de tempo sem meios de vigiar cada missionário, verificar cada nuance em cada convento e templo Qizarate?

— Que é o tempo para o senhor? — indagou Edric.

Stilgar franziu a testa, obviamente intrigado. E pensou: "O Muad'Dib diz com freqüência que vê através dos véus do tempo. Que está realmente dizendo o homem da Corporação?"

— A estrutura de tal fraude não começaria a apresentar fendas? — indagou Paul. — Desacordos significativos, cismas... dúvidas, confissões de culpa... Certamente, uma fraude não pode suprimir tudo isso.

— O que a religião e o auto-interesse não puderem ocultar, os governos podem — respondeu Edric.

— Está testando os limites de minha tolerância?

— Será que meus argumentos carecem de méritos? — retrucou Edric.

"Será que ele deseja que o matemos?", indagou Paul a si próprio. "Estará Edric oferecendo-se em sacrifício?"

— Prefiro o ponto de vista céptico — disse Paul, testando-o. — Você, obviamente, foi treinado em todos os truques enganadores da política, os duplos significados e as palavras do poder. A linguagem nada mais é que uma arma para você, e com ela testa minha armadura.

— O ponto de vista céptico — disse Edric, com um sorriso ampliando-se em sua boca. — E os governantes são notoriamente cépticos no que concerne à religião. A religião também é uma arma. E que tipo de arma a religião se torna quando transformada em governo?

Paul sentiu-se imobilizar interiormente, uma profunda cautela apoderando-se dele. Para quem estaria Edric falando? Malditas palavras de esperteza, carregadas com a manipulação de equilíbrios. Que tons subjacentes de humor confortável, o ar

implícito de segredos compartilhados: suas maneiras revelavam que ele e Paul eram dois homens sofisticados de um universo mais vasto, que entendiam coisas inacessíveis ao povo. Com um sentimento de choque, Paul percebeu que não havia sido o alvo principal dessa retórica. Essa aflição em visita à Corte estivera falando para os outros, para Stilgar e os guardas do palácio... Talvez mesmo para o servo corpulento.

— O manto religioso foi lançado sobre mim — disse Paul. — Não o busquei. E pensou: “Aí está! Deixe que esse homem-peixe se julgue vitorioso em nossa guerra de palavras!”

— Então, por que não o repudiou, senhor? — indagou Edric.

— Por causa de minha irmã, Alia — respondeu Paul, observando Edric com muito cuidado. — Ela é uma deusa. Deixe-me acautelá-lo no que concerne a Alia, para que ela não o mate com seu olhar.

Um sorriso maligno começou a esticar a boca de Edric, mas logo foi substituído por uma aparência chocada.

— Estou falando muitíssimo sério — acrescentou Paul, observando o choque se espalhar, vendo Stilgar acenar afirmativamente.

Com voz desanimada, Edric respondeu:

— Feriu minha confiança no senhor. E, sem dúvida, era a sua intenção.

— Não se sinta certo quanto a conhecer minha intenção — disse Paul, fazendo sinal a Stilgar de que a audiência estava terminada.

Ante o gesto indagador de Stilgar, perguntando se Edric deveria ser assassinado, Paul fez com a mão um sinal negativo, ampliando com um imperativo para evitar que Stilgar tornasse a questão em suas próprias mãos.

Scytale, o ajudante de Edric, caminhou para o canto traseiro do tanque, empurrando-o em direção à porta. Quando passou diante de Paul, parou, voltando-lhe o olhar risonho e dizendo:

— Se meu senhor permite?

— Sim, o que é? — perguntou Paul, notando como Stilgar se aproximava em resposta à ameaça implícita desse homem.

— Alguns dizem — disse Scytale — que as pessoas se agarram à liderança imperial porque o espaço é infinito. Sentem-se solitárias sem um símbolo unificador. E, para gente solitária, o Imperador representa um lugar definido. Podem voltar-se em direção a ele e dizer: “Vejam, lá está Ele. Ele nos torna unidos.” Talvez a religião sirva ao mesmo propósito, meu senhor.

Scytale balançou a cabeça, satisfeito, e deu outro impulso ao tanque de Edric. Ambos saíram do salão, Edric deitado de costas em seu tanque, com os olhos fechados. O Timoneiro parecia exausto, todas as suas energias nervosas esgotadas.

Paul fitou pelas costas a figura bamboleante de Scytale, admirando-se com as palavras do homem. Um sujeito peculiar, esse Scytale. Enquanto estava falando, irradiava a impressão de ser muitas pessoas, como se toda sua herança genética aparecesse exposta em sua pele.

— Isso foi estranho — comentou Stilgar, sem se dirigir a ninguém em particular.

Paul levantou-se do divã, enquanto os guardas fechavam a porta atrás de Edric e sua escolta.

— Estranho — repetiu Stilgar, uma veia pulsando em sua têmpora.

Paul reduziu as luzes do salão e caminhou para uma janela que se abria em ângulo sobre a muralha. Luzes brilhavam bem abaixo, um movimento de pigmeus. Uma equipe de trabalho trazia gigantescos blocos de plasmeld para consertar a fachada do templo de Alia, danificada por um golpe de vento carregado de areia.

— Foi uma tolice, Usul, convidar essa criatura para vir a estes alojamentos — disse Stilgar.

“Usul”, pensou Paul. “Meu nome de sietch. Stilgar recorda-me que já me governou, que me salvou do deserto.”

— Por que fez isso? — insistiu Stilgar, falando junto de Paul.

— Dados — respondeu. — Precisamos de mais dados.

— Não é perigoso tentar enfrentar essa ameaça apenas como um mentat?

“Essa foi perspicaz”, pensou Paul.

A computação mentat permanecia finita. Não se pode dizer alguma coisa infundável dentro dos limites de qualquer linguagem. Entretanto, as habilidades mentat tinham seus usos. Ele disse isso, desafiando Stilgar a refutar-lhe o argumento.

— Mas alguma coisa sempre permanece do lado de fora — respondeu Stilgar. — Alguma coisa que é melhor deixar de fora.

— Ou de dentro — acrescentou Paul.

E aceitou, por um instante, sua própria fusão oráculo-mentat, Por fora, sim. E dentro: lá estava o verdadeiro horror. Como poderia proteger-se de si próprio? Eles certamente o estavam preparando para se auto-destruir, mas essa era uma situação cercada de possibilidades ainda mais aterrorizantes.

Seu devaneio foi interrompido pelo som de rápidas passadas.

A figura de Korba, o Qizara, surgiu na porta, iluminada por trás pela luz brilhante dos corredores. Entrou como que empurrado por uma força invisível e parou quase imediatamente ao encontrar a penumbra do salão. Suas mãos pareciam cheias de rolos de shigawire. Brilhavam, sob a iluminação do corredor, como estranhas jóias arredondadas que se apagaram quando a mão de um guarda fechou a porta.

— Está aí, meu senhor? — perguntou Korba, fitando nas sombras.

— O que é? — indagou Stilgar.

— Stilgar?

— Estamos ambos aqui. O que é?

— Sinto-me perturbado pela recepção ao homem da Corporação.

— Perturbado? — indagou Paul.

— As pessoas dizem, meu senhor, que está honrando seus inimigos.

— Isso é tudo? São esses os rolos que lhe pedi para trazer antes? — Paul indicou os globos de shigawire nas mãos de Korba.

— Rolos... ah! Sim, meu senhor. São as histórias. Vai vê-las aqui?

— Já vi todas. Quero-as para Stilgar.

— Para mim? — indagou Stilgar.

Sentiu crescer o ressentimento pelo que interpretava como capricho da parte de Paul. Histórias! Stilgar procurara Paul bem cedo para discutir as computações logísticas com referência à conquista de Zabulon. A presença do Embaixador da Corporação os havia interrompido. E agora, era Korba com essas histórias!

— Quanto sabe a respeito da história? — disse Paul, estudando o homem a seu lado.

— Meu senhor, posso citar o nome de cada mundo que nosso povo tocou em suas migrações. Conheço as extensões imperiais...

— A Idade de Ouro da Terra. Já a estudou?

— Terra? Idade de Ouro? — Stilgar estava irritado e intrigado.

Por que Paul desejava discutir os mitos da aurora dos tempos? A mente de Stilgar sentia-se entulhada com dados sobre Zabulon... computações da equipe de mentats: duzentas e cinco fragatas de ataque com trinta legiões, batalhões de apoio, estruturas de pacificação, missionários Qizarate... as necessidades de alimentação (tinha os números na mente) e a melange... armamentos, uniformes, medalhas... urnas para as cinzas dos mortos... o número de especialistas: homens para produzirem a matéria bruta da propaganda, contadores, funcionários... espiões... e espiões para vigiarem os espiões...

— Trouxe a ligação do sincronizador de pulsos também, meu senhor — acrescentou Korba.

Obviamente, sentira as tensões aumentando entre Paul e Stilgar e encontrava-se perturbado por elas.

Stilgar sacudiu a cabeça negativamente. "Sincronizador de pulsos"? Por que Paul desejaria que ele usasse o sistema de excitação mnemônica com o projetor de shigawire? Por que esquadrinhar em busca de dados históricos específicos? Isso era trabalho de mentat! Como de hábito, Stilgar sentia-se incapaz de fugir a uma profunda suspeita ao pensar em usar o projetor e seus acessórios. A coisa sempre o imergia em sensações perturbadoras, uma chuva esmagadora de dados que sua mente separava depois, surpreendendo-o com informações que não julgara possuir.

— Senhor, trouxe as computações Zabulon — disse.

— Desidrate as computações Zabulon! — retrucou Paul, usando o termo obscuro dos Fremen, significando que ali havia um tipo de umidade que nenhum homem devia rebaixar-se em tocar.

— Meu senhor!

— Stilgar — disse Paul —, você precisa urgentemente de um senso de equilíbrio que só pode vir do entendimento dos efeitos a longo prazo. A pouca informação que temos sobre os tempos antigos, a ninharia de dados deixados pelos butlerianos, acaba de ser trazida por Korba. Comece por Gengis Khan.

— Gengis... Khan? Era membro dos Sardaukar, meu senhor?

— Oh, muito antes disso. Ele matou... talvez quatro milhões de pessoas.

— Devia ter um armamento formidável para matar tanta gente, senhor. Raios laser talvez, ou...

— Ele não as matou pessoalmente, Stil. Matou da maneira que eu mato, enviando suas legiões. Há um outro Imperador que gostaria que observasse de passagem... Hitler. Este matou mais de seis milhões. Muito bom para aqueles dias.

— Matou... com suas legiões? — perguntou Stilgar.

— Sim.

— Não são estatísticas muito impressionantes, meu senhor.

— Muito bem, Stil. — Paul olhou para os rolos nas mãos de Korba, que permanecia com eles, como se desejasse poder largá-los no chão e correr. — Estatísticas. Em uma estimativa conservadora, matei sessenta e um bilhões, esterilizei noventa planetas, desmoralizei completamente outros quinhentos. Exterminei os seguidores de quarenta religiões que existiam, desde os...

— Infiéis! — protestou Korba. — Infiéis, todos eles!

— Não — disse Paul. — Fiéis.

— Meu soberano está brincando — disse Korba, a voz trêmula. — O Jihad trouxe dez mil mundos para debaixo da luz resplandecente do...

— Para a escuridão — insistiu Paul. — Levaremos cem gerações para nos recuperar do Jihad do Muad'Dib. Acho difícil

imaginar que alguém possa superar isso. — Uma risada rouca emergiu de sua garganta.

— O que diverte o Muad'Dib? — indagou Stilgar.

— Não estou me divertindo. Tive meramente uma súbita visão do Imperador Hitler dizendo alguma coisa similar. Sem dúvida, ele o fez.

— Nenhum outro governante jamais possuiu seus poderes — argumentou Korba. — Quem se atreveria a desafiá-lo? Suas legiões controlam o universo conhecido e todo o...

— As legiões controlam — repetiu Paul. — Pergunto-me se elas sabem disso.

— O senhor controla suas legiões! — interrompeu Stilgar, e era óbvio, pelo tom de sua voz, que sentia repentinamente sua posição naquela cadeia de comando, sua própria mão guiando todo aquele poder.

Tendo colocado os pensamentos de Stilgar em movimento na direção em que desejava, Paul voltou toda a atenção para Korba, dizendo:

— Coloque os rolos aqui no divã. — Enquanto Korba obedecia, Paul acrescentou: — Como vai a recepção, Korba? Minha irmã está controlando tudo bem?

— Sim, meu senhor. — O tom de Korba era cauteloso. — E Chani observa do orifício. Ela suspeita que possa haver Sardaukar em meio ao séquito da Corporação.

— Sem dúvida, ela tem razão — disse Paul. — Os chacais se reúnem.

— Bannerjee — disse Stilgar, citando o nome do chefe da segurança de Paul — estava preocupado antes, temeroso de que alguns deles pudessem penetrar nas áreas particulares do castelo.

— E o fizeram?

— Ainda não.

— Mas havia alguma confusão nos jardins formais — acrescentou Korba.

— Que tipo de confusão? — quis saber Stilgar.

Paul assentiu.

— Estranhos indo e vindo, pisando nas plantas, sussurrando. Ouvi relatos de comentários perturbadores.

— Tais como? — indagou Paul.

— “Então, é assim que são gastos os nossos impostos?”
Disseram-me que o próprio Embaixador fez a mesma pergunta.

— Não acho surpreendente. Havia muitos estranhos nos jardins?

— Dúzias, meu senhor.

— Bannerjee colocou tropas escolhidas diante das portas mais vulneráveis, meu senhor — disse Stilgar.

Enquanto falava, voltou-se, permitindo que a única luz remanescente no salão iluminasse metade de seu rosto. A iluminação peculiar, o rosto, tudo alcançou um fragmento de lembrança na mente de Paul. Alguma coisa dos tempos no deserto. Paul não se incomodou de lembrá-la por inteiro, sua atenção agora focalizada em como Stilgar recuara mentalmente. O Fremen tinha uma testa de pele lisa, que espelhava quase todos os pensamentos que lhe cruzavam a mente. Sentia suspeitas agora, suspeitas profundas quanto ao comportamento estranho do Imperador.

— Não gosto da intrusão em nossos jardins — disse Paul.

— Cortesia para com os convidados é uma coisa, assim como as necessidades formais de se saudar um enviado. Mas isso...

— Cuidarei para que sejam removidos de lá imediatamente — disse Korba.

— Espere! — ordenou Paul quando Korba começava a se virar.

Na súbita quietude do momento, Stilgar esgueirou-se para uma posição de onde poderia observar o rosto de Paul, o que foi feito habilmente. Paul admirou a maneira como ele o fizera, sem qualquer petulância. Era um gesto Fremen, astúcia tocada pelo respeito à privacidade de outra pessoa, movimento ditado pela necessidade.

— Que horas são? — indagou Paul.

— Quase meia-noite, senhor — respondeu Korba.

— Korba, acho que você deve ler a minha melhor criação.

— Senhor! — Havia injúria na voz.

— Sente-se intimidado por mim? — indagou Paul.

— O senhor é Paul Muad'Dib, que foi Usul em nosso sietch. Conheço minha devoção ao...

— Alguma vez se sentiu como um apóstolo?

Korba obviamente não entendeu as palavras, mas interpretou corretamente o tom de voz.

— Meu Imperador sabe que tenho a consciência limpa!

— Que o Shai-hulud nos salve — murmurou Paul.

O silêncio indagador do momento foi quebrado pelo som de uma pessoa assoviando enquanto caminhava ao longo do corredor externo. O assovio foi interrompido pelo grito de comando de um guarda, assim que chegou diante da porta.

— Korba, acho que você sobreviverá a tudo isto — disse Paul, enquanto percebia a luz crescente do entendimento no rosto de Stilgar.

— E quanto aos estranhos nos jardins, senhor? — perguntou Stilgar.

— Ah, sim, mande Bannerjee colocá-los para fora, Stil. Korba irá assisti-lo.

— Eu, senhor? — Korba traía uma profunda inquietação.

— Alguns de meus amigos já se esqueceram que um dia foram Fremem — disse Paul, falando para Korba, mas moldando suas palavras para Stilgar. — Você marcará aqueles que Chani identificar como Sardaukar e cuidará para que sejam mortos. Faça-o você mesmo. Quero que seja feito silenciosamente, sem causar distúrbios desnecessários. Devemos ter em mente que há mais coisas no governo e na religião do que aprovar tratados e fazer sermões.

— Obedeço às ordens do Muad'Dib — sussurrou Korba.

— E quanto às computações Zabulon? — indagou Stilgar.

— Amanhã. E quando os estranhos tiverem sido retirados dos jardins, anuncie que a recepção está terminada. A festa acabou, Stil.

— Compreendo, meu senhor.

— Estou certo que sim.

*Aqui jaz um deus caído...
Sua queda não foi pequena.
Nós construímos apenas seu pedestal,
Um pedestal alto e estreito.*

— *Epigrama Tleilaxu*

Alia agachou-se com os cotovelos sobre os joelhos, o queixo descansando em cima dos punhos, e olhou para o corpo sobre a duna — alguns ossos e restos de carne esfarrapada que já tinham sido uma jovem mulher. As mãos, a cabeça e a maior parte do torso superior estavam ausentes, comidos pela tempestade de coriólis. Toda a areia em volta apresentava as pegadas deixadas pelos médicos e investigadores de seu irmão. Eles haviam partido agora, todos, exceto os atendentes mortuários que esperavam ao lado, juntamente com Hayt, o gholá, aguardando que ela terminasse seu misterioso exame do que ali fora escrito.

Um céu cor de trigo envolvia a Cena com a luz verde-azulada comum ao meio-dia nessas latitudes.

O corpo fora descoberto várias horas antes por um correio em vôo baixo, cujos instrumentos haviam detectado um ligeiro traço de água onde não devia existir nenhuma. Seu chamado trouxera os especialistas. E eles haviam descoberto... o quê? Isso fora uma mulher de aproximadamente vinte anos de idade, Fremen, viciada em semuta... que morrera ali, no meio do deserto, devido aos efeitos de um sutil veneno de origem Tleilaxu.

Morrer no deserto era uma ocorrência bem comum. Mas um Fremen viciado em semuta era tamanha raridade que Paul a enviara para examinar o local do modo como sua mãe lhes havia ensinado.

Alia sentia que não conseguira nada ali, exceto lançar sua própria aura de mistério sobre uma cena que já era suficientemente misteriosa. Ouviu os pés do gholá agitarem a areia e olhou para ele. Tinha a atenção voltada momentaneamente para os tópteros de escolta que circulavam acima, como um bando de corvos.

“Cuidado com a Corporação trazendo presentes”, pensou Alia.

O tóptero mortuário e sua própria aeronave erguiam-se da areia próximo a um afloramento de rocha atrás do gholá. Olhar os tópteros pousados produzia em Alia a ânsia de estar no ar, longe dali.

Mas Paul imaginara que ela seria capaz de ver alguma coisa ali, algo que os outros poderiam deixar passar despercebido. Ela se mexeu dentro de seu traje destilador. Parecia asperamente estranho, após todos esses meses de vida sem usá-la, dentro da cidade. Observou o gholá, imaginando se ele poderia saber alguma coisa importante a respeito dessa morte peculiar. Uma mecha de seu cabelo negro escapara ao capuz do traje. Sentiu que sua mão desejava recolocar aquele cabelo no lugar.

Como que atraídos por esse pensamento, seus brilhantes olhos de metal voltaram-se para ela. Aqueles olhos a deixavam trêmula e ela virou o rosto em outra direção.

Uma mulher Fremen morrera ali, vítima de um veneno chamado “a garganta do inferno”.

Uma Fremen viciada em semuta.

Alia compartilhava a inquietação de Paul ante tal associação.

Os atendentes mortuários aguardavam pacientemente. O cadáver não continha água suficiente para que eles a recuperassem. Não sentiam necessidade de comer. E acreditavam que Alia, mediante alguma arte glíptica, estivesse lendo alguma verdade singular nesses restos.

Mas nenhuma verdade singular a atingiu.

Havia apenas um aborrecimento profundo dentro dela, ante os óbvios pensamentos dos atendentes. Eram o produto do maldito mistério religioso. Ela e seu irmão não podiam ser gente. Eles tinham que ser alguma coisa mais. A Bene Gesserit se encarregara disso com suas manipulações sobre a linhagem Atreides. Sua mãe havia contribuído para isso ao lançá-los na trilha da feitiçaria. E Paul perpetuara essa diferença. As Reverendas Madres enclausuradas na memória de Alia agitavam-se inquietas, provocando lampejos adab de pensamentos: "Paz, Pequenina. Você é o que é. Existem compensações." Compensações! Convocou o gholá com um gesto. Ele parou ao lado dela, atento, paciente.

— O que você vê nisto? — indagou ela.

— Talvez nunca venhamos a saber quem morreu aqui — respondeu ele. — A cabeça, com os dentes, se foi. As mãos... É improvável que alguém como ela possuísse em algum lugar um registro genético com o qual pudéssemos identificar suas células.

— Veneno Tleilaxu — disse Alia. — Que acha disso?

— Muitas pessoas compram esses venenos.

— É bem verdade. E essa carne está demasiado destruída para ser regenerada, como fizeram com o seu corpo.

— Mesmo que fosse possível confiar nos Tleilaxu para fazerem isso.

Ela assentiu e ficou de pé.

— Agora, você me levará de volta para a cidade. Quando já estavam no ar, rumando para o norte, ela disse: — Você pilota exatamente como Duncan Idaho fazia. Ele lançou-lhe um olhar especulativo.

— Outros já me disseram isso..

— Em que está pensando agora? — perguntou ela.

— Em muitas coisas.

— Pare de evitar minhas perguntas, droga!

— Que pergunta?

Ela lançou-lhe um olhar furioso. Ele percebeu a fúria e deu de ombros. Como era semelhante a Duncan Idaho naquele gesto, ela pensou. De modo acusador e com a voz cativante, ela falou:

— Eu só queria que suas reações fossem verbalizadas de modo a que eu pudesse opor-lhes os meus pensamentos. A morte daquela jovem me incomoda.

— Eu não estava pensando naquilo.

— No que estava pensando, então?

— Nas estranhas emoções que sinto quando as pessoas falam naquele que eu posso ter sido.

— Pode ter sido?

— Os Tleilaxu são muito espertos.

— Nem tanto assim. Você era Duncan Idaho.

— Muito provável. É a computação básica.

— E assim você ganha emoções.

— Até certo ponto. Sinto uma ansiedade. Sinto-me inquieto. Há uma tendência para tremer e devo dedicar meus esforços a controlá-la. Tenho... lampejos de imagens.

— Que tipo de imagens?

— É muito rápido para que eu reconheça. Clarões, espasmos... quase memórias.

— Não se sente curioso sobre essas memórias?

— É claro. A curiosidade me impulsiona em frente, mas eu me movimento contra uma pesada relutância. Eu penso: "E se eu não for aquele que eles acreditam que eu seja?" Não gosto desse pensamento.

— E isso é tudo que pensava?

— Você sabe muito bem, Alia.

"Como ele se atreve a usar meu primeiro nome?" Ela sentiu a raiva erguer-se e afundar sob a memória do modo como ele falara: tons subjacentes, suaves e pulsantes, confiança masculina natural. Um músculo contraiu-se ao longo do queixo da moça.

Ela comprimiu os dentes.

— Aquilo lá embaixo não é El Kuds? — indagou ele, inclinando ligeiramente uma asa e causando súbita comoção na escolta.

Ela olhou para as sombras da aeronave ondulando sobre o promontório acima do Passo Harg, para o despenhadeiro e para a pirâmide rochosa que continha o crânio de seu pai. "El Kuds — o Lugar Sagrado."

— O Lugar Sagrado — ela confirmou.

— Eu devo visitar esse local um dia. A proximidade dos restos de seu pai deve trazer memórias que eu possa recapturar.

Ela percebeu subitamente quão forte devia ser essa necessidade de conhecer a pessoa que ele havia sido. Era uma compulsão central dentro dele. Tornou a olhar para as rochas, o penhasco com a base afundando-se na praia seca e no mar de areia. Rocha cor de canela erguendo-se das dunas como um navio singrando as ondas.

— Vamos fazer a volta — ela pediu.

— A escolta...

— Eles nos seguirão. Gire por baixo deles.

Ele obedeceu.

— Você serve verdadeiramente ao meu irmão? — perguntou ela quando já se encontravam no novo curso, a escolta seguindo atrás.

— Eu sirvo aos Atréides — respondeu ele em tom formal.

E ela viu sua mão direita erguer-se e cair, quase repetindo a antiga saudação de Caladan. Uma aparência melancólica tomou conta de seu rosto. Observou enquanto ele olhava para baixo, em direção à pirâmide rochosa.

— Que o incomoda?

Os lábios dele se moveram. Uma voz embargada, insegura.

— Ele era... ele era... — uma lágrima lhe escorreu pelo rosto.

Alia sentiu-se imobilizada por um espanto típico dos Fremen.

Ele dava água aos mortos! Compulsivamente, levou o dedo ao rosto dele, sentindo a lágrima.

— Duncan — sussurrou.

Ele parecia amarrado aos controles do tóptero, o olhar preso à tumba lá embaixo.

Alia ergueu a voz.

— Duncan!

Ele engoliu em seco, sacudiu a cabeça, olhou para ela, os olhos de metal cintilantes.

— Eu... sinto... um braço... sobre meus ombros — sussurrou:

— Eu sinto isso! Um braço. — Sua garganta esforçava-se. — Era um

amigo... era... um... amigo.

— Quem?

— Não sei. Penso que era... não sei.

A luz de chamada começou a piscar diante de Alia, o capitão da escolta desejando saber por que eles retornavam ao deserto.

Ela pegou o microfone e explicou que havia feito uma breve homenagem à tumba de seu pai. O capitão lembrou-lhe que já era tarde.

— Iremos para Arrakeen agora — disse ela, recolocando o microfone no lugar.

Hayt respirou fundo e fez uma curva com o tóptero em direção ao norte.

— Foi o braço de meu pai que sentiu, não? — perguntou ela.

— Talvez.

A voz era a de um mentat computando probabilidades e ela percebeu que ele recuperara a compostura.

— Sabe como conheci meu pai? — ela indagou.

— Tenho uma idéia.

— Então, permita-me deixar isso claro.

Em breves palavras, ela explicou como despertara para a consciência de Reverenda Madre antes do próprio nascimento, um feto aterrorizado com o conhecimento das incontáveis vidas embebidas em suas células nervosas... E tudo isso após a morte de seu pai.

— Eu conheço meu pai tal como minha mãe o conheceu — disse ela. — Em cada detalhe, por menor que seja, de cada experiência que ela compartilhou com ele. De certo modo, eu sou minha mãe. Tenho todas as suas memórias, até o instante em que ela bebeu a Água da Vida e penetrou no transe de transmigração.

— Seu irmão explicou-me um pouco disso.

— Ele o fez? Por quê?

— Um mentat precisa de dados.

— Ah.

Ela olhou em direção à extensão plana da Muralha Escudo. Rocha torturada, fendas e fossos.

Ele percebeu a direção do olhar, dizendo:

— Lugar muito exposto, aquele lá embaixo.

— Mas fácil de se encontrar esconderijo — respondeu ela.

Depois, olhou para ele.

— Me lembra a mente humana... com todos os seus subterfúgios.

— Ahhh — disse ele.

— Ahhh? Que quer dizer com ahhh? — Sentia-se subitamente furiosa com ele, e a razão lhe escapava.

— Você gostaria de saber o que minha mente oculta — disse ele, e era uma afirmação, não uma pergunta.

— Como sabe que já não descobri quem você realmente é através de meus poderes de presciência?

— E já o fez? — Ele parecia verdadeiramente curioso.

— Não.

— As sibilas têm limitações — disse ele.

Ele parecia estar se divertindo e isso reduziu a fúria de Alia.

— Acha engraçado? Não tem respeito por meus poderes? — perguntou.

A pergunta soava como um argumento muito fraco, mesmo a seus ouvidos.

— Respeito suas profecias e presságios mais do que imagina. Eu estava na audiência durante seu Ritual Matutino.

— E o que isso significa?

— Possui grande habilidade com símbolos — disse ele, mantendo a atenção voltada para os controles do tóptero. — Isso é um dom das Bene Gesserit, eu diria. Mas, como muitas bruxas, você ficou descuidada com seus poderes.

Ela teve um espasmo de medo e gritou:

— Como se atreve?

— Eu me atrevo a muito mais do que meus criadores previram — disse ele. — Devido ao fato singular de que permaneço com seu irmão.

Alia observou as bolas de aço que eram seus olhos. Não havia qualquer expressão humana. O capuz do traje destilador ocultava-lhe a linha do queixo. Não obstante, a boca permanecia firme.

Havia grande força ali... e determinação. Suas palavras tinham uma carga tranqüilizadora. "Eu me atrevo a muito mais..."

Isso era algo que Duncan Idaho poderia ter dito. Os Tleilaxu teriam moldado esse ghola melhor do que imaginavam... ou seria isso mera farsa, parte de seu condicionamento?

— Explique-se, ghola — ela ordenou.

— Conheça-te a ti mesmo, é esse o seu mandamento — continuou ele.

Novamente ela sentia que ele estava se divertindo.

— Não faça jogo de palavras comigo, sua... sua coisa! — disse ela, levando a mão à faca cristalina presa na bainha da garganta. — Por que você foi dado a meu irmão?

— Seu irmão me disse que você estava presente à entrega. Nesse caso, ouviu-me responder-lhe essa mesma pergunta.

— Responda novamente. Para mim!

— Eles pretendem que eu o destrua.

— Quem está falando é o mentat?

— Sabe a resposta para isso sem precisar perguntar — censurou ele. — E sabe também que tal presente não era

necessário. Seu irmão já está se destruindo de forma bem adequada.

Ela mediu essas palavras, a mão permanecendo no cabo da faca cristalina. Uma resposta astuta, mas havia sinceridade em sua voz.

— Então por que esse presente?

— Pode ter divertido os Tleilaxu. E também é verdade que a Corporação pediu que eu fosse entregue como presente.

— Por quê?

— A mesma resposta.

— Como é que sou descuidada com meus poderes?

— Como os está empregando?

Essa pergunta penetrou por entre suas próprias apreensões.

Afastou a mão da faca, perguntando:

— Por que diz que meu irmão está se destruindo?

— Ora, vamos, criança! Onde estão os famosos poderes? Perdeu a capacidade de raciocinar?

Controlando a raiva, ela respondeu:

— Raciocine para mim, mentat.

— Muito bem.

Ele olhou rapidamente para a escolta, depois voltou a atenção ao curso seguido. A planície de Arrakeen estava começando a aparecer além dos limites setentrionais da Muralha Escudo. O desenho dos vilarejos e painéis nos graben permanecia indistinto por sob a mortalha de poeira, mas o brilho distante de Arrakeen já podia ser notado.

— Sintomas — ele disse. — Seu irmão mantém um Panegirista oficial que...

— Que foi uma dádiva dos Naibs Fremen!

— Estranha dádiva partindo de amigos. Por que eles o cercariam com tanto servilismo e bajulação? Já ouviu este Panegirista? "As pessoas são iluminadas pelo Muad'Dib. O Regente Umma, nosso Imperador, saiu da escuridão para brilhar resplandecente sobre todos os homens. Ele é nosso Rei. Ele é a água preciosa que sai de uma fonte inesgotável. Ele derrama a alegria para que todo o universo beba." Arrgh!

Falando com suavidade, Alia disse:

— Se eu repetisse suas palavras para nossa escolta Fremen, eles o picariam até reduzi-lo a alimento para pássaros.

— Então, diga-lhes.

— Meu irmão governa pela lei natural que emana dos céus.

— Não acredita nisso, então por que fica repetindo?

— Como sabe em que eu acredito?

Ela sentia um tremor que nenhum poder das Bene Gesserit poderia controlar. Esse gholá estava produzindo um efeito imprevisto.

— Ordenou-me que raciocinasse como um mentat — lembrou ele.

— Nenhum mentat sabe no que eu acredito! — Ela respirou profundamente duas vezes. — Como se atreve a nos julgar?

— Julgá-los? Eu não julgo ninguém.

— Não faz idéia de como fomos ensinados!

— Ambos foram ensinados a governar. Condicionados a uma sede de poder insaciável. Imbuídos de uma compreensão astuta da política e de um profundo entendimento dos usos da guerra e dos rituais. Lei natural? Que lei natural? Aquele mito que assombra a história humana? Assombra! É um fantasma. Algo irreal, insubstancial. Seu Jihad seria uma lei natural?

— Tagarelíce de mentat — retrucou ela.

— Eu sou um servo dos Atreides e falo com franqueza.

— Servo? Nós não temos servos, somente discípulos.

— E eu sou um discípulo da compreensão — respondeu ele. — Entenda isso, criança, e vai...

— Não me chame de criança — gritou ela, puxando metade da faca cristalma para fora da bainha. — Admito meu erro.

Ele olhou para ela, sorriu e voltou sua atenção à pilotagem do tóptero. As muralhas íngremes do Castelo Atreides podiam ser notadas agora, dominando os subúrbios ao norte de Arrakeen.

— Você é uma coisa antiga na carne de alguém que é pouco mais que uma criança — explicou ele. — E essa carne encontra-se perturbada pela puberdade.

— Não sei por que o escuto — resmungou ela, deixando que a faca mergulhasse de volta na bacia. Enxugou a palma da mão no manto. A mão, úmida de transpiração, perturbava seu senso de frugalidade Fremen. Tamanho desperdício de umidade corpórea!

— Ouve-me porque sabe que sou devotado a seu irmão. Minhas ações são claras e facilmente compreensíveis.

— Nada a seu respeito é claro e facilmente compreensível. É a criatura mais complexa que já vi. Como poderei saber o que os Tleilaxu colocaram em você?

— Por engano ou intenção, eles me deram a liberdade para moldar a mim mesmo.

— Você fica voltando às parábolas Zensunni — acusou ela.

“O homem sábio molda a si mesmo... os tolos só vivem para morrer.” — A voz dela o imitava. Discípulo da compreensão!

— Os homens são incapazes de separar a mesquinhez da iluminação.

— Fala por meio de charadas!

— Eu falo da abertura da mente.

— Vou repetir tudo isso para Paul.

— Ele já ouviu a maior parte.

Sentiu-se dominada pela curiosidade.

— Como é, então, que você permanece vivo e livre? O que ele disse?

— Ele riu. E disse: “As pessoas não querem um guarda-livros como Imperador; elas querem um senhor, alguém que as proteja das mudanças.” Mas concordou em que a destruição de seu Império parte dele próprio.

— Por que diria tais coisas?

— Porque o convenci de que compreendo seu problema e vou ajudá-lo.

— Que poderia ter dito para conseguir isso?

Ele permaneceu em silêncio, curvando o ornitóptero em sua descida para o pouso no complexo da guarda, sobre o teto do Castelo.

— Eu ordeno que me diga!

— Eu não estou certo de que poderia ouvir isso.

— Eu serei o juiz quanto a isso! Agora, ordeno que fale imediatamente!

— Permita-me que pouse primeiro — disse ele e, sem esperar pela permissão, girou a aeronave, colocando as asas na posição de máxima sustentação e descendo suavemente sobre a brilhante plataforma alaranjada em cima do teto.

— Agora — disse Alia. — Fale.

— Eu disse a ele que suportar a si próprio pode ser a tarefa mais dura do universo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Isso é... isso é...

— Uma pílula amarga de se engolir — acrescentou ele, observando os guardas correrem através do teto, vindo ao encontro deles e assumindo suas posições de escolta.

— Amarga tolice!

— O maior dos nobres e o servo mais inferior compartilham o mesmo problema. Não pode contratar um mentat ou qualquer outro intelecto que o resolva para você. Não há intimação ou convocação de testemunhas que lhe possa dar as respostas. Nenhum servo... ou discípulo pode enfaixar esse ferimento. Você o enfaixa por si mesma e continua sangrando para que todos vejam.

Ela girou para se afastar dele, percebendo naquele instante o que esse gesto revelava a respeito de seus sentimentos. Sem dom de voz ou truque de bruxaria, ele havia alcançado sua psique uma vez mais. E como é que fazia isso?

— O que lhe recomendou que fizesse? — sussurrou ela.

— Eu lhe disse para julgar, impor a ordem.

Alia observou os guardas, notando a paciência com que aguardavam a ordem.

— Fazendo justiça? — murmurou ela.

— Não é isso! — retrucou ele. — Sugeri que ele julgasse sem ser mais guiado por um único princípio, talvez...

— E então?

— Que mantivesse seus amigos e destruísse os inimigos.

— Que julgasse injustamente?

— Que é justiça? Duas forças em colisão. Cada uma delas pode estar certa dentro de sua própria esfera de ação. E é aqui que um Imperador impõe soluções ordeiras. Os choques que ele não puder evitar, ele resolve.

— Como?

— Da maneira mais simples: ele decide.

— Preservando os amigos e destruindo os inimigos.

— Isso não é estabilidade? As pessoas querem ordem, dessa maneira ou de qualquer outra. Elas sentam-se na prisão de seus desejos e percebem que a guerra se tornou um esporte para os ricos. Essa é uma forma perigosa de sofisticação. Causa a desordem.

— Vou dizer a meu irmão que você é demasiado perigoso e que deve ser destruído — disse ela, voltando-se para encará-lo.

— Uma solução que já sugeri — replicou ele.

— E é por isso que é perigoso — disse ela, medindo as palavras com muito cuidado. — Você dominou suas paixões.

— Não é por isso que sou perigoso.

Antes que ela pudesse mover-se ele se inclinou em sua direção, segurou-a pelo queixo com uma das mãos e plantou seus lábios sobre os dela.

Foi um beijo carinhoso, breve. Depois, ele se afastou e ela ficou olhando, em estado de choque, temperado por vislumbres de sorrisos espasmódicos nos rostos dos guardas, ainda aguardando em posição de sentido, do lado de fora.

Alia colocou um dedo sobre os lábios. Houvera uma enorme sensação de familiaridade naquele beijo. Os lábios dele haviam sido a carne de um futuro que ela já presenciara, de algum modo, por sua presciência. Com o peito ofegante, ela disse:

— Devia mandar esfolá-lo.

— Por que sou perigoso?

— Porque é demasiado atrevido!

— Eu não me atrevo a nada. Não tomo nada que não me tenha sido oferecido primeiro. Fique satisfeita por não ter tomado tudo que me foi oferecido. — Ele abriu a porta e saiu. — Venha. Já nos atrasamos muito em uma tarefa inútil.

Caminhou em direção à cúpula de entrada, além da plataforma.

Alia saltou e correu para alcançá-lo.

— Vou contar a ele tudo que você disse... e fez.

— Ótimo. — Ele segurou a porta para que ela entrasse.

— Ele vai ordenar que seja executado — disse ela entrando no domo.

— Por quê? Porque tomei o beijo que eu queria?

Ele a seguiu, seu movimento forçando-a a recuar enquanto a porta se fechava atrás de si.

— O beijo que você queria! — Sentia-se ultrajada.

— Está bem, Alia, o beijo que você queria, então.

Começou a andar em torno dela, em direção ao campo de queda.

Como se esse movimento a houvesse impulsionado para um estado de percepção ampliada, ela sentiu a sinceridade... a total honestidade dele. "O beijo que eu queria", repetiu em seu pensamento. "Era verdade."

— Sua sinceridade, é por isso que é perigoso — disse ela, seguindo-o.

— Está retornando aos caminhos da sabedoria — disse ele, sem interromper a marcha. — Um mentat não teria exposto esse assunto de modo mais direto. Agora, o que viu no deserto?

Ela segurou-lhe o braço, forçando-o a parar. Ele o fizera de novo: impulsionara-lhe a mente para um estado de percepção aguçada.

— Não posso explicar isso — disse ela. — Mas fico pensando em Dançarinos Faciais. Por quê?

— Foi por isso que seu irmão a enviou para o deserto. Conte-lhe a respeito desse pensamento persistente.

— Mas por quê? — Ela sacudiu a cabeça. — Por que Dançarinos Faciais?

— Há uma jovem morta lá fora — disse ele. — E talvez nenhuma jovem tenha sido dada como desaparecida entre os Fremen.

Penso na alegria que é estar vivo e imagino se jamais conseguirei mergulhar interiormente até as raízes desta carne para me conhecer tal como um dia fui. As raízes então lá. Ainda que algum ato meu seja capaz de encontrá-las, elas permanecem fincadas no futuro. Mas todas as coisas que um homem pode fazer são minhas. Qualquer ato meu pode fazê-lo.

— *A Palavra do Gholá, Comentário de Alia*

Enquanto permanecia mergulhado no forte odor da especiaria, olhando para dentro através do transe oracular, Paul viu que a lua se tornava uma esfera alongada. Aquilo rolava e se torcia, chiando o terrível chiado de uma estrela sendo apagada num mar infinito — caindo... caindo... caindo... como uma bola atirada por uma criança.

Então se foi.

Essa lua não se escondera no horizonte. A percepção o engolfou. Ela se fora: não havia mais lua. A terra tremia como um animal sacudindo a pele. O terror tomou conta dele.

Paul saltou na cama, os olhos arregalados, fitando. Uma parte dele ainda olhava para dentro, a outra, para fora. Lá fora ele via o gradeado de plasmeld que ventilava seu quarto particular e sabia que mais adiante se encontrava o penhasco rochoso que cercava o Castelo. Por dentro, ele continuava a ver a lua caindo.

“Fora! Fora!”

A grade de plasmeld abria-se para a ofuscante iluminação do meio-dia de Arrakeen. Dentro... era a noite mais negra. Um conjunto de odores suaves, vindos do jardim no telhado, provocou-lhe os sentidos, mas nenhum perfume floral poderia afastar aquela lua caindo.

Paul girou, colocando os pés sobre a superfície fria do piso, e olhou através da grade. Podia ver através do arco da ponte para pedestres, construída com cristais estabilizados de ouro e platina. Jóias de fogo do distante Cedon decoravam a ponte, que conduzia às galerias da cidade interna, por sobre um lago e uma fonte cheios de flores aquáticas. Caso se levantasse, Paul sabia que poderia olhar lá para baixo e ver as pétalas, tão limpas e vermelhas como

sangue fresco, girando, voltando-se. Discos de cor ambiental lançados sobre uma água verde-esmeralda.

Seus olhos captaram a cena sem retirá-lo do transe da especiaria.

“Aquela visão terrível da lua perdida.”

Uma visão que sugeria uma perda monstruosa da segurança individual. Talvez houvesse presenciado a queda de sua civilização, derrubada por suas próprias pretensões.

“Uma lua... uma lua... uma lua caindo.”

Necessitara de uma dose maciça de especiaria para penetrar no lodo agitado pelo tarô. E tudo que lhe mostrara fora uma lua caindo e aquele caminho odioso que já conhecia desde o início. Para pôr fim ao Jihad, para silenciar o vulcão da carnificina, ele precisa desacreditar a si próprio.

“Desligue-se... desligue-se... desligue-se...”

O perfume floral do jardim no teto lembrava-lhe Chani. Precisava de seus braços agora, dos braços envolventes do amor e do esquecimento. Mas nem mesmo Chani seria capaz de exorcizar essa visão. Que diria Chani se ele fosse até ela com a declaração de que andava com a morte na mente? Sabendo que era inevitável, por que não escolher uma morte aristocrática e terminar a vida num duelo secreto, desdenhando os anos que poderiam restar? Morrer antes que sua força de vontade chegasse ao fim, não era essa a opção de um aristocrata?

Levantou-se, atravessou a abertura da grade e saiu para a sacada, acima das flores e trepadeiras do jardim. Sua boca guardava a segura de uma marcha pelo deserto.

“Lua... lua... onde é aquela lua?”

Pensou na descrição que Alia fizera do corpo de uma jovem encontrada nas dunas. Uma Fremen viciada em semuta! Tudo encaixava-se num padrão odioso.

“Não se tira nada deste universo”, pensou. “Ele dá o que deseja.”

Os restos de uma concha dos mares da Mãe Terra jaziam sobre uma mesinha ao lado do parapeito da sacada. Segurou entre as mãos sua lisura lustrosa, tentando sentir-se recuado no Tempo.

A superfície aperolada refletia cintilantes luas luminosas. Afastou o olhar dela, olhando para cima, por sobre o jardim, em direção ao céu que se tornava um incêndio — esteiras de poeira iridescente brilhando sob um sol prateado.

“Meus Fremen se autodenominam ‘Filhos da Lua’, pensou.

Colocou a concha de volta no lugar e caminhou ao longo da sacada. Aquela lua aterrorizante poderia representar alguma esperança de fuga? Sondou em busca de significado na região da comunhão mística. Sentia-se fraco, abalado, ainda dominado pela especiaria.

Na extremidade norte de seu abismo de plasmeld, ele pôde ver os prédios baixos do Governo. Pessoas andando a pé enchiam as passarelas do teto. Sentia que elas passavam por lá como uma brisa esfregando um fundo de portas, paredes e lajotas desenhadas. As pessoas eram as lajotas! Quando piscava, podia vê-las congeladas em sua mente. Um azulejo.

“Uma lua caíra e se fora.”

Ocorreu-lhe o sentimento de que a cidade lá fora traduzira-se em curioso símbolo de seu universo. Os prédios que via tinham sido erguidos na planície onde seus Fremen haviam derrotado as legiões de Sardaukar. Aquele solo que já fora pisado em batalhas agora ressoava com o ruído apressado dos negócios.

Mantendo-se na extremidade da sacada, Paul atingiu um dos cantos. Agora sua visão tornava-se um panorama dos subúrbios, onde as estruturas da cidade se perdiam nas rochas e na areia soprada do deserto. O Templo de Alia dominava o primeiro plano. Panos pendendo ao longo de suas faces de 2 mil metros de altura exibiam o símbolo da lua do Muad'Dib.

“Uma lua caindo.”

Passou a mão sobre a testa e os olhos. A metrópole-símbolo o oprimia, e ele desprezava seus próprios pensamentos. Em outro, tal vacilação teria provocado sua fúria.

Odiava sua cidade!

E o ódio, alimentado pelo tédio, flamejou e ferveu fundo dentro dele, nutrido por decisões que não poderiam ser evitadas.

Conhecia a trilha que seus pés deviam percorrer. já pudera vê-la o suficiente, não pudera? Vira! Certa vez... muito tempo atrás, pensara em si mesmo como um inventor de formas de governo.

Mas a invenção recaía em velhos padrões. Era como alguma coisa hedionda dotada de memória plástica. Molde-a da maneira como desejar, mas relaxe por um momento e ela voltará às antigas formas. Forças agindo além de seu alcance, no peito dos homens, ainda o desafiavam e iludiam.

Paul olhou por cima dos telhados. Que tesouros de vida livre não se encontrariam debaixo daqueles tetos? Vislumbrou manchas de folhas verdes, canteiros abertos em meio à greda vermelha e dourada dos tetos. Verde, o dom de Muad'Dib e sua água. Pomares e arvoredos surgiam à sua volta, plantações ao aberto capazes de rivalizar com as do lendário Líbano.

— O Muad'Dib gasta água como um louco — diziam os Fremen.

Paul colocou a mão sobre os olhos.

“A lua caía.”

Deixou cair as mãos, olhando para a metrópole com a visão clareada. Os prédios exibiam uma aura de monstruosa barbaridade imperial. Erguiam-se, enormes e brilhantes, sob o sol do norte. Colossos! Toda extravagância arquitetônica que uma história demente poderia produzir encontrava-se dentro de seu campo de visão: terraços com as proporções de uma meseta, praças tão grandes quanto certas cidades, parques, propriedades, trechos de agreste cultivado.

Um talento soberbo reunira inexplicáveis prodígios de mau gosto. Detalhes imprimiam-se sobre ele: um portal da mais antiga Bagdá... uma cúpula sonhada na mítica Damasco... um arco saído da baixa gravidade de Atar... elevações harmoniosas e estranhas profundezas. Tudo criando um efeito de inigualada magnificência.

“Uma lua! Uma lua! Uma lua!”

A frustração o dominava. Sentia a pressão do inconsciente coletivo, daquela expansão nascente dos seres humanos através de seu universo. Lançavam-se sobre ele com a força de uma gigantesca onda de maré. Sentia as vastas migrações agindo sobre

os negócios humanos: redemoinhos, correntes, fluxos de genes. Nenhuma barragem de abstinência, nenhum ataque de impotência ou imprecisão poderia detê-las.

O Jihad do Muad'Dib era menos que um piscar de olho nesse movimento maior. As Bene Gesserit nadavam nessa maré, sua entidade corporativa negociando com genes, tão presa à corrente como ele próprio. A visão de uma lua caindo devia ser avaliada contra o pano de fundo de outras lendas, outras visões em um universo onde até mesmo as estrelas, aparentemente eternas, minguavam, tremulavam, se apagavam...

Que importância teria uma única lua nesse universo?

Bem de dentro de sua cidadela fortificada, tão profundo que o som às vezes se perdia no fluxo de ruídos da cidade, um rebab de dez cordas tilintava com uma canção do Jihad, o lamento por uma mulher deixada para trás em Arrakis:

*"Seus quadris são dunas curvadas pelo vento,
Seus olhos brilham com o calor do verão
Duas tranças pendem em suas costas,
Cabelos ricos com anéis de água!
Minhas mãos lembram sua pele,
Perfumada como âmbar, cheirando a flores.
Pálpebras trêmulas com memórias..
Golpeado estou pela chama branca do amor!"*

A canção o enjoava. Um tema para criaturas estúpidas perdidas no sentimentalismo! Poderia muito bem ser cantada para o cadáver que Alia vira, impregnado de duna.

Uma figura moveu-se nas sombras da grade atrás da sacada.

Paul virou-se.

O gholá emergiu à plena luz do sol. Seus olhos metálicos cintilavam.

— É Duncan Idaho ou o homem chamado Hayt? — indagou Paul.

O gholá parou a dois passos dele.

— Qual deles meu senhor prefere?

A voz tinha um suave tom de cautela.

— Banque o Zensunni — disse Paul amargamente.

“Significados dentro de significados!” O que um filósofo Zensunni poderia dizer ou fazer para mudar um detalhe da realidade que se desenvolvia diante deles nesse momento?

— Meu senhor está perturbado?

Paul voltou-lhe as costas, olhando na direção da distante escarpa da Muralha Escudo, vendo arcos e contrafortes esculpidos pelo vento, numa terrível imitação da cidade. A natureza fazendo uma piada com ele! “Veja o que eu posso construir!” Reconheceu um corte no maciço distante, um lugar onde a areia se derramava de uma fenda, e pensou: “Lá, bem ali, nós combatemos os Sardaukar!”

— O que perturba o meu senhor? — perguntou o ghola.

— Uma visão — sussurrou Paul.

— Ahhhh. Quando os Tleilaxu me despertaram pela primeira vez, eu tive visões. Estava inquieto, solitário... sem saber realmente que sentia solidão. Não naquela ocasião. Minhas visões nada revelavam! Os Tleilaxu me disseram que era apenas uma moléstia da carne que todos os homens e gholas sofrem, um enjôo, nada mais.

Paul voltou-se, observando os olhos do ghola, aquelas bolas de aço perfurado sem expressão. Que visões aqueles olhos teriam?

— Duncan... Duncan... — sussurrou.

— Me chamam Hayt.

— Eu vi uma lua cair. Ela se foi, destruída. Ouvei um assóvio forte. A terra tremia.

— Ficou embriagado por demasiado tempo — disse o ghola.

— Eu pergunto ao Zensunni e o mentat me responde! Muito bem! Faça minha visão passar por sua lógica mentat. Analise-a e reduza-a a meras palavras, prontas para serem enterradas.

— Um enterro, de fato — disse o ghola. — O senhor foge da morte. Concentra-se no instante seguinte, recusando-se a viver aqui e agora. Presságios! Que muleta para um Imperador!

Paul estava fascinado por ver uma verruga familiar no queixo do ghola.

— Tentando viver nesse futuro — disse o ghola —, pode dar-lhe substância? Pode torná-lo real?

— Se eu seguir o caminho que minha visão do futuro revela, estarei vivo quando acontecer murmurou Paul. — Que o faz pensar que desejo viver lá?

O ghola encolheu os ombros.

— Pediu-me uma resposta substancial.

— E onde está a substância num universo composto de eventos? Haverá uma resposta final? Cada solução não produzirá novas perguntas?

— O senhor meditou por tanto tempo que adquiriu ilusões de imortalidade — disse o ghola. Mesmo o seu império, meu senhor, viverá a sua época e morrerá.

— Não me exhiba altares enegrecidos — resmungou Paul. — Já ouvi o bastante em matéria de histórias tristes sobre deuses e messias. Por que eu precisaria de poderes especiais para profetizar minha própria ruína, como todos os outros? O criado mais servil de minha cozinha pode fazer isso. — Sacudiu a cabeça. — A lua caiu!

— Ainda não levou sua mente para repousar em seus primórdios — sugeriu o ghola.

— É assim que vai me destruir? Evitando que eu ordene meus pensamentos?

— Pode ordenar o caos? — indagou o ghola. — Nós, Zensunni, costumamos dizer: “Não reunir é a derradeira ordenação.” Pode juntar alguma coisa sem antes unir a si mesmo?

— Eu estou atormentado por uma visão e você fica falando tolices! — enfureceu-se Paul. — O que sabe de presciência?

— Eu já vi um oráculo funcionar — respondeu o ghola. — Já vi aqueles que buscam sinais e profecias para seu destino individual. Eles temem aquilo que buscam.

— Minha lua caindo é real — sussurrou Paul. Respirou trêmulo. — Aquilo se move, se move...

— Os homens sempre temeram as coisas que se mexem sozinhas. O senhor teme seus próprios poderes. Coisas caem-lhe na cabeça vindas de parte alguma. Quando elas caem, para onde vão?

— Conforta-me com tormentos — rosnou Paul.

Uma iluminação interior modificou o rosto do ghola. Por um momento, ele se tornou todo Duncan Idaho.

— Eu lhe dou o conforto que posso — disse.

Paul admirou-se com aquele momentâneo espasmo. Teria o ghola sentido uma mágoa que sua mente rejeitara? Teria Hayt suprimido uma de suas próprias visões?

— Minha lua tem um nome — sussurrou Paul.

Deixou que a visão fluísse sobre ele. Embora todo o seu ser gritasse, nenhum som lhe escapou. Tinha medo de falar, temendo que a voz pudesse traí-lo. O ar desse futuro aterrorizante encontrava-se espesso com a ausência de Chani. Carne que gritara em êxtase, olhos que o haviam queimado com seu desejo, voz que o encantara justamente por não apresentar truques de controle sutil... tudo perdido, reduzido de volta a água e areia.

Lentamente, ele se voltou, olhando para fora, para o presente, para a praça diante do templo de Alia. Três peregrinos de cabeça raspada entraram na avenida das procissões. Usavam mantos amarelos encardidos e apressavam-se com as cabeças curvadas ante o vento da tarde. Um caminhava arrastando o pé esquerdo. Avançaram contra o vento, contornando uma curva do caminho e saindo para fora do campo de visão.

Exatamente como a lua faria, eles haviam partido. A visão ainda permanecia diante dele. Seu terrível propósito não lhe dava qualquer escolha.

“A carne se rende”, pensou. “A eternidade toma de volta o que é seu. Nossos corpos agitaram estas águas brevemente, dançaram com certa embriaguez ante o amor à vida e ao ego, enfrentaram idéias estranhas e então se submeteram aos instrumentos do Tempo. Que poderíamos dizer a respeito disso? Aconteci. Eu não sou... no entanto, aconteci.”

Não se implora ao sol por misericórdia.

*— Trabalho do Muad'Dib,
dos Comentários de Stilgar*

Um momento de incompetência pode ser fatal, lembrou a si mesma a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam.

Avançava coxeando, aparentemente despreocupada, ante o anel de guardas Fremen. Um destes, atrás dela, sabia muito bem, era um surdo-mudo, imune a qualquer astúcia da Voz. Sem dúvida, ele estava encarregado de matá-la ante a menor provocação.

Por que Paul a convocara?, perguntava-se. Estaria a ponto de passar a sentença? Lembrava-se do dia, muito tempo atrás, quando o testara... a criança kwisatz haderach. Ele fora muito profundo.

Maldita seja sua mãe para a eternidade! Era culpa dela que as Bene Gesserit houvessem perdido o controle sobre essa linha genética.

O silêncio propagava-se pelas passagens abobadadas à frente de seu séquito. Sentia a notícia sendo transmitida. Paul perceberia esse silêncio e saberia que ela vinha antes que fosse anunciada. E ela não se iludia com a idéia de que seus poderes pudessem ser maiores que os dele.

Maldito seja!

Lamentava as cargas que a idade lhe havia imposto. Juntas doloridas, respostas não tão rápidas como já haviam sido, músculos não tão elásticos como os chicotes de sua juventude. Um longo dia por trás dela e uma longa vida. Consumira esse dia em consultas ao Tarô de Duna, na busca inútil de algum indício quanto ao seu próprio destino. Mas as cartas eram vagarosas.

Os guardas conduziram-na ao redor de uma curva e para dentro de outra das aparentemente intermináveis passagens abobadadas. Janelas de metavidro triangulares, à esquerda, abriam-se para uma visão de trepadeiras trançadas sobre gradis, no alto, e flores cor de anil mergulhadas em profundas sombras

lançadas pelo sol do entardecer. Azulejos estendiam-se sob seus pés... figuras de criaturas aquáticas de planetas exóticos. Lembranças de água por toda parte. Prosperidade... riqueza. Figuras envoltas em mantos passaram por outro corredor, diante dela, lançando olhares reservados para a Reverenda Madre. O reconhecimento óbvio em suas maneiras... e na tensão. Mantinha sua atenção voltada para a linha definida do corte de cabelo do guarda imediatamente em frente: a carne jovem, rosada nos vincos da gola do uniforme. A imensidão dessa cidadela começava a impressioná-la. Corredores... corredores... Passaram por um portal aberto de onde emergia o som do timbur e da flauta, tocando música suave e ancestral. Um olhar lhe revelou o azul dentro do azul de olhos Fremen fitando do interior do salão. Sentiu neles a fermentação de revoltas lendárias, agitando-se em genes selvagens. Ali se encontrava a medida de seu fardo pessoal, ela bem o sabia. Uma Bene Gesserit não poderia fugir à consciência dos genes e de suas possibilidades. Sentiu-se tocada por um sentimento de perda: aquele Atreides tolo e teimoso! Como poderia negar as jóias de posteridade dentro de suas virilhas? Um kwisatz haderach! Nascido fora de seu tempo, era verdade, mas real... tão real quanto sua abominável irmã... e ali estava o perigoso desconhecido. Uma Reverenda Madre selvagem, gerada sem as inibições das Bene Gesserit, sem lealdade ao ordeiro desenvolvimento dos genes. Ela partilhava os poderes do irmão, sem dúvida... e mais ainda. O tamanho da cidadela começava a oprimi-la. Será que esses corredores não terminavam nunca? O lugar estava impregnado de um poder físico terrível. Nenhum planeta, nenhuma civilização em toda a história humana, jamais presenciara tal imensidão feita pelo homem. Uma dúzia de cidades antigas poderia se ocultar dentro dessas paredes.

Passaram por portais ovais com luzes piscando. Ela os reconheceu como trabalho ixiano: orifícios de transporte pneumático. Por que então estavam caminhando toda essa distância? A resposta começou a se formar em sua mente: para oprimi-la, preparando-a para a audiência com o Imperador.

Um pequeno indício, mas a ele se juntavam outras indicações sutis. A relativa supressão e seleção de palavras pelos membros da escolta, os traços de timidez primitiva em seus olhos quando eles a chamavam de “Reverenda Madre”, a natureza fria e suave, essencialmente desodorizada, dessas passagens... tudo combinado para revelar muita coisa que uma Bene Gesserit poderia interpretar.

Paul desejava alguma coisa da parte dela!

Ocultou o sentimento de júbilo. Havia uma alavanca de acordo. Restava apenas descobrir a natureza dessa alavanca e testar sua força. Algumas alavancas haviam movido coisas maiores do que essa cidadela. O toque de um dedo já derrubara civilizações.

A Reverenda Madre lembrou-se da avaliação de Scytale: “Quando uma criatura se tornou alguma coisa, ela preferirá a morte a se transformar em seu oposto.”

Os corredores através dos quais estava sendo escoltada tornaram-se mais vastos, através de estágios sutis — truques no arqueado do teto, gradual ampliação dos pilares de sustentação, substituição das janelas triangulares por formas maiores, oblongas. E diante dela, finalmente, ergueram-se portas duplas, centradas na parede oposta de uma alta antecâmara. Percebeu que as portas eram muito grandes e foi forçada a suprimir uma exclamação quando sua percepção treinada mediu as verdadeiras proporções. A porta tinha pelo menos oito metros de altura, e metade disso de largura.

Quando se aproximou com a escolta, as portas giraram para dentro — num imenso e silencioso movimento de máquinas ocultas. Reconheceu mais mão-de-obra ixiana. Através daquele gigantesco portal, ela ingressou, com os guardas, no Grande Salão de Recepções do Imperador Paul Atreides “Muad’Dib, diante de quem todas as pessoas são diminuídas.” E agora ela via funcionar o efeito desse ditado popular.

Enquanto avançava em direção a Paul, no trono distante, a Reverenda Madre sentia-se mais impressionada pelas sutilezas arquitetônicas à sua volta do que pela imensidão. O espaço era grande: ele poderia ter abrigado toda uma cidadela de qualquer outro governante da história humana. A extensão aberta do salão

revelava muito a respeito das forças estruturais ocultas, equilibradas com habilidade. As escoras e vigas de suporte atrás dessas paredes do distante teto abobadado deviam superar qualquer coisa já tentada. Tudo falava de um gênio da engenharia.

Sem parecer, o salão se tornava menor na extremidade mais distante, recusando-se a reduzir o Muad'Dib em seu trono sobre uma plataforma. Uma consciência destreinada, chocada pelas proporções da arquitetura ao redor, iria vê-la, a princípio, como uma pessoa muitas vezes maior do que realmente era. As cores influenciavam a psique desprotegida. O trono verde de Paul fora esculpido a partir de uma única esmeralda hagariana. Ele sugeria coisas crescendo e, segundo a mitologia Fremen, refletia as cores da manhã. Ele sussurrava que ali se sentava aquele que poderia fazer alguém lamentar-se — vida e morte num único símbolo, hábil tensão de opostos. Por trás do trono, cortinas drapeadas cascadeavam num laranja queimado, o dourado curtido da terra de Duna, com flocos cor de canela da melange. Para um olhar treinado, o simbolismo era óbvio, mas continha fortes golpes para prostrar os não-iniciados.

O Tempo desempenhava um papel nisso.

A Reverenda Madre calculou os minutos necessários para se aproximar da Presença Imperial em seu andar coxeado. Havia tempo para intimidar alguém. Qualquer tendência ao ressentimento seria espremida para fora da pessoa pelo poder sem limites focalizado em um único indivíduo. A pessoa poderia começar a marcha em direção ao trono cheia de dignidade humana, mas terminaria como um mosquito.

Auxiliares e atendentes colocavam-se em torno do Imperador curiosamente ordenados, guardas da casa, atentos, ao longo da parede cortinada do fundo, a abominável Alia dois passos abaixo de Paul e, junto à sua mão esquerda, Stilgar, o lacaios imperial, sobre o degrau diretamente abaixo de Alia. À direita, um degrau acima do piso do salão, uma figura solitária: o fantasma em carne de Duncan Idaho — o gholá. Ela notou velhos Fremen entre os guardas. Naibs barbados com cicatrizes de trajes destiladores em suas narinas, facas cristalinas embainhadas nas cinturas, algumas pistolas maula

e até mesmo algumas armas de laser. Deviam ser homens de muita confiança, pensou ela, para portarem armas de laser na presença de Paul quando ele obviamente usava um gerador de campo. Podia notar o tremeluzir do campo em torno dele. Um disparo de uma arma de laser naquele campo e toda essa cidadela seria reduzida a um buraco no chão.

Sua guarda parou a dez passos do pé da plataforma, dividindo-se para não obstruir a visão do Imperador. Então, ela notou a ausência de Chani e Irulan, admirando-se disso. Ele não dava qualquer audiência importante sem elas, pelo que se comentava.

Paul acenou com a cabeça para ela, silencioso, avaliando.

Imediatamente, ela decidiu partir para a ofensiva e disse:

— Então, o grande Paul Atreides se digna ver alguém a quem banuiu.

Paul sorriu atravessado, pensando: “Ela sabe que desejo alguma coisa dela.” Tal conhecimento seria inevitável, sendo ela quem era. Reconhecia-lhe os poderes. As Bene Gesserit não se tornam Reverendas Madres por acaso.

— Podemos dispensar os duelos verbais? — indagou ele.

Seria assim tão fácil?, imaginou ela. Então disse:

— Diga o que deseja.

Stilgar remexeu-se, olhando incisivamente para Paul. O laçao imperial não lhe apreciara o tom.

— Stilgar deseja que eu a mande embora — disse Paul.

— Sem me matar? — ela indagou. — Eu teria esperado alguma coisa mais direta de um Naib Fremen.

Stilgar olhou para ela, carrancudo, e disse:

— Frequentemente, eu devo falar o oposto daquilo que penso. Chamam a isso de diplomacia.

— Então, vamos dispensar a diplomacia também. Era necessário fazer-me caminhar toda essa distância? Sou uma velha.

— Era preciso demonstrar-lhe quão duro posso ser. Desse modo, saberá reconhecer a magnanimidade — disse Paul.

— Atreve-se a tais grosserias com uma Bene Gesserit?

— Os atos grosseiros transmitem suas próprias mensagens.

Ela hesitou, medindo-lhe as palavras. Assim, isso significava que ele ainda poderia dispensá-la... grosseiramente, como era óbvio, se ela... se ela o quê?

— Diga o que deseja de mim — murmurou a velha.

Alia olhou para o irmão e acenou para as cortinas atrás do trono. Ela conhecia o raciocínio de Paul sobre tudo isso, mas não gostava da coisa. Podemos chamar de profecia impetuosa: sentia-se cheia de relutância em tomar parte nessa barganha.

— Deve ser cuidadosa no modo como fala comigo, velha — disse Paul.

“Ele me chamou de velha quando ainda era um moleque”, pensou a Reverenda Madre. “Estará me recordando agora da presença de minha mão em seu passado? A decisão que tornei então, deverei repeti-la aqui?” Sentia o peso dessa decisão, uma coisa física que deixava seus joelhos trêmulos. Músculos gritando de fadiga.

— Foi uma longa caminhada — ele concordou. — Posso ver que está cansada. Vamos nos retirar para minha câmara particular, atrás do trono. Poderá sentar-se lá. — Fez um sinal com a mão para Stilgar e se levantou.

Stilgar e o ghola convergiram para ela, ajudando-a a subir os degraus e seguindo Paul através da passagem oculta pelas cortinas.

Percebia agora por que ele a saudara no salão: fora uma encenação para os guardas e Naibs. Ele os temia, então. E agora... agora ele exibia uma condescendência gentil, atrevendo-se a tais ardis com uma Bene Gesserit. Ou isso seria atrevimento? Sentiu outra presença atrás de si e olhou, vendo que Alia a seguia. Os olhos da jovem tinham uma aparência meditativa, maligna. A Reverenda Madre estremeceu.

A câmara particular, na extremidade do corredor, era um cubo de plasmeld com vinte metros de lado, contendo globos luminosos, que forneciam uma iluminação amarelada, e espessas cortinas alaranjadas, de uma tenda destiladora do deserto, em torno das paredes. Havia divãs, almofadas macias e um suave odor de melange. Frascos de água cristalina surgiam sobre uma mesinha.

Parecia diminuto depois do salão exterior.

Paul sentou-a sobre um divã e ficou de pé diante dela, observando o velho rosto. Dentes metálicos, olhos que ocultavam mais do que revelavam, pele profundamente enrugada. Indicou-lhe um frasco com água. Ela sacudiu a cabeça negativamente, deslocando um fiapo de cabelo grisalho.

Em voz baixa, ele disse:

— Desejo barganhar com a senhora pela vida de minha amada.

Stilgar pigarreou.

Alia passou o dedo sobre o cabo da faca cristalina embainhada em seu pescoço.

O ghola permanecia na porta, rosto impassível, olhos metálicos apontados para um ponto no ar acima da cabeça da Reverenda Madre.

— O senhor teve visão de minha mãe agindo na morte dela? — indagou a Reverenda Madre.

Mantinha a atenção voltada para o ghola, que curiosamente a perturbava. Por que se sentia ameaçada pelo ghola? Ele era um instrumento da conspiração.

— Eu sei o que deseja de mim — disse Paul, evitando responder à pergunta.

“Então, ele apenas suspeita”, ela pensou. Olhou para as pontas dos sapatos expostas sob a dobra do seu manto. Sapatos pretos... Pretos... e o manto exibindo as marcas do seu confinamento: manchado, amarrotado. Ergueu o queixo para encontrar o brilho furioso nos olhos de Paul. O júbilo fluía através dela, mas a velha ocultava a emoção por trás de lábios comprimidos, olhos semicerrados.

— Que moeda tem para oferecer? — indagou.

— Você poderá ter o meu sêmen, mas não a minha pessoa — respondeu Paul. — Irulan será banida e inseminada artificial...

— Como se atreve! — rugiu a Reverenda Madre, o corpo se enrijecendo.

Stilgar deu meio passo adiante.

De modo desconcertante, o ghola sorriu, e agora era Alia que o observava.

— Não vamos discutir as coisas que sua Irmandade proíbe — continuou Paul. — Não ouvirei mais conversas sobre pecados, maldições ou crenças deixadas por antigos Jihads. Vocês podem ter o meu sêmen para os seus planos, mas nenhum filho de Irulan se sentará no meu trono.

— Seu trono — ela zombou.

— Meu trono.

— Então, quem dará à luz o herdeiro imperial?

— Chani.

— Ela é estéril.

— Ela está grávida.

Uma inspiração involuntária revelou o choque da Reverenda Madre.

— É mentira — retrucou ela.

Paul ergueu a mão a fim de deter Stilgar, que avançava para ela.

— Sabemos há dois dias que ela carrega um filho meu.

— Mas Irulan...

— Somente por meios artificiais. Essa é minha oferta. A Reverenda Madre fechou os olhos para lhe ocultar o rosto.

Maldição! Lançar o dado genético de tal modo! A aversão fervia em seu peito. Os ensinamentos das Bene Gesserit, as lições do Jihad Buferiano — tudo proibia um ato desses. Não se aviltam as aspirações mais elevadas da humanidade. Máquina alguma poderia funcionar à maneira da mente humana. Nenhuma ordem ou documento poderia obrigar que homens se reproduzissem no nível de animais.

— A decisão é sua — disse Paul.

Ela sacudiu a cabeça. Os genes, os preciosos genes dos Atreides... somente eles eram importantes. A necessidade era mais importante que as proscricções. Para a Irmandade, a reprodução significava mais que a união de esperma e óvulo. O objetivo era capturar a psique.

A Reverenda Madre compreendia agora as profundas sutilezas da oferta de Paul. Ele faria as Bene Gesserit tomarem parte num ato que iria acarretar a ira popular... se algum dia fosse descoberto.

Elas não poderiam admitir tal paternidade se o Imperador a negasse. Era uma moeda que poderia salvar os genes dos Atreides para a Irmandade, mas jamais compraria um trono.

Deixou seu olhar percorrer a sala, estudando cada face: Stilgar, agora passivo e na expectativa; o ghola, congelado em algum lugar interior; Alia, observando o ghola... e Paul — a fúria oculta debaixo de um verniz fino.

— Essa é sua única oferta? — indagou ela.

Minha única oferta.

Olhou para o ghola, atraída por um breve movimento dos músculos em torno de seu queixo. Emoção?

— Você, ghola — disse ela. — Tal oferta deveria ter sido feita? E tendo sido feita, deveria ser aceita? Funcione como mentat para nós.

Os olhos metálicos voltaram-se para Paul.

— Responda como desejar — disse Paul.

O ghola voltou seu olhar reluzente para a Reverenda Madre, chocando-a uma vez mais com seu sorriso.

— Uma oferta é tão boa quanto aquilo que ela compra. A troca aqui oferecida é de uma vida por outra, assunto de ordem muito elevada.

Alia tirou da testa um fio de cabelo cor de cobre e perguntou:

— E o que mais se oculta nessa barganha?

A Reverenda Madre recusava-se a olhar para Alia, mas as palavras queimaram-lhe a mente. Sim, haviam implicações bem mais profundas. A irmã era abominável, é verdade, mas não poderia negar-lhe o status de Reverenda Madre, com tudo que esse título implicava. Gaius Helen Mohiam sentia naquele instante não ser mais uma única pessoa, mas todas as outras que se sentavam, como minúsculas agregações, em sua memória. Elas estavam alertas, cada Reverenda Madre que ela absorvera ao se tornar Sacerdotisa da Irmandade. Alia devia encontrar-se na mesma situação.

— Que mais? — perguntou o ghola. — Pode-se perguntar por que as bruxas Bene Gesserit ainda não usaram os métodos dos Tleilaxu.

Gaius Helen Mohiam e todas as Reverendas Madres dentro dela estremeceram. Sim, os Tleilaxu faziam coisas repugnantes.

Se alguém extinguisse as barreiras contra a inseminação artificial, qual seria o próximo passo dos Tleilaxu? Mutação controlada?

Paul, observando o jogo de emoções em torno dele, sentiu abruptamente que não mais conhecia essas pessoas. Só podia ver estranhos, e até mesmo Alia era agora uma estranha.

Alia disse:

— Se soltarmos o gene dos Atreides à deriva no rio Bene Gesserit, quem sabe o que poderá resultar?

A cabeça de Gaius Helen Mohiam voltou-se subitamente, respondendo ao olhar de Alia. Por breve instante, elas foram duas Reverendas Madres unidas, comunicando um único pensamento: “O que se encontra por trás de uma ação dos Tleilaxu? O gholá era uma criação dos Tleilaxu. Teria ele colocado esse plano na mente de Paul? Este tentaria negociar diretamente com Bene Tleilax?”

Desviou o olhar para longe de Alia, sentindo suas próprias ambivalências e imperfeições. A armadilha do treinamento das Bene Gesserit, lembrou-se, estava nos poderes que outorgava.

Tais poderes predispunham a pessoa à vaidade e ao orgulho.

Mas o poder ilude aqueles que o usam. Surge a tendência a se acreditar que o poder é capaz de superar qualquer obstáculo... inclusive a própria ignorância de quem o utiliza.

Somente uma coisa se erguia acima de tudo, nesse caso, do ponto de vista das Bene Gesserit, disse ela a si mesma. Era a pirâmide de gerações que chegara ao ápex em Paul Atreides... E em sua abominável irmã. Uma escolha errada agora e a pirâmide teria que ser reconstruída... iniciando novas gerações em linhas paralelas e com espécimes reprodutores carecendo das características ideais.

“Mutação controlada”, pensou ela. “Será que os Tleilaxu realmente a praticavam? Que coisa tentadora!” Sacudiu a cabeça, achando melhor afastar tais pensamentos.

— Rejeita minha proposta? — indagou Paul.

— Estou pensando — respondeu ela.

Ela tornou a olhar para a irmã. O par ideal para essa fêmea Atreides fora perdido... assassinado por Paul. Outra possibilidade permanecia, entretanto... uma possibilidade que consolidara as características desejadas em uma descendência. Paul atrevia-se a oferecer uma reprodução animal às Bene Gesserit! Quanto ele estaria realmente disposto a pagar em troca da vida de sua Chani? Aceitaria uma união com a própria irmã?

Lutando para ganhar tempo, a Reverenda Madre disse:

— Diga-me, ó imaculado exemplar de tudo que é sagrado, Irulan tem alguma coisa a dizer quanto à sua proposta?

— Irulan fará aquilo que lhe disser que faça — retrucou Paul.

“É bem verdade”, pensou Mohiam. Firmando o queixo, ofereceu uma nova jogada:

— Existem dois Atreides.

Paul, percebendo algo do que se encontrava na mente da velha bruxa, sentiu o sangue escurecer-lhe a face.

— Cuidado com o que sugere — advertiu.

— O senhor só usaria Irulan para conquistar seus objetivos, não é?

— Não foi ela treinada para isso — ser usada? — indagou Paul.

“E nós a treinamos, é isso que ele está dizendo”, pensou Mohiam. “Bem... Irulan é uma moeda dividida. Haveria outro modo de gastá-la?”

— Colocará no trono o filho de Chani? — indagou a Reverenda Madre.

— No meu trono — respondeu Paul.

Olhou para Alia, imaginando se ela conheceria as possibilidades divergentes dessa discussão. Alia estava de olhos fechados, aparentando uma estranha calma. Com que força interior estaria comungando? Vendo a irmã desse jeito, sentiu-se lançado à deriva. Com Alia numa praia que dele se afastava.

A Reverenda Madre tomou sua decisão.

— Isso é demasiado para que apenas uma pessoa decida. Devo consultar nosso Conselho em Wallach. Permitiria que eu enviasse uma mensagem?

“Como se ela precisasse de minha permissão!”, pensou Paul. E disse:

— De acordo, então. Mas não se atrase muito. Não ficarei esperando sentado enquanto vocês decidem.

— Negociará com os Bene Tleilax? — indagou o ghola, a voz constituindo uma aguda intromissão.

Os olhos de Alia abriram-se subitamente e ela fitou o ghola como se tivesse sido despertada por um intruso perigoso.

— Ainda não tomei tal decisão — respondeu Paul. — O que farei será partir para o deserto assim que isso possa ser arranjado. Nosso filho deverá nascer em um sietch.

— Sábia decisão — entouou Stilgar.

Alia recusou-se a olhar para Stilgar. Era uma decisão errada, podia senti-la em cada uma de suas células. Paul devia saber disso. Por que se havia fixado em tal caminho?

— Terá a Bene Tleilax oferecido seus serviços? — indagou Alia. Percebia que Mohiam aguardava a resposta.

Paul sacudiu a cabeça.

— Não. — Olhou para Stilgar. — Stil, faça com que a mensagem seja enviada para Wallach.

— Imediatamente, meu senhor.

Paul voltou-se, esperou Stilgar convocar os guardas e sair com a velha bruxa. Sentia Alia debatendo-se, em dúvida quanto a se devia confrontá-la com mais perguntas. Ela voltou-se, em vez disso, para o ghola.

— Mentat — perguntou ela —, os Tleilaxu oferecerão seus serviços a meu irmão?

O ghola encolheu os ombros.

Paul sentia sua atenção vaguear. “Os Tleilaxu? Não... não no modo como Alia sugeria.” Sua pergunta, no entanto, revelava que ela não percebera as alternativas do momento... Bem... as visões variam de sibila para sibila. Por que não de irmão para irmã? Vagueando... vagueando... retornava de cada pensamento com um susto, captando estilhaços da conversação que tinha lugar a seu lado.

Preciso conhecer o que os Tleilaxu... plenitude de dados é sempre... saudáveis dúvidas onde...

Paul virou-se, olhou para a irmã e captou sua atenção. Sabia que ela notaria as lágrimas em seu rosto e se surpreenderia com elas. Deixe que ela se surpreenda. A surpresa era uma gentileza agora. Olhou para o gholá, vendo apenas Duncan Idaho, a despeito dos olhos metálicos. Mágoa e compaixão lutavam dentro de Paul. Que poderiam registrar aqueles olhos?

“Existem muitos graus de visão, assim como muitos graus de cegueira”, pensou. Sua mente

Voltou-se para a paráfrase de uma passagem da Bíblia Universal Laranja: “De que sentidos carecemos que não podemos ver um outro mundo em torno de nós?”

Aqueles olhos metálicos constituiriam um outro sentido que não a visão?

Alia aproximou-se do irmão, sentindo sua tristeza absoluta.

Tocou em uma lágrima de sua face com um gesto de admiração dos Fremen e disse:

— Não devemos lamentar-nos por aqueles que nos são caros antes de sua partida.

— Antes de sua partida — sussurrou Paul. — Diga-me, irmãzinha, o que é “antes”?

Já me fartei desse negócio de deus e sacerdócio! Pensa que não percebo meu próprio mito? Consulte seus dados uma vez mais, Hayt. Faz com que meus ritos se insinuassem nos atos humanos mais elementares. As pessoas se alimentam em nome do Muad'Dib! Fazem amor em meu nome, nascem em meu nome... atravessam a rua em meu nome. Uma viga de telhado não pode ser erguida na habitação mais miserável da distante Gallgisbree sem que se invoquem as bênçãos do Muad'Dib!

— *Livro das Diatribes, extraído das Crônicas de Hayt*

— Arrisca-se em demasia ao deixar seu posto e vir até aqui a esta hora — disse Edric, olhando furioso, através das paredes de seu tanque, para o Dançarino Facial.

— Como é fraco e estreito seu raciocínio — disse Scytale.

— Quem é que veio para visitá-lo?

Edric hesitou, observando as formas volumosas, as pálpebras grossas, o rosto abrutalhado. Era início do dia e o metabolismo de Edric ainda não se ajustara à passagem do repouso noturno ao pleno consumo de melange.

— Essa não é a forma com que caminhava nas ruas? — indagou Edric.

— Ninguém olharia duas vezes para algumas das figuras que eu fui hoje.

“O camaleão pensa que uma mudança de forma poderá ocultá-lo de qualquer coisa”, pensou Edric com rara inspiração. E se indagou se sua presença na conspiração realmente os ocultaria de todos os poderes oraculares. A irmã do Imperador, por exemplo...

Sacudiu a cabeça, agitando o gás alaranjado de seu tanque, e perguntou:

— Por que está aqui?

— O presente deve ser estimulado a agir mais rapidamente — disse Scytale.

— Isso não pode ser feito.

— Deve-se encontrar um meio — insistiu Scytale.

— Por quê?

— As coisas não estão ao meu agrado. O Imperador tenta dividir-nos. Já fez sua oferta às Bene Gesserit.

— Oh, ISSO.

— Isso! Deve estimular o ghola para que...

— Você o moldou, Tleilaxu — respondeu Edric. — Sabe muito bem que não devia pedir isso. Fez uma pausa, aproximando-se da parede do tanque. — Ou nos terá mentido a respeito do presente?

— Mentido?

— Você disse que a arma era para ser apontada e disparada, nada mais. Uma vez que o ghola fosse entregue, não poderíamos interferir.

— Qualquer ghola pode ser perturbado — disse Scytale. — Não é preciso nada além de questioná-lo quanto ao seu ser original.

— O que isso produziria?

— Iria induzi-lo a realizar ações que nos interessariam.

— Ele é um mentat, com poderes de lógica e raciocínio — contestou Edric. — Pode adivinhar o que estou fazendo... ou a irmã, se sua atenção for despertada por...

— Você nos oculta da sibila ou não?

— Não estou com medo de oráculos — respondeu Edric. — Preocupo-me com a lógica, com espões verdadeiras, com a força física do Império, com o controle da especiaria, com...

— Pode-se contemplar o Imperador e seus poderes confortavelmente, bastando para isso lembrar que todas as coisas

são finitas — disse Scytale.

Curiosamente, o Timoneiro recuou agitado, os membros debatendo-se como alguma salamandra bizarra. Scytale sentiu certa repugnância ante essa visão. O Navegador da Corporação usava a malha escura de costume, que se avolumava no cinturão com os vários recipientes. E no entanto... dava uma impressão de nudez quando se movia. Eram os movimentos de natação, de estender os membros para agarrar alguma coisa, decidiu Scytale.

Uma vez mais lhe ocorreu como eram delicados os elos dessa conspiração. Eles não formavam um grupo compatível. E aí se encontrava a fraqueza.

A agitação de Edric diminuiu. Ele olhou para Scytale, sua visão colorida pelo gás laranja que o sustentava. Que trama o Dançarino Facial não reservaria para salvar a si próprio, perguntou-se Edric. O Tleilaxu não estava agindo de modo previsível.

Mau presságio.

Alguma coisa na voz e nas ações do Navegador revelavam a Scytale que o Homem da Corporação temia mais a irmã do que o Imperador. Esse era um pensamento repentino, relampejando na tela da consciência. Perturbador. Teria deixado de notar algo importante em relação a Alia? O gholá seria arma suficiente para destruir a ambos?

— Sabe o que costumam dizer a respeito de Alia? — indagou Scytale, sondando.

— Que quer dizer? — Novamente, o homem-peixe se agitou.

— Que nunca antes a filosofia e a cultura tiveram uma patrocinadora como ela. Prazer e beleza unidos em...

— Que há de resistente na beleza — ou no prazer? — perguntou Edric. — Nós destruiremos ambos os Atreides. Cultura! Eles administram a cultura da maneira mais adequada ao Governo. Beleza! Eles promovem o tipo de beleza que escraviza. Criam uma ignorância alfabetizada... a coisa mais fácil. Não deixam nada ao acaso. Correntes! Tudo que eles fazem forja correntes, escraviza. Mas os escravos sempre se revoltam.

— A irmã pode casar-se e produzir descendentes — advertiu Scytale.

— Por que você fala da irmã?

— O Imperador pode escolher um par para ela.

— Deixe que ele escolha. Já é muito tarde.

— Nem mesmo você pode inventar o momento seguinte — advertiu Scytale. — Você não é um criador... mais do que são os Atreides. — Sacudiu a cabeça. — Não devemos conjecturar em demasia.

— Não somos nós que damos com a língua falando em criação — protestou Edric. — Não somos a plebe que tenta fazer do Muad'Dib um messias. Que tolice é essa? Por que está colocando essas questões?

— É este planeta — disse Scytale. — Ele coloca questões.

— Os planetas não falam!

— Este fala.

— Como?

— Ele fala de criação. Areia soprada à noite, isso é criação.

— Areia soprada...

— Quando você desperta, a primeira luz do dia lhe revela um mundo novo... tudo fresco e pronto para suas pegadas.

"Areia que não foi pisada", pensou Edric, "Criação?" Sentia nós de súbita ansiedade a afligi-lo. O confinamento nesse tanque, a sala em volta, tudo fechando-se sobre ele, a oprimi-lo.

"Pegadas na areia."

— Você fala como um Fremen — disse Edric.

— Esse é um pensamento dos Fremen, e é muito instrutivo — concordou Scytale. — Eles falam do Jihad do Muad'Dib deixando rastros no universo, do mesmo modo como um Fremen deixa pegadas na areia virgem. Eles deixaram uma trilha sobre as vidas dos homens.

— E assim?

— Outra noite vem — continuou Scytale. — Os ventos sopram.

— Sim — disse Edric. — O Jihad é finito. O Muad'Dib usou seu Jihad e...

— Ele não usou o Jihad — discordou Scytale. — Foi o Jihad que fez uso dele. Creio que ele o teria detido se pudesse.

— Se pudesse? Tudo que ele tinha a fazer era...

— Oh, fique quieto! — gritou Scytale. — Não se pode deter uma epidemia mental. Ela salta de pessoa para pessoa através de parsecs. É terrivelmente contagiosa. Ataca pelo lado desprotegido, no lugar onde guardamos os fragmentos de pragas semelhantes. Quem pode parar uma coisa assim? O Muad'Dib não tem o antídoto. A coisa se enraíza no caos. Alguma ordem pode chegar lá?

— Você foi infectado, então? — indagou Edric. Ele se voltou lentamente dentro do gás laranja, imaginando por que as palavras de Scytale carregavam um tom de medo. O Dançarino Facial teria rompido com a conspiração? Não havia modo de olhar o futuro e examinar isso agora. O futuro tornara-se uma corrente lamacenta, coagulada de profetas.

— Estamos todos contaminados — disse Scytale, e se lembrou de que a inteligência de Edric possuía limites severos. Como poderia expor esse argumento de modo a que o Homem da Corporação pudesse entendê-lo?

— Mas quando nós o destruímos — disse Edric —, o contag...

— Eu devia deixá-lo em sua ignorância — disse Scytale. — Mas minhas obrigações não o permitem. Além do mais, seria perigoso para todos nós.

Edric recuou, firmando-se novamente com um chute de um dos pés de palmide que lançou o gás laranja em rodopios em torno de suas pernas.

— Você fala de modo estranho — ele disse.

— Toda esta coisa é explosiva — advertiu Scytale com a voz mais calma. — Está a ponto de estourar. E quando isso acontecer, lançará seus fragmentos através dos séculos. Não percebe isso?

— Já lidamos com religiões antes — protestou Edric. — Se esta nova...

— Não é apenas uma religião! — disse Scytale, imaginando o que a Reverenda Madre não diria da rude educação do companheiro conspirador. — Um governo religioso é coisa diferente.

O Muad'Dib recrutou seu Qizarate por toda parte, substituindo os antigos funcionários do Governo. Mas não tem um serviço civil permanente, uma rede de embaixadas interligadas. Possui bispados, ilhas de autoridade. E no centro de cada uma dessas ilhas

se encontra um homem. Os homens aprendem a conquistar e manter o poder pessoal. Os homens são invejosos.

— Quando estiverem divididos, nós os absorveremos um por um — disse Edric com um sorriso complacente. — Corte a cabeça e o corpo cairá para...

— Esse corpo tem duas cabeças — lembrou Scytale.

— A irmã, que pode se casar.

— Que certamente se casará.

— Não gosto do seu tom, Scytale.

— E eu não gosto de sua ignorância.

— E daí, se ela se casar? Isso abalará nossos planos?

— Abalará o universo.

— Mas eles não são únicos. Eu mesmo possuo poderes que...

— Você é uma criança. Você engatinha onde eles caminham.

— Eles não são únicos!

— Você se esquece, homem da Corporação, que criamos um kwisatz haderach. Trata-se de um ser tomado pelo espetáculo do Tempo. Uma forma de vida que não pode ser ameaçada sem acarretar, para o inimigo, uma ameaça idêntica. O Muad'Dib sabe que nós atacaríamos sua Chani. Devemos andar mais depressa do que temos feito. Você deve chegar até o ghola e estimulá-lo como o instruí.

— E se não o fizer?

— Nós sentiremos o trovão.

*"O verme de muitos dentes,
Poder negar o que não tem cura?
A carne e o hálito que te atraem
Ao terreno de todos os princípios
Devoram monstros que se contorcem
numa porta de fogo!
Não tiveste maroto em teu vestuário
Que te conserve a embriaguez,— da divindade
Ou que te ocultasse a chama"*

— Canção do Verme, extraída do Livro de Duna

Paul exercitara-se duramente na prática de solo, usando contra o gholá a faca cristalina e a espada curta. Encontrava-se agora diante de uma janela, olhando para baixo, em direção à praça do templo, tentando imaginar a cena com Chani na clínica. Ela se sentira mal ao amanhecer, na sexta semana de sua gravidez. Os médicos eram os melhores. Eles o chamariam quando tivessem notícias.

Sombrias nuvens de areia do entardecer escureciam o céu sobre a praça. Os Fremen chamavam esse tempo de "ar sujo".

Será que os médicos nunca o chamariam? Cada segundo lutava para se escoar, relutante em entrar no seu universo.

Esperar... esperar... As Bene Gesserit não tinham enviado resposta de Wallach. Atraso deliberado, é claro.

A visão presciente registrara esses momentos, mas ele bloqueava sua consciência em relação ao oráculo, preferindo desempenhar o papel de um peixe do Tempo que nadava, não para onde desejava, mas para onde o levavam as correntezas. Agora, o destino não permitiria resistências.

Podia ouvir o gholá colocando as armas nas prateleiras, examinando o equipamento. Paul suspirou e colocou a mão no

cinturão, desativando o escudo. O arrepio da passagem do campo correu por sua pele.

Enfrentaria os eventos quando Chani viesse. Haveria tempo suficiente para aceitar o fato de que aquilo que ele lhe ocultara havia prolongado sua vida. Seria ruim, ele se perguntava, preferir Chani ao herdeiro? Mas que direito tinha de fazer a escolha por ela? Pensamentos tolos! Quem hesitaria diante das alternativas: o fosso dos escravos, a tortura, a mágoa agonizante... e pior.

Ouviu a porta abrir-se, os passos de Chani.

Voltou-se.

Um ódio assassino transparecia no rosto da mulher. O largo cinturão dos Fremen que cingia o manto dourado, os anéis de água usados como colar, uma das mãos nos quadris (nunca longe da faca), o olhar cortante de sua primeira inspeção em qualquer aposento, tudo nela parecia o pano de fundo para a violência.

Ele abriu os braços quando ela se aproximou, puxando-a para junto de si.

— Alguém — disse ela, estridente, bem junto ao peito dele — me esteve ministrando um anticoncepcional por muito tempo... antes que eu começasse a nova dieta. Haverá problemas com o nascimento por causa disso.

— Mas existem remédios? — indagou ele.

— Remédios perigosos. Eu conheço a fonte daquele veneno! Vou tirar o sangue dela.

— Minha Sihaya — ele sussurrou, segurando-a com força para acalmar um súbito tremor. — Você dará à luz o herdeiro que desejamos. Isso não é o bastante?

— Minha vida se consome rapidamente — ela disse, pressionando seu corpo contra o dele. — O nascimento controla agora a minha vida. Os médicos me disseram que avança num ritmo terrível. Eu preciso comer... e comer e comer... e também ingerir mais especiaria... comê-la, bebê-la. Vou matá-la por isso!

Paul beijou-a no rosto.

— Não, minha Sihaya, você não matará ninguém.

E pensou: "Irulan prolongou sua vida, minha amada. Para você, o tempo de dar à luz será o tempo da morte."

Sentiu uma mágoa profunda sugar seu interior, esvaziando-lhe a vida num frasco negro.

Chani afastou-se num movimento súbito:

— Ela não pode ser perdoada!

— Quem falou em perdoar?

— Então, por que não devo matá-la?

Era uma pergunta tão trivial entre os Fremen que Paul se sentiu quase dominado por um desejo histérico de rir. Controlou-o dizendo:

— Não iria ajudar.

— Já viu isso?

Paul sentiu o ventre comprimir-se com a memória-visão.

— O que já vi... o que já vi... — murmurou.

Cada aspecto dos acontecimentos a sua volta encaixava-se num padrão que o paralisava. Sentia-se acorrentado a um futuro que, por ter sido exposto com muita freqüência, agarrara-se a ele como um súcubo sedento. Uma segura e um aperto comprimiam-lhe a garganta. Teria seguido o chamado de seu próprio oráculo, indagava-se, até que este o levasse a um presente implacável?

— Diga-me o que viu — disse Chani.

— Não posso.

— Então, por que não devo matá-la?

— Porque eu lhe peço.

Observou-a enquanto ela aceitava isso. E ela o fez da maneira como a areia aceitava a água: absorvendo-a e ocultando-a. Haveria obediência debaixo daquela superfície quente e enfurecida? Percebeu então que a vida no Castelo Real deixara Chani intocada. Ela apenas parara ali por algum tempo, habitando uma estação intermediária na jornada, ao lado de seu homem. Nada dos modos do deserto lhe fora tomado.

Então Chani se afastou dele, olhando para o ghola que esperava junto ao círculo de diamante da porta de treinamento.

— Esteve esgrimindo com ele? — indagou ela.

— E me sinto melhor por isso.

O olhar dela percorreu o círculo no piso e voltou aos olhos metálicos do ghola.

— Eu não gosto disso.

— Ele não se destina a cometer qualquer violência contra mim — explicou Paul.

— Já viu isso?

— Não, não vi.

— Então, como pode saber?

— Porque ele é mais que um ghola, é Duncan Idaho.

— Os Bene Tleilax o criaram.

— Eles criaram mais do que pretendiam.

Ela sacudiu a cabeça. A extremidade do lenço nezhoni roçava a gola de seu roupão.

— Como pode alterar o fato de que ele é um ghola?

— Hayt — disse Paul —, você é o instrumento da minha ruína?

— Se a substância do aqui e agora for alterada, o futuro também o será — respondeu o ghola.

— Isso não é resposta! — discordou Chani. Paul ergueu a voz:

— Como eu vou morrer, Hayt?

Uma luz cintilou nos olhos artificiais.

— Dizem que o senhor será vítima do dinheiro e do poder.

Chani ficou rígida.

— Como ele se atreve a lhe falar assim?

— O mentat é sincero — respondeu Paul.

— Duncan Idaho foi um amigo verdadeiro? — ela perguntou.

— Ele deu a vida por mim.

— É triste — sussurrou Chani — que um ghola não possa ser revertido ao ser que o originou.

— Iria cambiar-me? — indagou o ghola, dirigindo a pergunta a Chani.

— O que ele quer dizer? — perguntou Chani.

— Ser cambiado é ser mandado de volta — explicou Paul. — Mas não existe retorno.

— Cada homem carrega consigo seu próprio passado — disse Hayt.

— E cada ghola? — perguntou Paul.

— De certo modo, meu senhor,

— Então, onde está o passado em sua carne secreta? — perguntou Paul. Chani percebeu que a pergunta perturbava o ghola. Seus movimentos tornaram-se mais rápidos, as mãos comprimidas em punhos. Olhou para Paul, imaginando que motivo o levava a sondá-lo assim. Haveria um meio de reverter essa criatura ao homem que havia sido?

— Alguma vez um ghola relembrou seu passado real? — indagou Chani.

— Muitas tentativas foram feitas — disse Hayt, o olhar fixo no piso diante de seus pés. Nenhum ghola jamais foi restaurado ao seu ser anterior.

— Mas você deseja que isso aconteça — disse Paul. As superfícies vazias dos olhos do ghola ergueram-se para se concentrar em Paul de um modo intenso.

— Sim!

Com voz suave, Paul disse:

— Se houver um meio...

— Esta carne — disse Hayt, levando a mão esquerda à testa num curioso movimento de saudação — não é a carne original do meu nascimento. É... uma reconstituição. Somente a forma é familiar. Um Dançarino Facial poderia fazer o mesmo.

— Não tão bem — disse Paul. — E você não é um Dançarino Facial.

— Isso é verdade, meu senhor.

— De onde vem sua forma?

— A impressão genética nas células originais.

— Em algum lugar — explicou Paul —, há alguma coisa plástica que se lembra da forma de Duncan Idaho. Dizem que os antigos sondaram essa região antes do Jihad Butleriano. Qual a extensão dessa memória, Hayt? O que ela aprendeu do original?

O ghola encolheu os ombros.

— E se ele não fosse Duncan Idaho? — indagou Chani.

— Mas era.

— Pode ter certeza?

— Ele é Duncan em cada detalhe. Não posso imaginar uma força suficientemente poderosa para manter essa forma assim, sem

qualquer desvio ou alteração.

— Meu senhor! — advertiu Hayt. — O fato de não poder imaginar uma coisa não a exclui da realidade. Existem coisas que eu devo fazer como ghola que não faria como homem.

Mantendo a atenção em Chani, Paul disse:

— Está vendo?

Ela assentiu.

Paul se voltou, lutando contra uma tristeza profunda. Caminhou até as janelas da sacada e fechou as cortinas. As luzes se acenderam no súbito crepúsculo. Ele apertou a cinta do roupão, enquanto ouvia os sons às suas costas.

Não havia nada.

Virou-se. Chani encontrava-se como que fascinada, o olhar centrado no ghola.

Hayt, percebia Paul, refugiara-se em alguma câmara interna do seu ser... Retornara ao lugar do ghola.

Chani virou-se ao som do retorno de Paul. Ainda se sentia sob o fascínio daquele instante que Paul precipitara. Durante um breve momento, o ghola fora um ser humano intenso, cheio de vitalidade. Naquele instante, ele fora alguém que ela não temia... de fato, alguém de quem gostava e a quem admirava. Agora compreendia o propósito de Paul nessa sondagem. Ele queria que ela visse o "homem" na carne do ghola.

Olhou para Paul.

— Aquele homem era Duncan Idaho?

— Aquele era Duncan Idaho. Ele ainda está lá.

— Ele teria permitido que Irulan continuasse vivendo? — indagou ela.

"A água não chegou bem ao fundo", pensou Paul. E disse:

— Se eu lhe ordenasse.

— Eu não entendo. Você não devia estar furioso?

— Eu estou.

— Não parece furioso. Parece triste.

Ele fechou os olhos.

— Sim, isso também.

— Você é meu — ela disse. — Eu sei disso, mas de repente não posso entendê-lo.

Abruptamente, Paul sentiu-se como se estivesse caminhando por uma longa caverna. Sua carne se movimentava... primeiro um pé, depois o outro... mas seus pensamentos se encontravam em outra parte.

— Eu não compreendo a mim mesmo — sussurrou. Quando abriu os olhos, descobriu que se havia afastado de Chani. Ela falou de algum lugar atrás dele:

— Meu amado, não perguntarei mais o que viu. Só sei que lhe devo dar o herdeiro que desejamos. Ele assentiu com a cabeça.

— Eu sabia disso desde o início. Virou-se para observar Chani. Ela parecia muito distante.

Ela se empertigou, colocando uma das mãos sobre o abdome.

— Estou faminta. Os médicos dizem que devo comer três ou quatro vezes o que comia antes. Estou assustada, meu amado. Está acontecendo muito depressa.

— Muito depressa — concordou ele. — Esse feto sabe que tem necessidade de se desenvolver rapidamente.

A natureza audaciosa das ações do Muad'Dib pode ser compreendida pelo fato de que Ele sabia desde o início para onde se dirigia e, no entanto, nem uma única vez se desviou desse caminho. Ele mostrou isso claramente quando disse: "Eu lhes digo

que cheguei agora ao momento do meu teste, quando será mostrado que sou o Derradeiro Servidor. " Assim, Ele uniu tudo em Um, de modo que tanto amigos quanto inimigos pudessem adorá-lo. E é por essa razão, e somente por essa, que seus Apóstolos rezavam: "Senhor, livrai-nos dos outros caminhos que o Muad'Dib cobriu com as Águas de Sua Vida. " Esses "outros caminhos" só podem ser imaginados com profunda repulsa.

— Extraído do Yiam-el-Din (Livro do julgamento)

O mensageiro era uma mulher jovem — rosto, nome e família conhecidos por Chani —, sendo esse o motivo de ela ter penetrado na Segurança Imperial.

Chani não fizera nada além de identificá-la para um oficial de Segurança chamado Bannerjee, que então arranhou o encontro com o Muad'Dib. Bannerjee agiu movido pelo instinto e pela confiança no fato de que o pai da moça fora um membro dos Comandos da Morte do Imperador, os temidos Fedaykin dos dias anteriores ao Jihad. De outro modo, teria ignorado a alegação de que a mensagem se destinava unicamente aos ouvidos do Muad'Dib.

Obviamente, ela foi revistada e observada antes de encontrar Paul em seu escritório particular. Mesmo assim, Bannerjee a acompanhou, uma das mãos segurando-lhe o braço e a outra sobre a faca.

Era quase meio-dia quando eles a trouxeram para a sala, um espaço curioso que misturava características dos Fremen do deserto com detalhes aristocráticos da família. Cortinas hierég cobriam três das paredes: delicadas tapeçarias adornadas com motivos mitológicos dos Fremen. Uma tela de visão cobria a quarta parede, superfície de cor cinza-prateada atrás da mesa oval cujo topo exibia um único objeto, um relógio de areia dos Fremen construído num orrery. O orrery, mecanismo suspensor manufaturado em Ix, suportava ambas as luas de Arrakis alinhadas com o sol na clássica "Trindade do Verme".

Paul, de pé atrás da mesa, olhou para Bannerjee. O oficial de Segurança era um daqueles que haviam feito carreira na força

policia! Fremem, conquistando a posiç!o com c!erebro e lealdade comprovada, a despeito dos ancestrais contrabandistas que seu nome revelava. Era uma figura s!olida, quase gorda. Fiapos de cabelo negro ca!iam-lhe sobre a pele escura da testa, de apar!encia !umida, como o topete de um p!assaro ex!otico. Seus olhos eram de um azul dentro de azul, firmes num olhar que poderia presenciar a felicidade ou uma atrocidade sem vacilar ou mudar a express!ao. Tanto Chani quanto Stilgar confiavam nele. Paul sabia que, se mandasse Bannerjee estrangular a garota, ele o faria imediatamente.

— Senhor, esta !e a garota mensageira — ele disse. — Minha senhora Chani disse que j!a o avisou.

— Sim. — Paul acenou bruscamente.

Curiosamente, a jovem n!ao olhava para ele. Sua atenç!ao voltava-se para o orrery. Ela era de pele escura, altura m!edia, sua figura oculta debaixo de um manto cujo tecido cor de vinho, de alta qualidade e corte simples, revelava riqueza. Seu cabelo negro-azulado estava preso por uma fita estreita de um material que combinava com o manto. O manto ocultava-lhe as m!aos que, Paul suspeitava, estariam firmemente unidas. Tudo conferia com o personagem. Inclusive o manto: uma peç!a elegante, poupada para essa ocasi!ao.

Paul fez sinal para que Bannerjee ficasse de lado. Ele hesitou antes de obedecer. Agora, a garota se movia. Um passo !a frente.

Ao faz!e-lo, moveu-se com graç!a, mas ainda assim seus olhos o evitavam.

Paul pigarreou.

Agora, a garota ergueu o olhar, os olhos sem branco dilatando-se ao tom exato da admiraç!ao. Ela tinha rosto pequeno, curioso, com queixo delicado, um senso de discriç!ao na boca pequena.

Os olhos pareciam anormalmente grandes, acima das maç!as do rosto obl!iquas. Na apar!encia geral, alguma coisa dizia que essa moç!a n!ao era muito de sorrir. Os cantos de seus olhos tinham mesmo um fraco enevoadado amarelo que poderia ser resultante de irritaç!ao causada pela poeira ou vest!igio de semuta.

Tudo conferia com o personagem.

— Pedeu para me ver — disse Paul.

Chegara o momento do teste supremo para essa forma feminina. Scytale dotara-a da forma, dos maneirismos, do sexo, da voz... de tudo que suas habilidades poderiam captar e assumir.

Mas essa era uma forma feminina que o Muad'Dib conhecera em seus dias no sietch. Ela era uma criança naquela época, mas compartilhara experiências com ele. Certas áreas da memória devem ser evitadas delicadamente. Era o papel mais perfeito que Scytale já tentara desempenhar.

— Sou Lichna de Otheym, do Berk al Dib.

A voz da jovem saía fraca, mas firme, dando nome, pai e linhagem.

Paul assentiu e percebeu como Chani fora enganada. O timbre da voz, tudo reproduzido com exatidão. Não fosse seu próprio treinamento de Bene Gesserit em termos de voz, bem como a teia em que sua visão oracular o envolvera, esse Dançarino Facial poderia ter enganado até mesmo a ele.

O treinamento expunha certas discrepâncias: a garota era mais velha do que sua idade conhecida, havia um controle excessivo sobre suas cordas vocais e o conjunto de ombros e pescoço perdia por uma pequena fração a sutil altivez da pose de um Fremen.

Mas havia exatidão também: o rico manto fora bordado para revelar o verdadeiro nível social... e as feições eram incrivelmente exatas. Elas revelavam certa afinidade desse Dançarino Facial em relação ao papel que desempenhava.

— Repouse em minha casa, filha de Otheym — disse Paul, na saudação formal dos Fremen. Você é bem-vinda como a água após uma seca travessia.

Uma leve distensão mostrou a confiança que essa aparente aceitação havia transmitido.

— Eu trago uma mensagem — disse ela.

— O mensageiro de um homem é como ele mesmo — disse Paul.

Scytale respirou suavemente. Ia tudo bem, mas agora chegava o momento crucial. O Atreides devia ser guiado para aquela trilha especial. Devia perder sua concubina Fremen em circunstâncias em que mais ninguém compartilhasse sua culpa. A falha deveria ser apenas do onipotente Muad'Dib. Ele devia ser conduzido à conscientização final de seu fracasso e daí à aceitação da alternativa dos Tleilaxu.

— Eu sou a fumaça que afasta o sono durante a noite — disse Scytale, empregando uma expressão em código dos Fedaykin que significa: “Eu trago más notícias”.

Paul lutou para manter a calma. Ele se sentia nú, a alma abandonada num tempo cego, oculto de toda visão. Oráculos poderosos ocultavam esse Dançarino Facial. Somente as extremidades dos momentos lhe eram conhecidas. Só sabia o que não deveria fazer. Não poderia matar esse Dançarino Facial, pois isso precipitaria um futuro que devia ser evitado a todo custo. De algum modo, era preciso encontrar um meio de penetrar naquela escuridão e alterar o padrão aterrador.

— Passe-me a mensagem — disse Paul.

Bannerjee movera-se para se colocar num local de onde poderia observar o rosto da garota. Ela pareceu notá-lo pela primeira vez e seu olhar voltou-se para o cabo da faca, debaixo da mão do Oficial de Segurança.

— O inocente não crê no mal — disse ela, olhando diretamente para Bannerjee.

“Ahh, muito bem feito”, pensou Paul. Era o que a verdadeira Lichna teria dito. Sentiu momentânea mágoa pela verdadeira filha de Otheym. Morta agora, um cadáver na areia. No entanto, não havia tempo para tais emoções. Olhou carrancudo.

Bannerjee mantinha a atenção voltada para a garota.

— Fui instruída a entregar esta mensagem em segredo — ela disse.

— Por quê? — indagou Bannerjee, a voz ríspida, sondando.

— Porque é desejo de meu pai.

— Este é um amigo meu — disse Paul. — Não sou um Fremen? Então, meu amigo pode ouvir tudo.

Scytale fez a forma de garota tranquilizar-se. Seria esse um verdadeiro costume dos Fremen... ou um teste?

— O Imperador pode fazer suas próprias regras — disse Scytale. — Esta é a mensagem: meu pai deseja que vá ao encontro dele levando Chani.

— Por que devo levar Chani?

— Ela é sua mulher e uma Sayyadina. Essa é uma questão de Água, pelas regras de nossas tribos. Ela deve atestar que meu pai fala de acordo com o Modo Fremen.

“Então é verdade que existem Fremen na conspiração”, pensou Paul. Esse momento encaixava-se no padrão das coisas que decerto ocorreriam. E não lhe restava alternativa senão submeter-se a esse curso de ação.

— Sobre o que seu pai irá falar? — perguntou ele.

— Sobre uma conspiração contra o senhor, uma conspiração entre os Fremen.

— Por que ele não trouxe a mensagem pessoalmente? — quis saber Bannerjee.

Ela manteve o olhar fixo em Paul.

— Meu pai não poderia ter vindo aqui. Os conspiradores suspeitam dele e ele não teria sobrevivido à jornada.

— E ele não podia revelar-lhe a trama? — perguntou Bannerjee. — Como foi que arriscou a própria filha em tal missão?

— Os detalhes estão gravados num distrans que somente o Muad'Dib poderá abrir. Isso eu sei respondeu ela.

— Então, por que ele não enviou o distrans? — indagou Paul.

— Trata-se de um distrans humano.

— Eu irei, então — disse Paul. — Mas sozinho.

— Chani deve ir com o senhor!

— Chani está grávida.

— Quando foi que uma mulher Fremen se recusou a...

— Meus inimigos lhe ministraram um veneno sutil — revelou Paul. — Ela terá um parto difícil. Sua saúde não lhe permitiria acompanhar-me agora.

Antes que Scytale pudesse contê-las, estranhas emoções passaram pelas feições da garota: frustração, raiva. Scytale

lembrou-se de que a cada vítima devia ser oferecida uma alternativa de fuga, até mesmo a uma vítima como o Muad'Dib. A conspiração não fracassara, entretanto. O Atreides permanecia na rede. Era uma criatura que se desenvolvera firmemente segundo determinado padrão. Ele destruiria a si mesmo antes de mudar para alguma coisa oposta a esse padrão. Acontecera assim com o kwisatz haderach Tleilaxu. E aconteceria assim com este. Depois... o ghola.

— Deixe-me falar com Chani para que ela decida — pediu a garota.

— Eu já decidi — retrucou Paul. — Você me acompanhará no lugar de Chani.

— Mas isto requer uma Sayyadina do Ritual!

— Você não é amiga de Chani?

“Encurralado!”, pensou Scytale. “Será que ele suspeita? Não.

Está sendo cauteloso à maneira dos Fremen. E o anticoncepcional é um fato. Bem... há outros modos.”

— Meu pai me instruiu para que eu não retornasse — explicou Scytale. — Disse-me que eu deveria buscar asilo aqui, que o senhor não arriscaria a minha vida.

Paul assentiu com a cabeça. Era incrivelmente adequado e ele não poderia negar o pedido de asilo. Ela alegaria a obediência de um Fremen às ordens do pai.

— Eu levarei a esposa de Stilgar, Harah — disse Paul. — Você nos instruirá sobre o caminho até seu pai.

— Como sabe que pode confiar na mulher de Stilgar?

— Eu sei.

— Mas eu não.

Paul contraiu os lábios, depois perguntou.

— Sua mãe ainda vive?

— Minha verdadeira mãe foi-se com o Shai-hulud. Minha segunda mãe ainda vive e cuida de meu pai. Por quê?

— Ela é do Sietch Tabr?

— Sim.

— Eu me lembro dela — disse Paul. — Ela servirá no lugar de Chani. — Fez um sinal para Bannerjee. — Mande os serventes

levarem Lichna de Otheym para alojamentos adequados.

Bannerjee assentiu. Serventes. Essa palavra-chave significava que o mensageiro devia ser colocado sob guarda especial. Ele a segurou pelo braço, ela resistiu.

— Como irá até meu pai? — insistiu a garota.

— Você descreverá o caminho para Bannerjee. Ele é meu amigo.

— Não! Meu pai me ordenou! Eu não posso!

— Bannerjee? — disse Paul.

Bannerjee parou. Paul percebeu que o homem fazia uma busca em sua memória enciclopédica, que o ajudara a colocá-lo nessa posição de confiança.

— Conheço um guia que poderá levá-lo até Otheym — disse Bannerjee.

— Então, eu irei sozinho.

— Senhor, se...

— Otheym assim o quer — disse Paul, quase não podendo ocultar a ironia.

— Senhor, é muito perigoso — protestou Bannerjee.

— Mesmo um Imperador deve aceitar alguns riscos. A decisão foi tomada. Faça como ordenei.

Relutantemente, Bannerjee levou o Dançarino Facial para fora da sala.

Paul olhou para a tela vazia atrás de sua mesa. Sentia ter aguardado a chegada de uma rocha, em sua jornada cega, vinda das alturas.

Devia contar a Bannerjee a verdadeira natureza da mensageira?, perguntou-se. Não! Tal incidente fora escrito na tela de sua visão. Qualquer desvio poderia precipitar a violência. Um momento de apoio teria que ser encontrado, um lugar onde pudesse libertar-se da visão.

“Se tal lugar existisse... ”

Não importa quão exótica se torne a civilização humana, não importam os acontecimentos da vida e da sociedade, nem a complexidade da interface humano/máquina, há sempre interlúdios de poder solitário, quando o curso da humanidade, seu próprio futuro, depende de ações relativamente simples a cargo de indivíduos solitários.

— *Extraído do Deusbuk Tleilaxu*

Enquanto atravessava a elevada ponte para pedestres que unia seu Castelo ao Prédio de Escritórios do Qizarate, Paul acrescentou um coxear ao seu modo de caminhar. Era quase poente e ele passou por longas sombras que ajudavam a ocultá-lo. Ainda assim, olhos penetrantes poderiam detectar alguma coisa em suas maneiras e identificá-lo. Usava um escudo, mas o mantinha desativado — os auxiliares haviam concluído que seu tremeluzir poderia levantar suspeitas.

Olhou para a esquerda. Cordões de nuvens de areia estendiam-se por sobre o poente como venezianas. O ar que

passava pelos filtros de seu traje destilador estava seco, hierreg.

Não estava realmente só ali fora, mas a teia de segurança nunca estivera tão aberta em torno dele, desde que parara de caminhar sozinho pelas ruas, à noite. Ornitópteros com equipamentos de varredura noturna deslizavam bem acima, de modo aparentemente casual, todos ligados aos movimentos de Paul através de um transmissor escondido em suas roupas. Homens escolhidos caminhavam pelas ruas abaixo. Outros se haviam espalhado pela cidade depois de verem o Imperador em seu disfarce: uma roupa Fremen completa, incluindo o traje-destilador e as botas do deserto, as feições escurecidas. Suas bochechas haviam sido distorcidas com inserções de plastene. Um tubo coletor descia ao longo do lado esquerdo do queixo.

Ao chegar ao lado oposto da ponte, Paul olhou para trás, percebendo um movimento por trás da gelosia de pedra que ocultava a sacada de seus alojamentos particulares. Chani, sem dúvida.

“Procurar areia no deserto”, assim ela classificara essa aventura.

Quão pouco ela entendia de sua amarga escolha. Ao escolher entre agonias, pensou ele, tornara quase insuportáveis até mesmo as menores.

Por um momento confuso, emocionalmente doloroso, ele recordou sua partida. Naquele último instante, Chani experimentara um vislumbre-tau de seus sentimentos, mas os interpretara erroneamente. Ela julgara que suas emoções eram aquelas experimentadas pelos que deixam seus entes queridos para penetrarem no perigoso desconhecido.

“Se eu não soubesse”, ele pensou.

Atravessara a ponte, penetrando na passagem superior através do prédio de escritórios. Havia globos luminosos fixos, aqui e ali, e pessoas apressadas em seus negócios. O Qizarate jamais adormecia. Paul teve a atenção despertada pelos letreiros acima das portas, como se os estivesse vendo pela primeira vez: “Mercadores Velozes”, “Destiladores e Retortas de Vento”,

“Prospectos Proféticos”, “Testes de Fé”, “Suprimentos Religiosos”, “Armamentos”... “Propagação da Fé”...

Um rótulo mais honesto teria sido “Propagação da Burocracia”, pensou.

Um tipo de funcionário público religioso brotara em todo o universo. Esse novo homem do Qizarate era mais freqüentemente um convertido. Raramente substituía um Fremen nos postos-chaves, mas preenchia todos os interstícios. Usava a melange tanto para demonstrar que podia pagar por ela quanto pelos benefícios geriátricos. Colocava-se à parte de seus governantes: o Imperador, a Corporação, as Bene Gesserit, o Landsraad, a Família ou o Qizarate. Seus deuses eram a Rotina e os Registros. Era servido por mentats e por prodigiosos sistemas de arquivamento. Conveniência era a primeira palavra de seu catecismo, embora cumprisse rigorosamente os preceitos butlerianos. As máquinas não podem ser moldadas à imagem do homem, eles diziam, mas cada uma de suas ações revelava que preferiam as máquinas aos homens, as estatísticas aos indivíduos, o ponto de vista generalizante e distante ao toque pessoal íntimo, que exigia imaginação e iniciativa.

Ao emergir da rampa, no lado oposto do prédio, Paul ouviu os sinos convocando para o Ritual da Noite, no Templo de Alia.

Aqueles sinos transmitiam um curioso sentimento de permanência.

O templo, do outro lado da praça apinhada de gente, era novo, seus rituais tinham concepção recente. Entretanto, havia algo nesse cenário, no interior de uma “pia” do deserto, um fosso natural na extremidade de Arrakeen. Algo no modo como a areia trazida pelo vento começara a erodir as pedras e o plastene, algo na maneira desordenada com que os prédios se haviam erguido em torno do Templo, tudo conspirando para produzir a impressão de que esse era um lugar muito antigo, cheio de tradições e de mistério.

Decidido, enfrentou o aperto da multidão. O único guia que suas forças de Segurança haviam podido encontrar insistira em que a coisa fosse feita desse modo. A Segurança não gostara da

maneira imediata com que Paul concordara. E Stilgar, ainda menos. Mas fora Chani quem levantara as maiores objeções.

A multidão à sua volta, mesmo quando seus membros roçavam nele, parecia olhar em sua direção sem realmente o ver, seguindo em frente, algo que lhe transmitia curiosa liberdade de movimentos. Era desse modo que haviam sido condicionados a tratar um Fremen, bem o sabia. Ele andava como um homem do deserto interior, e tais homens se enfureciam facilmente.

Enquanto acompanhava o fluxo cada vez mais apressado em direção ao templo e à escadaria acima, o aperto da multidão tornava-se ainda maior. As pessoas à sua volta não podiam deixar de pressioná-lo, e ele se viu alvo de desculpas rituais: “Perdoe-me, nobre senhor, não pude evitar essa descortesia”; “Este aperto é o pior que já vi”; “Eu me humilho, sagrado cidadão”; “Um desajeitado me empurrou.”

Após as primeiras palavras, Paul passou a ignorá-las. Não havia sinceridade nelas, exceto uma espécie de temor ritual. Encontrou-se, em vez disso, pensando no longo caminho que percorrera, desde seus tempos de menino no Castelo Caladan. Onde teria colocado o pé nessa trilha pela primeira vez? Que o conduzira a tal jornada através de uma praça lotada num planeta tão distante de Caladan? Teria realmente colocado o pé nessa trilha? Não podia dizer que agira por uma razão específica em qualquer ponto de sua vida. Os motivos e forças que colidiam com ele haviam sido muito complexos. Mais complexos, possivelmente, que qualquer outro conjunto de estímulos na história humana. Tinha o forte sentimento de que ainda poderia evitar um destino que podia ver claramente ao longo de seu caminho. Entretanto, a multidão o empurrava para a frente, fazendo-o sentir vertigem, como se houvesse perdido a orientação, escapando-lhe a direção pessoal sobre sua vida.

A multidão fluía com ele escadaria acima e agora penetrava no pórtico do Templo. As vozes tornaram-se sussurros. O cheiro do medo era cada vez mais forte... azedo, suarento.

Acólitos já haviam iniciado as cerimônias dentro do Templo. Seu canto dominava todos os outros sons — sussurros, roçar de

mantos, pés arrastando-se, tosses —, contando a história dos Lugares Distantes visitados pela Sacerdotisa em seu transe sagrado.

*Ela cavalga o verme de areia do espaço!
Guia através de todas as tormentas
Rumo à terra dos suaves ventos.
E embora possamos dormir no covil das serpentes,
Ela guarda nossas almas sonhadoras.
Protegendo-nos do calor do deserto,
Ela nos oculta num buraco frio.
O brilho de seus dentes brancos
Nos guia através da noite.
Nas tranças de seus cabelos,
Somos erguidos aos céus!
Suave fragrância, perfume de flores,
Envolve-nos em sua presença.*

“Balak!”, pensou Paul em Fremen. “Cuidado! Ela também pode estar tomada por paixões violentas.”

O pórtico do Templo estava cercado por finos tubos luminosos, simulando chamas de velas. Elas tremulavam e esse tremular despertava-lhe memórias ancestrais, embora soubesse ser essa a intenção. O cenário era atávico, sutilmente elaborado, eficaz. E ele odiava o papel que desempenhava em tudo isso.

A multidão fluiu com ele através das altas portas metálicas, penetrando na gigantesca nave, lugar sombrio, com luzes tremeluzentes colocadas bem acima e um altar brilhantemente iluminado na extremidade mais recuada. Atrás do altar havia um arranjo decepcionantemente simples, de madeira negra incrustada com desenhos da areia provenientes da mitologia Fremen. Luzes ocultas tremulavam sobre o campo de uma porta para criar um arco-íris boreal. As sete fileiras de acólitos cantando estendiam-se abaixo daquela cortina espectral, assumindo um aspecto bizarro: mantos negros, faces brancas, bocas mexendo-se em uníssono.

Paul observou os peregrinos à sua volta, subitamente invejoso da concentração em que mergulhavam, da aparência de estarem ouvindo verdades que lhe eram negadas. Parecia-lhe que ganhavam ali alguma coisa que ele próprio não poderia obter, alguma cura misteriosa.

Tentou aproximar-se mais do altar e foi impedido por uma mão em seu braço. Girou subitamente, encontrando o olhar avaliador de um velho Fremen. Olhos de um azul dentro de azul debaixo de sobrelhas espessas, o reconhecimento evidente neles. Um nome relampejou em sua mente: Rasir, companheiro de seus dias no sietch.

No aperto da multidão, Paul sabia-se totalmente vulnerável se Rasir planejasse usar de violência.

O velho chegou mais perto, uma das mãos debaixo de um manto sujo de areia, segurando o cabo de uma faca cristalina, sem dúvida. Paul preparou-se da melhor maneira possível para resistir ao ataque. O velho aproximou a cabeça de seu ouvido e sussurrou:

— Nós iremos com os outros.

Era o sinal para identificar seu guia. Paul fez que sim.

Rasir recuou, olhando para o altar.

— Ela vem do leste — cantavam os acólitos. — O sol se ergue às suas costas. Todas as coisas aparecem expostas. Ao brilho pleno da luz, seus olhos não perdem nada, nem luz, nem escuridão.

Uma uivante rebab soou por entre as vozes, silenciando-as e diminuindo na distância. Com um movimento súbito, elétrico, a multidão avançou vários metros em frente. Encontrava-se comprimida em uma massa apertada de carne, o ar pesado com sua respiração e o cheiro da especiaria.

— Shai-hulud escreve na areia clara! — gritaram os acólitos.

Paul sentiu sua própria respiração prender-se em uníssono com a daqueles à sua volta. Um coro feminino começou a entoar baixinho, de dentro das sombras, atrás da tremeluzente porta:

— Alia... Alia... Alia...

Tornou-se mais e mais alto para depois cair em súbito silêncio.

Novamente as vozes principiaram, em tom suave de oração:

*Ela acalma todas as tormentas...
Seus olhos matam nossos inimigos
E atormentam os infiéis.
Dos pináculos de Tuono,
Onde a luz da aurora cai
E a água clara corre,
Pode-se ver-lhe a sombra,
No brilhante calor do verão.
Ela nos serve pão e leite...
Frios recendendo a temperos.
Seus olhos dissolvem nossos inimigos,
Atormentam nossos opressores
E penetram em todos os mistérios.
Ela é Alia... Alia... Alia...*

Lentamente, as vozes diminuíram e silenciaram.

Paul sentia-se enjoado. "Que estamos fazendo?", indagava a si próprio. Alia era uma criança bruxa, mas estava ficando mais velha. E ele pensou: "Crescendo para se tornar mais perversa."

A atmosfera mental coletiva do Templo devorava sua psique. Podia sentir o elemento de si mesmo que era uno em relação a todos aqueles à sua volta, mas as diferenças constituíam uma contradição mortal. Encontrava-se imerso, isolado num pecado pessoal que jamais poderia expiar. A imensidade do universo fora desse templo fluiu em sua consciência. Como poderia um homem, um ritual, ter esperanças de tecer tal imensidão para formar um vestuário que servisse a todos os homens?

Paul estremeceu.

O universo opunha-se a ele a cada passo. Iludindo-lhe a compreensão, concebendo incontáveis disfarces para confundi-lo. Esse universo nunca concordaria com qualquer forma que ele lhe desse.

Um profundo silêncio propagou-se pelo Templo.

Alia emergia da escuridão atrás dos arco-íris tremulantes. Usava um manto amarelo debruado com o verde dos Atreides. O

amarelo da luz do sol, o verde da morte que produzia a vida. Paul experimentou o súbito e surpreendente pensamento de que Alia houvesse surgido ali apenas para ele, só para ele. Olhou para a irmã através da multidão no Templo. Ela era sua irmã. Ele conhecia seu ritual e suas origens, mas nunca antes se havia colocado ali, entre os peregrinos, para observá-la como eles a viam.

Ali, representando o mistério desse lugar, percebia que ela compactuava com o universo que o antagonizava.

Acólitos trouxeram-lhe um cálice dourado.

Alia ergueu o cálice.

Com uma parte de sua percepção, Paul sabia que aquele cálice continha melange não-alterada, o veneno sutil, o sacramento do seu oráculo.

Com o olhar no cálice, Alia falou. Sua voz era uma carícia para os ouvidos, um som florido, fluente e musical.

— No início, éramos vazios — ela disse.

— Ignorantes de todas as coisas — entoou o coro.

— Não conhecíamos o Poder que mora em toda parte — disse

Alia.

— E em todo o Tempo — cantou o coro.

— Aqui está o Poder — mostrou Alia, erguendo o cálice.

— Ele nos traz alegria — cantou o coro.

“E nos traz aflição”, pensou Paul.

— Ele desperta a alma — disse Alia.

— E elimina todas as dúvidas — respondeu o coro.

— Nos mundos, perecemos — cantou Alia.

— E no Poder, sobrevivemos — replicou o coro.

Alia levou o cálice aos lábios e bebeu.

Para seu próprio espanto, Paul descobriu-se prendendo a respiração, tal como o mais humilde peregrino da multidão. A despeito de cada faceta de conhecimento pessoal sobre a experiência pela qual Alia estava passando, ele fora apanhado na teia do tao. Via-se agora relembrando como aquele veneno violento se propagara por seu corpo. A memória revelava a parada do tempo, quando a consciência se tornava uma partícula que mudava a composição do veneno, Reexperimentava o despertar em uma

ausência de tempo onde todas as coisas eram possíveis. Conhecia a experiência que Alia estava vivendo e no entanto agora percebia que realmente não sabia. O mistério vendava-lhe os olhos.

Alia tremeu e caiu de joelhos.

Paul suspirou juntamente com os peregrinos extasiados. Parte do véu começou a se erguer diante dele. Absorvido na beatitude da visão, esquecera-se de que cada visão pertencia a todos aqueles que ainda se encontravam a caminho, esperando para se realizarem. Na visão, passava-se através da escuridão, incapaz de distinguir a realidade do acidente insubstancial. Ansiava-se por absolutos que nunca poderiam existir.

Ansiando-se, perdia-se o contato com o presente.

Alia oscilou no êxtase da mudança provocada pela especiaria.

Paul sentia-se como se uma presença transcendental estivesse falando com ele, dizendo:

— Olhe! Veja lá! Vê o que ignorou?

E naquele instante ele julgou olhar através de outros olhos, vendo um ritmo e um simbolismo, nesse lugar, que nenhum artista ou poeta poderia reproduzir. Era algo vital e belo, um brilho de luz que expunha toda a voracidade do poder... até mesmo a dele.

Alia falou. Sua voz amplificada trovejou através da nave do Templo.

— Noite luminosa — gritou.

Um gemido passou como uma onda através dos peregrinos.

— Nada se oculta em semelhante noite! — disse Alia. — Que rara Luz é esta escuridão? Você não pode fitá-la! Os sentidos não podem registrá-la. Nenhuma palavra é capaz de descrevê-la.

— Baixou a voz. — O abismo permanece. Está prenhe de todas as coisas que ainda estão por vir. Ahhh, que suave violência!

Paul sentia-se esperando por algum sinal particular de sua irmã. Poderia ser qualquer ação ou palavra, algo nos processos místicos e mágicos, um fluxo que poderia alcançá-lo como a flecha de um arco cósmico. Esse instante permanecia como mercúrio, tremeluzindo em sua consciência.

— Haverá tristeza — entoou Alia. — Eu lembro a vocês que todas as coisas são apenas o início, sempre o início. Mundos

esperam para serem conquistados. Alguns, ao alcance do som de minha voz, atingirão destinos grandiosos, exaltados. Vocês zombarão do passado, esquecendo-se do que agora lhes digo: dentro de todas as diferenças, existe unidade.

Paul suprimiu um grito de desapontamento enquanto Alia abaixava a cabeça. Ela não dissera o que ele esperava ouvir. Seu corpo sentia-se como uma concha seca, uma casca abandonada por algum inseto do deserto.

Outros deviam sentir algo similar, pensou. Sentia uma inquietude à sua volta. De repente, uma mulher na multidão, bem distante, à esquerda de Paul, gritou angustiada.

Alia ergueu a cabeça e Paul teve a sensação vertiginosa de que a distância entre eles desabava, que se encontrava a apenas alguns centímetros dela, fitando-lhe os olhos esgazeados.

— Quem me chama? — indagou Alia.

— Eu — gritou a mulher. — Eu a chamo, Alia. Alia, me ajude! Eles dizem que meu filho foi morto em Muritan. Ele se foi? Será que nunca mais tornarei a ver meu filho... nunca?

— Você tenta andar para trás na areia — entoou Alia. — Nada se perde. Tudo retorna mais tarde, mas você poderá não reconhecer a forma alterada que regressa.

— Alia, não compreendo — gemeu a mulher.

— Você vive no ar, mas não o vê — disse Alia, a voz severa. — Será você um lagarto? Sua voz tem o sotaque dos Fremen. Será que um Fremen tenta trazer de volta os mortos? De que precisamos de nossos mortos, exceto sua água?

No centro da nave, um homem num rico manto vermelho ergueu ambas as mãos, as mangas caindo para expor os braços enfaixados de branco.

— Alia! — ele gritou. — Eu recebi uma proposta de negócios. Devo aceitá-la?

— Você vem aqui como um pedinte — devolveu Alia. — Procura o pote dourado, mas encontrará somente um punhal.

— Pediram-me que matasse um homem! — gritou uma voz à direita. Uma voz profunda, com tons de sietch. — Devo aceitar a incumbência? E aceitando-a, terei sucesso?

— O início e o fim são uma coisa única. — retrucou Alia.

— Já não lhes disse isso antes? Você não veio aqui para fazer essa pergunta. Por que não pode acreditar que deve vir aqui e gritar contra isso?

— Ela está furiosa esta noite — murmurou uma mulher junto de Paul. — Já a viu tão aborrecida?

“Ela sabe que estou aqui”, pensou Paul. “Será que percebeu alguma coisa na visão que a enfureceu? Sua raiva será dirigida a mim?”

— Alia — disse um homem diretamente em frente de Paul.

— Diga a estes homens de negócios e corações fracos quanto tempo seu irmão deverá governar!

— Eu lhe permito que olhe atrás daquela curva por si mesmo — disse Alia ríspidamente. — Você carrega na boca seus preconceitos! É porque meu irmão cavalga o verme do caos que você dispõe de água e de teto!

Segurando o manto num gesto violento, Alia virou-se, caminhando através das tremeluzentes fitas de luz e desaparecendo na escuridão.

Imediatamente, os acólitos iniciaram o cântico final, mas o ritmo estava descompassado. Obviamente, haviam sido surpreendidos pelo término inesperado dos rituais. Um murmúrio incoerente elevou-se por todos os lados na multidão. Paul sentia a agitação a seu redor — pessoas inquietas, insatisfeitas.

— Foi aquele tolo com sua estúpida pergunta sobre negócios — murmurou a mulher junto de Paul. — Que hipócrita!

O que Alia teria visto? Que trilha através do futuro?

Alguma coisa acontecera essa noite, estragando os rituais do oráculo. Usualmente, a multidão gritava para que Alia respondesse a suas perguntas mesquinhas. Eles iam ao oráculo como mendigos, sim. Ele os ouvira muitas vezes, escondido, enquanto observava da escuridão atrás do altar. Que acontecera de diferente nessa noite?

O velho Fremen puxou a manga de Paul, indicando com a cabeça a direção da saída. A multidão já começava a empurrar para lá. Paul deixou-se levar com ela, a mão do guia em seu braço. Havia nele o sentimento de que seu corpo tornara-se manifestação

de algum poder que não mais podia controlar. Tornara-se um não-ser, uma quietude ambulante. No núcleo desse não-ser estava ele, permitindo-se conduzir através das ruas de sua cidade, seguindo um caminho tão familiar a suas visões que lhe gelava o coração de mágoa.

“Eu devia saber o que Alia viu”, pensava ele. “Eu já vi isso muitas vezes. E ela não gritou contra aquilo... viu as alternativas também.”

O crescimento da produção e o crescimento da renda não devem desequilibrar-se em meu Império. Essa é a substância de meu comando. Não devem existir dificuldades no balanço de pagamentos entre as diferentes esferas de influência. E a razão para isso é simplesmente que eu ordenei. Eu quero enfatizar Minha autoridade nessa área. Eu sou o supremo consumidor de energia deste domínio e assim permanecerei, vivo ou morto. Meu governo é a economia.

— *Ordem ao Conselho, Imperador Paul Muad'Dib*

— Vou deixá-lo aqui — disse o velho, tirando a mão do braço de Paul. — Fica à direita, a segunda porta a partir do final. Vá com o Shai-hulud, Muad'Dib... e se lembre de quando era Usul.

O guia de Paul desapareceu nas sombras.

Haveria homens da Segurança em algum lugar lá fora, esperando para agarrar o guia e levá-lo a um local de interrogatório.

Paul sabia disso, mas se surpreendeu desejando que o velho Fremen pudesse escapar.

Havia estrelas no céu, e a luz distante da Primeira Lua, em algum lugar além da Muralha Escudo. Mas o lugar em que estava não era o deserto aberto, onde um homem poderia visar uma estrela para guiá-lo em seu curso. O velho o trouxera para um dos novos subúrbios, Paul reconhecia.

A rua estava agora coberta de areia soprada das dunas, que começavam a invadir os limites. Uma luz mortiça brilhava de um único globo suspensor público, bem afastado. Sua iluminação era suficiente para mostrar que essa era uma rua sem saída.

O ar ao redor parecia espesso com o cheiro de um alambique de recuperação de resíduos. A coisa devia ter sido muito mal tampada para que seus odores fétidos escapassem, perdendo uma quantidade perigosa de umidade para o ar noturno. Quão descuidada essa gente se tornara, pensou Paul. Eles eram milionários da água, esquecidos dos dias em que um homem poderia ser morto em Arrakis em troca de apenas um oitavo da água existente em seu corpo.

“Por que estou hesitando?”, perguntou-se ele. “É a segunda porta a partir do final da rua. Eu saberia disso mesmo que não me dissessem. Mas isso deve ser jogado com precisão. Assim... eu hesito.”

O ruído de uma discussão elevou-se subitamente da casa na esquina, à esquerda de Paul. Uma mulher repreendia alguém: a nova ala da casa deixava infiltrar-se poeira, ela se queixava. Será que ele pensava que a água caía do céu? Se poeira podia entrar, a umidade também podia escapar.

“Alguns ainda se lembram”, pensou Paul.

Andou pela rua, deixando para trás o ruído da discussão.

“Água do céu!”, pensou.

Alguns Fremen haviam presenciado essa maravilha em outros mundos. Ele a vira pessoalmente e a encomendara para Arrakis, mas a memória disso parecia-lhe algo que tivesse acontecido a outra pessoa. Chuva, era como aquilo se chamava. De repente, lembrou-se de uma tempestade no mundo onde nascera. As nuvens cinzentas e espessas no céu de Caladan, a presença de uma tempestade elétrica, o ar úmido e as grandes gotas tamborilando

nas clarabóias, correndo em pequenos arroios pelas beiras dos telhados. Bueiros recolham a água, canalizando-a para um rio que corria, lamacento, diante dos pomares da Família... Árvores com ramos nus a brilharem, molhados.

Sentia a camada de areia sobre a rua dificultando-lhe os passos. Por um instante, imaginou a lama agarrando-se a suas botas durante a infância. Depois, estava de volta à areia, na escuridão empoeirada e abafada pelo vento, com o Futuro suspenso sobre ele, a escarnecê-lo. Sentia a aridez da vida a seu redor como uma acusação. “Você fez isto!” Eles se tornaram uma civilização de insensíveis observadores e contadores de histórias, gente que resolvia todos os seus problemas com poder... e mais poder... e ainda mais poder — sugando-lhe cada erg.

Pedras ásperas surgiram sob seus pés. Sua visão lembrava-se delas. O negro retângulo de uma porta apareceu à direita — negro sobre negro: a casa de Otheym. A casa do Destino, lugar diferente de todos os outros a seu redor, apenas pelo papel que o Tempo escolhera para que representasse. Era um lugar estranho, que ficaria marcado ao longo da história.

A porta abriu-se quando bateu. A fenda revelou a luz verde e embaçada de um átrio. Um anão olhava para fora, rosto de velho em corpo de criança, uma aparição que sua presciência nunca vira.

— O senhor veio, então — disse a aparição. O anão colocou-se de lado, abrindo passagem. Não havia admiração em seus modos, apenas a avidez de um sorriso maligno.

— Entre! Entre!

Paul hesitou. Não houvera anão algum em sua visão, mas tudo mais permanecia idêntico. As visões podiam conter tais disparidades e ainda assim permanecer fiéis a seu mergulho original no infinito. A diferença tentava-o a ter esperanças. Olhou de volta para a rua, para o alto, em direção ao brilho cremoso e aperolado de sua lua, surgindo das sombras recortadas. A lua o assombrava. Como ela caíra?

— Entre! — insistiu o anão.

Paul entrou, ouvindo a porta fechar-se com uma pancada sobre os selos de umidade. O anão passou por ele liderando a

caminhada, seus pés enormes fazendo ruído no chão. Abriu o delicado portão gradeado que levava ao pátio coberto, no centro da residência, e indicou: — Eles o esperam, meu senhor.

“Meu senhor” pensou Paul. “Ele me conhece, então.”

Antes que Paul pudesse explorar essa descoberta, o anão escorregou por uma passagem lateral. A esperança era um vento-dervixe, rodopiando e dançando dentro de Paul. Atravessou o pátio. Era um lugar escuro e lúgubre, com o cheiro da doença e da derrota a penetrá-la. Sentia-se intimidado pela atmosfera.

Seria derrota escolher um mal menor?, ele se perguntava. A que profundezas essa trilha o conduzira?

Luz derramou-se de uma porta estreita na parede aposta. Ele controlou a impressão de observadores e de cheiros malignos, e entrou pela porta, para um pequeno aposento. Era um lugar vazio, mesmo para os padrões dos Fremen, com cortinas hierég cobrindo apenas duas das paredes. No lado oposto à porta, um homem estava sentado sobre almofadas carmesins, abaixo da melhor cortina. Uma figura feminina pairava nas sombras, por trás de outro portal, na parede nua, à esquerda.

Paul sentiu-se aprisionado pela visão. Essa era a maneira como acontecera. Onde estava o anão? Onde estava a diferença?

Seus sentidos captaram a sala numa única observação gestálica. O lugar fora alvo de um cuidado extremo, a despeito do mobiliário pobre. Ganchos e hastes, atravessando as paredes nuas, mostravam onde cortinas e tapeçarias haviam sido removidas. Os peregrinos pagavam preços elevados por artefatos autênticos dos Fremen, lembrou-se Paul. E os peregrinos ricos viam as tapeçarias do deserto como tesouros, verdadeiras marcas de um hajj.

Paul sentia que essas paredes nuas o acusavam com sua pintura de sulfato de cálcio. Puídos, os dois cortinados remanescentes ampliavam seu sentimento de culpa.

Uma prateleira estreita ocupava a parede à direita. Continha uma fileira de retratos, a maioria deles de Fremen barbudos, alguns usando uniformes imperiais e posando sobre exóticos panoramas de outros mundos. O cenário mais comum era uma paisagem marinha.

O Fremen sobre as almofadas pigarreou, forçando Paul a olhar para ele. Era Otheym, precisamente como sua visão o revelara: o pescoço que se tornara esquelético, uma coisa de passarinho que parecia demasiado fraca para sustentar a grande cabeça. O rosto era uma ruína assimétrica. Redes de cicatrizes sobre o lado esquerdo, abaixo de um olho úmido e caído, mas pele limpa do outro lado, e o olho de um azul dentro de azul, característico dos Fremen, fitando-o diretamente. Um nariz comprido dividia o rosto.

As almofadas de Otheym haviam sido colocadas no centro de um tapete puído, marrom, com fios dourados e castanhos. O tecido das almofadas exibia manchas e remendos, mas cada objeto de metal em torno da figura sentada reluzia de polimento: as molduras dos retratos, suportes e beiradas das prateleiras, o pedestal de uma mesinha à direita.

Paul acenou com a cabeça, visando a metade perfeita do rosto de Otheym, e disse:

— Boa sorte a você e à sua moradia. — Era a saudação de um velho amigo e colega de sietch.

— Assim eu o vejo uma vez mais, Usul.

A voz que citou seu nome tribal chiava com o tremor característico de um velho. A pele caída do olho, no lado arruinado do rosto, movia-se acima das cicatrizes coriáceas. Cerdas de barba rala, cinzenta, surgiam ali, e o lado do queixo apresentava um descascado rugoso. A boca de Otheym se contorcia enquanto ele falava, a abertura expando dentes de metal prateados.

— O Muad'Dib sempre responde ao chamado de um Fedaykin — disse Paul.

A mulher nas sombras do portal moveu-se, dizendo:

— Assim se gaba Stilgar.

Ela avançou para a luz, uma versão mais velha da Lichna que o Dançarino Facial copiara. Paul lembrou-se de que Otheym tinha irmãs casadas. O cabelo dela era grisalho, o nariz tornara-se pronunciado como o de uma bruxa. Calos de tecelã percorriam indicadores e polegares. Uma mulher Fremen teria exibido tais marcas com orgulho, nos dias do sietch, mas esta as ocultou numa

dobra do manto azul-pálido, assim que notou a atenção que despertavam.

Paul lembrou-lhe o nome — Dhuri. O choque era que ele a lembrava como criança, não como em sua visão desses momentos. Isso se devia ao tom lamurioso de sua voz, coisa que vinha da infância.

— Você me vê aqui — ele disse. — Eu estaria aqui se Stilgar não houvesse aprovado? — Voltou-se para Otheym. — Eu carrego sua carga de água, Otheym. Ordene o que quiser.

Esse era o modo direto de falar entre irmãos de sietch.

Otheym assentiu, trêmulo, com um aceno de cabeça que quase foi demasiado para o pescoço fino. Ergueu a mão esquerda, manchada, para apontar as ruínas de seu rosto.

— Eu peguei a doença que fende em Tarahell, Usul — chiou ele. — Logo depois de nossa vitória, quando tínhamos tudo... — Um acesso de tosse o fez calar-se.

— A tribo logo coletará sua água — disse Dhuri.

Ela caminhou até Otheym, ajeitando as almofadas atrás dele e segurando-lhe os ombros, para firmá-lo até que a tosse passasse. Não era realmente muito velha, percebeu Paul, mas sua boca era circundada por esperanças perdidas e a amargura lhe marcava os olhos.

— Eu chamarei os médicos — disse Paul.

Dhuri voltou-se, as mãos nos quadris.

— Nós já tivemos médicos aqui, tão bons quanto qualquer um que possa chamar.

Lançou um olhar involuntário à parede vazia, à esquerda.

“E os médicos cobraram muito caro”, pensou Paul.

Sentia-se impaciente, preso pela visão, mas consciente de que pequenas diferenças se haviam infiltrado. Como poderia explorar essas diferenças? O Tempo saía de sua meada cheio de mudanças sutis, mas o tecido de fundo mantinha uma igualdade opressiva.

Sabia, com terrível certeza, que, se tentasse quebrar o padrão que o envolvia ali, este se tornaria algo de uma violência

formidável. O poder oculto nesse fluxo de Tempo enganadoramente suave o oprimia.

— Digam o que querem de mim — reclamou.

— Não poderia ser apenas que Otheym precisasse de um amigo para ficar a seu lado nesta hora? — indagou Dhuri. — Será que um Fedaykin tem que entregar sua carne a estranhos?

“Nós compartilhamos o Sietch Tabr”, lembrou-se Paul. “Ela tem o direito de me censurar por minha aparente insensibilidade.”

— O que eu puder fazer, farei — disse ele.

Outro acesso de tosse sacudiu Otheym. Quando passou, ele disse ofegante:

— Existe traição, Usul. Uma conspiração dos Fremen contra você. — Sua boca moveu-se novamente, mas nenhum som saiu.

A saliva escorreu de seus lábios e Dhuri limpou-lhe a boca com a bainha de seu manto. Paul percebeu como o rosto dela revelava sua fúria ante tamanho desperdício de umidade.

Um ódio frustrante ameaçou dominar Paul. “Otheym não deveria ser sacrificado desse modo! Um Fedaykin merecia algo melhor.” Mas nenhuma escolha restara — não para um Comando da Morte ou seu Imperador. Eles caminhavam sobre uma navalha de Occam, dentro dessa sala. O menor passo em falso multiplicaria os horrores... não para eles mesmos, mas para toda a humanidade, e mesmo para aqueles que os destruiriam.

Paul forçou a mente ficar calma e olhou para Dhuri. A expressão de terrível ansiedade com que ela olhava para Otheym transmitiu-lhe força. “Chani nunca deve olhar para mim desse modo”, disse a si mesmo.

— Lichna falou de uma mensagem — disse Paul.

— Meu anão — chiou Otheym. — Eu o comprei num... num... num mundo que... me esqueci. Ele é um distrans humano, um brinquedo abandonado pelos Tleilaxu. Ele registrou todos os nomes... os traidores...

Otheyrn ficou em silêncio, tremendo.

— Você fala de Lichna — disse Dhuri. — Quando chegou, soubemos que ela o alcançara em segurança. Se está pensando

nessa nova carga que Otheym coloca sobre seus ombros, Lichna é a soma dessa carga. Uma troca justa, Usul: pegue o anão e se vá.

Paul suprimiu um estremeamento do corpo e fechou os olhos.

“Lichna!” A verdadeira filha havia perecido no deserto, um corpo arruinado pela semuta, abandonado à areia e aos ventos.

Abrindo os olhos, disse:

— Vocês poderiam ter vindo à mim em qualquer ocasião para...

— Otheym ficou afastado para poder ser contado entre aqueles que o odeiam, Usul — explicou Dhuri. — A casa ao sul da nossa, no fim da rua, é um local das reuniões de seus inimigos. É por isso que ficamos com este casebre.

— Então, chame o anão e nós partiremos — disse Paul.

— Não me ouviu bem — disse Dhuri.

— Deve levar o anão para um lugar seguro — explicou Otheym, com uma força estranha em sua voz. — Ele carrega consigo o único registro dos traidores. Ninguém suspeita de seu talento. Eles pensam que o mantenho como diversão.

— Nós não podemos partir — acrescentou Dhuri. — Somente você e o anão. Todos sabem como somos pobres. Dissemos que estávamos vendendo o anão e eles o tomarão pelo comprador. É sua única chance.

Paul consultou sua memória da visão: nela, ele saía dali com os nomes dos traidores, mas sem ver como esses nomes eram levados. O anão, obviamente, movia-se sob a proteção de outro oráculo. Então ocorreu a Paul que todas as criaturas deviam carregar alguma espécie de destino estampado, devido a tensões variadas, fixado pelo treinamento e pela disposição. Desde o momento em que o Jihad o escolhera, sentira-se cercado pelas forças da multidão. Elas fixavam seus propósitos, exigiam e controlavam seus rumos. Quaisquer ilusões a respeito de Livre-Arbítrio que ele pudesse alimentar nada mais eram, agora, do que pancadas de um prisioneiro contra as grades de sua cela. Sua maldição residia no fato de que ele podia ver a cela. Ele a via!

Escutava o vazio da casa: só eles quatro dentro dela — Dhuri, Otheym, o anão e ele próprio. Inalava o medo e a tensão dos

companheiros, sentia sobre eles os olhos de observadores: sua própria força de ornitópteros, voando bem acima... e aqueles outros... na casa ao lado.

“Eu errei em ter esperanças”, pensou Paul. Mas a idéia de esperança trazia-lhe um senso distorcido dessa emoção, sentia ainda poder aproveitar esse momento,

— Chame o anão — disse

— Bijaz! — chamou Dhuri.

— A senhora me chamou? — O anão entrou no aposento vindo do pátio, com uma expressão alerta e preocupada em seu rosto.

— Você terá um novo mestre, Bijaz — disse Dhuri. Olhou para Paul. — Pode chamá-lo de... Usul.

— Usul, isto é, a base do pilar — disse Bijaz, traduzindo. — Como pode Usul ser a base, se eu sou a mais inferior de todas as coisas vivas?

— Ele sempre fala desse modo — desculpou-se Otheym.

— Eu não falo — disse Bijaz. — Eu opero uma máquina chamada linguagem. Ela range e geme, mas é minha agora.

“Um brinquedo dos Tleilaxu, instruído e alerta”, pensou Paul.

“Os Bene Tleilaxu jamais se desfazem de coisa tão valiosa.” Voltou-se e observou o anão. Olhos redondos de melange responderam ao seu olhar.

— Que outros talentos você tem, Bijaz? — indagou Paul.

— Eu sei quando devemos partir — respondeu Bijaz. — É um talento que poucos homens possuem. Há um tempo para os finais... e isso é um bom começo. Vamos começar a partir, Usul.

Paul examinou a memória de sua visão: não havia anão, mas as palavras do pequenino adequavam-se à ocasião.

— Na porta, você me tratou por senhor. Conhece-me, então? — perguntou ele.

— O senhor tem ascendência — disse Bijaz, sorrindo. — É muito mais que a base Usul. O senhor é o Imperador Atreides, Paul Muad'Dib. E é também o meu dedo — o anão ergueu o dedo indicador da mão direita.

— Bijaz! — ralhou Dhuri. — Você está arriscando sua sorte.

— Estou arriscando meu dedo — protestou Bijaz, a voz guinchando. Apontou para Usul. — Eu aponto para Usul. Meu dedo não é Usul em pessoa? Ou será o reflexo de algo mais fundamental? Trouxe o dedo para junto dos olhos, examinando-o com um sorriso zombeteiro, primeiro um lado, depois o outro.

— Ahh, é apenas um dedo, afinal.

— Ele sempre nos aborrece com sua tagarelice — disse Dhuri com a voz carregada de preocupação. — Acho que foi por isso que os Tleilaxu se desfizeram dele.

— Eu não serei patrocinado — disse Bijaz. — E no entanto tenho agora um novo patrão. Como são estranhos os trabalhos de um dedo. — Olhou para Dhuri e Otheym com olhos curiosamente brilhantes. — Laços fracos nos unem, Otheym. Algumas lágrimas e nos separamos. — Os grandes pés do anão fizeram ruído no chão enquanto ele dava meia-volta e parava, olhando para Paul. — Ahh, patrão! Percorri longo caminho até o encontrar.

Paul assentiu com a cabeça.

— Você será bondoso, Usul? — indagou Bijaz. — Sou uma pessoa, bem sabe. As pessoas têm muitas formas e tamanhos. Esta é apenas uma delas. Eu sou fraco nos músculos, mas forte na boca, barato de alimentar, mas caro de satisfazer. Esvazie-me como desejar e ainda restará dentro de mim mais do que os homens colocaram.

— Não temos mais tempo para suas estúpidas charadas — disse Dhuri, irritada. — Você deve partir.

— Eu estou cheio de charadas, mas nem todas são estúpidas — respondeu Bijaz. — Ter ido embora, Usul, é ter passado. Dhuri fala a verdade e eu tenho um talento para ouvir, também. Vamos deixar o passado pelo passado.

— Você possui o senso da verdade? — indagou Paul, determinado agora a acompanhar o ritmo de sua visão.

Qualquer coisa era melhor do que romper esses momentos e produzir novas conseqüências. Restavam algumas coisas a serem ditas por Otheym a fim de que o Tempo não fosse desviado para canais ainda mais aterrorizantes.

— Eu tenho o senso do agora — respondeu Bijaz.

Paul notou que o anão ficara mais nervoso. Estaria ele consciente das coisas que estavam para acontecer? Poderia ser seu novo oráculo?

— Você perguntou por Lichna? — indagou Otheym subitamente, olhando para Dhuri com o olho são.

— Lichna está segura — respondeu Dhuri.

Paul baixou a cabeça para que sua expressão não revelasse a mentira. Segura. Lichna estava reduzida a cinzas em um túmulo secreto.

— Está bem, então — disse Otheym, tomando o gesto de Paul como sinal de concordância. Uma boa coisa entre as más, Usul. Não gosto do mundo que estamos construindo, sabia? Era muito melhor quando estávamos sozinhos no deserto, tendo apenas os Harkonnens como inimigos.

— Há apenas uma linha muito estreita entre muitos amigos e muitos inimigos — disse Bijaz. Onde essa linha termina, não há início nem fim. Vamos terminar aqui, meus amigos.

Ele caminhou para o lado de Paul, agitando-se nervoso de um pé para o outro.

— O que é “senso do agora”? — perguntou Paul, fazendo o momento prolongar-se, estimulando o anão.

— Agora! — respondeu Bijaz, trêmulo. — Agora! Agora!

— Puxou o manto de Paul. — Vamos agora!

— Sua boca fica tagarelando, mas ele não faz mal a ninguém — disse Otheym, cheio de afeição na voz, o olho perfeito fitando Bijaz.

— Até um tagarela pode dar o sinal de partida — disse Bijaz. — Vamos partir enquanto ainda há tempo para recomeçar.

— Bijaz, o que você teme? — indagou Paul.

— Temo o espírito que me procura agora — murmurou Bijaz, o suor surgindo na testa, as maçãs do rosto contorcendo-se. — Temo aquele que não pensa e que não terá um corpo, exceto o meu — e esse volta-se para si mesmo! Temo as coisas que vejo e as que não vejo.

“Este anão possui o poder da presciência”, pensou Paul. Bijaz compartilhava o terrível oráculo. Será que também compartilharia o

destino do oráculo? Que força teria o poder do anão? Possuiria ele a pequena presciência daqueles que tateavam com o Tarô de Duna? Ou seria coisa maior? O quanto teria visto?

— É melhor que se vão — disse Dhuri. — Bijaz está certo.

— Cada minuto que nos demoramos — insistiu Bijaz — prolonga... prolonga o presente!

“Cada minuto que nos demoramos adia minha culpa”, pensou Paul. O hálito venenoso de um verme, seus dentes gotejando areia, havia soprado sobre ele. Isso acontecera muito tempo atrás, mas agora ele inalava a memória desse fato — amargura e especiaria. Podia sentir seu próprio verme aguardando — “a urna do deserto”.

— Estes são tempos conturbados — disse ele, referindo-se ao julgamento de Otheym quanto ao seu mundo.

— Os Fremen sabem o que fazer em tempo de dificuldade — disse Dhuri.

Otheym contribuiu com um trêmulo aceno.

Paul olhou para Dhuri. Não esperava que sua obrigação fosse maior do que aquilo que poderia suportar, mas a amargura de Otheym e o ardente ressentimento que via nos olhos de Dhuri deram uma sacudida em sua determinação. “Alguma coisa valeria esse preço?”

— O atraso não serve a propósito algum — disse ela.

— Faça o que deve, Usul — chiou Otheym. Paul suspirou. As palavras da visão haviam sido pronunciadas. — Haverá um julgamento — disse ele para completar tudo. Virando-se, caminhou para fora da sala ouvindo os pés de Bijaz a golpear o chão atrás de si.

— Esqueça o passado — murmurava Bijaz enquanto saíam. — Deixe o passado ficar onde quiser. Este foi um dia sujo.

O fraseado rebuscado do legalismo cresceu em torno da necessidade de ocultar de nós mesmos a violência que cometemos uns contra os outros. Entre privar um homem de uma hora de sua vida e privá-lo da própria vida, a diferença é apenas de grau. Vocês cometeram uma violência contra ele, consumiram sua energia.

Eufemismos elaborados podem ocultar sua intenção de matar, mas por trás de qualquer uso do poder sobre outra pessoa permanece o derradeiro pressuposto: "Eu me alimento de sua energia."

*— Adendo às Ordens no Conselho,
Imperador Paul Muad'Dib*

A Primeira Lua erguia-se bem alto sobre a cidade quando Paul, com seu escudo ativado e tremeluzindo em torno dele, emergiu do beco sem saída. Um vento vindo do maciço fazia a poeira e a areia rodopiarem ao longo da rua estreita e deixou Bijaz piscando e cobrindo os olhos.

— Precisamos correr — murmurou o anão. — Corra! Corra!

— Você sente perigo? — perguntou Paul.

— Eu conheço o perigo!

Um repentino sentimento de perigo muito próximo foi seguido, quase que imediatamente, pelo aparecimento de uma figura que se juntou a eles, saindo de um portal.

Bijaz se encolheu, gemendo.

Era apenas Stilgar, movendo-se como uma máquina de guerra, a cabeça impulsionada para a frente, os pés golpeando o chão com vigor.

Rapidamente, Paul explicou o valor do anão e o entregou a Stilgar. A velocidade de sua visão ganhou então grande impulso.

Stilgar saiu correndo com Bijaz, enquanto Guardas da Segurança envolviam Paul. Foram dadas ordens no sentido de enviar alguns homens pela rua, em direção à casa seguinte à de Otheym. Os homens correram para obedecer, sombras entre sombras.

"Mais sacrifícios", pensou Paul.

— Queremos os prisioneiros vivos — sussurrou um dos oficiais da Guarda.

O som era um eco da visão nos ouvidos de Paul. A coisa avançava com uma precisão sólida: visão/realidade, passo a passo.

Ornitópteros passavam diante da lua.

A noite estava cheia de tropas imperiais em ataque.

Um chiado suave cresceu acima de todos os outros sons, subindo até se tornar um rugido, enquanto os ouvidos ainda ressoavam com seu sibilar. A coisa adquiriu um brilho marrom avermelhado, cor de tijolo, que ocultou as estrelas e engolfou a lua.

Paul, conhecendo esse som e esse brilho desde os vislumbres iniciais do pesadelo em sua visão, sentia um estranho senso de realização. Acontecera do modo como devia.

— Queima-pedra! — gritou alguém.

— Queima-pedra! — o grito ressoava a sua volta. — Queima-pedra... queima... pedra...

Por ser o que se esperava dele, Paul colocou um braço diante do rosto, num gesto de proteção, e mergulhou atrás da baixa saliência de um meio-fio. Já era muito tarde, é claro.

Onde antes existira a casa de Otheym, erguia-se agora uma coluna de fogo, um jato cegante rugindo para o céu. Emitia um brilho sujo que delineava em contornos precisos o balé dos homens lutando e fugindo, a retirada dos ornitópteros batendo suas asas.

Para cada membro dessa multidão frenética, já era tarde demais.

O solo tornou-se quente debaixo de Paul. Cessaram os sons de passos apressados. Homens se atiravam ao chão ao redor dele, todos conscientes de que não havia mais propósito em fugir. O dano inicial já fora feito; deviam aguardar que a potência do queima-pedra se esgotasse. A radiação da coisa, da qual nenhum homem poderia fugir, já lhes penetrara na carne.

E o resultado peculiar da radiação do queima-pedra já agia sobre eles. O que mais essa arma poderia fazer residia no planejamento dos homens que a tinham usado, daqueles que haviam desafiado a Grande Convenção para usá-la.

— Deus... um queima-pedra — gemeu alguém. — Eu... não... quero... ficar... cego.

— E quem quer? — indagou, ríspido, um soldado mais afastado ao longo da rua.

— Os Tleilaxu venderão muitos olhos aqui — resmungou alguém junto de Paul. — Agora, calem-se e esperem!

Eles esperaram.

Paul permanecia em silêncio, pensando nos efeitos dessa arma.

Se tivesse combustível suficiente, abriria caminho até o núcleo do planeta. Em Duna, o nível da lava em fusão era demasiado profundo, mas por isso mesmo a coisa era mais perigosa. Tais pressões liberadas e fora de controle poderiam partir o planeta, espalhando fragmentos sem vida através do espaço.

— Acho que está diminuindo um pouco — disse alguém.

— Está apenas mergulhando mais fundo — advertiu Paul.

— Fiquem abaixados, todos vocês. Stilgar mandará ajuda.

— Stilgar escapou?

— Escapou.

— O chão está quente — queixou-se alguém.

— Eles se atreveram a usar atômicos! — protestou um soldado junto de Paul.

— O som está diminuindo — disse alguém ao longo da rua.

Paul ignorou essas palavras, concentrado nas pontas dos dedos pressionadas contra o pavimento. Podia sentir a coisa rolando e trovejando cada vez mais fundo...

— Meus olhos! — gritou alguém. — Eu não posso ver!

“Alguém que estava mais perto do que eu”, pensou Paul. Ainda podia enxergar até o final do beco quando erguia a cabeça, embora a cena parecesse enevoada. Um brilho vermelho amarelado preenchia a área que antes abrigava a casa de Otheym e a de seu vizinho. Pedacos dos prédios adjacentes criavam desenhos escuros enquanto desmoronavam na fossa brilhante.

Paul ficou de pé. Sentira o queima-pedra morrer, silenciando-se embaixo dele. Seu corpo estava coberto de suor, escorregando dentro do lustroso traje destilador. Fora demasiado para que o traje desse conta. O ar que inspirava em seus pulmões trazia o calor e o fedor de enxofre do queima-pedra.

Quando olhava para os soldados que começavam a se erguer a sua volta, o enevoadado dos olhos de Paul transformou-se em escuridão. Ele recorreu à visão oracular desses momentos, e então se voltou, caminhando ao longo da trilha que o Tempo lhe abria, adequando-se tão perfeitamente à visão que ela não poderia lhe

escapar. Sentia que se tornava consciente desse lugar como uma possessão coletiva, realidade fundida em previsão.

Gemidos e lamentos dos soldados elevavam-se a sua volta, enquanto os homens percebiam estarem cegos.

— Acalmem-se! — gritou Paul. — A ajuda está a caminho. — E como os lamentos persistiam, ele disse: — Este é o Muad'Dib! Eu lhes ordeno que agüentem firme! A ajuda vem chegando!

Silêncio.

Então, coincidindo com sua visão profética, um guarda próximo indagou.

— É verdadeiramente o Imperador? Qual de vocês pode ver? Diga-me.

— Nenhum de nós tem olhos — respondeu Paul. — Eles tiraram meus olhos também, mas não minha visão. Eu posso ver você de pé aí, uma parede suja ao alcance de sua mão esquerda.

Agora, espere com bravura. Stilgar vem aí com nossos amigos.

O "tuoque-tuoque" de muitos ornitópteros aproximando-se tornou-se cada vez mais alto. Depois, o som de passos apressados. Paul observou seus amigos chegando, unindo os sons que faziam à sua visão oracular.

— Stilgar! — gritou, acenando com o braço. — Aqui!

— Graças ao Shai-hulud — gritou Stilgar, correndo para Paul.

— O senhor não está... — No súbito silêncio, a visão de Paul revelou-lhe Stilgar a fitá-lo com uma expressão de desespero, vendo os olhos arruinados de seu amigo e Imperador. — Oh, meu senhor gemeu Stilgar. — Usul... Usul... Usul...

— Que aconteceu com o queima-pedra? — gritou um dos recém-chegados.

— Acabou — respondeu Paul, erguendo a voz. Gesticulou, — Vão para lá agora e salvem aqueles que se encontravam mais próximos. Ergam barreiras. Rápido, agora! — Voltou-se para Stilgar.

— Pode ver, meu senhor? — indagou Stilgar, com admiração em sua voz. — Como é possível?

Como resposta, Paul tocou com um dedo o rosto de Stilgar, acima da máscara bucal do traje destilador, e sentiu as lágrimas.

— Não precisa me dar umidade, velho amigo — disse. — Eu não estou morto.

— Mas seus olhos!

— Eles cegaram meu corpo, mas não minha visão. Ah, Stil, eu vivo num sonho apocalíptico. Meus passos se ajustam tão perfeitamente a ele que o que mais temo é me tornar entediado, revivendo algo de maneira tão exata.

— Usul, eu não, não...

— Não tente entender. Aceite. Eu me encontro num mundo além deste aqui. Para mim, ambos são iguais. Eu não preciso de mão para me guiar. Vejo todos os movimentos a minha volta.

Vejo cada expressão de seu rosto. Não tenho olhos e no entanto vejo.

Stilgar sacudiu a cabeça com veemência.

— Senhor, devemos ocultar essa sua aflição dos...

— Não a esconderemos de homem algum — retrucou Paul.

— Mas a lei...

— Agora vivemos pela Lei dos Atreides, Stil. A Lei dos Fremen, de que os cegos devem ser abandonados no deserto, aplica-se somente aos cegos, e eu não estou cego. Eu vivo no ciclo de uma existência onde a guerra entre o bem e o mal encontra sua arena. Nós estamos no ponto decisivo na sucessão das eras e temos nossos papéis para desempenhar.

Num súbito silêncio, Paul ouviu um dos feridos sendo levado.

— Foi terrível — o homem gemia. — Uma grande fúria de fogo.

— Nenhum desses homens deverá ser levado ao deserto — disse Paul. — Está me ouvindo, Stil?

— Eu o ouço, meu senhor.

— Eles deverão receber novos olhos custeados por mim.

— Será feito, meu senhor.

Paul, percebendo o espanto crescente na voz de Stilgar, disse:

— Eu estarei no tóptero de Comando. Assuma o comando aqui.

— Sim, meu senhor.

Paul passou junto de Stilgar e caminhou pela rua. Sua visão revelava-lhe cada movimento, cada irregularidade sob seus pés, cada rosto que encontrava. Deu ordens enquanto se movia, apontando para homens de seu séquito pessoal, chamando-os pelos nomes, convocando para junto de si aqueles que representavam o aparelho mais central do Governo. Podia sentir o terror crescendo a seu redor, os sussurros temerosos.

— Os olhos dele!

— Mas ele olhou diretamente para você, chamou-o pelo nome!

No tóptero de Comando, ele desativou o escudo pessoal, estendeu o braço para dentro da máquina e tomou o microfone da mão de um espantado oficial de comunicações. Transmitiu uma rápida seqüência de ordens, depois recolocou o microfone na mão do oficial. Voltando-se, chamou o especialista em armamentos, um daqueles da nova e impetuosa geração, que só tinha vagas lembranças da vida no sietch.

— Eles usaram um queima-pedra — disse Paul.

Depois da mais breve pausa, o homem disse:

— Assim me disseram, senhor.

— Você sabe o que isso significa, é claro.

— O combustível só pode ter sido atômico.

Paul assentiu, imaginando como a mente desse homem devia estar funcionando aceleradamente. A Grande Convenção proibia tais armas. A descoberta do infrator faria desabar o ataque retaliatório de todas as Grandes Casas reunidas. Velhas rixas seriam esquecidas, abandonadas, em face de uma ameaça que reavivava antigos temores.

— Não pode ter sido manufacturado sem deixar alguns traços — disse Paul. — Você reunirá o equipamento adequado e procurará o lugar onde fizeram o queima-pedra.

— Imediatamente, senhor.

Com um último olhar temeroso, o homem saiu, apressado,

— Meu senhor — arriscou o oficial de comunicações atrás dele —, seus olhos...

Paul virou-se, esticou o braço para dentro do tóptero e colocou o transmissor em sua faixa pessoal.

— Chame Chani — ordenou. — Diga-lhe que... diga-lhe que estou vivo e logo estarei junto dela.

“Agora as forças se reúnem”, pensou ele. E percebeu quão forte era o cheiro do medo na transpiração ao seu redor.

*Ele se afastou de Alia,
O ventre celeste!
Sagrado, sagrado, sagrado!
Léguas de areia flamejante
Confrontam o nosso Senhor.
Ele pode ver sem olhos!
Um demônio está sobre ele!
Sagrada, sagrada, sagrada
Equação: Ele a resolveu pelo Martírio!*

— *A Lua Cai, Canções do Muad'Dib*

Após sete dias de uma atividade radiante e febril, o Castelo assumiu uma quietude antinatural. Nessa manhã, havia pessoas à volta, mas elas falavam aos sussurros, as cabeças muito próximas umas das outras, e caminhavam sorrateiramente, algumas com um passo curiosamente furtivo. A visão de um pelotão de guardas vindo do átrio atraiu olhares indagadores, e um franzir de testas ante o ruído que os recém-chegados faziam com seus passos e empilhar de armas. Estes, ao entrarem, logo captaram o estado de espírito do interior, passando também a se movimentar de modo furtivo.

Ainda se ouviam conversas sobre o queima-pedra:

— Ele disse que o fogo tinha uma cor azul-esverdeada e um cheiro infernal.

— Elpa é um tolo! Diz que prefere cometer suicídio a receber olhos dos Tleilaxu.

— Eu não gosto de falar em olhos.

— O Muad'Dib passou por mim e me chamou pelo nome!

— Como Ele pode ver sem olhos?

— As pessoas estão partindo, já ouviu? O medo é grande.

Os Naibs dizem que irão para o Sietch Makab a fim de se reunirem num Grande Conselho.

— Que fizeram eles com o Panegirista?

— Eu os vi levarem-no para a câmara onde os Naibs estão se reunindo. Imagine Korba prisioneiro!

Chani acordara cedo, despertada pela quietude no Castelo. Ao despertar, encontrara Paul sentado ao lado dela, as órbitas vazias apontadas para algum lugar além da parede oposta do quarto.

As perdas causadas pelo queima-pedra, com sua especial afinidade pelo tecido ocular, toda a carne destruída, haviam sido removidas. Injeções e unguentos haviam salvo a carne mais resistente em torno das cavidades oculares, mas Chani sentia que a radiação penetrara bem mais fundo.

Sentiu uma fome voraz ao se sentar e alimentou-se com a comida que havia ao lado da cama: pão de especiaria, queijo forte.

Paul gesticulou para a comida:

— Amada, acredite-me, não havia meio de poupá-la disto.

Chani conteve um acesso de tremores quando ele voltou para ela aquelas órbitas vazias. Desistira de pedir-lhe que explicasse. Ele falava de modo muito estranho:

— Fui batizado na areia e isso me custou o dom de acreditar.

Quem comercia com a fé hoje em dia? Quem compra? Quem vende?

Que poderia estar querendo dizer com essas palavras?

Recusava-se até mesmo a considerar a possibilidade de receber olhos dos Tleilaxu, embora os comprasse generosamente para os homens que compartilhavam sua desgraça.

Com a fome saciada, Chani escorregou para fora da cama e olhou de volta para Paul, notando-lhe o cansaço. Linhas severas emolduravam-lhe a boca. Os cabelos negros estavam em pé, despenteados por um sono que não trouxera descanso. Ele parecia muito pensativo, remoto. A alternância de despertar e dormir nada fazia para mudar isso. Ela voltou-se e sussurrou:

— Meu amor... meu amor...

Ele se inclinou, puxando suas costas de volta para a cama e beijando-a no rosto.

— Logo estaremos de volta ao nosso deserto — disse baixinho. — Só restam algumas coisas a serem feitas aqui.

Ela tremeu ante a determinação dessa voz.

Seus braços se apertaram em torno dela, e ele murmurou:

— Não sinta medo de mim, minha Sihaya. Esqueça o mistério e aceite o amor. Não há mistério no amor. Ele provém da vida. Não pode sentir isso?

— Posso.

Colocou a palma da mão de encontro ao peito dele, contando as batidas de seu coração. O amor nele gritava ao espírito Fremen no interior dela: torrencial, transbordante, selvagem. Uma força magnética a envolveu.

— Eu lhe prometo uma coisa, minha amada — disse Paul.

— Um filho nosso governará um império tão grande que o meu se apagará, em comparação. Tais conquistas da vida e da arte, e sublime...

— Nós estamos aqui e agora! — ela protestou, lutando para conter um soluço seco. — E... sinto que temos tão pouco... tempo.

— Nós temos a eternidade, minha amada.

— Você pode ter a eternidade. Eu só tenho o agora.

— Mas isto é eternidade. — Ele acariciou-lhe a testa.

Ela comprimiu-se de encontro a ele, os lábios sobre seu pescoço, e a pressão agitou a vida em seu ventre. Sentiu o remexer.

Paul sentiu também e colocou a mão sobre o abdome de Chani, dizendo:

— Ahh, pequeno governante do universo, espere por sua ocasião. Este momento é meu.

Ela se admirava de que ele sempre se referisse no singular à vida que crescia dentro dela. Será que os médicos não lhe tinham contado? Pesquisou em sua própria memória, curiosa de que o assunto nunca houvesse sido discutido entre eles. Decerto ele devia saber que ela carregava gêmeos. Hesitou em abordar a questão. Ele devia saber. Ele sabia tudo, conhecia todas as coisas que diziam respeito a ela. Suas mãos, sua boca — tudo nele a conhecia.

Daí a pouco ela disse:

— Sim, amor. Isto é para sempre... isto é real.

Fechou os olhos bem apertados para que a visão das órbitas vazias não lhe arrastasse a alma do paraíso ao inferno. Não importava a mágica rihani com que ele envolvia suas vidas, sua carne permanecia real, suas carícias não podiam ser negadas.

Quando se levantaram para se vestir, ela disse:

— Se as pessoas pudessem conhecer o seu amor...

Mas o estado de espírito de Paul havia mudado, e ele respondeu:

— Não se pode basear a política no amor. As pessoas não se preocupam com o amor, desordenado demais. Preferem o despotismo. A liberdade em demasia traz o caos. Não podemos permitir isso, podemos? E como tornar o despotismo adorado?

— Você não é um déspota! — protestou ela, prendendo o lenço em torno do pescoço. — Suas leis são justas.

— Ahh, as leis — disse ele. Caminhou até a janela e abriu as cortinas como se pudesse enxergar lá fora. — Que é a lei? Controle? As leis filtram o caos e o que é que goteja? A serenidade? Lei: nosso ideal mais elevado e nossa natureza mais elementar. Não olhe para a lei muito de perto. Se o fizer, vai perceber as interpretações racionais, o casuísmo, os precedentes de conveniência. Encontrará a serenidade, que apenas é outra palavra para descrever a morte.

A boca de Chani comprimiu-se em uma linha. Ela não podia negar-lhe a sabedoria e sagacidade, mas esses estados de espírito a aterrorizavam. Ele se voltava sobre si mesmo e ela sentia a luta

interior. Era como se ele examinasse o ditado dos Fremen, “Nunca perdoar, nunca esquecer” e açoitasse a própria carne com ele.

Caminhou para ficar a seu lado, olhando para ele de determinado ângulo. O calor crescente do dia começara a empurrar o vento norte para fora dessas latitudes abrigadas. O vento pintara um falso céu cheio de plumas ocres e folhas de cristal, estranhos desenhos de ouro e vermelho, arremetendo-se. Alto e frio, o vento colidia com a Muralha Escudo, erguendo redemoinhos de pó.

Paul sentiu o calor de Chani ao seu lado e momentaneamente baixou a cortina do esquecimento sobre sua visão. Podia estar só, em pé ali, os olhos fechados. O Tempo, entretanto, recusava-se a esperar por ele. Inalou a escuridão desprovida de estrelas ou de lágrimas. Sua aflição dissolvia a substância até que tudo que restava era o espanto ante o modo como os sons se condensavam em seu universo. Tudo a sua volta era influenciado por esse solitário senso de audição, que recuava apenas quando ele tocava em objetos: a cortina, a mão de Chani... Percebeu-se escutando a respiração dela.

Onde estava a insegurança das coisas que eram apenas prováveis?, perguntou a si mesmo. Sua mente transportava uma enorme carga de memórias mutiladas. Para cada instante de realidade, havia incontáveis projeções, coisas condenadas a nunca existir.

Um arquivo invisível dentro dele lembrava esses falsos passados, sua carga ameaçando, por vezes, afogar o presente.

Chani inclinou-se contra seu braço.

Ele sentia seu próprio corpo através do toque dela: carne morta carregada pelos redemoinhos do tempo. Estava impregnado de memórias que haviam vislumbrado a eternidade. E ver a eternidade era expor-se a seus caprichos e ser oprimido por dimensões intermináveis. A falsa imortalidade do oráculo exigia um pagamento: Passado e Futuro tornavam-se simultâneos.

Uma vez mais, a visão elevou-se de seu fosso negro e se prendeu a ele. Ela era seus olhos, movia-lhe os músculos. Guiando-o para o instante seguinte, a próxima hora, o próximo dia... até que se sentisse sempre há!

— É tempo de nos colocarmos a caminho — disse Chani. — O Conselho...

— Alia estará lá para ficar no meu lugar.

— E ela sabe o que fazer?

— Sabe.

O dia de Alia principiara com um esquadrão da guarda tomando conta do pátio de desfile abaixo de seus alojamentos. Ela olhou para aquela cena de confusão frenética, de falatório barulhento e intimidante. A cena tornou-se compreensível quando ela reconheceu o prisioneiro que eles haviam trazido: Korba, o Panegirista.

Fez sua toailete matinal caminhando ocasionalmente até a janela e mantendo vigilância sobre o andamento da impaciência lá embaixo. Seu olhar sempre se voltava para Korba. Tentava lembrar-se dele como o duro e barbado comandante da terceira onda na Batalha de Arrakeen. Era impossível. Korba convertera-se num janota imaculado, vestido agora com um manto de seda Parato de corte refinado. Encontrava-se aberto na cintura para revelar um belo rufo engomado e uma sobrecasaca bordada, decorada com jóias verdes. Um cinturão roxo guarnecia-lhe a cintura. As mangas, projetando-se por baixo do manto, haviam sido costuradas com motivos de verde-escuro e veludo negro.

Alguns Naibs haviam saído para observar o tratamento a que era submetido um companheiro Fremen. O clamor fora produzido por eles, excitando Korba a afirmar sua inocência. Alia observou os rostos dos Fremen, tentando recapturar memórias dos homens que havia conhecido. O presente apagava o passado. Todos eles se haviam tornado hedonistas, provando prazeres que a maioria dos homens nem poderia imaginar.

Seus olhares ansiosos voltavam-se com freqüência para o portal da câmara onde deveriam reunir-se. Estavam pensando na visão-cega do Muad'Dib, a nova manifestação dos poderes misteriosos. Pela lei, um cego deveria ser abandonado no deserto, sua água entregue ao Shai-hulud. Mas o Muad'Dib os via sem olhos. Também não gostavam de edificações, sentindo-se vulneráveis num espaço erguido acima do solo. Dê-lhes uma caverna adequada,

cortada na rocha, e eles poderão relaxar. Mas não aqui, não com este novo Muad'Dib esperando lá dentro.

Enquanto se virava para descer e ir à reunião, ela viu a carta, exatamente onde a deixara, na mesa junto à porta: a última mensagem de sua mãe. A despeito da especial reverência por Caladan, como local de nascimento de Paul, Lady Jessica enfatizara sua recusa em tornar aquele planeta um ponto de parada para o hajj.

“Não há dúvida de que meu filho é uma figura célebre na história”, ela escrevera, “mas não posso ver isso como desculpa para me submeter a uma invasão da plebe.”

Alia tocou a carta, experimentando uma curiosa sensação de contato mútuo. Esse papel estivera nas mãos de sua mãe. Um instrumento tão arcaico, a carta — mas pessoal como nenhum outro registro poderia ser. Escrito na linguagem de Batalha dos Atreides, ela representava uma privacidade quase invulnerável na comunicação.

Pensar em sua mãe afligia Alia com a costumeira agitação interior. A mudança da especiaria, que fundira as mentes de mãe e filha, às vezes a forçava a pensar em Paul como o filho que dera à luz. O mesmo complexo de unidade apresentava-lhe o próprio pai como amante. Sombras fantasmagóricas saltavam em sua mente, pessoas do possível.

Alia reviu a carta enquanto descia a rampa para a antecâmara, onde sua guarda de amazonas a esperava.

“Vocês produzem um paradoxo mortífero”, escrevera Jessica. “Os governos não podem ser religiosos e autoritários ao mesmo tempo. A experiência religiosa implica uma espontaneidade que as leis inevitavelmente suprimem. E não se pode governar sem leis. Suas leis acabarão substituindo a moral, substituindo a consciência, substituindo até mesmo a religião pela qual vocês julgam governar. Os rituais sagrados devem brotar do louvor e do anseio por santidade, que produzem um tipo de moral significativo. O governo, por outro lado, é um organismo cultural particularmente atraente a dúvidas, questionamentos e contendas. Eu vejo chegar o dia em

que o cerimonial tornará o lugar da fé e o simbolismo substituirá a moral.”

O perfume de café de especiaria saudou Alia na antecâmara. Quatro guardas amazonas, nos mantos verdes de serviço, ficaram em posição de sentido quando ela entrou. Saíram atrás dela, mantendo o passo e caminhando firmemente, da maneira desafiante, típica de sua juventude, olhos alertas em busca de ameaças. Possuíam rostos marcados pelo fanatismo, intocados pelo espanto. Irradiavam aquela qualidade especial dos Fremen, o senso de violência: poderiam matar naturalmente, sem qualquer sentimento de culpa.

“E nisso eu sou diferente”, pensou Alia. “O nome Atreides já está suficientemente sujo sem isso.”

A notícia de sua vinda a precedeu. Um escudeiro que esperava correu assim que ela entrou no salão inferior, indo chamar a guarda completa. O salão estendia-se, sem janelas e sombrio, iluminado apenas por alguns globos de luz mortiça. De repente, as portas que davam para o pátio de desfiles abriram-se na extremidade, deixando entrar o brilho da luz do dia. A guarda, com Korba no meio, surgiu vinda de fora e com a luz do sol a iluminá-la por trás.

— Onde está Stilgar? — quis saber Alia.

— Já está lá dentro — respondeu uma das amazonas.

Alia abriu caminho para a câmara. Era um dos lugares de reunião mais pretensiosos de todo o Castelo. Uma alta galeria com fileiras de poltronas ocupava um dos lados. Diante da galeria, cortinas alaranjadas haviam sido abertas, revelando janelas altas. A luz solar, muito brilhante, derramava-se de um espaço aberto, com um jardim e uma fonte. Na extremidade mais próxima da câmara, à direita, erguia-se uma plataforma com uma única cadeira maciça.

Caminhando em direção à cadeira, Alia olhou para trás e viu a galeria ser ocupada pelos Naibs.

Guardas da casa ocupavam o espaço aberto embaixo da galeria e Stilgar caminhava entre eles, com uma palavra aqui, uma ordem ali, sem dar qualquer indício de que vira Alia entrar.

Korba foi trazido e colocado sentado diante de uma mesinha, com almofadas a cercá-lo, no piso da câmara, abaixo da plataforma. A despeito das vestes elegantes, o Panegirista transmitia agora a aparência de um velho sonolento, rabugento, encolhido contra o frio exterior dentro de seus mantos. Dois guardas tornaram posição atrás dele.

Stilgar aproximou-se da plataforma enquanto Alia se sentava.

— Onde está o Muad'Dib? — indagou ele.

— Meu irmão me delegou poderes para presidir como Reverenda Madre — respondeu Alia.

Ouvindo isso, os Naibs na galeria começaram a erguer suas vozes em protesto.

— Silêncio! — ordenou Alia. Na súbita quietude subsequente, ela disse: — Não é a Lei dos Fremen que estipula que uma Reverenda Madre deve presidir uma sessão quando a vida e a morte estão em jogo?

Quando se compreendeu a gravidade de sua declaração, a imobilidade desceu sobre os Naibs, mas Alia assinalou os olhares de fúria na fileira de rostos. Ela os enumerou em sua mente para discussão no Conselho: Hobars, Rajifiri, Tasmin, Saajid, Umbu, Legg... Os nomes carregavam consigo pedaços de Duna!

Sietch Umbu, Depressão Tasmin, Fenda de Hobars...

Voltou a atenção para Korba.

Percebendo seu olhar, Korba ergueu o queixo e disse:

— Eu afirmo minha inocência.

— Stilgar, leia as acusações — disse Alia.

Stilgar exibiu um pergaminho de papel de especiaria marrom e deu um passo em frente. Começou a ler com um floreio solene na voz, como se ocultasse os ritmos. Dava às palavras uma qualidade incisiva, clara e cheia de honradez:

— ... e que você conspirou com traidores para trazer a destruição ao nosso senhor e Imperador; e que se encontrou em vil sigilo com diversos inimigos do reino; e que...

Korba continuava a sacudir a cabeça, com um olhar de ódio sentido.

Alia ouvia meditativamente, o queixo apoiado no punho esquerdo, a cabeça inclinada para um lado, o outro braço estendido ao longo do braço da cadeira. Trechos do processo formal começaram a escapar de sua consciência, bloqueados por seu próprio sentimento de inquietação.

— ... venerável tradição... apoio às legiões e a todos os Fremen em toda a parte... violência respondida com violência, de acordo com a Lei... majestade da Pessoa Imperial... negando-se todos os direitos a...

Era tolice, ela pensou. Tolicice! Tudo isso... tolice... tolice...

Stilgar terminou:

— E assim esta questão é trazida a julgamento.

No silêncio subsequente, Korba inclinou-se para a frente, as mãos agarrando os joelhos, o pescoço com as veias dilatadas, esticando-se como se estivesse preparando-se para saltar. Sua língua tremulou entre os dentes enquanto ele falava.

— Nem por palavras, nem por ações, traí meus votos como Fremen! Eu exijo confrontar meu acusador!

“Um protesto bem simples”, pensou Alia.

E percebeu que isso produzira um efeito considerável sobre os Naibs. Eles conheciam Korba. Ele era um deles. E para se tornar um Naib ele provara ter a coragem e a cautela de um Fremen. Korba não era brilhante, mas era confiável. Não era capaz de liderar um Jihad, mas constituía boa escolha como oficial de suprimentos. Não era um cruzado, mas alguém que valorizava as velhas virtudes dos Fremen: “A Tribo está acima de tudo.”

As palavras amargas de Otheym, tal como Paul as recitara, passaram pela mente de Alia. Ela esquadrinhou a galeria. Qualquer um daqueles homens devia estar se vendo no lugar de Korba.

E alguns por bom motivo. Mas, nesse caso, um Naib inocente era tão perigoso quanto um culpado.

Korba também percebia isso.

— Quem me acusa? — exigiu saber. — Como Fremen, tenho o direito de confrontar meu acusador.

— Talvez você acuse a si mesmo — disse ela.

Antes que pudesse ocultá-lo, um terror místico surgiu brevemente na face de Korba. Estava lá para todos lerem: “Com seus poderes, Alia só tinha que acusá-lo, dizendo trazer evidências da região das sombras, o alam al-mytbal.”

— Nossos inimigos possuem aliados Fremen — pressionou Alia. — Estes têm destruído armadilhas de água, explodido qanats, envenenado plantações, pilhado bacias de armazenagem...

— E agora... roubaram um verme do deserto e o levaram para outro mundo!

A voz dessa intromissão era bem conhecida de todos: o Muad'Dib. Paul atravessou a porta do salão, abrindo caminho entre as fileiras de guardas e caminhando para se colocar ao lado de Alia. Chani, que o acompanhava, permaneceu nas laterais.

— Meu senhor — exclamou Stilgar, recusando-se a olhar o rosto de Paul.

Paul voltou suas órbitas vazias para a galeria e em seguida na direção de Korba:

— E então, Korba? Onde estão as palavras de louvor?

Murmúrios começaram a ser ouvidos nas galerias. Tornaram-se mais altos, palavras isoladas e frases audíveis: “... lei para os cegos... modo Fremen... no deserto... quem quebra...”

— Quem diz que estou cego? — indagou Paul. Encarou a galeria. — Você, Rajifiri? Vejo que está usando dourado hoje, e que aquela camisa azul debaixo do manto ainda traz a poeira das ruas. Sempre desleixado.

Rajifiri fez um gesto de repulsa, os três dedos exibidos contra o mal.

— Aponte esses dedos para você mesmo! — gritou Paul. — Nós sabemos onde está o mal! Voltou-se para Korba. — Existe culpa em seu rosto, Korba.

— Não minha culpa! Eu posso ter sido ligado aos culpados, mas não... — Ele se interrompeu, olhando assustado para a galeria.

Recebendo a deixa de Paul, Alia se levantou e desceu para o piso da câmara, avançando até junto da mesa de Korba. De uma distância de menos de um metro, olhou para ele, silenciosa, intimidando.

Korba encolheu-se sob o peso de seus olhos. Remexeu-se, olhou ansioso para as galerias.

— De quem são os olhos que busca lá? — indagou Paul.

— Não pode ver? — balbuciou Korba.

Paul reprimiu um momentâneo sentimento de piedade por Korba. O homem encontrava-se aprisionado na visão, tão seguramente quanto qualquer um dos presentes. Ele desempenhava um papel, não mais que isso.

— Eu não preciso de olhos para vê-lo — respondeu Paul.

E começou a descrever Korba, cada movimento, cada tique nervoso, cada olhar de súplica para a galeria.

O desespero cresceu em Korba.

Observando-o, Alia percebeu que o homem poderia quebrar a qualquer momento. Alguém na galeria deveria perceber quão próximo ele se encontrava disso, pensou ela. Quem? Estudou os rostos dos Naibs notando pequenos indícios reveladores nas faces que dissimulavam emoções... raiva, medos, incertezas... culpas.

Paul ficara em silêncio.

Korba assumiu deplorável postura de pomposidade para suplicar:

— Quem me acusa?

— Otheym o acusa — respondeu Alia.

— Mas Otheym está morto! — protestou Korba.

— Como sabe disso? — indagou Paul. — Por meu sistema de espiões? Ah, sim! Sabemos de seus espiões e mensageiros. Sabemos quem trouxe o queima-pedra para cá, de Tarahell.

— Era para a defesa do Qizarate! — balbuciou Korba.

— E foi assim que caiu nas mãos dos traidores? — perguntou Paul.

— Ele foi roubado e nós... — Korba ficou em silêncio, engolindo em seco. Seu olhar voltava-se para a direita e para a esquerda. — Todos sabem que eu fui a voz do amor pelo Muad'Dib. — Olhou para a galeria. — Como pode um homem morto acusar um Fremen?

— A voz de Otheym não está morta — respondeu Alia. Calou-se quando Paul a tocou no braço.

— Otheym enviou-nos sua voz — explicou Paul. — Ela dá os nomes, os atos de traição, os lugares de reunião e as datas. Está notando a ausência de certos rostos no Conselho dos Naibs, Korba? Onde estão Merkur e Fash? Keke, o Coxo não se encontra conosco hoje. E Takin, onde está ele?

Korba sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Eles deixaram Arrais com o verme roubado — disse Paul.

— Mesmo que eu o libertasse agora, Korba, o Shai-hulud teria sua água por sua participação em tudo isso. Por que não o liberto, Korba? Pense em todos esses homens cuja visão foi tirada, os homens que não podem ver como eu vejo. Eles têm famílias e amigos, Korba. Onde você poderia se esconder deles?

— Foi um acidente — suplicou Korba. — De qualquer modo, eles estão recebendo olhos dos Tleilaxu... — Novamente, calou-se.

— E quem sabe que tipo de escravidão não trazem os olhos de metal? — indagou Paul.

Os Naibs na galeria começaram a sussurrar comentários por trás de mãos erguidas. Agora, olhavam friamente para Korba.

— Defesa do Qizarate — murmurou Paul, retornando à justificativa de Korba. — Um engenho que destrói um planeta ou produz raios J que cegam todos aqueles que se encontrarem muito próximos. Que efeito você concebia como defesa, Korba? Será que o Qizarate esperava cegar os olhos de todos os observadores?

— Era uma curiosidade, meu senhor — suplicou Korba. — Sabíamos que a Antiga Lei estipulava que somente Famílias poderiam possuir os atômicos, mas o Qizarate obedecia... obedecia...

— Obedecia a você — acusou Paul. — Uma curiosidade, de fato.

— Mesmo que seja apenas a voz de meu acusador, deve colocá-la diante de mim! — disse Korba. — Um Fremen tem seus direitos.

— Ele fala a verdade, senhor — comentou Stilgar.

Alia olhou severamente para Stilgar.

— A lei é a lei — disse Stilgar, sentindo o protesto de Alia.

Começou a citar a Lei dos Fremen, entremeando as citações com seus próprios comentários sobre como ela era pertinente.

Alia experimentou a estranha sensação de ouvir as palavras de Stilgar antes que fossem pronunciadas. Como ele poderia ser tão crédulo? Stilgar nunca lhe parecera mais oficial e conservador, mais concentrado na adesão ao Código de Duna. O queixo estava erguido, agressivo. A boca, incisiva. Não haveria mais nada nele, exceto essa pomposidade excessiva?

— Korba é um Fremen e deve ser julgado pela Lei dos Fremens — concluiu Stilgar.

Alia voltou-se, olhando para as sombras do dia caindo sobre a parede diante do jardim. Sentia-se esgotada pela frustração. Já tinham deixado que essa coisa se arrastasse pela manhã. E agora o quê? Korba relaxara e os modos do Panegirista revelavam que ele havia sofrido um ataque injusto, que tudo que fizera fora por amor ao Muad'Dib. Olhou para Korba, surpreendendo-se com a astuta expressão de auto-importância escorregando sobre sua face.

Ele quase podia ter recebido uma mensagem, ela pensou. Agia como um homem que ouvira seus amigos gritarem:

— Agüente firme, Korba! A ajuda está a caminho.

Por um instante, haviam tido tudo em suas mãos. A informação do anão, os nomes dos informantes, os indícios de que havia outros na conspiração. Mas haviam permitido que passasse o momento crítico. "Stilgar? Certamente, não Stilgar." Olhou para o velho Fremen.

Stilgar respondeu ao seu olhar sem estremecer.

— Obrigado, Stil — disse Paul —, por nos recordar as Leis.

Stilgar inclinou a cabeça. Aproximou-se, moldando palavras silenciosas de um modo que, sabia, Paul e Alia poderiam ler.

"Vou espreme-lo até deixá-lo seco e então cuidar do assunto."

Paul assentiu, fazendo sinal para os guardas atrás de Korba.

— Removam Korba para uma cela de segurança máxima — ordenou Paul. — Ele não receberá visitas, exceto o Conselheiro defensor. Para isso, aponto Stilgar.

— Deixe-me escolher meu próprio defensor! — gritou Korba.

Paul voltou-se subitamente.

— Você nega a equidade e a capacidade de decisão de Stilgar?

— Oh, não, meu senhor, mas...

— Levem-no! — gritou Paul.

Os guardas ergueram Korba das almofadas e o levaram para fora.

Com novos murmúrios, os Naibs começaram a esvaziar a galeria. Criados saíram da parte inferior da galeria, caminharam até as janelas e puxaram as cortinas alaranjadas. Um brilho alaranjado tomou conta do salão.

— Paul — chamou Alia.

— Quando precipitarmos a violência — ele disse —, será quando a tivermos sob controle total. Obrigado, Stil, desempenhou bem o seu papel. Alia, tenho certeza de que identificou os Naibs que estavam com ele. Eles não podiam deixar de se denunciar.

— Vocês dois tramaram isso, não? — perguntou Alia, aborrecida.

— Se eu tivesse ordenado a execução de Korba imediatamente, os Naibs poderiam ter compreendido — explicou Paul. — Mas esse procedimento formal, sem base estrita na Lei dos Fremen, faria com que sentissem ameaçados os seus direitos. Quais os Naibs que estavam com ele, Alia?

— Rajifiri, com certeza — respondeu ela em voz baixa. — E Saajid, mas...

— Dê a lista completa a Stilgar.

Alia engoliu em seco, compartilhando nesse momento o temor geral de Paul. Sabia como ele andava entre eles sem os olhos, mas a delicadeza da situação a assustava. Ver-lhes as formas no ar de sua visão! Ela sentia sua própria pessoa tremeluzindo para ele num tempo sideral, cuja coincidência com a realidade dependia inteiramente de suas palavras e ações. Ele os tinha todos na palma de sua visão!

— Já passou a hora de sua audiência matinal, senhor — disse Stilgar. — Muitas pessoas... curiosas... com medo...

— Está com medo, Stil?

Quase um sussurro:

— Sim.

— Você é meu amigo, nada tem a temer de mim.

Stilgar engoliu em seco:

— Sim, meu senhor.

— Alia, encarregue-se da audiência matinal. Stilgar, dê o sinal.

Stilgar obedeceu.

Uma onda de movimento brotou das grandes portas. Uma multidão foi pressionada para fora do salão, na penumbra, de modo a permitir a entrada dos funcionários. Muitas coisas começaram a acontecer ao mesmo tempo: a guarda da casa empurrando para trás os Suplicantes que pressionavam para entrar, advogados em trajes berrantes tentando abrir caminho, gritos, pragas. Os advogados acenavam com os papéis dos clientes. O Funcionário da Assembléia entrou adiante deles, através de uma passagem aberta pela guarda no meio da multidão. Ele carregava a Lista de Preferências, com aqueles que haviam recebido permissão para se aproximarem do Trono. O Funcionário, um Fremen magro chamado Tecrube, avançava com um cinismo enfadado, exibindo a cabeça raspada e as suíças aparadas.

Alia procurou interceptá-lo, dando a Paul o tempo para que escapasse com Chani através de uma passagem exclusiva, atrás da plataforma. Sentiu momentânea desconfiança com relação a Tecrube, ante o olhar de inquisitiva curiosidade com que ele acompanhou a saída de Paul.

— Eu falarei por meu irmão hoje — ela disse. — Faça com que os Suplicantes se aproximem, um de cada vez.

— Sim, minha senhora. — Ele se voltou para organizar a multidão.

— Posso me lembrar de uma época em que não se teria enganado quanto ao propósito de seu irmão aqui — disse Stilgar.

— Eu estava distraída — respondeu ela. — Houve uma mudança muito dramática em você, Stil. Que foi?

Stilgar empertigou-se, chocado. As pessoas mudavam, era lógico. Mas de modo dramático? Essa era uma visão particular de si

mesmo que nunca tivera questionado. Os artistas importados, de lealdade dúbia e virtudes ainda mais dúbias, eram dramáticos.

Os inimigos do Império empregavam o drama em suas tentativas de sublevar a população volúvel. Korba afastara-se das virtudes dos Fremen para encenar um drama em benefício do Qizarate. E ia morrer por isso.

— Está sendo perversa — respondeu Stilgar. — Desconfia de mim?

A mágoa em sua voz suavizou a expressão de Alia, mas não seu tom de voz:

— Sabe que não desconfio de você. Sempre concordei com meu irmão em que, uma vez que um assunto estivesse nas mãos de Stilgar, poderíamos seguramente esquecê-lo.

— Então por que diz que eu... mudei?

— Está se preparando para desobedecer a meu irmão — disse ela. — Posso notar isso em você. Só espero que não destrua a ambos.

O primeiro dos Suplicantes se aproximava agora. Ela virou-se antes que Stilgar pudesse responder. O rosto dele, entretanto, exibia as coisas que ela sentira na carta de sua mãe — a substituição da moral e da consciência pela lei.

“Vocês produzem um paradoxo mortífero.”

Tibarca era um apologista da Cristandade Socrática, provavelmente um nativo de IV Arcbus que viveu entre os séculos XIII e XIX antes de Corrino, ao que tudo indica no segundo reinado de Dalamak. De seus escritos, só sobrevive uma parte, da qual foi tirado este fragmento: "Os corações de todos os homens habitam a mesma selva. "

— *Extraído do Dunabuk de Irulan*

— Você é Bijaz — disse o ghola, entrando na pequena câmara onde o anão era mantido sob guarda. — Chamam-me Hayt.

Um forte contingente da guarda da casa viera juntamente com o ghola para se encarregar da vigilância noturna. Carregada pelo vento do poente, a areia picara-lhes as faces enquanto atravessavam o pátio externo, fazendo-os piscar e se apressar. Podia-se ouvi-los agora na passagem externa, trocando os gracejos e rituais de seu trabalho.

— Você não é Hayt — disse o anão. — Você é Duncan Idaho. Eu estava lá quando eles colocaram sua carne morta no tanque e estava lá quando a removeram, viva e pronta para o treinamento.

O ghola engoliu com a garganta subitamente seca. Os brilhantes globos luminosos da câmara perdiam o tom amarelado nas cortinas verdes. A luz revelava gotas de transpiração na testa do anão. Bijaz parecia uma criatura de curiosa integridade, como se o propósito nele moldado pelos Tleilaxu se projetasse através da pele. Havia poder debaixo da máscara de covardia e frivolidade do anão.

— O Muad'Dib encarregou-me de interrogá-lo para descobrir o que os Tleilaxu pretendiam que fizesse aqui — disse Hayt.

— Tleilaxu, Tleilaxu — cantou o anão. — Eu sou Tleilaxu, seu pateta! E, sob esse ponto de vista, você também.

Hayt observou o anão. Bijaz irradiava uma agilidade carismática que fazia o observador lembrar-se de antigos ídolos.

— Ouviu a guarda lá fora? — indagou Hayt. — Se eu der a ordem, eles o estrangularão.

— Hei! Hei! — gritou Bijaz. — Que grosseiro empedernido você se tornou. E diz que veio aqui em busca da verdade.

Hayt descobriu-se incapaz de encarar a calma secreta debaixo da expressão de Bijaz:

— Talvez eu esteja apenas buscando o futuro — disse ele.

— Bem falado — respondeu o anão. — Agora nos conhecemos um ao outro. Quando dois ladrões se encontram, dispensam apresentações.

— De modo que somos ladrões. E o que é que nós roubamos?

— Não ladrões, dados — explicou Bijaz. — E você veio aqui para ler os meus pontos. Eu, em troca, leio os seus. E você! Você tem duas caras!

— Realmente me viu entrando nos tanques dos Tleilaxu? — perguntou Hayt, combatendo uma curiosa relutância em fazer a pergunta.

— Eu não disse isso? — respondeu Bijaz, pulando de pé. — Tivemos uma luta terrível com você. Sua carne não queria retornar.

De súbito, Hayt sentiu-se num sonho controlado por outra mente, e que por momentos poderia esquecer isso para se perder nas circunvoluções dessa mente.

Bijaz, astuto, inclinou a cabeça para um lado e caminhou à volta do gholá, olhando para ele.

— A excitação reacende velhos padrões em você — disse ele. — Você é o perseguidor que não deseja encontrar aquilo que persegue.

— E você é uma arma apontada para o Muad'Dib — disse Hayt, virando-se para seguir o anão. Que é que deve fazer?

— Nada! — respondeu Bijaz, parando. — Eu lhe dou uma resposta comum para uma pergunta comum.

— Então seu alvo é Alia. É isso?

— Eles a chamam de Hawt, o Peixe-Monstro, nos mundos exteriores. Como é possível que eu ouça seu sangue ferver quando

fala dela?

— Então eles a chamam de Hawt — repetiu o ghola, observando Bijaz em busca de algum indício de seu propósito. O anão dava respostas muito estranhas.

— Ela é a virgem-meretriz — disse Bijaz. — É vulgar, mordaz, dotada de um conhecimento tão profundo que aterroriza, cruel quando é mais bondosa, incoseqüente quando pensa, e quando procura construir torna-se tão destrutiva quanto uma tempestade coriólis.

— Então veio aqui para falar contra Alia — comentou Hayt.

— Contra ela? — Bijaz mergulhou na almofada junto da parede. — Eu vim aqui para ser capturado pelo magnetismo de sua beleza física. — Ele sorriu, uma expressão de réptil no rosto grande.

— Atacar Alia é atacar seu irmão.

— Isso é tão claro que é difícil de perceber — concordou Bijaz. — Na verdade, o Imperador e a irmã são uma única pessoa, um ser metade masculino, metade feminino.

— Isso é uma coisa que já ouvi, dita pelos Fremen do deserto profundo — observou Hayt. — E são esses os que revivem os sacrifícios sangrentos ao Shai-hulud. Como pode repetir essa tolice?

— Você ousa dizer que é tolice? — retrucou Bijaz. — Você, que é ao mesmo tempo homem e máscara? Ah, mas os dados não podem ler seus próprios pontos. Eu me esqueci disso. E está duplamente confuso porque serve ao duplo ser Atreides. Seus sentidos não se encontram tão próximos da resposta quanto a sua mente.

— Você prega essas falsas crenças sobre o Muad'Dib para os seus guardas? — indagou Hayt em voz baixa. Sentia a mente emaranhada pelas palavras do anão.

— Eles o pregam para mim! — respondeu Bijaz. — E rezam. Por que não deveriam? Todos nós devíamos estar rezando. Não vivemos à sombra da mais perigosa criação que o universo jamais testemunhou?

— Perigosa criação?

— A própria mãe deles recusa-se a viver no mesmo planeta com eles!

— Por que não me responde diretamente? Sabe que tenho outros meios de interrogá-lo — exigiu Hayt. — E nós conseguiremos as respostas... de um modo ou de outro.

— Mas eu já lhe respondi! Já não disse que o mito é real? Serei o vento que carrega a morte em seu ventre? Não! Eu sou palavras! Palavras como o relâmpago que salta da areia para um céu escuro. Eu disse: "Apague a lâmpada, o dia raiou." E você fica dizendo: "Dê-me uma lâmpada para que eu possa encontrar o dia."

— Está fazendo um jogo perigoso comigo — advertiu Hayt.

— Pensa que não posso entender essas idéias dos Zensunni? Você deixa pegadas tão claras quanto um pássaro na lama.

Bijaz começou a rir baixinho.

— De que está rindo?

— Porque tenho dentes e não queria ter — disse Bijaz, rindo.

— Não tendo dentes, eu não poderia rangê-los.

— E agora eu sei qual é o seu alvo — disse Hayt. — Você foi apontado para mim.

— E acertei em cheio! — concordou Bijaz. — Você era um alvo muito grande, como eu poderia errar? — Acenou com a cabeça, como que para si mesmo. — E agora eu cantarei para você.

Começou a cantarolar, com os lábios fechados, um tema monótono, agudo, lamuriento, que se repetia seguidamente.

Hayt enrijeceu-se, experimentando estranhas dores que lhe percorriam a espinha para cima e para baixo. Olhou para o rosto do anão, vendo olhos jovens em uma face velha. Os olhos eram o centro de uma rede de linhas brancas, nodosas, que se propagavam para os ocos abaixo das têmporas. Era uma cabeça muito grande! Cada detalhe das feições focalizava-se naquela boca comprimida de onde partia o ruído monótono. O som fazia com que Hayt pensasse em antigos rituais, memórias folclóricas, velhas palavras e costumes, significados semi-esquecidos em murmúrios perdidos. Alguma coisa fundamental estava acontecendo ali — um terrível jogo de idéias através do tempo. Idéias ancestrais entremeavam-se no canto do anão. Era como uma luz queimando na distância, aproximando-se cada vez mais, iluminando a vida através de um período de séculos.

— Que está fazendo comigo? — perguntou Hayt, ofegante.

— Você foi o instrumento que me ensinaram a tocar — respondeu Bijaz. — E o estou tocando. Deixe-me revelar-lhe os nomes dos outros traidores entre os Naibs: Bikouros e Cahueit. E há Djedida, que era secretário de Korba. E Abumojandis, o ajudante de Bannerjee. Agora mesmo, um deles pode estar enterrando uma lâmina no seu Muad'Dib.

Hayt sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Sentia muita dificuldade em falar.

— Nós somos como irmãos — disse Bijaz, interrompendo uma vez mais sua cantiga monótona. Crescemos no mesmo tanque: primeiro eu, depois você.

Os olhos metálicos de Hayt subitamente lhe causaram uma dor lancinante. Uma névoa vermelha, tremulante, cercava tudo aquilo que via. Sentiu-se isolado de tudo, exceto da dor, experimentando o ambiente ao seu redor como se dele estivesse separado por uma fina divisão, como gaze soprada pelo vento. Tudo tornara-se accidental, envolvimento casual de matéria inanimada. Sua própria vontade não era mais que uma coisa sutil, mutável. Vivia sem respirar e era inteligível apenas como iluminação interior.

Com uma compreensão nascida do desespero, ele conseguiu atravessar a cortina de gaze com o solitário sentido da visão, o único que lhe restara. Sua atenção focalizou-se como uma luz brilhante sob Bijaz. Hayt sentiu que seus olhos penetravam através das camadas de que era constituído o anão, vendo o pequeno homem como um intelecto alugado e, abaixo disso, uma criatura aprisionada por apetites e desejos que se comprimiam nos olhos. Camada após camada, até que finalmente restava apenas uma entidade-aspecto sendo manipulada por símbolos.

— Estamos num campo de batalha — disse Bijaz. — Você pode falar sobre isso.

Com a voz libertada por esse comando, Hayt disse:

— Não pode me forçar a matar o Muad'Dib.

— Já ouvi um ditado das Bene Gesserit, segundo o qual nada é firme, nada é equilibrado, nada é durável em todo o universo.

Nada permanece em seu estado. A cada dia, por vezes a cada hora, surge uma alteração.

Atordoado, Hayt sacudiu a cabeça, de um lado para o outro.

— Você pensava que o tolo do Imperador era o prêmio que buscávamos — disse Bijaz. — Como entende pouco os nossos mestres, os Tleilaxu. A Corporação e as Bene Gesserit pensam que nós produzimos artefatos. Na realidade, produzimos ferramentas e serviços. Qualquer coisa pode ser uma ferramenta: a pobreza, a guerra. A guerra é útil por ser muito eficaz em diversas áreas. Ela estimula o metabolismo, reforça o governo, difunde tendências genéticas. Ela possui vitalidade como nenhuma outra coisa no universo. Somente aqueles que reconhecem o valor da guerra e a exercitam possuem certo grau de autodeterminação.

Com uma voz estranhamente plácida, Hayt disse:

— Estranhos pensamentos partem de você, quase suficientes para me fazerem acreditar em um Deus vingativo. Que restauração foi necessária para criar você? Certamente daria uma história fascinante, sem dúvida alguma com um epílogo ainda mais extraordinário.

— Magnífico! — riu Bijaz. — Você ataca. Portanto, tem vontade própria e exercita a autodeterminação.

— Está tentando despertar a violência em mim — disse Hayt com voz ofegante.

Bijaz negou isso, sacudindo a cabeça.

— Despertar, sim; violência, não. Você é um discípulo da consciência por treinamento, como você mesmo disse. Eu tenho uma consciência para despertar em você, Duncan Idaho.

— Hayt!

— Duncan Idaho. Matador extraordinário. Amante de muitas mulheres. Espadachim e soldado. Servidor dos Atreides no campo de batalha. Duncan Idaho.

— O passado não pode ser despertado.

— Não?

— Isso nunca foi feito!

— É verdade, mas nossos mestres desafiam a idéia de que alguma coisa não possa ser feita. Sempre buscam a ferramenta

adequada, a exata aplicação do esforço, os serviços apropriados da...

— Você está ocultando seu verdadeiro propósito! Ergue uma barreira de palavras e elas nada significam!

— Há um Duncan Idaho em você — continuou Bijaz. — Ele se submeterá à emoção ou ao exame desapaixonado, mas se submeterá. Sua consciência se erguerá através de uma tela de contenção e seleção, saindo de um passado que segue seus passos. Ele o estimula agora, enquanto o detém. Mas existe dentro de você aquele ser sobre o qual a consciência deve se focalizar, e que irá obedecer.

— Os Tleilaxu pensam que ainda sou seu escravo, mas eu...

— Quietamente, escravo! — disse Bijaz naquela voz lamurienta.

Hayt descobriu-se imobilizado no silêncio.

— Agora descemos ao leito da rocha — disse Bijaz. — Sei que pode senti-lo. E essas são as palavras-chaves para manipulá-lo... Creio que elas terão apoio suficiente.

Hayt sentia a transpiração derramando-se em sua face, o tremor no peito e nos braços, mas era incapaz de se mover.

— Um dia — continuou Bijaz —, o Imperador irá até você e dirá: "Ela se foi." Seu rosto será uma máscara de dor. Ele dará água aos mortos, como chamam as lágrimas por aqui. E você vai dizer, usando a minha voz: "Mestre! Ó mestre!"

A garganta e o maxilar de Hayt doíam com a imobilização dos músculos. Ele só podia virar a cabeça num estreito arco de um lado para o outro.

— E você dirá: "Trago uma mensagem de Bijaz." — O anão sorriu. — Pobre Bijaz, que não possui mente... pobre Bijaz, um tambor estufado com mensagens, uma essência para que outros façam uso... Bata em Bijaz e ele produzirá ruídos...

Sorriu novamente:

— Você me toma por hipócrita, Duncan Idaho! Mas eu não sou! Eu posso sentir mágoa também. Mas chegou a ocasião de substituir palavras por espadas.

Um soluço fez Hayt estremecer.

Bijaz riu baixinho e continuou:

— Ah, obrigado, Duncan, obrigado. As exigências do corpo são a nossa salvação. Como o Imperador carrega o sangue dos Harkonnen em suas veias, vai agir como queremos. Ele se tornará uma máquina salivante, expelindo palavras que ressoarão de modo adorável para os nossos mestres.

Hayt piscou, pensando em como o anão parecia um animal pequeno e vigilante, uma coisa maldosa de rara inteligência.

“Sangue Harkonnen num Atreides?”

— Você pensa em Rabban, a Besta, o vil Harkonnen, e queima de ódio. Você é como os Fremen nisso tudo. Quando as palavras falham, a espada está sempre à mão, hein? Você pensa na tortura que os Harkonnen infligiram a sua família. E, pelo lado materno, seu precioso Paul é um Harkonnen! Não acharia difícil matar um Harkonnen agora, acharia?

Uma frustração amarga propagou-se pelo gholá. Ou seria raiva? Por que isso deveria causar raiva?

— Ohhh — exclamou Bijaz. — Ahhh, hah! Clique, clique. Existe mais na mensagem. É a troca que os Tleilaxu oferecem ao seu precioso Paul Atreides. Nossos mestres restaurarão sua amada. Uma irmã para você, outro gholá.

De repente, Hayt sentiu que havia um universo ocupado unicamente por suas próprias batidas cardíacas.

— Um gholá — continuou Bijaz. — Será a carne de sua amada. Ela dará à luz os filhos dele. E amará somente a ele. Nós poderemos até melhorar o original, se ele assim o desejar. Será que um homem já teve oportunidade maior para reaver aquilo que perdeu? Ele fará tudo para aceitar essa oferta.

Bijaz assentiu com a cabeça, os olhos abaixando-se como se estivessem cansados. Depois disse:

— Ele será tentado... e, aproveitando sua distração, você se aproximará. E nesse instante atacará! Dois gholás em vez de um! Isso é o que nossos mestres exigem! — O anão pigarreou, balançou a cabeça uma vez mais e disse:

— Fale.

— Eu não farei isso — disse Hayt.

— Mas Duncan Idaho o faria. Será o instante de suprema vulnerabilidade para esse descendente dos Harkonnen. Não se esqueça disso. Você irá sugerir aperfeiçoamentos em sua amada: talvez um coração imortal, emoções mais suaves. Oferecerá asilo enquanto se aproxima ainda mais dele: um planeta de sua escolha em algum lugar além do Império. Pense nisso! Sua amada restaurada. Sem mais razão para lágrimas e com um lugar idílico para viver até o fim dos seus anos.

— Uma oferta dispendiosa — disse Hayt, sondando. — Ele perguntará pelo preço.

— Diga-lhe que ele deverá renunciar à sua divindade e desacreditar o Qizarate. Deverá desacreditar a si próprio e a sua irmã.

— Nada mais? — indagou Hayt, zombeteiro.

— E deverá entregar todas as suas ações da CHOAM, naturalmente.

— Naturalmente.

— E se ainda não estiver suficientemente próximo para dar-lhe o golpe, fale no quanto os Tleilaxu admiram o que ele lhes ensinou a respeito das possibilidades da religião. Diga-lhe que os Tleilaxu possuem um departamento de engenharia religiosa, moldando religiões para necessidades particulares.

— Como são espertos.

— Você se julga livre para zombar e desobedecer-me — disse Bijaz inclinando a cabeça arditamente. — Não negue que...

— Eles o fizeram muito bem, animalzinho — disse Hayt.

— Tão bem como você — respondeu o anão. — Você lhe dirá que se apresse. A carne se deteriora, e a carne dela deverá ser preservada num tanque criológico.

Hayt sentiu que se debatia, apanhado em uma matriz de objetos que não poderia reconhecer. O anão parecia tão seguro de si!

Devia haver uma falha na lógica dos Tleilaxu. Ao criarem seu ghola, eles o haviam preparado para responder à voz de Bijaz, mas... Mas o quê? Lógica/matriz/objeto... Como era fácil confundir

um raciocínio claro com um raciocínio correto! A lógica dos Tleilaxu seria distorcida?

Bijaz sorriu, parecendo ouvir uma voz oculta.

— Agora você vai se esquecer — disse ele. — Quando chegar o momento, se lembrará. Ele irá dizer: “Ela se foi,” Então, Duncan Idaho acordará.

O anão bateu as mãos.

Hayt grunhiu, sentindo-se como se tivesse sido interrompido no meio de um pensamento... ou talvez no meio de uma frase. O que seria? Algo a respeito de... alvos?

— Pensa em me confundir e me manipular — disse ele.

— Como é isso? — indagou Bijaz.

— Sou o seu alvo e não o pode negar.

— Nem pensaria em negá-la.

— E o que é que tentaria fazer comigo?

— Uma gentileza — respondeu Bijaz. — Uma simples gentileza.

A natureza seqüencial dos acontecimentos verdadeiros não é iluminada com total precisão pelos poderes da presciência, exceto sob as mais extraordinárias circunstâncias. O oráculo vislumbra incidentes arrancados de sua cadeia histórica. A eternidade se move. Ela atinge o oráculo e o suplicante, sem distinção. Que os súditos do Muad'Dib duvidem de sua majestade e de sua virão oracular. Que neguem seus poderes. Que nunca duvidem da Eternidade.

— *Os Evangelhos de Duna*

Hayt viu Alia sair do Templo e cruzar a praça. Sua guarda apinhava-se junto dela, expressões violentas nos rostos para ocultar as linhas moldadas pela boa vida e pelo prazer.

As asas de um tóptero brilharam como um heliógrafo à luz brilhante do sol do entardecer, acima do Templo; fazia parte da Guarda Real, com o símbolo do punho do Muad'Dib pintado na fuselagem.

Hayt voltou seu olhar para Alia. Ela parecia deslocada ali na cidade, pensou. Seu cenário adequado era o deserto — espaço livre e desimpedido. Uma coisa curiosa a respeito dela lhe ocorreu enquanto a via aproximar-se: Alia só parecia pensativa quando sorria. Era um truque dos olhos, concluiu ele, lembrando como ela aparecera na recepção para o embaixador da Corporação: arrogante contra um fundo de música e conversas, entre uniformes e vestidos extravagantes. Alia usara roupa branca, um luminoso traje de castidade. Ele a olhara do alto, de uma janela, enquanto ela atravessava o jardim interno, com o lago, as fontes, a folhagem de capim-dos-pampas e o mirante branco.

Tudo errado... totalmente errado. Ela pertencia ao deserto.

Hayt respirou angustiado. Alia saíra do seu campo de visão, tal como fazia agora. Ele esperou, abrindo e fechando as mãos. A entrevista com Bijaz deixara-o inquieto.

Ouviu o cortejo de Alia passar do lado de fora da sala onde esperava. Ela ia para os alojamentos familiares.

Tentava agora focalizar seus pensamentos no detalhe que o perturbava a respeito dela. Teria sido a maneira como caminhara atravessando a praça? Sim. Ela parecera uma criatura caçada, fugindo de um predador. Saiu para a sacada interligada e caminhou por ela, por trás de pára-sóis de plasmeld. Parou enquanto ainda estava oculto pelas sombras. Alia encontrava-se na balaustrada, olhando para o Templo.

Olhou para onde ela estava olhando, na direção da cidade. E viu retângulos, blocos de cor, movimentos rastejantes de vida e de som. Estruturas brilhavam, tremeluzindo. Ondulações de calor erguiam-se em espirais dos topos dos telhados. Havia um menino do outro lado, jogando bola num beco formado por um maciço arcobotante, a um canto do Templo. A bola ia e vinha.

Alia também observava a bola. Sentia uma identidade forçada com aquela bola, indo contra a parede e voltando... indo e voltando. Sentia-se como se ela própria estivesse ricocheteando nos corredores do Templo.

A porção de melange que ingerira, exatamente antes de deixar o Templo, fora a maior que já experimentara — uma super-

dose maciça. Mesmo antes de fazer efeito, já a aterrorizava.

“Por que fiz isso?”, perguntou a si mesma.

“É preciso escolher entre os perigos.” Não era isso? Esse era o meio de penetrar no nevoeiro espalhado sobre o futuro por aquele maldito Tarô de Duna. Havia uma barreira que devia ser quebrada. Agira por pura necessidade de verificar para onde ia o irmão em sua caminhada cega.

O familiar estado de fuga da melange começou a introduzir-se em sua consciência. Ela respirou fundo, experimentando uma forma instável de calma, suspensa e sem identidade.

“A posse de uma segunda visão tende a tornar a pessoa perigosamente fatalista”, pensou. Infelizmente, não existia um ponto de equilíbrio abstrato, um cálculo da presciência. As visões do futuro não podiam ser manipuladas como fórmulas. A pessoa precisava entrar nelas, com isso arriscando sua vida e sua saúde mental.

Uma figura saiu das sombras na sacada adjacente. O ghola!

Em seu estado de consciência ampliada, ela o via com uma claridade intensa. As feições escuras, vivazes, dominadas por aqueles olhos metálicos cintilantes. Ele era uma união de opostos terríveis, algo reunido de modo chocantemente linear. Era sombra e luz intensa, produto dos processos que haviam revivido sua carne morta... e de alguma coisa intensamente pura... inocente.

Inocência submetida a um cerco!

— Estava aí o tempo todo, Duncan? — indagou.

— Quer dizer que eu sou Duncan? — ele disse. — Por quê?

— Não me questione — respondeu ela.

E pensou, olhando para ele, que os Tleilaxu não haviam deixado parte alguma de seu ghola por terminar.

— Somente os deuses podem se arriscar à perfeição com segurança — ela disse. — Trata-se de algo perigoso para um homem.

— Duncan morreu — disse ele, desejando que ela não o chamasse assim. — Eu sou Hayt.

Ela estudou seus olhos artificiais, imaginando o que eles enxergariam. Olhando-se de perto, eles revelavam minúsculos

orifícios negros, pequenos poços de escuridão cavados no metal reluzente.

Facetas! O universo tremulou ao redor dela e deu uma guinada brusca. Alia firmou-se com uma das mãos sobre a superfície da balaustrada aquecida pelo sol. Sim, a melange tinha efeito rápido.

— Está se sentindo mal? — perguntou Hayt. Aproximou-se, os olhos de aço abertos, fitando.

“Quem falou?”, perguntou ela a si mesma. Seria Duncan Idaho?

Seria o ghola-mentat ou o filósofo Zensunni? Ou seria um peão dos Tleilaxu, mais perigoso que qualquer Timoneiro da Corporação? Seu irmão sabia.

Olhou outra vez para o ghola. Agora, havia nele alguma coisa inativa, latente. Ele estava saturado com a espera e com poderes além de sua vida comum.

— Por parte de minha mãe, sou como as Bene Gesserit — ela disse. — Você sabia disso?

— Sabia.

— Eu uso os poderes delas, penso como elas pensam. Parte de mim conhece a sagrada urgência do programa de procriação... e seus produtos.

Ela piscou, sentindo que parte de sua consciência começava a se movimentar livremente no Tempo.

— Dizem que as Bene Gesserit nunca desistem — comentou ele, observando-a de perto e notando como seus dedos pareciam brancos nos pontos em que seguravam a borda da sacada.

— Eu tropecei? — indagou ela.

Ele percebeu como ela respirava profundamente, cada movimento cheio de tensão, uma aparência vítrea nos olhos.

— Quando você tropeça — ele disse —, pode recuperar o equilíbrio saltando por sobre a coisa em que tropeçou.

— As Bene Gesserit tropeçaram — disse ela. — E agora tentam recuperar o equilíbrio saltando por sobre meu irmão. Elas querem o bebê de Chani... ou o meu.

— Está esperando um filho?

Ela lutou para se fixar num relacionamento espaço-temporal ante essa pergunta. Esperando um filho? Quando? Onde?

— Eu vejo... meu filho — ela sussurrou.

Afastou-se da beira da sacada, voltando o rosto para encarar o gholá. Ele tinha a face curtida, os olhos amargos... dois círculos de chumbo reluzente... e, enquanto se voltava, afastando-se da luz para lhe acompanhar o movimento, de sombras azuis.

— O que... você vê com esses olhos? — perguntou ela num sussurro.

— O que outros olhos vêem.

Essas palavras ressoaram nos ouvidos de Alia, estendendo-lhe a consciência. Ela sentia estender-se através do universo... cada vez mais. Era como se estivesse entremeada com o Tempo.

— Você ingeriu uma dose muito grande de especiaria — disse ele.

— Por que eu não posso vê-lo? — murmurou ela. O ventre de toda a criação a mantinha cativa. Diga-me, Duncan, por que não posso vê-lo?

— Não pode ver quem?

— Não posso ver o pai de meus filhos. Estou perdida na névoa do Tarô. Ajude-me.

A lógica mentat ofereceu-lhe sua computação básica e ele disse:

— As Bene Gesserit querem uma união entre você e seu irmão. Isso prenderia a linha genética...

Um uivo escapou dela.

— O ovo na carne! — exclamou, ofegante.

Uma sensação gelada percorria-lhe o corpo, seguida por um calor intenso. O companheiro não visto em seus sonhos mais sombrios! Carne de sua carne que o oráculo não poderia revelar... Chegaria a isso?

— Você se arriscou a uma dose perigosa da especiaria? — ele perguntou.

Alguma coisa dentro dele lutava para exprimir o terror absoluto ante a idéia de que uma mulher Atreides pudesse morrer,

de que Paul pudesse encará-la com o conhecimento de que uma mulher da família real... se fora.

— Você não sabe como é caçar o futuro — ela disse. — Algumas vezes eu vislumbro a mim mesma... Mas fico em meu próprio caminho. E não posso ver através de mim. — Abaixou a cabeça, sacudindo-a de um lado para o outro.

— Quanta especiaria você tomou? — perguntou ele.

— A natureza abomina a presciência — disse ela, erguendo a cabeça. — Sabia disso, Duncan?

Ele falou baixinho, cheio de compreensão, como se conversasse com uma criança pequena.

— Diga-me quanta especiaria você tomou. — Segurou-a pelo ombro com a mão esquerda.

— As palavras são um instrumento tão tosco, tão primitivo, tão ambíguo — ela disse, afastando-se de sua mão.

— Deve me dizer — insistiu ele.

— Olhe para a Muralha Escudo — ordenou ela, apontando.

Enviou seu olhar ao longo do próprio braço estendido e estremeceu enquanto a paisagem desmoronava numa visão arrebatadora: um castelo de areia destruído por ondas invisíveis. Afastou o olhar, trespassada pela visão do rosto do ghola. As feições dele fluíam, tornavam-se velhas, depois jovens... velhas... jovens. Ele era a própria vida, agressiva, interminável... Voltou-se para fugir, mas ele lhe agarrou o pulso.

— Vou chamar um médico — disse.

— Não! Deve deixar que eu tenha minha visão! Preciso saber!

— Você vai entrar agora — ele disse.

Alia olhou para a mão dele. Onde suas carnes se tocavam, ela sentia uma presença elétrica que ao mesmo tempo a atraía e a assustava. Soltou-se com um movimento brusco e disse, ofegante:

— Você não pode segurar um furacão!

— Você precisa de auxílio médico!

— Não compreende? Minha visão está incompleta, são apenas fragmentos. Tremulam e saltam. Eu preciso relembrar o futuro. Não percebe isso?

— Que importa o futuro se você morrer? — perguntou ele, forçando-a gentilmente a entrar nos aposentos da Família.

— Palavras... palavras — ela murmurava. — Não posso explicar isso. Uma coisa é a ocasião para outra coisa, mas não existe causa... nem efeito. Não podemos deixar o universo como era. Tente o quanto quiser, há sempre uma fenda.

— Deite-se aqui — ordenou ele.

“Como ele é tolo.”, ela pensou.

Frias sombras a envolveram. Sentia os próprios músculos rastejando como vermes. Uma cama firme que sabia ser insubstancial. Só o espaço era permanente. Nada mais tinha substância.

A cama fluía com muitos corpos, todos seus. O tempo tornava-se uma sensação múltipla, sobrecarregada. Sem apresentar uma única reação que ela pudesse abstrair. Era o Tempo. Ele se movia.

Todo o universo escorregava para trás, para a frente, para o lado.

— Não é uma coisa-aspecto — ela tentou explicar. — Você não pode colocar-se debaixo dele ou em torno dele. Não há um ponto de apoio.

Houve uma agitação de pessoas em torno dela. Muitos alguéns segurando-lhe a mão esquerda. Ela olhou para sua própria carne em movimento e seguiu um braço que serpenteava até a máscara fluida de um rosto: Duncan Idaho! Seus olhos estavam... errados, mas era Duncan — criança-homem-adolescente-criança-homem-adolescente... cada linha naquelas feições revelava preocupação por ela.

— Duncan, não tenha medo — sussurrou.

Ele apertou-lhe a mão e sacudiu a cabeça.

— Fique quieta.

E pensou: “Ela não deve morrer! Não deve! Nenhuma mulher Atreides pode morrer!” Sacudiu a cabeça violentamente. Tais pensamentos desafiavam a lógica mentat. A morte era necessária para que a vida pudesse continuar.

“O gholá me ama”, pensou Alia.

O pensamento tornou-se um leito rochoso ao qual se podia agarrar. Ele era um rosto familiar, com um quarto sólido por trás. Reconheceu um dos quartos da suíte de Paul.

Uma pessoa fixa, imutável, fez alguma coisa com um tubo em sua garganta. Ela lutou contra aquilo tendo vômitos.

— Nós chegamos em tempo — disse a voz, que ela reconheceu ser de um dos médicos da Família. — Devia ter me chamado mais cedo.

Havia suspeita na voz do médico. Ela sentiu o tubo escorregar para fora de sua garganta: uma serpente, um cordão tremeluzente.

— A aplicação vai fazê-la dormir — disse o médico. — Eu mandarei um dos criados para...

— Eu ficarei com ela — disse o ghola.

— Isso não seria conveniente — retrucou o médico.

— Fique... Duncan — sussurrou Alia.

Ele acariciou-lhe a mão para lhe dizer que ouvira.

— Minha senhora — disse o médico —, seria melhor se...

— Não me diga o que é melhor — disse ela, rouca. Sua garganta doía a cada sílaba.

— Minha senhora — insistiu o médico com a voz acusadora —, conhece o perigo de se consumir melange em demasia. Só posso supor que alguém lhe deu sem que...

— Você é um tolo. Está negando minhas visões? Sei o que tomo e por quê. — Levou a mão à garganta. — Agora, deixe-nos, imediatamente!

O médico saiu de seu campo de visão, dizendo:

— Eu mandarei avisar seu irmão.

Ela percebeu que ele saiu e voltou sua atenção para o ghola.

Agora, a visão era clara em sua consciência, um meio de cultura em que o presente crescia para fora. Sentia o ghola mover-se naquele jogo do Tempo, não mais enigmático, agora fixado contra um fundo reconhecível.

“Ele é o ponto crucial”, ela pensou. “O perigo e ao mesmo tempo a salvação.”

Estremeceu, sabendo que vislumbrara a visão de seu irmão.

Lágrimas indesejadas queimaram-lhe os olhos. Sacudiu a cabeça com força. Não queria lágrimas! Elas desperdiçavam umidade e, pior, distraíam o duro fluxo da visão. Paul devia ser detido!

Uma vez, só uma vez, ela atravessara o Tempo para colocar sua voz onde ele iria passar. Mas as tensões e a mutabilidade não lhe permitiriam isso agora. A teia do Tempo passava através de seu irmão, como raios de luz através de uma lente. Ele encontrava-se no foco e sabia disso. Atraía todas as linhas para si próprio e não permitiria que elas escapassem ou mudassem.

— Por quê? — murmurou ela. — Será ódio? Será que ele se atira contra o Tempo porque este o fere? Será isso... ódio?

Pensando tê-la ouvido pronunciar seu nome, o gholá indagou:

— Minha senhora?

— Se eu apenas pudesse queimar essa coisa, tirá-la de mim.
— Ela chorou. — Eu não queria ser diferente.

— Por favor, Alia — murmurou ele. — Tente dormir um pouco.

— Eu queria ser capaz de rir — ela sussurrou, lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. — Mas sou a irmã de um Imperador que é adorado como um deus. As pessoas me temem. Nunca desejei ser temida.

Ele enxugou as lágrimas do rosto dela.

— Eu não queria ser parte da história — continuou ela, baixinho. — Eu queria ser amada... e amar.

— Você é amada.

— Ah, o leal Duncan — ela disse.

— Por favor, não me chame assim — suplicou ele.

— Mas você é. E a lealdade é um bem valioso. Que pode ser vendido... não comprado, mas vendido.

— Não gosto do seu cinismo.

— Dane-se a sua lógica! É verdade!

— Durma — ele disse.

— Você me ama, Duncan?

— Sim.

— Será uma daquelas mentiras? — perguntou ela. — Uma daquelas mentiras mais críveis do que a verdade? Por que tenho

medo de acreditar em você?

— Você teme as minhas diferenças, como eu temo as suas.

— Seja um homem, não um mentat! — retrucou ela ríspidamente.

— Eu sou um mentat e um homem.

— Você fará de mim sua mulher, então?

— Farei o que o amor exigir.

— E a lealdade?

— E a lealdade.

— É aí que você é mais perigoso — ela disse.

Suas palavras o perturbavam. Não havia sinal disso em seu rosto, nenhum músculo tremia. Mas ela sabia. A memória-visão expunha a perturbação. Entretanto, sentia ter perdido parte da visão, que devia lembrar algo mais do futuro. Lá havia outra percepção, que não agia precisamente de acordo com os sentidos, uma coisa que lhe caía dentro da cabeça vinda de parte alguma, como acontecera com a presciência. Aquilo se ocultava nas sombras do Tempo — infinitamente doloroso.

Emoção! Era isso — emoção! Aparecera em sua visão, não diretamente, mas como um produto a partir do qual ela poderia determinar o que se encontrava por detrás. Ela havia sido possuída por uma emoção. Uma única constrição feita de medo, mágoa e amor. Estava lá em sua visão, tudo reunido num único corpo epidêmico, primordial e todo-poderoso.

— Duncan, não me deixe — ela sussurrou.

— Durma — aconselhou ele. — Não lute.

— Eu devo... eu devo. Ele é a isca em sua própria armadilha. Ele é um servo do poder e do terror. Violência... a deificação é uma prisão que se fecha sobre ele. Ele vai perder... tudo. Vai fazê-la em pedaços.

— Você fala de Paul?

— Eles estão fazendo com que ele se destrua a si próprio — ofegou ela, arqueando as costas. Demasiada pressão, demasiada mágoa. Eles o estão conduzindo para longe do amor. — Caiu de volta na cama. — Estão criando um universo onde ele não se permitirá viver.

— Quem está fazendo isso?

— Ele é! Oh, você é tão tolo. Ele é parte do padrão. E é muito tarde... muito tarde... muito tarde. Enquanto falava, ela sentia sua consciência cair, camada por camada. A coisa parou para repousar diretamente abaixo de seu umbigo. Corpo e mente separados e reunidos num depósito de visões-relíquias... movendo-se... movendo-se... E ela ouviu uma batida de coração fetal, uma criança do futuro. A melange ainda a possuía, deixando-a flutuar no Tempo, à deriva. Ela sabia que experimentara a vida de uma criança ainda não concebida. Uma coisa era certa a respeito dessa criança: sofreria o mesmo despertar que ela própria sofrera. E seria uma entidade consciente e pensante antes de deixar o ventre.

Há um limite para a força, mesmo a mais poderosa, que podemos empregar sem destruirmos a nós mesmos. Avaliar esse limite é a verdadeira arte de governar. Fazer mau uso do poder é um pecado fatal. A lei não pode ser um instrumento de vingança, um penhor ou uma fortaleza contra os mártires que tenha criado. Não se pode ameaçar um indivíduo e escapar das conseqüências.

— O Muad'Dib e a Lei, Comentário de Stilgar

Chani olhava para a manhã no deserto, emoldurada pela fenda no penhasco abaixo do Sietch Tabr. Não usava o traje destilador, e isso fazia com que se sentisse desprotegida no deserto. A gruta de entrada do sietch encontrava-se oculta nos contrafortes do penhasco, acima e atrás dela.

O deserto... o deserto... Sentia como se o deserto a houvesse seguido por toda parte, aonde quer que tivesse ido. Voltar ao deserto não fora bem um retorno ao lar, mas uma volta para ver o que sempre estivera em seu lugar.

Uma dolorosa contração propagou-se por seu abdome. O nascimento estava próximo. Lutou contra a dor, querendo prolongar esse momento a sós com o deserto.

A quietude da aurora dominava a terra. Sombras projetavam-se entre as dunas e os terraços da Muralha Escudo, ao redor. A luz diurna saltava sobre a elevada escarpa, trazendo-a a seus olhos em uma paisagem desolada que se estendia sob um céu de azul lavado. A cena correspondia à terrível sensação de descrença que a atormentava desde o momento em que soubera a respeito da cegueira de Paul.

“Por que estamos aqui?”, ela se perguntava.

Não se tratava de uma hajra, uma jornada de busca. Paul nada buscava ali, exceto, talvez, um lugar adequado para que ela desse à luz. E ele convocara estranhos companheiros para essa jornada, pensou ela: Bijaz, o anão dos Tleilaxu; Hayt, o ghola, que podia ser o zumbi de Duncan Idaho; Edric, o Timoneiro-Embaixador da Corporação; Gaius Helen Mohiam, a Reverenda Madre Bene Gesserit que ele tão obviamente odiava; Lichna, a estranha filha de

Otheym, que parecia incapaz de se mover além dos olhares vigilantes dos guardas; Stilgar, seu tio Naib e sua esposa favorita, Harah... e Irulan... Alia...

O som do vento através das rochas acompanhava-lhe os pensamentos. O dia no deserto tornara-se amarelo sobre amarelo, bronze sobre bronze, cinza sobre cinza.

Por que tão estranha mistura de companhias?

— Nós nos esquecemos — dissera Paul em resposta à sua pergunta — de que a palavra “companhia” originalmente significava um grupo de viajantes. Nós somos uma companhia.

— Mas que valor eles possuem?

— Aí está! — dissera ele, voltando para ela aquelas assustadoras órbitas vazias. — Nós perdemos aquele sentido claro da vida. Se uma coisa não pode ser engarrafada, batida ou acumulada, não lhe damos valor algum.

Ofendida, ela dissera:

— Não era isso que eu queria dizer.

— Ah, minha querida — dissera ele, tranqüilizador. — Estamos tão ricos em dinheiro e tão pobres em vida. Eu sou mau, estúpido e obstinado...”

— Não é!

— Isso também é verdade. Mas minhas mãos ficaram azuis com o tempo. Eu penso... Penso que tentei inventar a vida sem perceber que ela já fora inventada.

E ele tocara-lhe o ventre para sentir a nova vida lá dentro.

Lembrando isso, ela colocou ambas as mãos sobre o abdome e tremeu, arrependendo-se de ter pedido a Paul que a levasse àquele lugar.

O vento do deserto agitava odores desagradáveis nas plantações da orla, que ancoravam as dunas na base do penhasco. As superstições dos Fremen a dominavam: cheiros ruins, tempos ruins. Voltou-se para o vento e viu um verme surgir além das plantações. Ele ergueu-se como a proa de um navio demoníaco saindo das dunas, agitou a areia, cheirou a água, mortal para sua espécie, e fugiu deixando um longo monte cavado.

Ela odiou a água, então, inspirada pelo temor do verme. A água, que já fora a alma de Arrakis, tornara-se um veneno. A água trazia a pestilência. Só o deserto era limpo.

Abaixo dela, surgiu uma turma de trabalho Fremen. Eles subiram para a entrada de nível médio do sietch e ela notou que tinham os pés enlameados.

“Fremen com pés enlameados!”

As crianças do sietch começaram a cantar para a manhã, suas vozes soando a partir da entrada superior. As vozes faziam com que ela sentisse o tempo fugindo-lhe como falcões diante do vento. Estremeceu.

Que tormentas Paul conseguiria ver com sua visão sem olhos?

Sentia nele um louco perigoso, alguém cansado de canções e de polêmicas.

O céu, percebia agora, ficara de um cinza cristalino, riscado por raios de alabastro e desenhos bizarros delineados pela areia que o vento levava. Uma linha de branco cintilante captou-lhe a atenção. Olhos subitamente alertas, ela interpretou o sinal. Céu branco ao sul: boca do Shai-hulud. Uma tempestade se aproximava, ventos fortes. Sentiu o aviso da brisa, um sopro cristalino de areia contra sua face. O cheiro da morte vinha nesses ventos: odores de água fluindo em qanats, areia úmida, rocha pulverizada.

A água, fora por causa dela que o Shai-hulud enviara seu vento coriólis.

Falcões surgiram sobre a fenda onde se encontrava, buscando refúgio contra o vento. Eles eram marrons como as rochas e tinham o escarlate em suas asas. Sentiu seu espírito fugir com eles: eles tinham um lugar onde se esconderem. Ela não.

— Minha senhora, o vento se aproxima!

Ela voltou-se, vendo o ghola a chamá-la da entrada superior do sietch. Temores típicos dos Fremen a envolveram: uma morte limpa e a água do corpo reivindicada pela tribo, dessas coisas ela entendia. Mas... algo que voltara da morte...

A areia soprada pelo vento a atingiu, avermelhando-lhe a face. Ela olhou por sobre o ombro para a assustadora faixa de poeira que cobria o céu. O deserto abaixo da tempestade assumira

uma aparência agitada, de cor fulva, como se ondas de areia golpeassem uma praia em uma tempestade, tal como Paul certa vez descrevera o mar. Ela hesitou, fascinada por um sentimento de transiência do deserto. Medido contra a eternidade, isso não era mais que um caldeirão. Arrebentação de dunas trovejando de encontro aos penhascos.

A tempestade lá fora tornara-se algo universal para ela — todos os animais se ocultando, até que nada restasse, exceto os próprios sons do deserto: a areia fustigada pelo vento arranhando as rochas, o assovio de uma rajada mais forte, o ruído de uma pedra caindo subitamente do alto de uma colina. De repente, alguma coisa além do alcance da visão. Um verme tombando ao seu modo tolo, certamente, e escorregando para as profundezas secas.

Apenas um momento, no modo como sua vida media o tempo, mas naquele momento ela sentia esse planeta sendo arrastado, poeira cósmica, parte de outras ondas.

— Devemos apressar-nos — disse o gholá, agora num ponto à sua direita. Sentiu o medo que havia nele, a preocupação com sua segurança.

— Vai arrancar a carne de seus ossos — disse ele, como se houvesse alguma necessidade de explicar para ela como era essa tempestade.

O medo que sentia dele foi afastado pela óbvia preocupação que ele demonstrava, e Chani permitiu que o gholá a conduzisse pela escadaria de pedra, penhasco acima... Entraram pelo defletor serpenteante que protegia a entrada. Ajudantes abriram o selo de umidade e o fecharam atrás deles.

Os odores do sietch tomaram de assalto suas narinas. O lugar estava repleto de memórias olfativas: o cheiro da proximidade de muitos corpos, os odores rançosos dos alambiques de reciclagem de resíduos, aromas familiares de comida, o cheiro de pedra pulverizada das máquinas trabalhando... e sobre tudo isso a onipresente especiaria. Melange por toda parte.

Respirou fundo: "Lar."

O ghola retirou a mão de seu braço e ficou de lado, uma figura paciente agora, como que desligado quando não estava em uso. E no entanto... ele observava.

Chani hesitou na câmara de entrada, intrigada por alguma coisa que não podia identificar. Esse era verdadeiramente o seu lar. Quando criança, caçara escorpiões ali, à luz de um globo luminoso. Alguma coisa mudara, contudo...

— Não deveria ir para seus aposentos, minha senhora? — indagou o ghola.

Como se acionada por essas palavras, uma ondulante contração atingiu-lhe o ventre. Lutou para não deixar transparecer.

— Minha senhora? — insistiu o ghola.

— Por que Paul está temeroso em relação ao parto de nossos filhos? — indagou ela subitamente.

— É natural temer por sua segurança — respondeu ele.

Ela levou a mão ao rosto, onde o impacto da areia o deixara avermelhado.

— E ele não teme pelas crianças?

— Minha senhora, ele não pode pensar em uma criança sem se recordar de que seu primogênito foi assassinado pelos Sardaukar. Observou o ghola — rosto inexpressivo, olhos mecânicos, impenetráveis. Essa criatura seria realmente Duncan Idaho? Seria amiga de alguém? Teria falado com sinceridade agora?

— Não devia estar com os médicos? — ele disse.

Novamente percebia, em sua voz, o temor por sua segurança.

Sentiu de súbito que sua mente se encontrava indefesa, pronta a ser invadida por percepções chocantes.

— Hayt, estou com medo — sussurrou. — Onde está meu Usul?

— Negócios de Estado o detiveram — respondeu o ghola.

Fez que sim com a cabeça, pensando na escolta que o acompanhara numa grande revoada de ornitópteros, e subitamente percebeu o que a intrigava a respeito do sietch: os odores estranhos. Os auxiliares e funcionários do Governo haviam trazido seus próprios perfumes para esse ambiente. Aromas de dietas e de

roupas, de cosméticos exóticos, formavam uma subcorrente de cheiros.

Sacudiu a cabeça, ocultando o impulso de rir amargamente.

Até os cheiros mudavam na presença de Muad'Dib.

— Havia assuntos urgentes que ele não podia adiar — explicou o ghola, interpretando mal sua hesitação.

— Sim... sim, compreendo. Eu vim naquele enxame também.

Relembrando o vôo desde Arrakeen, agora ela admitia para si mesma que não pensara em sobreviver a ele. Paul insistira em pilotar seu próprio ornitóptero e sem olhos guiara a máquina até o sietch. Após essa experiência, nada que ele fizesse poderia mais surpreendê-la.

Outra dor propagou-se em seu abdome. O gholá percebeu a inspiração funda, a contração no rosto dela, e disse:

— Está na hora?

— Eu... sim, é.

— Não deve retardar — disse ele, e, segurando-a pelo braço, levou-a apressadamente pelo salão.

Sentiu pânico nele e procurou acalmá-lo.

— Temos tempo.

Ele pareceu não ouvir.

— A visão do nascimento segundo os Zensunni — disse, estimulando-a a andar mais depressa ainda — é que a espera sem propósito conduz a um estado de maior tensão. Não lute com o que está acontecendo. Lutar é preparar-se para o fracasso. Não se deixe aprisionar pela necessidade de conseguir alguma coisa. Desse modo, não conseguirá nada.

Enquanto ele falava, chegaram à entrada dos alojamentos. Ele a empurrou através do cortinado e gritou:

— Harah! Harah! Chegou a hora para Chani. Chame os médicos!

Seu grito trouxe auxiliares correndo. Houve uma grande agitação, no centro da qual Chani se sentiu uma ilha de calma... até que a dor seguinte a atingiu.

Hayt, dispensado, no corredor externo, teve tempo para se admirar de seus próprios atos. Sentia-se fixo em algum ponto do tempo onde todas as verdades eram apenas temporárias. O pânico acompanhara suas ações, ele percebia. Pânico centrado não na possibilidade de Chani morrer, mas em que Paul pudesse aproximar-se dele depois... cheio de dor... sua amada perdida... perdida...

“Uma coisa não pode emergir do nada”, disse ele a si mesmo.

“De onde vem esse pânico?”

Sentiu reduzidas suas faculdades de mentat e deixou escapar um longo e trêmulo suspiro. Uma sombra psíquica passara sobre ele e, na escuridão emocional em que o lançara, sentira-se aguardando algum som absoluto. O partir de um galho na selva.

Suspirou novamente. O perigo passara por ele sem atingi-lo.

Lentamente, reuniu seus poderes, despojando-se dos fragmentos de inibição, até se afundar na percepção mentat. Forçou isso — não do melhor modo, mas do modo necessário. Sombras fantasmagóricas moviam-se em seu interior, no lugar de pessoas.

Era uma estação de transferência para cada dado que já tinha encontrado. Seu ser era habitado por criaturas da possibilidade.

Elas passavam à sua frente para serem comparadas, julgadas.

A transpiração surgiu em sua testa.

Pensamentos, com limites indistintos, esvoaçavam, fugindo na escuridão... Sistemas infinitos, desconhecidos! Um mentat não poderia atuar sem a consciência de que trabalhava num sistema infinito. O conhecimento fixo não poderia abarcar o infinito. O mundo todo não podia ser enquadrado numa perspectiva finita.

Em vez disso, ele deveria tocar-se o infinito... momentaneamente.

Num único espasmo gestáltico, ele conseguiu, vendo Bijaz sentado diante dele, brilhando como que por algum fogo interior.

“Bijaz!”

O anão fizera alguma coisa com ele!

Hayt sentiu que se equilibrava à beira de um poço mortal. Projetou para diante a linha de computações mentat, vendo o que se poderia desenvolver a partir de suas próprias ações.

— Uma compulsão — exclamou, ofegante. — Fui preparado com uma compulsão! Um mensageiro de manto azul, passando no momento em que Hayt falava, parou, hesitante.

— Disse alguma coisa? Sem olhar para ele, o ghola assentiu com a cabeça.

— Eu disse tudo.

*Havia um homem muito sábio
Que saltou num lugar arenoso.
E queimou ambos os olhos!
E quando percebeu que seus olhos estavam perdidos,
Não fez nenhuma queixa.
Criou uma visão
E fez de si mesmo um santo.*

— *Verso Infantil, extraído da História do Muad'Dib*

Paul encontrava-se na escuridão, do lado de fora do sietch. Sua visão oracular revelava-lhe que era noite e que a luz da lua delineava a silhueta do santuário, no topo da Rocha do Queixo, que se elevava à sua esquerda. Aquele era um lugar saturado de memórias, seu primeiro sietch, onde ele e Chani...

“Não devo pensar em Chani”, disse ele a si mesmo.

O diluído campo de sua visão revelava-lhe as mudanças à volta. Um aglomerado de palmeiras à direita, a linha negro-prateada de um qanat transportando água através das dunas amontoadas pela tempestade da manhã.

“Água fluindo no deserto!” Lembrava-se de outro tipo de água, fluindo num rio de seu mundo de origem, Caladan. Não percebera então o tesouro que constituía esse fluxo, mesmo o escorrer turvo de um qanat através de uma depressão do deserto. Tesouro.

Com uma tosse delicada, um auxiliar aproximou-se por trás.

Paul estendeu a mão para receber um magnabord com uma única folha de papel metálico sobre ele. Moveu-se tão lentamente quanto a água do qanat. A visão fluía, mas ele se encontrava cada vez mais relutante em se deixar levar por ela.

— Perdão, senhor — disse o auxiliar. — O Tratado de Semboule. Sua assinatura?

— Eu posso lê-la! — retrucou Paul. Rabiscou “Imper. Atreides” no lugar adequado e devolveu o quadro, empurrando-o diretamente

para as mãos estendidas do auxiliar, consciente do medo que isso inspirava.

O homem correu.

Paul voltou-lhe as costas. "Terra feia, desolada!" Imaginou-a saturada de sol e monstruosa de calor, lugar de deslizamentos de areia e da escuridão afagada por poços de poeira. Pequenos torvelinhos ou diabinhos de vento, desenrolando minúsculas dunas por sobre as rochas, seus ventres estreitos cheios de cristais ocre. Mas era uma terra rica também, explodindo de lugares estreitos com panoramas de vazia imensidão percorrida por tempestades, íngremes penhascos e cordilheiras que se erguiam como se estivessem prestes a desmoronar.

Tudo que ela pedia era água... e amor.

A vida transformava essas vastidões irascíveis em formas de graça e movimento, ele pensou. Essa era a mensagem do deserto.

A compreensão dos contrastes o atordoava. Queria voltar-se para os criados que se apinhavam na entrada do sietch e gritar-lhes: Se precisam venerar alguma coisa... então venerem a vida... toda espécie de vida, cada pequena e rastejante partícula de vida! Nós estamos todos juntos nesta beleza!

Eles não entenderiam. No deserto, eram interminavelmente desertos. Não havia coisas crescendo que dançassem para eles um balé verde.

Comprimiu as mãos, tentando deter a visão. Queria fugir de sua própria mente. Ela era uma besta que vinha devorá-lo! A consciência estava nele, encharcada, pesando com toda a vida que sugara, saturada com demasiadas experiências.

Desesperado, Paul espremeu os pensamentos para fora.

"Estrelas!"

A consciência girou ao pensar em todas aquelas estrelas acima dele... um volume infinito. Um homem precisaria ser meio louco para imaginar que poderia governar uma gota que fosse daquele volume. Não podia nem começar a imaginar o número de súditos que seu Império pretendia ter.

Súditos? Adoradores e inimigos, era o mais provável. Será que alguns deles conseguiriam enxergar além de suas rígidas crenças?

Onde estaria o homem que houvesse escapado ao estreito destino ditado por seus preconceitos? Nem mesmo o Imperador escapara. Vivera uma vida de tomar tudo, tentando criar um universo segundo sua própria imagem. Mas o universo exultante abria caminho através dele, afinal, com suas ondas silenciosas.

“Eu cuspo em Duna.”, pensou. “Dou-lhe minha umidade.”

Ele criara esse mito a partir de movimentos intrincados e da imaginação, tirando-o do amor e da luz do luar, de preces mais velhas que Adão, de penhascos cinzentos e sombras carmesins, dos lamentos e dos rios de mártires... e aonde chegara, afinal?

Quando as águas recuassem, as praias do Tempo se estenderiam claras lá fora, vazias e brilhantes, com grãos infinitos de memória e nada mais. Seria essa a gênese dourada do homem?

A areia pisada contra as rochas revelou-lhe que o ghola viera reunir-se a ele.

— Esteve me evitando hoje, Duncan — disse Paul.

— É perigoso para o senhor me chamar assim — disse o ghola.

— Eu sei.

— Eu vim... para avisá-lo, meu senhor.

— Eu sei.

A história da compulsão que Bijaz fizera intrometer-se em sua mente derramou-se dos lábios do ghola.

— Conhece a natureza dessa compulsão? — indagou Paul.

— Violência.

Paul sentiu-se chegando ao lugar que o chamara desde o início. Sentia-se suspenso. O Jihad o dominara, fixando-o numa trilha de planeio da qual a terrível força gravitacional do Futuro jamais o soltaria.

— Não haverá violência por parte de Duncan — sussurrou Paul.

— Mas senhor...

— Diga-me o que vê à nossa volta.

— Meu senhor?

— O deserto, como está ele esta noite?

— Não pode vê-lo?

— Não tenho olhos, Duncan.

— Mas...

— Só tenho minha visão — explicou Paul —, e preferia que não a tivesse. Estou morrendo de presciência, sabia disso, Duncan?

— Talvez... o que teme não aconteça — disse o ghola.

— O quê? Negar meu próprio oráculo? Como é possível, se já o vi realizar-se em milhares de profecias concretizadas? As pessoas o consideram um poder, uma dádiva. Mas é uma aflição! Não deixa que eu abandone minha vida onde a encontrei!

— Meu senhor — murmurou o ghola. — Eu... não é... jovem mestre, não deve... eu... — E ficou em silêncio. Paul percebeu a confusão do ghola e disse:

— De que me chamou, Duncan?

— O quê? O que eu... por um momento...

— Você me chamou de "jovem mestre".

— Eu o fiz, sim.

— Era assim que Duncan sempre me chamava. — Estendeu a mão, tocando o rosto do ghola. Seria isso parte de seu treinamento com os Tleilaxu?

— Não.

Paul abaixou a mão.

— O que era, então?

— Saiu de... mim.

— Você serve a dois senhores?

— Talvez.

— Livre-se do ghola, Duncan.

— Como?

— Você é humano. Faça algo humano.

— Eu sou um ghola!

— Mas sua carne é humana. Duncan está nela.

— Alguma coisa está nela.

— Eu não me importo com o modo como faça isso. Mas faça-o.

— Já previu isso?

— A presciência que se dane!

Paul voltou-se. Agora, sua visão arremetia-se para a frente, ainda com fendas, mas não era mais uma coisa que pudesse ser detida.

— Meu senhor, se já...

— Quietos! — Paul ergueu uma das mãos. — Ouviu isso?

— O quê, meu senhor? Paul sacudiu a cabeça. Duncan não ouvira. Teria apenas imaginado o som? Fora seu nome tribal sendo chamado do deserto — muito distante, baixo:

— Usul... Uuuuusssssuuuuulll...

— Que foi, meu senhor? Paul sacudiu a cabeça. Sentia-se vigiado. Alguma coisa lá fora, nas sombras da noite, sabia que ele estava ali. Alguma coisa? Não... alguém.

— Geralmente era doce — ele sussurrou. — E você era mais doce que tudo.

— Que disse, meu senhor?

— É o futuro — respondeu Paul.

Aquele amorfo universo humano lá fora agitara-se por um momento, dançando ao ritmo de sua visão. Golpearia com uma nota poderosa. E os ecos poderiam durar.

— Não compreendo, meu senhor — disse o ghola.

— Um Fremen morre quando está muito saudoso do deserto — disse Paul. — Eles chamam isso de “doença da água”. Não é estranho?

— É muito estranho.

Paul forçou suas memórias, tentando relembrar o som de Chani respirando a seu lado durante a noite. “Onde existe conforto?”, perguntou a si mesmo. Tudo que podia se lembrar era de Chani ao desjejum, no dia em que haviam partido para o deserto. Ela estivera inquieta, irritada.

— Por que usa esse velho paletó? — ela quisera saber, olhando o casaco do uniforme negro, com a crista vermelha do falcão abaixo dos seus mantos de Fremen. — Você é um Imperador!

— Mesmo um Imperador tem suas roupas favoritas — ele respondera.

Por uma razão que não podia explicar, isso trouxera lágrimas reais aos olhos de Chani — a segunda vez na vida dela em que as

inibições dos Fremen se haviam fragmentado.

Agora, na escuridão, Paul esfregava o próprio rosto, sentindo a umidade nele. “Quem dá umidade aos mortos?”, perguntou.

Era o seu próprio rosto, e no entanto não era. O vento gelava a pele úmida. Um frágil sonho formara-se e se quebrara. Que era esse aperto no peito? Seria algo que comera? Quão amargo e queixoso era esse seu outro eu, que dava umidade aos mortos.

O vento eriçava-se de areia. O céu, seco agora, era o seu céu. Mas de quem era esse tremular que permanecia?

Ouviram um lamento bem distante, das profundezas do sietch.

Tornou-se mais alto... cada vez mais alto...

O ghola girou ante o súbito clarão de luz quando alguém abriu violentamente os selos da entrada. Naquela luz, viu um homem com um sorriso malévolos... Não! Não era um sorriso, mas uma máscara de pesar! Tratava-se de um tenente Fedaykin chamado Tandis. Atrás dele, muitas pessoas se comprimiam, todas silenciosas agora que haviam visto o Muad'Dib.

— Chani... — disse Tandis.

— Está morta — sussurrou Paul. — Eu ouvi seu chamado.

Ele voltou-se em direção ao sietch. Conhecia esse lugar. Era um lugar onde não poderia esconder-se. Sua visão, arremetendo-se, iluminava toda a multidão de Fremen. Ele via Tandis, sentia a tristeza do Fedaykin, seu medo e seu ódio.

— Ela se foi — disse Paul.

O ghola ouviu essas palavras como se brotassem de um halo flamejante. Queimavam-lhe o peito, a espinha, as órbitas de seus olhos de metal. Sentiu a mão direita mover-se em direção à faca no cinturão, Seus próprios pensamentos tornavam-se estranhos, fragmentados. Era um títere suspenso por cordões que se estendiam a partir daquele halo espantoso. Movia-se obedecendo a ordens e desejos de outrem. Os cordões sacudiam seus braços, suas pernas, seu queixo. Sons escaparam de sua boca, um ruído terrível, repetitivo...

— Hraak! Hraak! Hraak!

A faca ergueu-se para golpear. Naquele instante, ele dominou a própria voz, moldando palavras roucas:

— Corra, jovem mestre, corra!

— Não correremos — respondeu Paul. — Vamos andar com dignidade e fazer o que deve ser feito.

Os músculos do ghola imobilizaram-se. Ele estremeceu, oscilou.

“... o que deve ser feito”. As palavras rolavam em sua mente como um grande peixe à superfície das águas... “o que deve ser feito!” Ah, soara como o velho Duque, o avô de Paul. O jovem mestre tinha algo do velho em si... “o que deve ser feito!”

As palavras começaram a se desdobrar na consciência do ghola. A sensação de viver duas vidas simultaneamente espalhou-se por sua mente: Hayt/Idaho/Hayt/Idaho... Tornou-se uma corrente imóvel de existência relativa, singular, solitária. Velhas memórias fluíam em sua mente. Ele as observava, ajustando-as à nova compreensão, criando um começo a partir da integração de uma nova consciência. Uma nova pessoa atingindo uma forma temporária de tirania interna. Uma síntese forte que permanecia carregada de desordens em potencial, mas que os eventos pressionavam para um ajustamento temporal. O jovem mestre precisava dele.

Estava feito, então. Conhecia-se a si próprio como Duncan Idaho, lembrando tudo a respeito de Hayt como se tivesse sido armazenado nele secretamente e incendiado por um flamejante catalisador. O halo se dissolveu e ele se livrou das compulsões dos Tleilaxu.

— Fique perto de mim, Duncan — disse Paul. — Dependerei de você em muitas coisas. — E como Idaho continuasse a fitá-lo arrebatado, ele chamou: — Duncan!

— Sim, sou Duncan.

— Claro que é! Esse foi o momento em que você voltou. Vamos entrar agora.

Idaho caminhou ao lado de Paul. Era como nos velhos tempos e simultaneamente não era. Agora que se livrara dos Tleilaxu, podia apreciar o que lhe haviam dado. Seu treinamento Zensunni

permitia-lhe dominar o choque causado pelos acontecimentos. A realização mental formava um contrapeso. Eliminou todo o medo, colocando-se acima de sua fonte. Toda a sua consciência olhava para diante, de uma posição de infinito espanto: estivera morto e agora estava vivo.

— Senhor — disse o Fedaykin Tandis, quando se aproximaram. — A mulher, Lichna, diz que precisa vê-lo. Eu lhe disse que esperasse.

— Obrigado — disse Paul. — O nascimento...

— Falei com os médicos — respondeu Tandis, passando também a acompanhá-lo. — Eles disseram que agora o senhor tem dois filhos, ambos vivos e saudáveis.

— Dois? — Paul tropeçou, apoiando-se no braço de Idaho.

— Um menino e uma menina — disse Tandis. — Eu os vi. Eles são ótimos bebês Fremen.

— Como... como ela morreu? — sussurrou Paul.

— Meu senhor? — Tandis inclinou-se, aproximando-se.

— Chani? — disse Paul.

— Foi o parto, meu senhor — sussurrou Tandis. — Dizem que o corpo dela foi esgotado pela rapidez com que aconteceu. Eu não compreendo, mas foi isso que eles disseram.

— Leve-me até ela — disse Paul, baixinho.

— Meu senhor?

— Leve-me até ela!

— E para lá que estamos indo, meu senhor. — Novamente Tandis se inclinou junto de Paul. Por que o seu gholá carrega uma faca desembainhada?

— Duncan, guarde a faca — disse Paul. — O tempo da violência passou.

Ao falar, Paul sentia-se mais próximo do som de sua voz que do mecanismo que criara o som. Dois bebês! A visão mostrava apenas um. Entretanto, esses momentos passavam ao ritmo da visão. Havia ali uma pessoa sentindo mágoa e ódio. Alguém. Sua própria consciência movia-se sem sair do lugar, revivendo toda a sua vida a partir de memórias.

“Duas crianças?”

Novamente tropeçou. “Chani, Chani”, pensou ele. “Não havia outro modo, Chani, minha amada. Acredite-me, essa morte foi a mais rápida para você... e a mais clemente. Eles teriam tomado nossas crianças como reféns, exibido você em uma jaula e nos poços de escravos, imputando-lhe a culpa por minha sorte. Desse modo... desse modo, nós os destruímos e salvamos nossos filhos.”

“Filhos?”

Uma vez mais, tropeçou.

“Eu permiti isso”, pensou. “Devia me sentir culpado.”

O som de uma confusão ruidosa preenchia a caverna adiante deles. Tornava-se mais alto, precisamente como ele se lembrava que seria. Sim, esse era o padrão, o inexorável padrão, mesmo com duas crianças.

“Chani está morta”, disse a si mesmo.

Em algum momento distante de um passado que compartilhara com outros, seu futuro estendera-se para ele. Envolvendo-o e atraindo-o para esse desfiladeiro cujas paredes se tornavam cada vez mais estreitas. Podia senti-las fechando-se sobre ele. Era desse modo que a visão se desenrolava.

“Chani está morta. Eu devia me entregar à tristeza.”

Mas esse não era o caminho da visão.

— Alia foi chamada? — perguntou.

— Ela está com as amigas de Chani — disse Tandis.

Paul sentiu a multidão sendo pressionada para trás a fim de lhes abrir o caminho. O silêncio os precedia como uma onda.

A ruidosa confusão começava a morrer. Um sentimento de emoção acumulada permeava o sietch. Queria remover as pessoas de sua visão, mas descobriu que era impossível. Cada rosto que se voltava para segui-lo trazia sua marca especial. Aquelas faces estavam cheias de curiosidade. Sentia a mágoa também, era verdade, mas entendia a crueldade que os envolvera. Estavam observando o eloqüente tornar-se mudo, o sábio virar tolo. O palhaço não apeia sempre para a crueldade?

Isso era mais que uma vigília de morte, menos que um velório.

Sentia a alma implorando por repouso, mas ainda assim a visão o impulsionava. “Só mais um pouco, agora”, disse a si mesmo. Uma escuridão negra e cega o aguardava bem à frente.

Lá se encontrava o lugar arrancado de sua visão pela mágoa e pela culpa, o lugar onde a lua caía.

Ele tropeçou sobre aquilo e teria caído, não fosse o firme apoio de Idaho, presença sólida que sabia como compartilhar a mágoa em silêncio.

— Este é o lugar — disse Tandis.

— Cuidado com o degrau, senhor — advertiu Idaho, ajudando-o a passar pela entrada.

Cortinas roçaram no rosto de Paul. Idaho o puxou para que parasse e então ele sentiu o quarto, um reflexo em seu rosto e seus ouvidos. Era um espaço cercado por paredes de rocha ocultas por tapeçarias.

— Onde está Chani? — sussurrou Paul.

A voz de Harah respondeu-lhe:

— Ela está aqui, Usul.

Paul deixou escapar um suspiro trêmulo. Temera que o corpo já tivesse sido removido para os alambiques onde os Fremen recuperavam a água para a tribo. Seria esse o caminho da visão?

Sentiu-se abandonado em sua cegueira.

— As crianças? — indagou.

— Também estão aqui, meu senhor — disse Idaho.

— Tem lindos gêmeos, Usul — disse Harah. — Um menino e uma menina. Vê? Nós os colocamos aqui na creche.

“Duas crianças”, pensou, admirado. A visão mostrava apenas uma filha. Soltou-se do braço de Idaho, caminhando para o lugar de onde Harah falara, e bateu em uma superfície dura.

Suas mãos a exploraram: os contornos de metavidro de um berçário.

Alguém segurou-lhe o braço esquerdo.

— Usul?

Era Harah. Ela guiou sua mão para dentro do berçário e ele sentiu uma carne muito macia. Era tão quente! Sentia costelas, respiração.

— Este é seu filho — sussurrou Harah. Moveu-lhe a mão. — E esta é sua filha. — A mão dela apertou-se sobre a sua. — Usul, está verdadeiramente cego agora?

Ele sabia o que ela estava pensando: “Os cegos devem ser abandonados no deserto.” As tribos Fremen não carregam peso morto.

— Leve-me para Chani — pediu ele, ignorando-lhe a pergunta.

Harah voltou-se, guiando-o para a esquerda.

Paul sentiu-se agora aceitando o fato de Chani estar morta.

Tornara no universo um lugar que não desejava, usando uma carne que não se adequara. Cada inspiração avivava-lhe as emoções. “Dois filhos!” Imaginou se não teria se lançado a um caminho onde sua visão jamais retornaria. Não lhe pareceu importante.

— Onde está meu irmão?

Era a voz de Alia atrás dele. Ouvia-lhe a agitação, sentindo sua presença dominadora enquanto ela tomava seu braço da mão de Harah.

— Preciso falar com você! — sussurrou ela.

— Daqui a pouco — respondeu Paul.

— Agora! É a respeito de Lichna.

— Eu sei. Espere um momento.

— Você não tem um momento!

— Tenho muitos momentos.

— Mas Chani não tem!

— Fique quieta! — ordenou ele. — Chani está morta. — Colocou a mão sobre sua boca quando ela começava a protestar.

— Eu lhe ordeno que fique calada! — Sentiu-a acalmar-se e tirou a mão.

— Descreva o que vê — ele disse.

— Paul! — Frustração e lágrimas entrecrocavam-se na voz dela.

— Deixe para lá — disse ele.

Forçou em si mesmo uma paz interior e abriu os olhos de sua visão para esse momento. Sim... ainda estava lá. O corpo de Chani

encontrava-se sobre um catre dentro de um anel de luzes.

Alguém arrumara seu manto branco, ajustando-o para tentar ocultar o sangue do parto. Não importava; ele não podia afastar sua consciência da visão do rosto dela: um enorme espelho da eternidade em feições imobilizadas!

Voltou-se, mas a visão o acompanhava. Ela se fora... nunca mais retornaria. O ar, o universo, tudo vazio... vazio em toda parte. Seria essa a essência de sua penitência? Desejava lágrimas, mas elas não vinham. Teria vivido tempo demais como Fremem?

Essa morte exigia sua umidade!

Bem perto, um dos bebês chorou e foi acalentado. O som fez descer uma cortina sobre sua visão e Paul agradeceu as trevas.

“Este é outro mundo”, pensou. “Dois filhos.”

O pensamento saiu de algum transe oracular perdido. Ele tentou recapturar a dilatação da mente além do tempo, característica da melange, mas a consciência o frustrou. Nenhum lampejo de futuro surgiu nessa nova consciência. Sentia-se rejeitando o futuro... qualquer futuro.

— Adeus, minha Sihaya — sussurrou.

A voz de Alia, dura e exigente, veio de algum lugar atrás dele.

— Eu trouxe Lichna!

Paul voltou-se.

— Essa não é Lichna — disse ele. — É um Dançarino Facial. Lichna está morta.

— Mas ouça o que ela diz — pediu Alia.

Lentamente, Paul caminhou na direção da voz de sua irmã.

— Não me surpreende encontrá-lo vivo, Atreides.

A voz era a de Lichna, mas com sutis diferenças, como se o orador estivesse usando as cordas vocais da moça, mas não se incomodasse mais em controlá-las com eficiência. Paul sentiu sua atenção despertada por uma estranha nota de honestidade naquela voz.

— Não se surpreende? — indagou.

— Eu sou Scytale, um Tleilaxu dos Dançarinos Faciais, e desejo saber uma coisa antes de chegarmos a um acordo. Aquele que vejo atrás de você é o gholá ou é Duncan Idaho?

— É Duncan Idaho — respondeu Paul. — E não farei acordo com você.

— Creio que fará — insistiu Scytale.

— Duncan — chamou Paul, falando por sobre o ombro. — Você mataria esse Tleilaxu se eu lhe pedisse?

— Sim, meu senhor. — Na voz de Idaho, havia a fúria reprimida de um berrerker*.

** Guerreiro da mitologia escandinava, componente da guarda de Odirc. (N. do T.)*

— Espere! — pediu Alia. — Não sabe o que está rejeitando.

— Mas eu sei — respondeu Paul.

— Então, é realmente Duncan Idaho dos Atreides disse Scytale. — Nós encontramos a alavanca! Um ghola pode recuperar seu passado. — Paul ouviu passos. Alguém esbarrou nele ao passar à sua esquerda. A voz de Scytale vinha agora de um ponto às suas costas. — O que se lembra de seu passado, Duncan?

— Tudo. Da infância em diante. Me lembro até de você diante do tanque, quando me retiraram — disse Idaho.

— Maravilhoso — exclamou Scytale. — Maravilhoso.

Paul ouvia a voz se movendo. “Preciso de uma visão”, pensou.

A escuridão o frustrava. Seu treinamento Bene Gesserit lhe advertia quanto a uma terrível ameaça em Scytale, e no entanto a criatura permanecia uma voz, uma sombra de movimento inteiramente além dele.

— Estes são os bebês Atreides? — perguntou Scytale.

— Harah! — gritou Paul. — Tire-a daqui!

— Fiquem onde estão! — gritou Scytale. — Todos vocês! Eu os aviso! Um Dançarino Facial pode andar mais rápido do que suspeitam. Minha faca pode terminar com essas duas vidas antes que possam me tocar.

Paul sentiu alguém segurar-lhe o braço direito e depois caminhar nessa direção.

— Isso é o bastante, Alia — disse Scytale.

— Alia — pediu Paul. — Não.

— É minha culpa — gemeu Alia. — Minha culpa!

— Atreides — chamou Scytale —, vamos discutir um acordo agora?

Atrás de si, Paul ouviu uma imprecisão rouca. Sua garganta comprimiu-se ante a violência reprimida revelada pela voz de Idaho. Este não podia perder o controle! Scytale mataria os bebês!

— Para fazer um acordo, é preciso que se tenha alguma coisa para oferecer — disse Scytale. Não é isso, Atreides? Gostaria de ter de volta a sua Chani? Podemos restaurá-la para você. Um gholá, Atreides. Um gholá com plena memória! Mas devemos apressar-nos. Diga a seus amigos que tragam um tanque criológico de modo a se preservar a carne.

“Ouvir uma vez mais a voz de Chani”, pensou Paul. “Sentir sua presença ao meu lado. Ah, foi por isso que eles me deram Idaho como gholá, para deixar que eu descobrisse o quanto a recriação é idêntica ao original. Mas agora... restauração completa... ao preço que eles pedirem. Serei para sempre um instrumento dos Tleilaxu. E Chani... acorrentada ao mesmo destino por uma ameaça aos nossos filhos, exposta uma vez mais às tramas do Qizarate...”

— Que pressões vocês usariam para restaurar a memória de Chani? — indagou Paul, lutando para que a voz saísse calma. — Vocês a condicionariam para que... matasse um de seus próprios filhos?

— Nós usamos quaisquer pressões de que necessitemos — respondeu Scytale. — O que você diz, Atreides?

— Alia — disse Paul —, tente fazer um acordo com essa coisa. Não posso discutir com o que não posso ver.

— Sábia escolha — exultou Scytale. — Bem, Alia, o que me oferece como agente de seu irmão?

Paul baixou a cabeça, mergulhando na quietude dentro da quietude. Vislumbrara alguma coisa naquele instante... Como uma visão, mas não exatamente. Uma faca junto dele. Lá!

— Dê-me um momento para pensar — pediu Alia.

— Minha faca é paciente — respondeu Scytale —, mas a carne de Chani não é. Use uma quantidade razoável de tempo.

Paul sentiu-se piscando. Não podia ser... Mas era! Sentia os olhos! Seu ponto de vista era estranho e eles se moviam de modo aleatório. Lá! A faca entrou em seu campo de visão. Com um choque que lhe paralisou a respiração, Paul reconheceu aquele ponto de vista. Era de um de seus filhos! Via a mão de Scytale com a faca a partir do interior do berçário! Ela reluzia a apenas algumas polegadas de distância. Sim... e podia ver a si próprio do outro lado do quarto — cabeça baixa, quieto, uma figura que não constituía ameaça, ignorada pelas outras no aposento.

— Para começar, vocês passariam para o nosso nome todas as suas ações na CHOAM — sugeriu Scytale.

— Todas elas? — protestou Alia.

— Todas.

Observando a si mesmo através dos olhos no berçário, Paul tirou da bainha a faca cristalina. O movimento produziu uma curiosa sensação de dualidade. Ele mediu a distância, o ângulo.

Não haveria uma segunda chance. Então preparou o corpo do modo Bene Gesserit, armando-se como uma mola comprimida para um único movimento concentrado, uma coisa prana que exigia todos os seus músculos equilibrados em perfeita unidade.

A faca cristalina saltou de sua mão. Um risco leitoso que relampejou em direção ao olho direito de Scytale, jogando para trás a cabeça do Dançarino Facial. Este levou ambas as mãos ao rosto e cambaleou para trás, batendo na parede. Sua faca fez barulho contra o teto e tombou no chão. Scytale como que ricocheteou na parede, caindo de cara no chão, morto antes de tocar no piso.

Ainda através dos olhos no berçário, Paul observou os rostos de todos voltarem-se em direção à sua figura sem olhos, percebendo o choque que causara. Então Alia correu para o berçário, inclinando-se sobre este e lhe ocultando a visão.

— Oh, eles estão salvos! — exclamou Alia. — Estão salvos

— Meu senhor — sussurrou Idaho —, isso era parte de sua visão?

— Não. — Ele agitou a mão na direção de Idaho. — Deixe para lá.

— Perdoe-me, Paul — pediu Alia. — Mas quando aquela criatura disse que eles poderiam... reviver...

— Existem preços que um Atreides não pode pagar — respondeu Paul. — Você sabe disso.

— Eu sei — suspirou ela. — Mas fui tentada...

— Quem não seria? — perguntou Paul.

Virou as costas para eles e tateou até uma parede, apoiando-se contra ela e tentando compreender o que fizera. “Como? Como?

Os olhos no berçário!” Sentia-se à beira de uma terrível revelação.

“Meus olhos, pai.”

As formas-palavras brilhavam diante de sua visão cega.

— Meu filho! — sussurrou Paul, muito baixo para que alguém ouvisse. — Você... está consciente.

“Sim pai, olhe!”

Paul escorregou contra a parede num espasmo de tontura.

Sentia-se esgotado. Sua própria vida chicoteava diante dele. Viu seu pai. Ele era seu pai e também seu avô, bem como os avós anteriores. Sua consciência rolava num corredor de fragmentação mental através de toda a sua linhagem masculina.

“Como?”, indagava em silêncio.

Fracas formas-palavras apareceram, apagaram-se, foram-se como se a tensão fosse demasiada. Paul enxugou saliva do canto da boca. Lembrou-se do despertar de Alia no ventre de Lady Jessica. Mas não houvera a Água da Vida, nada de superdose de melange... ou houvera? A fome de Chani teria sido desse tipo? Ou isso seria, de algum modo, o produto genético de sua linhagem, previsto pela Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam?

Paul sentiu-se dentro do berçário, com Alia falando baixinho acima dele. As mãos dela o acariciavam. O rosto assomava como algo gigantesco, diretamente acima. Ela o fez voltar-se e ele viu sua companheira no berçário — uma garota com aquela ossuda aparência de força que caracterizava uma linhagem do deserto.

Ela tinha a cabeça cheia de cabelos cor de bronze. E enquanto ele olhava ela abriu os olhos. Aqueles olhos! Era Chani que fitava através deles... e Lady Jessica. Uma multidão olhava por aqueles

olhos, — Veja isto — disse Alia. — Eles estão olhando um para o outro.

— Bebês dessa idade não podem focalizar os olhos — disse Harah.

— Eu podia — comentou Alia.

Lentamente, Paul sentiu que se desligava daquela consciência infinita. Estava de volta ao seu próprio muro de lamentações, inclinando-se contra ele. Idaho sacudia-lhe o ombro suavemente.

— Meu senhor?

— Que o meu filho seja chamado Leto em homenagem a meu pai — disse Paul, endireitando-se.

— Na ocasião do batismo — disse Harah —, eu ficarei ao seu lado, como amiga da mãe, e darei esse nome.

— E minha filha será chamada Ghanima.

— Usul! — censurou Harah. — Ghanima é um nome de má sorte.

— Ele salvou sua vida — disse Paul. — Que importa que Alia zombasse de você com esse nome? Minha filha é Ghanima, um espólio de guerra.

Paul ouviu rodas guinchando atrás dele. O catre com o corpo de Chani estava sendo removido. O cântico do Ritual da Água começou.

— Hal yawm! — disse Harah. — Devo partir agora para ser uma observadora da verdade sagrada e ficar junto de minha amiga pela última vez. Sua água pertence à tribo.

— Sua água pertence à tribo — murmurou Paul, ouvindo Harah sair. Tateou para a frente e encontrou a manga de Idaho.

— Leve-me para o meu quarto, Duncan.

Dentro de seu alojamento, ele se soltou suavemente. Era hora de ficar a sós. Mas antes que Idaho pudesse sair, houve uma agitação na porta.

— Mestre! — Era Bijaz chamando do portal.

— Duncan — disse Paul —, deixe que ele avance dois passos. Mate-o se chegar mais perto.

— Certo — respondeu Idaho.

— É Duncan? — indagou Bijaz. — É verdadeiramente Duncan Idaho?

— É — respondeu Idaho. — Eu me lembro.

— Então o plano de Scytale teve sucesso!

— Scytale está morto — disse Paul.

— Mas eu não estou e nem o plano — continuou Bijaz. — Pelo tanque em que cresci! Pode ser feito! Terei os meus passados... todos eles. Só é preciso o estímulo certo.

— Estímulo? — perguntou Paul.

— A compulsão de matá-lo — explicou Idaho com a voz cheia de ódio. — Computação mentat. Eles descobriram que eu o considerava como o filho que nunca tive. Para não matá-lo, o verdadeiro Duncan Idaho assumiria o controle do corpo do ghola.

Mas... poderia ter falhado. Diga-me, anão, se seu plano houvesse falhado, se eu matasse o Imperador, o que faria então?

— Oh... nesse caso eu teria feito um acordo com Alia para lhe salvar o irmão. Mas deste modo o acordo fica melhor.

Paul inspirou de modo trêmulo. Podia ouvir os lamentos do cortejo passando agora pelo último corredor, em direção aos aposentos mais profundos e aos alambiques.

— Não é muito tarde, meu senhor — disse Bijaz. — Quer ter o seu amor de volta? Nós podemos restaurá-la. Um ghola, sim. Mas agora... agora temos a capacidade de fazer uma restauração completa. Devo chamar os servos com o tanque criológico para preservar a carne de sua amada...

Era mais difícil agora, descobriu Paul. Exaurira seus poderes com a primeira tentação dos Tleilaxu. E agora tudo por nada!

Sentir a presença de Chani uma vez mais...

— Silencie-o! — pediu a Idaho, falando na linguagem de batalha dos Atreides. Ouviu Idaho mover-se em direção à porta.

— Mestre! — guinchou Bijaz.

— Se me ama — disse Paul, ainda na linguagem cifrada —, faça-me um favor: mate-o antes que eu ceda!

— Nãããoo... — gritou Bijaz.

O som interrompeu-se subitamente num grunhido assustado.

— Fiz um bem a ele — disse Idaho.

Paul baixou a cabeça. Não podia ouvir os lamentos do cortejo.

Pensou no velho ritual dos Fremen que agora se realizava nas profundezas do sietch, na sala do alambique da morte, bem lá no fundo, onde a tribo recuperava sua água.

— Não havia escolha — disse Paul. — Compreende isso, Duncan?

— Compreendo.

— Há algumas coisas que uma pessoa é incapaz de suportar. Eu interfeirei em todos os futuros possíveis. Eu podia criá-los, até que, finalmente, eles me criaram.

— Meu senhor, não devia...

— Há problemas no universo para os quais não existem respostas — continuou Paul. — Nada. Nada pode ser feito.

Ao falar, Paul sentiu que seu elo com a visão se fragmentava.

Sua mente encolheu-se, dominada por infinitas possibilidades.

E sua visão perdida tornou-se como o vento, soprando sem controle.

A respeito do Muad'Dib, costumamos dizer que ele se foi em uma jornada em direção à terra onde caminhamos sem deixar pegadas.

— Preâmbulo do Credo Qizarate

Havia um dique para água junto da areia, limite exterior das plantações do sietch. Uma ponte de rocha vinha em seguida e depois era o deserto aberto sob os pés de Idaho. O promontório do Sietch Tabr dominava o céu noturno atrás dele. A luz de ambas as luas pintava de prata sua borda superior. Um pomar estendia-se até bem junto da água.

Idaho parou no lado do deserto e olhou de volta para os ramos floridos sobre a água silenciosa: reflexos e realidade — quatro luas. Sentia o traje destilador escorregar sobre sua pele. O cheiro de pedra úmida pulverizada invadia-lhe as narinas, penetrando através dos filtros. O vento fazia o ruído de um riso maligno através do pomar. Escutou os sons noturnos. Ratos-cangurus habitavam o capim junto da água; uma coruja lançou seu chamado das sombras do penhasco; o chiado de um deslizamento de areia veio do bled aberto.

Idaho voltou-se na direção do som.

Fora Tandis quem trouxera Paul até aquele ponto. Depois, o homem voltara para fazer seu relatório. E Paul caminhará para o deserto — como um Fremen.

— Ele estava cego... verdadeiramente cego — dissera Tandis, como se isso explicasse tudo. Antes ele tinha a visão a respeito da qual nos falara... mas...

Um encolher de ombros. Os Fremen cegos eram abandonados no deserto. O Muad'Dib podia ser o Imperador, mas era também um Fremen. Não cuidara para que os Fremen protegessem e criassem seus filhos? Ele era um Fremen.

O deserto era um esqueleto lá fora, observou Idaho. Costelas de rocha prateadas pelo luar mostrando-se através da areia; depois começavam as dunas.

"Eu não devia tê-lo deixado sozinho, nem mesmo por um minuto", pensou Idaho. "Eu sabia o que se passava em sua mente."

— Ele me contou que o futuro não mais necessitava de sua presença física — relatara Tandis. Quando me deixou, olhou para trás e disse: "Agora estou livre." Foram essas as suas palavras.

"Malditos!", pensou Idaho.

Os Fremen haviam se recusado a enviar tópteros de busca ou qualquer outro tipo de salvamento. Era contra seus antigos costumes.

— Haverá um verme para o Muad'Dib — disseram. E começaram a entoar o canto para aqueles que eram entregues ao deserto, aqueles cuja água iria para o Shai-hulud: — Mãe da areia, pai do Tempo, início da vida, conceda-lhe passagem.

Idaho sentou-se em uma rocha achatada, olhando para o deserto. A noite lá fora estava repleta de contornos de camuflagem. Não havia meios de se descobrir a direção que Paul tomara.

— Agora estou livre.

Idaho pronunciou essas palavras em voz alta, surpreendendo-se com o som de sua própria voz. Por algum tempo, deixou que sua mente vagasse, lembrando o dia em que levara Paul, ainda criança, ao mercado marítimo em Caladan, o brilho ofuscante do sol na água, as riquezas do mar trazidas mortas para serem vendidas. Lembrou-se de Gurney Halleck tocando para eles a música de baliset, prazeres, risos. Ritmos saltitavam em sua consciência, conduzindo sua mente como uma escrava ao longo dos canais dos prazeres lembrados.

Gurney Halleck. Gurney o culparia por essa tragédia.

A memória musical se apagou.

Lembrou as palavras de Paul: “Há problemas neste universo para os quais não existem respostas.”

Começou a imaginar como Paul iria morrer lá no deserto. Rapidamente, devorado por um verme? Lentamente, sob o sol?

Alguns Fremen do sietch haviam dito que o Muad'Dib nunca morreria, que ele entrara no mundo-ruh, onde havia todos os futuros possíveis, e que estaria presente, daí por diante, no alam almytbal, caminhando sem parar, mesmo depois que sua carne não mais existisse.

“Ele vai morrer e sou impotente para evitar isso”, pensou Idaho.

Começou a perceber que poderia haver uma cortesia exagerada em morrer sem deixar traços sem restos, sem nada, tendo um planeta inteiro como túmulo.

“Mentat, decifre a si mesmo”, pensou.

Palavras penetraram em sua memória, palavras ritualísticas de um tenente Fedaykin montando guarda aos filhos do Muad'Dib.

— Será obrigação solene do oficial encarregado...

A linguagem difícil e presunçosa do Governo o enfurecia. Ela seduzira os Fremen como seduzira a todos. Um homem, um grande homem estava morrendo lá fora, mas a linguagem florescia...

Que acontecera a todos os significados precisos que eliminavam as tolices? Em algum lugar perdido, onde o Império criara, eles haviam sido banidos, selados contra qualquer chance de redescoberta. Sua mente procurava soluções ao modo mentat. Padrões de conhecimento brilhavam ali. Os cabelos de Lorelen* deviam brilhar assim, atraindo... atraindo o marinheiro encantado para as cavernas de esmeralda...

** Sereia da mitologia germânica, que habitava o rio Reno antes da poluição de suas águas. (N. do T.)*

Com um susto, Idaho recuperou-se do esquecimento catatônico.

“É isso. Em vez de encarar meu fracasso, eu desapareceria dentro de mim mesmo!”

O instante daquele quase mergulho permaneceu em sua memória. Examinando-o, sentia sua vida estender-se, quase tão longa quanto o próprio universo. A carne verdadeira jazia condensada, finita, na caverna de esmeraldas de sua consciência, mas a vida infinita havia compartilhado o seu ser.

Levantou-se, sentindo-se purificado pelo deserto. A areia começava a se mover ao vento, bicando a superfície das folhas no pomar, lá atrás. Havia um cheiro seco e abrasivo de poeira no ar noturno. Seu manto chicoteou ao impulso de uma súbita rajada.

Em algum lugar, lá no deserto, percebeu Idaho, uma grande tempestade se agitava, erguendo vórtices de poeira que rodopiavam em assoviante violência — um gigantesco verme da areia, suficientemente poderoso para arrancar a carne dos ossos.

“Ele se unirá ao deserto.” Pensou Idaho. “E o deserto o completará.”

Era um pensamento Zensunni, lavando sua mente como água clara. Paul continuaria caminhando lá fora, ele sabia. Um Atreides não se entregaria completamente ao destino, nem mesmo com a plena consciência do inevitável.

Então, um toque de presciência lhe atingiu a mente e ele viu que as pessoas do futuro falaria de Paul em termos marítimos.

A despeito de uma vida encharcada de poeira, a água o seguiria:

— Sua carne soçobrou — diriam. — Mas ele continuou nadando.

Por trás de Idaho, um homem pigarreou.

Idaho olhou para trás, percebendo a figura de Stilgar em pé sobre a ponte que atravessava o qanat.

— Ele não será encontrado — disse Stilgar. — E no entanto todos os homens o acharão.

— O deserto o leva e o torna um deus — concordou Idaho.

— E no entanto ele era um intruso aqui. Ele trouxe uma química alienígena para este planeta... a água.

— O deserto impõe seus próprios ritmos — disse Stilgar. — Nós lhe demos as boas-vindas, o chamamos de nosso Mahdi, nosso Muad'Dib, e lhe demos seu nome secreto, Base do Pilar: Usul.

— Ainda assim, ele não nasceu Fremen.

— E isso não muda o fato de que nós o reclamamos... e o levamos, finalmente. — Stilgar colocou a mão sobre o ombro de Idaho. — Todos os homens são intrusos, velho amigo.

— Você é bastante profundo, não é Stil?

— O suficiente. Posso ver como atravancamos o universo com nossas migrações. O Muad'Dib deu-nos alguma coisa que não era amontoada. Os homens recordarão o seu Jihad por isso, pelo menos.

— Ele não vai se entregar ao deserto — disse Idaho. — Ele está cego, mas não vai se entregar. Ele é um homem de honra e de princípios. Recebeu o treinamento dos Atreides.

— E sua água se derramará sobre a areia — disse Stilgar. — Venha. — Puxou gentilmente o braço de Idaho. — Alia está de volta e pergunta por você.

— Ela estava com você no Sietch Makab?

— Sim, ajudou a colocar na linha aqueles Naibs amolecidos.

Eles obedecem às suas ordens agora... como eu o fiz.

— Que ordens?

— Ela ordenou a execução dos traidores.

— Oh! — Idaho controlou uma sensação de vertigem enquanto olhava para o promontório. Que traidores?

— O homem da Corporação, a Reverenda Madre Mohiam, Korba... alguns outros.

— Vocês mataram uma Reverenda Madre?

— Eu o fiz. O Muad'Dib deixou uma instrução no sentido de que isso não fosse feito. Encolheu os ombros. — Mas eu o desobedeci, como Alia sabia que eu faria.

Idaho olhou novamente para o deserto, sentindo que se tornava um todo, uma pessoa capaz de enxergar o padrão que Paul criara. "Estratégia de decisão", chamavam os Atreides em seus manuais de treinamento. "As pessoas são subordinadas ao Governo, mas os governados influenciam os governantes." Será que os governados teriam alguma concepção, ele se perguntava, do que haviam ajudado a criar ali?

— Alia... — disse Stilgar, pigarreando. Parecia embaraçado. — Ela necessita do conforto de sua presença.

— E ela é o Governo — murmurou Idaho.

— Uma regência, não mais que isso.

— A fortuna passa em toda parte, como o pai dela dizia com frequência — murmurou Idaho.

— Nós faremos nosso acordo com o futuro — disse Stilgar. — Pode vir agora? Nós precisamos de você lá. — Novamente, pareceu embaraçado. — Ela está... perturbada. Pragueja contra o irmão num momento e chora por ele no instante seguinte.

— Já vou — prometeu Idaho.

Ouviu Stilgar partir. Ficou de frente para o vento, que aumentava de intensidade, deixando os grãos de areia chocarem-se com o traje-destilador. A consciência mentat projetava-lhe padrões fluindo para o futuro. As possibilidades o deixavam tonto. Paul colocara em movimento um vórtex rodopiante e nada poderia colocar-se em seu caminho.

Os Bene Tleilax e a Corporação haviam jogado suas cartas com exagero e perdido: estavam desacreditados. O Qizarate encontrava-se abalado pela traição de Korba e outros de seus membros. E o último ato voluntário de Paul, sua aceitação final dos costumes, assegurara a lealdade dos Fremen para com ele e sua família. Agora, ele seria um deles para sempre.

— Paul se foi! — A voz de Alia parecia abafada. Ela viera quase em silêncio até onde Idaho se encontrava e agora estava ao lado dele. — Ele era um tolo, Duncan!

— Não diga isso!

— Todo o universo dirá antes que eu termine — insistiu ela.

— Mas por que, pelo amor dos céus?

— Pelo amor de meu irmão, não dos céus.

A percepção Zensunni dilatou-lhe a consciência. Ele podia sentir que não havia mais nenhuma visão nela... não houvera desde a morte de Chani.

— Você pratica um amor estranho — ele disse.

— Amor? Duncan, ele só precisava sair fora da trilha! Que importa que o resto do universo viesse desabando atrás dele? Ele

estaria seguro... e Chani com ele!

— Então... por que não o fez?

— Pelo amor dos céus — ela sussurrou. Então, mais alto, acrescentou: — Toda a vida de Paul foi uma luta para escapar ao seu Jihad e à sua deificação. Afinal, ele se livrou disso. Ele escolheu isso!

— Ah, sim... o oráculo. — Idaho sacudiu a cabeça, admirado.
— Até a morte de Chani. Sua lua caiu.

— Ele era um tolo, não era, Duncan?

A garganta de Idaho se comprimiu de mágoa.

— Tamanho tolo! — disse Alia ofegante, seu controle fragmentando-se. — Viverá para sempre, enquanto nós deveremos morrer!

— Alia, não...

— É apenas tristeza — ela disse, com a voz baixa. — Só tristeza. Sabe o que devo fazer por ele? Devo salvar a vida da Princesa Irulan. Aquela! Você devia ouvir seus lamentos. Chorando, gemendo, dando umidade aos mortos. Ela jura que o amava e não sabia, insulta sua Irmandade e diz que passará a vida ensinando as crianças de Paul.

— Confia nela?

— Ela recende a lealdade!

— Ah — murmurou Idaho.

O padrão final desenrolou-se diante de sua consciência como um desenho em tecido. A deserção da Princesa Irulan era o passo final. Isso deixava as Bene Gesserit sem qualquer apoio contra os herdeiros dos Atreides.

Alia começou a soluçar, apoiando-se nele, o rosto comprimido contra o seu peito.

— Oh, Duncan, Duncan. Ele se foi!

Idaho levou os lábios ao cabelo dela.

— Por favor — sussurrou. Sentia-lhe a mágoa fundindo-se à sua como dois arroios desaguando no mesmo lago. — Preciso de você, Duncan — soluçou ela. — Me ame!

— Eu a amo — respondeu ele, baixinho. Alia ergueu a cabeça e olhou para o contorno de seu rosto delineado pelo luar.

— Eu sei, Duncan. O amor reconhece o amor. Suas palavras transmitiram-lhe um estremecimento, um sentimento de alienação com respeito à sua velha personalidade. Viera até ali procurando por uma coisa e encontrara outra. Era como se entrasse em uma sala cheia de pessoas conhecidas só para perceber que não conhecia realmente nenhuma delas. Ela se soltou dele e o tomou pela mão.

— Virá comigo, Duncan?

— Aonde me levar — respondeu ele. E ela o conduziu de volta através do qanat, rumo à escuridão da base do maciço e a seu Lugar de Segurança.

EPÍLOGO

*Nenhum odor acre de alambique funeral para o Muad'Dib.
Nenhum toque de sinos ou rito solene que liberte a mente
Das sombras cobiçosas.
Ele é o santo tolo,
O estrangeiro dourado que vive para sempre
Nas fronteiras da razão.
Abaxe sua guarda e ele estará lá!
Com sua paz carmesim e sua palidez soberana,
Golpeando nosso universo em teias proféticas.
À beira de um calmo olhar... lá!
Saindo dos eriçados campos estelares:
Misterioso, letal, vidente sem olhos,
Instrumento da profecia cuja voz nunca morre!
Shai-hulud, ele o espera sobre um fio
Onde os casais caminham e se olham, olho no olho,
No delicioso fastio do amor.
Ele caminha na longa caverna do tempo,
A espalhar a tolice de seu sonho.*

— O Hino de Gholá